THEATRO COMICO
PORTUGUEZ,
OU
COLLECÇÃO
DAS OPERAS
PORTUGUEZAS,

Que se representárão na Casa do Theatro público do Bairro Alto, e Mouraria de Lisboa,

OFFERECIDAS
À MUITO NOBRE SENHORA
PECUNIA ARGENTINA

Por * * *

TOMO TERCEIRO

Contém:
- Adolonimo em Sydonia.
- A Ninfa Siringa.
- Novos Encantos de Amor.
- Adriano em Syria.

LISBOA:

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1790.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Vende-se na mesma Officina.

Foi taxado efte Livro em papel a tre-
zentos reis. Meza 6 de Setembro de
1792.

Com tres rubricas.

ADOLONIMO
EM
SYDONIA,

era que ſe repreſentou na Caſa do Theatro público do Bairro Alto, e Mouraria de Lisboa.

ARGUMENTO.

I *Dolonimo deſcendente de ſangue Real*
ava muito a Syrene filha de Eſtrato
i de Sydonia, e ſeu inimigo; e vendo
e que por eſta razão lhe não podia ma-
feſtar o ſeu amor, ſe determinou a ſer
i jardineiro; ſabendo porém, que Cy-
ne (ainda que conſtrangida) caſava
n Demetrio, foi aſſiſtir ás bodas maſ-
rado para impedir o deſpoſorio, o que
to, e conhecido, foi prezo; e chegado
aſi aos ultimos fins da vida, de que o
rou Alexandre Magno, e o conſtituio
i de Sydonia, caſando-o com Cyrene,
ivou do Reino á Eſtrato.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Horta.*
II. *Jardim.*
III. *Sala de Palacio.*
IV. *Sala de docel bem armada.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Sala.*
III. *Torre.*
IV. *Jardim.*
V. *Torre.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Torre.*
III. *Campo.*
IV. *Sala.*
V. *Campo, e vista de Torre.*
VI. *Sala de docel.*

INTERLOCUTORES.

Adolonimo, amante de Syrene.
Demetrio.
Alexandre Magno.
Estrato, Rei de Sydonia.
Syrene, Princeza, filha de Estrato.
Orintia, sua prima, amante de Demetrio.
Cadeia, graciosa.
Pimentaõ, Gracioso, criado de Adolonimo.
Çapato, criado de Demetrio.
Hum Algoz.
Hum General.
Soldados.

ACTO I.

SCENA I.

Horta. Apparece Adolonimo em traje de hortelaõ.

CORO.

Decante hoje amor
O doce Hymenêo,
Que gozão ditosos
Syrene, e Demetrio,

Adol. SUspende essa cruel harmonia, oh rigoroso aspid de meu peito; pois me introduzes na alma o maior veneno disfarçado na suavidade de teu canto. Ai de mim! quem dirá, que o sonoro da musica, que sempre foi lenitivo da pena, seja de minha pena o motivo que o que tem por effeito o gosto, seja a causa do meu tormento? que o que para todos hę gloria seja para mim martyrio?

Sabe de outra parte Pimentaõ sem Adolonimo o ver.

Pim. Ora vamos entrando por esta horta assim *como quem quer* couves. Cá está o hortelão; *talvez que me* queira por companheiro?

ve-

e o mais admiravel objecto de todo o pasmo ?
a esta vi ; e como a vi , era forçoso o adoralla ; porque nos altares formosura he a adoração mais divida , que offrenda.

Pim. De que não ha duvida nenhuma.

Adol. Em huma occasião , que tive a de lhe fallar , me parece não forão mal acceitos os meus rendimentos , se he que me não enganou a ideia , porque aos amantes sempre se lhes representa facil o que desejão ; porém como o odio , que me tem seu pai Estrato (nascido da opposição , que lhe fiz ao throno) foi causa de que me faltasse de esperança , quanto me sobejava de amor , pois apenas podia vella , me determinei despedir-te , e aos mais criados , e fazendo-me ausente , buscar por este caminho alguma lisonja ao meu amor , e algum refrigerio a tanto incendio , servindo há oito dias de seu jardineiro com tal disfarce , que até ella mesma ignora , que eu seja Adolonimo.

Pim. Eu mesmo , se te não vira aqui , não havia saber que aqui estavas.

Adol. Mas ai de mim , que toda esta esperança em que vivia , se trocou pela desesperação em que morro ; porque esta noite a casa ElRei seu pai com hum dos principaes de Sydonia por nome Demetrio.

Pim. E agora que has de fazer mais , que chuchar no dedo ?

Adol. Ainda me falta apurar o resto da desesperação , porque esta noite hei de hir aos desposorios mascarado (como he permittido neste

Rei-

Reino) e offerecer a vida por ultimo sacrificio, ao que tu tambem has de acompanhar-me.

Pim. Sim acompanhára, se eu tambem tivesse vida, que offerecer.

Adol. Pois de que modo não a tens?

Pim. Porque já estou morto com fome.

Adol. Se he essa a dúvida, logo te satisfarás.

Pim. Então vamo-nos já remascarar: mas se acaso nós formos, e virmos os desposorios, e tu vires com o olho, e comeres com a testa, que has de, Senhor, fazer ao depois?

Adol. Attende, que eu to digo.

Pim. Oh por tua vida recita-mo muito bem recitado.

RECITADO.

Adol. Se a sorte rigorosa, e injusto fado
Contra mim se mostrar cruel, e irado,
Se a pena do que sinto, e do que choro,
Me negar o bem unico, que adóro;
Sem procurar da mágoa mais indicio;
Renderei esta vida em sacrificio;
Porque a vida com huma infeliz sorte
He mais, do que viver, contínua morte.

ARIA.

Se meus olhos gozar virem
Outrem do meu bem amado,
Amante, e desesperado
Terei iras, e furor.
Perderei a cara vida
Nesta pena, e furia insana,
Porque a morte mais tyranna,
He sentir huma tal rigor. *Vai-se.*

Pim.

Pim. O certo he que ninguem conta, nem canta melhor hum succesto, do que meu amo, *salvo meliori judicio.* *Vai-se.*

SCENA II.

Jardim. Sabe Syrene, Orintia, e Cadeia.

Cad. ENxuga, Senhora, o pranto; não chores assim por hum ausente quando estás para ter a posse de tanta felicidade. Eu por mim pégo-me áquelle ditado, que diz: O que o olho não vê, coração já se sabe.

Syr. Que mal entendes, Cadeia, o mesmo que aconselhas, pois esse adagio quer dizer, que não se ama o, que se não vê; porém não se virifica em mim, porque depois que vi a Adolonimo, tão presente o trago no sentido, e tão representado aos olhos da alma, que já mais pude acabar comigo o esquecer-me delle, nem deixar de sentir a sua ausencia, e só me tem servido de algum allivio, quando vejo ao nosso jardineiro, pois he delle tão proprio retrato, que julgára ser o mesmo Adolonimo, se não houvesse tanta differença nas pessoas de hum, e outro.

Cad. Pois he justo que estando para te receberes com Demetrio daqui a poucas horas, pagues com lagrimas os carinhos de teu esposo? Ai que se fora eu, não caberia em mim de contente.

Syren. E me parece que primeiro que lhe da

dê a mão, perderei a vida ao rigor deste tormento.

Orint. Oh assim o permittão os Deoses, que Demetrio não seja teu. *á parte.*

Cad. Pois, Senhora, se teu pai te obriga a que cases com elle, que remedio há mais que fazer das tripas coração?

Orint. Eu, Prima, te aconselho, que resolutamente digas, que ainda não queres acceitar o estado, que te offerecem. Muito convém ao meu amor não querer Syrene a Demetrio, pelo muito que lhe quero, ainda que elle não o merece por ingrato. *á parte.*

Syr. Da Parca o veja eu mortal despojo.

Cad. Ai, Senhora, dás ao diabo a quem te quer por tudo quanto Deos lhe deu?

Syr. Deixa loucuras, que não estou para ouvir-te.

Orint. Muito empenhada nisto se mostra Cadeia.

Cad. Não he por empenhada, he porque da mulher, e a fazenda o primeiro ajuste he o melhor; porque tanto a fazenda, como a mulher, quanto mais estão, mais se damnificão, e muitas vezes algumas fazem suas avarias.

Syr. Nescia estás.

Cad. Isto ha de dizello qualquer mazão, que me esteja ouvindo.

Sabe Pimentaõ sem ser visto.

Pim. Já a barriga está como hum tambor; vamos agora fazer o exercicio. Mas tá, tá rá, tá rá, que temos cá gente de cutiliquê: escagueiremonos daqui, antes que venha pelo caminho hum. Sois muito atrevido; andai com-

fia-

fiado; oh lá deitem fora esse villão ruim. *em falsete.*
Cad. Quem está ahi?
Pim. Meus ditos, e meus feitos.
Orint. Não ouves?
Pim. Faço-me surdo, e vou usando de afastanças, e arredanças.
Syr. Vem cá, dize quem és?
Pim. Eu, Senhora, já me estava hindo; mas para vossas Altezas não dizerem, que eu cá que sou, e que tal, e que sim Senhoras...
Syr. Não te perturbes, falla.
Pim. Eu, senhora, fui... Vim... e tornei... e dahi tomo, e que faço.....
Cad. Está bem medroso.
Pim. Eu, Senhoras, a fallar a verdade tenho muita vergonha diante de vossas Altezas.
Syr. Dize quem és, que te não quero fazer mal algum.
Pim. Eu supponho que entre as mais vossa Principeza he que he a Senhora sua Alteza?
Syr. Sim, dize.
Pim. Por muitos annos, e bons. (Agora farei as partes a meu amo.) *á parte.* Eu, Senhora, sou hum pobre Pimentão, que vim buscar com o hortelão cómmodo para trabalhar nestas verduras; porque me mandou á fava hum amo, que tive que era hum Adolonimo dos meus peccados com perdão de vossa Alteza.
Syr. Que dizes, quem era teu amo?
Pim. Hum Adolonimo, ou hum Ademonio,

Syr.

Syr. Pois para onde foi, (ai de mim!) que dizem que ſe auſentára?

Pim. Supponho eu que hiria buſcar alguma Princeza, que devia de perder; porque ſempre andava pelas caſas, como quem buſcava, dizendo: Ai minha Princeza, como hei de viver ſem ti!

Cad. Ahi temos novo atiçador. *á parte.*

Orint. Oh quem ouvira dizer o meſmo de Demetrio? *á parte.*

Syren. E não lhe ſabes o nome?

Pim. Ella não tinha nome certo, porque humas vezes lhe chamava ſoberana, outras ingrata, outras cruel, e quantos exdruxulos lhe parecia. (Parece que vai pegando o viſco.) *á parte.*

Syr. E queria-lhe muito?

Pim. Ui, meſmo a arrebentar.

Syr. Sentia o não vella?

Pim. Iſſo como ſe nunca nos viſſemos.

Syr. Ai amado Adolonimo, que mal ſabes as penas que me cuſtas? *á parte.*

Orint. Ai querido Demetrio, que ſó tu te prézas de ingrato!

Syr. Baſta que chorava a ſua auſencia?

Pim. Sim, Senhora, chorava muito, e por final...

Syren. Por final que?

Pim. Que chorava muito.

Syr. Tira-me de huma dúvida: não te parece o hortelão o ſeu proprio retrato?

Pim. Sim, Senhora, ſó o que tem de differença he o não ſe parecer bem com elle, que no mais he o meſmo cuſpido, e eſcarrado.

Syr.

Syr. Pois em que se não parece?

Pim. Em que o hortelão he mais espadaúdo, mais pernudo, mais orelhudo, e mais cabeçudo; pois tem huma condição de todos os diabos.

Cad. Não me parece elle senão melhor, que Adolonimo.

Pim. Tambem o hortelão he mais barbudo, e mais boquilongo; e se vossa Alteza reparar nelle, quando falla, verá que não tem este dente queixal.

Syr. Elle em tudo me parece o mesmo.

Pim. Repare-lhe tambem no nariz, e verá que a venta esquerda he muito maior do que a outra.

Cad. Que forte mentira! *á parte.*

Syr. Está bem: vai, que eu mandarei dizer ao hortelão que te trate bem.

Pim. Já levo que contar a meu amo. *á parte.* Beijo não as mãos, nem os pés, nem ainda os dedos delles, senão a mais inferior unha do menor pé de vossa Alteza. *Vai-se.*

Orint. Divertido he este criado que foi de Adolonimo.

Cad. O' que importa, Senhora, he sabermos, de que parecer ficas ácerca do desposorio.

Syr. Não me falles em tal.

Cad. Pois, Senhora, se daqui a poucas horas ElRei te obriga, a que dês a mão de esposa, que has de fazer?

Syr. Eu te respondo.

ARIA

A R I A.

Para que me ferve a vida,
Se o viver he cruel morte?
Renderei á Parca forte
O doce alento vital.
Compellida, e obrigada
Perco a liberdade, e a vida;
De estar morta quem duvida
Ser manifesto final? *Vai-se.*

Orint. Ah cruel Demetrio, quanto amor me deves?
Cad. Temos, Senhora, fegunda exclamação?
Orint. Deixa-me, Cadeia, alliviar comtigo a minha pena.
Cad. Comigo? allivie-fe com quem lhe caufa effe tormento.
Orint. Na verdade fempre és boa peffa.
Cad. Sim, Senhora, porque lhe aturo as fuas buxas, e as da Senhora Syrene.
Orint. Cadeia, fó te quero encommendar, que não defcubras a minha Prima, que amo a Demetrio.
Cad. Defcobrir a fenhora fua Prima? iffo não, que faz muito frio.
Orint. Como eftás louca, aos ares direi as minhas queixas.
Cad. Faz bem, ifto de areas fó os ares as fabem ouvir.

A R I A.

Orint. Até quando, dize ingrato,
Ha de durar teu rigor,
Defprezando hum firme amor
Tão fino no idolatrar? Pa-

Para que causas a morte
A quem te offerece a vida,
Se a huma alma tão rendida
Não se deve desprezar? *Vai-se.*

Cad. Coitadinhas; huma quer casar com hum, e outra com outro, e na minha opinião quer hum, quer outro não são despiciendos; porém o nosso Quinteiro não era máo para trabalhar na vinha do matrimonio.

Sabe Çapato.

Çap. Minha bella Cadeia, cujos fuzís petiscando na pederneira de meu coração tanto atêa a isca da minha vontade, que chegando-lhe a mécha do meu desejo, logo se acende a véla do meu amor, em cujos incendios me abrazo amante mariposo.

Cad. Senhor Çapato, não se ponha comigo nesses pontos, senão olhe, que do couro lhe hão de sahir as correas.

Çap. Ai cruel Cadeia, que podendo ser colar do meu pescoço, és rigoroso grilhão, que me atormentas!

Cad. E vossa mercê, Senhor Çapato; quando devia andar debaixo dos pés de todos, já se quer pôr comigo no bico dos pés?

Çap. Ai minha Cadeia, quem abrandára a tua dureza!

Cad. Ai meu Çapato, quem te curtíra bem o couro

Çap. Bem puderas, Cadeia, ser menos pezada.

Cad.

Cad. Bem pudéras, Çapato, deitar outro rosto, que esse já está muito velho.
Çap. Fica-te, Cadeia, já que és rigorosa. *Vai-se.*
Cad. Vai-te, Çapato, já que és tacão.

A R I A.

Vaite, Çapato, para a padaria,
Chichello velho
Roto, e suado; vai desestrado,
Pois não me serves para o meu pé.
Todo o Çapato, que gosto, e que gasto,
Ha de ser apertado que mata,
Com bico de pata
Ou ponta de prata, que he moda tambem.

SCENA III.

Sala de Palacio. Sahem Syrene, e Demetrio.

Dem. SUspendei, Senhora, o rigoroso desdem; pois se me concede a sórte alcançar tão brevemente a ditosa posse da vossa mão, bem podeis deixar já a tyrannia, e attender mais amante a quem vos adora.
Syr. Que mal soão as finezas ditas por quem se aborrece! *á parte.*
Dem. Baste já de rigor, querida Syrene.
Syr. Quem escutára de Adolouimo, o que ouço de Demetrio. *á parte.*

Sahe ElRei.

Rei. Vamos, Demetrio, vinde Syrene, que he já tempo de que Hymenêo vos offereça coroas do *mais feliz* consorcio.

Dem. Ditoſo ſerei, ſe tal gloria chego a poſſuir.

Syr. Infeliz ſerei, ſe primeiro não render a vida aos triſtes golpes da morte. *Vão-ſe.*

Sabe Adolonimo, e depois Pimentão maſcarados.

Adol. Vamos, Pimentão?

Pim. Eſpera, Senhor, que eſtou cá atacando iſto: ha tal preſſa! *dentro.*

Adol. Já todos vão entrando para a ſala.

Pim. Pois quer ſim, quer não; olhe que eſtá boa. *dentro.* Eſtás com huma preſſa, como ſe foras tu o noivo. *ſabe.*

Adol. São horas de entrarmos; que mais alegre vou pelas noticias que me déſte de Syrene.

Pim. Oh pois eu diſſo tive humas grandes alviçaras.

Adol. Não as perderás; e agora te quero advertir, que não has de paſſar da porta da ſala Real; porque na preſença do Rei eſtamos obrigados a tirar as maſcaras, que eſtas ſó são concedidas no meſmo palacio na auſencia da Mageſtade.

Pim. Niſſo não haverá dúvida; mas pregunto: eu aſſim como ſou convidado para o deſpoſorio, ſou tambem chamado para o banquete?

Adol. A iſſo não podemos nós aſſiſtir.

Pim. Pois então vou-me desfardar; porque cuidava que vinha tirar o ventre de miſeria; que ha tal, que apanhando-ſe em huma tolá deſtas, mete no bucho para quinze dias, ſe antes diſſo não eſtoura por alguma parte.

Adol. Que differentes cuidados te trazem a ti, do que a mim!

Pim.

n. Porém mais me admira, que com todos esses cuidados, e amores, te aches, Senhor, com paciencia para hires ver a tua dama casar-se com outro: excellente eras para o officio de cordoeiro.

Iol. Em que era bom para esse officio?

n. Em que tu, e elles andão ás avessas dos mais; que neste caso costumão outros hir para fóra da terra, e tu te queres metter mais pela terra dentro.

Iol. Desculpo o teu reparo, porque ignoras o meu intento.

n. Huma vez que he isso, fallemos em outra cousa. Ah Senhor, que taes figuras estamos nós depois de mascarados? Eu te affirmo que estás a cousa mais gentil-homem que póde ser.

Iol. Agradeço-te a lisonja; porém eu de ti affirmo, que provocas a riso.

n. E eu de ti te juro, que provocas a choro.

Iol. Porque?

n. Porque me cheiras a defunto: vê bem o que fazes. *Sção instrumentos.*

Iol. Mas já querem entrar: vamos que são horas. *Vai-se.*

n. Eu vou já, que primeiro quero fazer hum ente de razão.

A R I A.

Faço hum ente de razão,
Pois he isto huma quiméra,
E se esta tem tres cabeças
Que he Leão, Cabra, e Dragão,
Todas tres vejo aqui estar.

B ii Meu

Meu amo hum Leão parece,
Cabra parece Syrene,
Mas Estrato, que he Dragão,
A todos ha de tragar. *Vai-se*

SCENA IV.

Sala bem ornada, e na parte principal dell
estará sentado ElRei, á mão direita Syrene
á esquerda Demetrio, e alguns mascarado
com a cara descuberta; e cantando o Coro
apparecem á porta Adolonimo, e Pimentão.

Adol. AI Pimentão, que já vejo o adora do iman de meus sentidos.

Pim. Que te faça muito bom proveito.

Adol. Cala-te, e observemos daqui o que se faz.

Rei. Para que se prosiga o festejo com mais gosto, dem Syrene, e Demetrio com as mãos a reciproca união das almas.

Adol. Já ouço a sentença da minha morte.

Pim. Cala-te, e observemos daqui o que se faz

Dem. Com todas as potencias espero a posse de tanta gloria.

Syr. Que ha de ser de mim em tanto aperto? *á p.*

Dem. Aqui está a minha mão.

Sir. Ah cruel sórte, em que afflicção me chegaste a pôr? *á parte.*

Tira o lenço, e chora.

Adol. Ai Pimentão, que ella a mão lhe quer dar.

Pim. Pois eu, Senhor, que culpa tenho disso? *Mas ella*, o que faz he assoar; ou enxugar *nos olhos* o estilicidio, que o teu amor lhe *tem* derretido no peito. Rei.

Rei. Não seja, Syrene, bastante o vosso pejo a dilatar tanto o que ordeno.

Dem. Não me admira, Senhor, o chegar a ventura vagarosa a quem a deseja.

Syr. Oh Deoses immortaes, como vos não compadeceis de mim? *á parte.*

Pim. Isto vai-me cheirando mais a tragedia, do que a boda. *á parte.*

Rei. Já a demora chega a ser desobediencia.

Syr. Eu, Senhor, já obedecendo.... (ah cruel desgraça!) *á parte.*

Dizendo estas palavras Syrene, hindo para darlhe a mão, em que tem o lenço, este lhe cahe, a tempo que Adolonimo sahia a embaraçar a acção; porém vendo cahir o lenço, o levanta.

Adol. Ai de mim! Porém o lenço... *levanta-o.*

Dem. A mim me pertence só o levantallo: larga-o. *para elle.*

Pim. Ella está travada; o lencinho ha de chegar aos narizes de alguns. *á parte.*

Syr. Ai, que certamente he Adolonimo! *á part.* Por evitar competencias a ambos o tirarei eu. *tira-o.*

Dem. Com a vida pagarás o teu atrevimento. *pucha por hum punhal.*

Adol. Primeiro será a tua despojo da minha ira. *Pucha por outro, e Syrene se mete no meio de ambos.*

Rei. Prendão esse traidor. *prendem-no.*

Pim. Vamos abalando, antes que chegue por cá a agarratoria. *Vai-se.*

Sold.

Sold. Sigão esse mascara, que se ausenta, que tambem veio com o traidor.

Rei. Tirem a mascara a esse atrevido.

Tirão a mascara a Adolonimo.

Rei. He o traidor de Adolonimo.

Dem. Morrerá.

Rei. Suspendei, Demetrio, o valoroso impulso; que quero que pague com huma pública morte seu manifesto atrevimento.

Syr. Ai querido Adololonimo, quem pudera valer-te? *á parte.*

Rei. Dize, traidor inimigo, em que fundaste o teu atrevido arrojo?

Adol. De traidor me criminas, e de inimigo me accusas, quando em nada te offendi; porque o restituir hum lenço ao nevado throno de donde tinha cahido, não he inimiga acção, nem traidor atrevimento, o querer-me defender com hum punhal de outro, que me pertendia tirar a vida, não he atrevido arrojo, pois he só natural defeza.

Rei. Seja levado á torre de Palacio, donde sahirá a pagar com a vida a sua temeridade. (Boa occasião tenho de me vingar de Adolonimo por ser opposto comigo ao Reino.) *á p.*

Adol. Ah Rei injusto, e cruel, os Deoses te castiguem.

Rei. Demetrio, a tal ira me provocou o atrevimento deste traidor, que determino transferir para o seguinte dia o vosso desposorio, em que esteja mais socegado do presente desgosto.

Dem. Observo obediente o que ordenas.

Syr.

r. Já esta demora suaviza de algum modo a minha pena. *á parte.*

A R I A A 4.

. Pagarás com a dura morte
n. De hum traidor justo castigo.
l. Não obrei como inimigo
Em servir....
e Dem. Suspende a voz
l. A Syrene....
e Adol. Oh cruel dor!
Vai-te, aparta-te de mim,
e Dem. Antes que já furioso
Meu impulso } rigoroso.
l. e Syr. Cruel fado }
e Dem. Execute o seu } rigor.
l. e Syr. Suspende tanto }

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Jardim. Sahirá Pimentão de entre humas ramas ainda mascarado.

Pim. AQui tenho estado escondido dos que me buscavão: agora que já não sinto nenhum dos aguazís, quero hir mudar a pelle, antes que ma curtão, e largar esta roupa, antes que me cheguem della ao cheiro. Mas ai, elles comigo; não; he o vento, que alli bolio naquella arvore: forte pavor tive! Ora vamos sahindo, mas ai desgraçado de mim, que medo que mamei; e era aquelle passaro, que vai voando, e me parecia huma tropa de Cavallaria. Ora deitemos o medo para traz, e vamos andando para diante, que ainda que ouça o que ouvir, já não hei de temer.

Sahem por detraz dous Soldados, e pegaõ nelle.

Pim. Forte pé de vento me lançou a mão.
Sold. 1. Está prezo.
Pim. Valente melro cantou agora.
Quer ir andando.

Sold. 2. Vossè não ouve, que se dê á prizão?
Pim. Vossas marcês perdoem, que cuidei que era algum pé de vento, inda que de todo me não enganei pela trovoada que espero.
Sold. 2. Ora ande, não seja tollo.
Pim. Pergunto eu: vossas mercês a quem querem prender?
Sold. 1. A vossê, seja quem quer que for.
Pim. He boa graça, pois vossas mercês prendem sem saber a quem? E se eu não for eu, e for outro, he justo prender a outro por amor de mim?
Sold. 2. Havemos levar a quem acharmos com esta mascara.
Pim. Pois ella acaso neste Reino he fazenda de contrabando, para se prender a quem se achar com ella?
Sold. 1. Ande prezo, não nos dê razões.
Pim. Pois visto ser prezo contra minha vontade, hão de me levar á força.

Deita se no chaõ.

Sold. 2. Levemo-lo arrastrando: mas elle peza como chumbo.
Pim. Inda agora vossas mercês sabem que sou homem de muito pezo?
Sold. 1. Não vi pezar semelhante!
Pim. Pezem vossas mercês bem o que fazem, para que ao depois lhes não peze.
Sold. 2. Não he possivel levarmo-lo.
Pim. Senhores, eu pela parte materna sou neto de Anthêo, e assim estando na terra, sou mais forte que hum Hercules.

Sold.

Sold. 2. Pois prendamo-lo a esta arvore, em quanto chamamos mais quem nos ajude.

prendem-no.

Pim. Prendão-me embora á arvore, que talvez colhão muito bom fruto disso.

Sold. 1. Prendamo-lo bem porque não fuja.

Pim. Ah Senhores, de manso com esse arroxar; não apertem muito comigo, olhem que desconfio.

Sold. 2. Desconfie embora.

Pim. Quando não desconfie, sempre me deixão bem encordoado.

Sold. 1. Vá em tanto comendo dois limões-sinhos desta arvore. *Vai-se.*

Pim. E he verdade, que ainda agora eu reparo, que estou já no limoeiro, quando cuidava que apenas estava chegado ao tronco; mas o certo he, que me prendêrão no tronco do limoeiro. Que bellas limas que tem! e he de admirar, que em hum limoeiro, onde ha prezos, se consintão tantas limas; mas a desgraça he, que havendo tantas, não posso eu limar estas prizões; e mais he para sentir que esteja eu feito Tantalo olhando para ellas. Mas ai, que ahi vem outro algoz, se não me engano.

Sahe Çapato.

Çap. Que he isto quem está aqui prezo ?

Pim. Sou eu, inda que me não prendêrão por ser eu, senão por ser eu a quem achárão.

Çap. Pois porque o prendêrão ?

Pim.

Pim. Porque como agora tudo são desposorios, tambem me querem casar á força com a Cadeia;

Cap. Pois com a Cadeia o querem casar? Oh desgraçado homem que sou?

Pim. Peior he esta agora, o homem deve ser doido. *á parte.*

Cap. E ella quer da sua parte?

Pim. A Cadeia por si está prompta, para receber quem quer que for.

Cap. Ah ingrata! E quem ordena isso?

Pim. ElRei Estrato.

Cap. Oh infeliz de mim! quem trocára comtigo a sua sorte.

Pim. Vou-lhe seguindo o humor, que isto deve de ser alguma tratada. *á parte.* Isso, meu Senhor tem bom remedio; mudemos os vestidos, e os lugares, mudaremos a sórte; que eu de nenhuma quero á de casar com ella.

Cap. Dizes bem, vamos a isso; eu te solto. *solta o.*

Pim. Anda de pressa, antes que me venhão buscando, e ao depois fique como hum tollo sem, se casar.

Cap. Já estás solto.

Pim. Ora vamos para aqui, trocaremos os vestidos. *occultão-se.*

Cap. Não posso aturar que case a gente á força.

Pim. Certamente he mal feito; mas são cousas que succedem: dá cá a capa depressa; pois a rapariga dizem que he huma manteiga.

Cap. Oh que he bella como huma flor.

Pim. Sabe vossê o que nós parecemos? duas crianças.

Çap. Porque ?
Pim. Porque vossê vai-se babando, e eu fico chuchando no dedo.
Çap. De contentamento me está o coração té-te, téte.
Pim. Vista isso depressa: o certo he que vossè hoje, meu amigo, hade-se fazer como humas páscoas. Ah cão-sinho! Vamos andando, que póde vir alguem.

Sahem para fóra com os vestidos trocados, e ata Pimentaõ a Çapato.

Çap. Tomára eu já hir diante delRei: atame depressa.
Pim. Ah perro, que estás já pulando por te verès nestas limpezas!
Çap. Não apertes tanto.
Pim. Ora calle-se, que para isso se ha de regalar hoje muito bem regalado.
Çap. Olha que me feres as mãos.
Pim. Pois vossê queria levar isto ás mãos lavadas.
Çap. Isso he asneira: ai, ai.
Pim. Ahi está; fique-se embora, e logre-se por muitos annos com essa minha Senhora.
Çap. Sempre obrigado por este favor.
Pim. Oh meu amigo, tomára eu prestar para mais. De boa escapei! *á parte.*

Vai-se por huma parte Pimentaõ, e sahem por outra tres Soldados.

Çap. Mas eilos lá vem já buscar-me: oh quanto folgo ter esta fortuna!
Sold. 1. Agora veremos se ha de vir ou não. *desataõ-no, e daõ-lhe.*

Çap.

Cap. De vagar, de vagar, que eu já quero hir por minha vontade.

Sold. 2. Já quer hir por bem? pois ha de amargar o que nos fez. *daõ-lhe.*

Cap. Ah Senhores, voſſas mercês querem-me caſcar, ou querem me caſar?

Sold. 1. Ande magano, verá o que lhe ſuccede. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sabem Syrene, e Orintia.

Syr. AI de mim! Para onde encaminho os paſſos, ſe a cada paſſo para a morte caminho?

Orint. Não te entregues, Prima, tanto ao ſentimento.

Syr. Como não hei de ſentir, ſe conſidero a Adolonimo prezo, e eu em liberdade?

Orint. Infeliz eu, que perdi a minha por hum ingrato. *á parte.*

Syr. Oh, quando acabareis, deſgraças, de affligir-me! *á parte.*

A R I A.

Aveſinha ſolitaria
Saudoſa, amante, e triſte
Sou nos écos, que repite
De contínuo a ſuſpirar.
E no canto, em que procura
Dar allivio ao ſeu tormento,
Mais *creſce o rigor* violento,
Mais ſe augmenta o ſeu penar. *Vai-ſe.*

Orint.

Orint. Oh como he diverſo o meu ſentimento do de Syrene; pois ama a quem por ella offerece a vida, e eu morro por quem me aborrece! *Vai-ſe.*

Cap. De vagar, Senhores, com eſſes empuxões. *dentro.*

Sold. Anda para diante. *dentro.*

Cap. Ah Senhores, voſſas mercês levão-me a caſar a baraço, e pregão? *dentro.*

Sahem de huma parte ElRei, e Demetrio, e de outra Capato, e os Soldados.

Rei. Que vozes são eſtas?

Dem. He, Senhor, o criado de Adolonimo.

Cap. Deixem-me, que já quero caſar.

Rei. Tirem-lhe a maſcara.

Tirão-lhe a maſcara.

Cap. Aqui eſtou já prompto para caſar com quem Voſſa Mageſtade quizer.

Dem. Eſte he o meu criado!

Rei. Dize-me, porque cauſa acompanhaſte maſcarado a Adolonimo?

Cap. Eu, Senhor, não conheço nenhum Bolonió.

Rei. Pois como o acompanhaſte deſſa fórte?

Cap. Senhor, iſſo ſupponho que não he do caſo; o que importa he caſar eu, que já eſtou querendo.

Rei. Que louco he eſte?

Cap. Não ſe conſuma Voſſa Mageſtade que eu já quero caſar.

Rei. Levem-no prezo até ſe averiguar a verdade.

Cap. Para que me hão de prender, ſe eu já quero caſar com a Cadeia?

Dem.

Dem. Senhor, efte homem he meu criado, e além da fua fimples ignorancia, não he crivel que acompanhaffe a Adolonimo, pois nem o conhece.

Cap. Se effe Bolonio, que voffas mercês nomeão, he alguem, que me põe embargos ao cafamento, he falfo, que eu não devo nada a ninguem.

Dem. Cala-te louco.

Cap. Pois já não querem que caze? Saude.

Rei. Vamos, Demetrio, e vifto fer voffo criado, fique livre. *Vai-fe.*

Dem. Obedeço, Senhor, obrigado a tantas honras. *Vai-fe.*

Cap. Que hiftoria ferá efta defte Bolonio?

Sold. 1. Meu camarada, bem bolonio he voffe. *Vai-fe.*

Sold. 2. Voffe parece que he mui camello. *Vai-fe.*

Sold. 3. Meu amigo voffe tem muita carne no cachaço. *Vai-fe.*

Cap. Que injurias são eftas que ouço! O certo he que aquelle magano devia de me enganar; pois fe os que prendem para cafar, quando fahem fem capa, fahem com mulher; eu fui tão logrado, que fiquei fem mulher, e fem capa. *Vai-fe.*

SCE-

SCENA III.

Torre. Apparece Adolonimo na prizão.

Adol. AI de mim infeliz! ai desgraçado, que a tal fim me chegou o infausto da minha sorte, que só me resta o desesperado fim da minha vida!

Sabe de outra parte Syrene, sem ser vista de Adolonimo.

Syr. Com a chave falsa, que tenho desta torre, entro a ver o meu querido Adolonimo, e aqui occulta ouvirei o que diz. *occulta-se.*

Adol. Que pouco sentiria o trocar-se o ditoso esplendor de minha nobreza pelos duros ferros desta prizão, se ao menos me constasse, que Syrene se compadecia de meus infortunios, e que recusando o consorcio de Demetrio, correspondia ao fino do meu amor! Porém como ha de assim ser, quando a considero constragida por hum tyranno Pai, que achando opportuna occasião á sua vingança, pertende com a minha morte saciar o cruel odio, que me tem? Porém não ha de ser assim; porque primeiro será seu verdugo a minha desesperação.

Tira hum punhal.

Que he bem perca a doce vida quem perdeo a belleza de Syrene. Morre infeliz Adolonimo, pois nasceste só para desgraças: rende o ultimo alento ao rigor deste punhal, já

que

que nem hum só alento te concede a esperança nos rigores de tantas penas.

er ferir-se, acode Syrene, e lhe segura o braço.

RECITADO A DUO.

'. Suspende, amado bem o fero arrojo;
Não sejas de duas vidas cruel despojo.
al. Deixa, bella deidade, deixa, deixa
Pôr fim com minha morte a tanta queixa.
. Attende, a que em tanto desatino
No soffrer se requinta o amor mais fino.
il. Já demito da morte o instrumento,
Pois me dá nova vida o teu alento.
lança fóra o punhal.

ARIA.

l. Pois me ampara huma deidade,
Já não temo a sorte dura.
Confia } em que a ventura
l. Confiando }
. Nem sempre cruel será.
l. Se hoje alcanço o teu amparo,
Syrene adorada, e bella,
Não temo } a infausta estrella
Não temas }
. Que nem sempre he firme o mal.

'. Ainda duvído (adorado simulacro do meu
ior) que mereci no mais propinquo instan-
da minha morte alcançar o maior amparo
minha vida; e quasi não creio, que che-

go a gozar tanto bem, quando me confiderava na maior afilicção do meu mal.

Syren. Não me ferá precifo, querido Adolonimo, manifeftar-te, o quanto te quero, pois o prefente effeito da minha fineza dá cabal moftra do meu amor; e delle obrigada entrei a ver-te nefta torre quando admirei a impaciente temeridade, que intentava teu afflicto peito; e affim te peço (fe alguma coufa te mereço) pelo que te adoro, fuavizes com a efperança de melhor forte o cruel tormento da tua defgraça; porque o infortunio ás vezes fe cança de perfeguir, e tambem no mal he inconftante a fortuna.

Adol. Não he a prizão que padeço, nem a morte que efpero, a maior pena que finto; fó o que me atormenta he o ver, que outrem te ha de gozar, quando eu te perco. Ai adorado bem da minha alma, que fó efta confideração he o maior algoz da minha vida.

Syr. Vive feguro, que ou hei de fer tua, ou de outro não hei de fer; para o que procurarei melhor occafião de te dar liberdade: fica-te embora, que receio que me procurem.

Adol. Attende, efpera, que effas palavras forão o mais poderofo contraveneno de meu mal; e fe fe manda repetir o remedio, que caufa conhecida melhora em qualquer corporea enfermidade, he jufto o mefmo faças a effas palavras, que tanto fuavifárão a efta alma enferma de amor.

Syr. *Digo*, que pódes ter a certeza, que antes per-

lerei a vida, que deixar de ser tua: os
ıses te guardem. *quer ir-se.*

SONETO.

Espera, espera mais, Syrene amada,
nmunica-me hum pouco esta ventura;
que perde o valor de ser segura
ita, que fugio, quando chegada.
Permitte, que me ausente violentada;
s neste apartamento amor procura,
: antes sinta a saudade a pena dura,
que fique a esperança mal lograda.
Vai-te pois, segue embora esse conceito,
: posto queira a sorte hoje ausentar-te,
ıpre ficas comigo no meu peito.
'ica-te, amor, que ainda que aparte
sperança com tão tyranno effeito,
nigo dentro n'alma hei de levar-te. *Vai-se.*

ARIA.

Alviçaras, amor,
Minha dita hoje decanta;
E se minha gloria he tanta,
Alviçaras me dá.
Larga as settas, toma a tuba,
Publica tanta victoria
Pois timbre da tua gloria
Esta victoria será. *Vai-se.*

Cad. Meu toleirão.
Pim. Minha affeição.
Cad. Basbaqueirão.
Pim. Baſte orá } já.
Cad. Cale-ſe

Sabe Çapato.

Çap. Bom! bonito! Iſſo eſtá lindo, meus Senhores! Eſſas galhofinhas não são más! nem eſſes ſaltinhos, minha menina!

Cad. Pois por ventura, Senhor Çapato, eſtes ſaltos são da ſua conta?

Pim. Ai que eſtou perdido, que he o caſador mór do Reino! Mas talvez que me não conheça. *á parte.*

Çap. Voſſa mercê, Senhora Cadeia, tem muita ſoltura.

Cad. Voſſa mercê, Senhor Çapato, ha de miſter huns cordeis.

Çap. Quem he eſſe ſojeito, que tambem bailava por concomitancia?

Pim. Eí-lo comigo. *á parte.*

Cad. He ſujeito de melhores predicados que voſſê.

Çap. Não a quizera eu no reſponder tão logica.

Cad. Não o tomára eu no inquirir tão juridico.

Çap. Mas ai! Elle he! Oh meu cavalheiro? *para Pim.* He o meſmo! *á parte.*

Pim. Falla comigo?

Çap. He o meſmo! Oh magano que me enganou.

Pim. Com quem falla eſte Senhor? *para Cad.*

Cad. Eu ſei que ſalvage he eſſe.

Çap. Não diſfarce, velhaco, que me ha de pagar o que me fez.

Pim.

Pim. Vossa mercê está em seu juizo, meu coração?

Cap. Ainda nega que foi o que me prendeo, dizendo, que o querião casar com essa menina?

Cad. Ai que graça!

Pim. Já sei que está enganado. A's suas ordens, meu Senhor. *faz que se vai.*

Cap. Tenha mão, que ha de vir diante delRei. *pega nelle.*

Cad. Antes que succeda alguma, vou-me embora. *Vai-se.*

Pim. Vossa mercê devia jantar hoje bem. Pois vá cozello com quem quizer.

Cap. Cuida que me não ha de pagar as injurias, que me fez soffrer?

Pim. Sim pagarei; quanto quer por ellas?

Cap. Vossê logra-me? Ande comigo.

Pim. Largue a mão, senão levará nos narizes.

Cap. Oh atrevido.

Pim. Pois já que não larga, tome. *da-lhe.*

Cap. Ah que delRei, ah que delRei.

Pim. Cale-se, cale-se, que eu estava zombando.

Cap. Ah que delRei.

Sahem ElRei, e Demetrio.

Rei. Quem dá aqui vozes?

Pim. Lá vai Pimentão desta vez. *á parte.*

Cap. Este he o magano que me enganou com o casamento.

Dem. Este he o criado de Adolonimo, que eu bem o conheço.

Pim. Eu, Senhor?

Dem.

Dem. Sim, tu és.

Pim. Sim tu és? Pois então está feito.

Rei. Dize-me, a que entraste mascarado com teu amo?

Pim. Entraste mascarado? Nunca taes trastes tive.

Rei. Oh da guarda, levem este criado de Adolonimo para a prizão, para que tambem o acompanhe na morte. *Vai-se.*

Sahem Soldados.

Çap. Já vou satisfeito, e vingado. *Vai-se.*

Pim. O tal Çapato deo comigo á sola. *á part.*

Sold. 1. Vamos andando.

Dem. Levem-no já dahi, que na forca confessará quem he seu amo.

Pim. Na forca quem he seu amo? Pois então sou seu criado. *fazendo cortesias.*

Sold. 2. Ande depressa.

Pim. Ah Senhores, escuzem de me metter as mãos nos alforjes.

Sold. 1. Que diz? Vossê sabe com quem falla?

Pim. Sim Senhores, eu supponho que vossas mercês são como aquelles excellentes agarradores, que agarrão não só aos prezos, mas tambem as alfaias, que elles trazem comsigo. *Vai-se com os soldados.*

Dem. Oh quanto se demora huma ventura, quando he appetecida! pois pelo desgosto que causou a ElRei o traidor atrevimento de Adolonimo, se tem dilatado a gloria que ja podia ter possuido; e assim me parece que sou...

ARIA.

Navegante, que aviſtando
Ao porto appetecido,
De tormenta combatido,
Perde a terra deſejada.
Rigoroſa tempeſtade
Me aſſaltou de huma desdita,
Dilatando-me huma dita,
Que podia ter lograda.

Sabe Orintia.

Orint. Já vejo a Demetrio: Ah ingrato, quanto mal pagas o que te quero! *á parte.*

Dem. Mas Orintia dias ha que dá a entender que me ama; porém fingirei que não a entendo, pois perco o Reino de Sydonia, ſe perco a Syrene. *á parte.*

Orint. Penſativo eſtás Demetrio? já no cuidadoſo pareces caſado, quando na realidade ainda o não és.

Dem. Sempre deve eſtar triſte, quem ſe vê mal acceito.

Orint. Não he porque deixe de havér quem deveras te ame.

Dem. Bem entendo, que por ſi o diz; mas importa disfarçar. *á parte.* Não me conſidero tão venturoſo. *para Orintia.*

Orint. Se deixares de amar a Syrene, muito brevemente me parece que o verás.

Dem. Auſentando-me atalharei que ſe declare mais. *á parte.* Vem tão tarde eſſe conſelho,

que

que já não o posso acceitar: concedei-me, S
nhora, licença que ElRei me espera.
para Orintia. *Vai-s*
Orint. Vai-te, ingrato; amor me vingue de t
já que pelo limitado interesse de hum Reir
desprezas o grande Imperio de amor. Não
fora melhor reinar em hum coração rendido
que aspirares ao dominio de hum peito, q
te resiste?

A R I A.

Demetrio ingrato, e querido,
Se ao reinar desejoso
Te moves ambicioso,
Em meu peito reinarás.
Amor o seu vasto Imperio
Das potencias te offerece,
Com os thesouros te enriquece
Dos affectos em te amar. *Vai-s*

SCENA V.

Torre. Sahe Adolonimo.

Adol. OH penoso tormento! oh rigorosa p
na! quando acabareis de affligir-me
Porém já sei que brevemente tereis fim, po
por instantes espero a morte, e só nisto v
considero mais suaves, porque nas penas
encontra o allivio, na certeza de serem
ultimas, e no mal se acha o bem da esp
rança de durar pouco.

Sahe de outra parte Syrene.

Syr. Para ver se posso pôr em liberdade a Ad
lo

lonimo (se he que póde dar liberdade a outrem quem perdeo a propria) venho segunda vez a esta Torre. Oh permitta Jupiter que consiga meu amante intento. *á part.*

Adol. Ah Estrato, que tu és o extracto de toda a tyrannia!

Syr. Livrando-o desta prizão, posso ter mais esperança de ser sua. *á parte.*

Adol. Adorada Syrene, o mais resplandecente astro do Ceo da formotosura, como a Sol vos festeja a minha alegria, quando com a vossa vista desterrais as sombras da minha tristeza.

Entra ElRei recatando-se, e Syrene o vê, e não Adolonimo.

Rei. Seguindo a Syrene aqui occulto ouvirei a que fim entrou nesta Torre; que se for traidora ao sangue, que lhe communiquei, com hum punhal lho hei de tirar das veias! Ah ingrata filha! *retira-se.*

Syr. Ai de mim infeliz, que se não me engano, a meu pai vi alli occultar: agora se conjurou toda a desgraça contra mim. *á parte.*

Adol. Absorto estou, Senhora, do vosso silencio.

Syr. Não póde chegar a mais a minha desdita, nem eu podia esperar menos da minha fortuna. *á parte.*

Adol. Muito triste está Syrene! que será! *á p.*

Syr. Não sei que hei de fazer: valei-me Deoses em tanto rigor. *á parte.*

Adol. Se vindes, Senhora, dar-me a noticia da minha morte, não duvideis lêr a senten-

ça;

ça ; porque já nenhum mal me assusta o coração.

Syr. Porém se me der lugar a perturbação, fingirei deste modo. *á parte.* Bem sei, atrevido Adolonimo, tereis por novidade o veres-me neste lugar ; porém assim o permitte a minha ira, e a vossa ousadia. *para Adolonimo.* (Oh quem pudera avizallo que disfarçasse.) *á p.*

Adol. Que he isto, valhão-me os benignos Deoses. Ou me tem louco a pena, ou apenas estou em mim. *á parte.*

Syren. E assim vos quero perguntar, com que intento sahistes a embaraçar o desejado desposorio, que ditosamenre contrahia com Demetrio. Oh que mal posso pronunciar estas palavras ! *á part.*

Adol. Como não estallas coração dentro deste desgraçado peito ! *á part.*

Syr. Oh piedoso Jupiter remedêa compassivo o perigo, em que estou. *á parte.*

Adol. Ah mudavel, ah falsa ! Esta he a liberdade que me promettestę dar ? *á part.* Tyranna deidade, se... *para Syren.*

Syr. Nem reposta vos quero ouvir, porque basta para satisfazer-me a vingança, que hei de conseguir com a vossa morte.

Adol. Impia he a vossa cruel sentença, pois nem me permittis o responder, por temeres vos convença a minha justiça.

Syr. Ai Adolonimo se conhecesses o meu interior ! *á parte.*

Adol. Não he este mesmo o lugar onde ouvi que....

Syr.

Syr. Não profigais, que mais me offendem as defculpas que pretendeis allegar.

Adol. Oh penas, poderá chegar a mais o voffo effeito? *á parte.*

Syr. Oh rigores, poderá haver em vós mais tyrannia? *á parte.*

Adol. Como não tem já fim efta vida, que tanto aborreço?

Syr. Valei-me Deofes, que não póde o coração diffimular tanta mágoa. *á part.*

Rei. Como já fei o fim, a que veio Syrene, quero entrar outra vez claramente, porque não prefuma a minha defconfiança. *á part. e vai-fe.*

Adol. Senhora, em que vos offendi? Se o exceffo de adorar-vos.

Syr. Sufpende o aleivofo éco. (Ai de mim que fe declara! *á parte.*

Adol. Permitti-me ao menos o queixar-me de tão . . . . .

Syr. Emmudece.

Adol. Repentina mudança!

Syr. Não profiga mais o voffo atrevimento.

Eftrondo na porta da Torre, e entra ElRei.

Adol. Mas quem ferá o que entra? Porém ElRei . .

Syr. Como he poffivel, (ai de mim!) que meu Pai entre agora, quando eu cuidava que me eftava ouvindo. *á parte.*

Rei. Como affim vos vejo, Syrene, nefta torre, quando a ella me conduz o faber fe eftão feguras as prisões de Adolonimo?

Syr. *Senhor, com a chave*, que tu não igno-

tas tenho desta torre, entrei a estranhar a esse fementido o seu atrevimento, e assim aos teus pés, se nisto errei... *ajoelha.*

Rei. Levantai-vós, e ainda que vos não louvo a acção, vo-la perdo-o, até averiguar com cautella se he assim. *á parte.*

Adol. Como tardas, oh Rei, em me despojar deste alento que respiro?

A R I A A 3.

Rei. Vai-te oh Barbaro insolente.
Aparta-te de mim.
Adol. Se offender não foi meu fim,
Em que te offendi } traidor.
Rei e Syr. Pois te conheci }
Rei. Em iras respira o peito.
Syr. Mal me animo. *á part.*
Adol. Mal me alento. *á parte.*
Não foi traidor meu } intento.
Rei. e Syr. Mas ao teu traidor }
Adol. Para haver tanto } rigor.
Rei. e Syr. Correfponda o meu. }

Vão-se.

ACTO

ACTO III.

SCENA I.

Sala. Sabem ElRei, e Cadeia.

Rei. AQui pertendo averiguar a ſuſpeita, que me ficou de encontrar na torre a Syrene; e ſe me certificar do que preſumo, ha de desfazer com o ſangue a mancha do ſeu deſcredito. *á parte.*

Cad. ElRei trazer-me para aqui ſó comſigo, que ſerá? Eu huma moça donzella, e elle hum homem viuvo, iſto he alguma couſa. *á parte.*

Rei. Deſta criada hei de ſaber ſe quer bem a Adolonimo. *á parte.*

Cad. Ai que elle olha muito para mim! certos são os touros; pois ſe elle deſſe em me querer bem, e me fizeſſe Rainha, eu me vingaria de certas peſſoas que ſei. *á part.*

Rei. Quero primeiro levalla por bem; e o que não puder com agrados, conſeguirei com rigores. *á parte.*

Cad. Elle tem pejo de me fallar, pois eu tambem me hei de fazer muito de manto de ſeda. *á parte.*

Rei. Vem cá minha Cadeia.

Cad.

Cad. Que me quer Vossa Magestade? (Ai h o que eu digo.) *á parte*

Rei. Bem sei terás por novidade o chamar-te aqui

Cad. De contentamento me estão tremendo a pernas. *á parte*

Rei. Porém a ira, e o amor tudo desculpa.

Cad. Ai que ahi se declarou, que me tem amor oh que ditosa que sou. *á parte*

Rei. Tu bem sabes que sou Rei de Sydonia.

Cad. Bem sei que Vossa Magestade póde fazer Rainha a quem quizer.

Rei. E que posso gratificar todo o affecto de quem me fizer o gosto.

Cad. Sim, mas Vossa Magestade bem sabe que sou huma moça donzella.

Rei. E assim de ti, espero, que me has de aqui descubrir o teu peito.

Cad. Ai Senhor, descubrir o peito assim sem mais, nem mais?

Rei. E se o fizeres, como pertendo; espera de mim todo o premio, que podes apperecer.

Cad. Não sei se será bom pedir-lhe escrito de casamento? *á parte.*

Rei. Ah ingrata filha! *á parte.*

Cad. Desta vez ficó Rainha, e minha ama feita minha enteada. *á parte.*

Rei. E assim supponho sabes o que pretendo, em querer me descubras o teu peito!

Cad. Se Vossa Magestade me quizesse fazer hum escrito, já se sabe....

Rei. A minha palavra he a propria escritura.

Cad. Sim, Senhor, mas o prometter he mais facil, que o pagar. *Rei.*

Rei. Pois presúmes que eu poderei faltar a que prometto ?

Cad. Não Senhor, mas como ha morrer, viver . . . .

Rei. Fia de mim toda a segurança.

Cad. Olhe, a fallar a verdade, Vossa Mageſt de sempre necessitava de quem lhe governas a sua casa, mas a Senhora Syrene não ha d gostar, em sabendo que que eu cá...

Rei. Não receies a Syrene, pois te basta o te resme da tua parte.

Cad. Ora ahi vai, e veja lá ao depois...

Rei. Nada temas.

Cad. Isto são mãos perdidas. *á parte.* Ahi lh faço já o gosto., ahi lhe descubro o peito.

Ao dizer as seguintes palavras descobre o peito, e torna a cubrillo.

Cad. Ora eis ahi, eis ahi, ora pois, vio já Como he maganão! *melindros*

Rei. Que louca he esta! Pois não presumas co esses nescios disfarces, que deixarás de pag com a vida, se me não descubrires, se Sy rene ama a Adolonimo.

Cad. Que he isto! oh desgraçada de mim! *á*

Rei. Prepara-te, ou para morrer, ou para confessa

Cad. Oh quem se pudera sepultar debaixo d chão. *á part*

Sahe. Demetrio.

Cad. Vio-se alguem em maior aperto? *á pa*

Rei. A que má occasião vem Demetrio! P rém importa disfarçar, para que não pres ma o que intento saber de Syrene. *á par*

 De

Dem. Senhor, Vossa Mageſtade tão ſuſpenſ

Cad. Boa occaſião tenho de eſcapar daqui.

á parte e vai-

Rei. Em que cuido, Demetrio, he que e traidor em todos os modos ſeja hoje vil d pojo de hum cutéllo.

Dem. Como o ordenaſte, hoje ha de mor com o criado.

Rei. Pois vamos que hoje ſerá tua Syrene. *Vai-*

Dem. Oh premitta amor que veja o fim a t ta eſperança.

A R I A.

Louca eſperança minha
  Da poſſe, que não ſe alcança,
  Creio que és louca eſperança,
  Pois louco eſtou de eſperar.
Quando ha de chegar a poſſe
  Deſſe peregrino encanto?
  Mas como o deſejo tanto,
  Muito tarde ha de chegar. *Vai-*

SCENA II.

Torre. Sabe Adolonimo, e depois Pimentaõ

Adol. AH ingrata Syrene, que mais ſin a tua falſidade, do que a morte que por inſtantes eſpero! Em que te offe di, tyranna, para tão repentinamente fazer tal mudança? Eſtas são as firmezas que n promettеſte? Eſta a conſtancia que me juraſte

Pim

Pim. Ai que me matáo sem remissão ! Ai que me enforcáo sem appellação , nem aggravo! *gritando.*

Adol. Suspende, Pimentão as queixas, que não he valor temer a morte.

Pim. Eu se estranho o morrer, he por ser a primeira vez que tal me succede.

Adol. Oh quem antes mil vezes morrêra, que experimentar a falsidade de Syrene!

Pim. Ah tal syrenear! Eu, Senhor, te confesso, sem ceremonia, que já não posso ouvir a serenata, com que sempre táo sereno, me estás serenicando o cerebro.

Adol. Oh quem já com o fim da vida puzera limite a tantas penas!

Pim. Deixemos isso, e dize-me em tua consciencia (se he que a tens, pois me chegaste a estes termos) eu tenho já cara de enforcado?

Adol. Bem sei que tens razão de te queixares de mim; porém perdoa-me.

Pim. He muito boa consolação essa; mas eu te prometto que já agora sim morrerei por esta vez, mas affirmo-te que não hei de servir mais a ninguem.

Adol. A compaixão me move a tua desgraça.

Pim. Se dessa compaixão mais cedo te tivéras movido, não seria eu agora infeliz aborto do parto da tua temeridade.

Adol. Ah cruel Princeza! ah tyranna!

Pim. Tomamos á vaca fria da Princeza?

Adol. Oh quanto me paracia serem os peitos nobres isentos de enganos!

Pim. Senhor; deixa-te disso, e dize-me se isto de ser enforcado he cousa que doa muito?

Adol. He morte, além de violenta penosa.

Pim. Ai meu rico pescço do meu coração, que te has de hoje ver em tão grande aperto!

Adol. Pena me causa o ouvillo! *á parte.*

Pim. Ah Senhor, dizem que huma cousa tem de boa os enforcados, e he que tanto que lhe apertão o gasnate, nunca mais gastão em comer, nem beber.

Adol. Louco te faz à imaginação da morte.

Pim. Não vêz, Senhor, que diz Aristoteles, que *imaginatio facit casum.*

Adol. Tens razão.

Pim. E me parece que estou já enforcado *per intellectum.*

Adol. Ai, Syrene mudavel! ai inconstante Syrene!

Pim. E o peior he, que logo o havemos ser *à parte rei.*

Adol. Que dizes?

Pim. Que logo havemos ser enforcados da parte delRei.

Adol. Tomára eu já que este fora o ultimo instante da minha vida.

Pim. Olha Senhor, que he morte além de violenta, penosa.

Adol. A morte sempre he tormento,
Sendo breve, he menos mal,
Mas he pena sem igual
O morrer a fogo lento:
He este modo violento,

E he morte mais rigorosa;
De seu fim tarde se gosa,
Sendo no muito que atura,
Por dilatada, mais dura,
Por continua, mais penosa.

Adverte, Senhor Adolonimo, que estas casáo izentas de Decimas; mas visto seres táo grandioso, eu tambem quero pagar a me toca, por descargo de minha consciencia.

He possivel, que louvar
Se use o morrer desta sorte!
Pois eu semelhante morte
Já mais a púde tragar!
Morrer hum homem no ar,
Qual dependura hum cacho,
Nenhuma graça lhe eu acho;
Nem póde por vida minha,
Passar-me a tal mortezinha
Da garganta para baixo.

Oh morte, como náo voas para este in-z, se sabes que das minhas penas pódes icar duplicadas azas!
Oh morte, máos raios te partáo, pois par- como hum raio contra mim.

A R I A.

Desesperado, confuso,
Louco, e enfurecido
Busco cégo e já perdido
Qual remedio ao mesmo mal.

Abor-

Aborreço a cara vida,
De todo o bem desespero;
E até da morte que espero,
Me atormenta o esperar. *Vai*

Pim. Olha, Senhor, que he morte além de v
lenta, penosa. Mas foi-se desesperado de es
rar a morte, quando a minha desesperaç
he porque a espero. Mas ai enforcado de mi
que se não me engano a hi sinto já vir
algozes! E que estrondo vem fazendo es
medonhos archeiros da morte, racionaes g
vatas do cachaço humano!..

Sabe Çapato com huma condessa.

Pim. E o que vem por guia he o cruel Çapat
que por lhe eu metter duas pallas me tem p
to no calçado velho.

Çap. Ora que vai de novo, meu amigo?

Pim. Vem ahi os mais camaradas enforcatrize

Çap. Não se assuste que não lhe faltará hu
hora em que morra; e por agora venho
trazer-lhe este conforto, que no dia da m
te se costuma dar aos padecentes. Ahi te
para seu amo, e para vossè, que lhe fa
muito bom proveito.

Pim. Assim lho faça a vossè quanto comer e
seus dias.

Çap. Ahi tem, leve a seu amo que eu espe
pelos pratos, que me são precisos; e n
se desconsole que logo ha de acabar os di
da sua vida.

Pim

t. Ah perro , que te cahio a sopa no mel
ara a vingança. *á part.*
. Ora diga-me so Pimentão ; todavia resol-
eo-se a casar com a Senhora Cadeia ? Que
l se acha com esse matrimonio ?
. Ainda espero que vossê me ponha em-
irgos.
Ora não diga isso , que a noiva he mui-
sizuda , encerrada , e muito rica , porque
m muito ferro , ainda que sem letra.
. Bem pudéra vossê fazer-me neste dinheiro
gum troco , trocando-se comigo.
O trocado ha de vossê hoje dançar no ar.
Antes cegues que tal vejas. *á part.*
Ah cãosinho , que hoje te has de fazer
mas pascoas , e a mim me não hão de fal-
r prazeres de te ver.
Cale-se , que ainda não sabe o que será
vossê.
Ora ande , que he hum asno ; tão máo
ver o enterro em vida ? E para que veja
mo sou seu amigo , eu mesmo lhe levarei
m banquinho para vossê o hir vendo com
is descanso.
Que me não possa eu vingar deste ve-
ico ! *á part.*
Ah perro , que estás pulando por te veres
nessas limpezas.
Não me logre , Senhor Çapato , que ain-
o poderei apanhar descalço.
Já agora seguro está o barco.
Mas ter mão , que já dei em huma boa.

Eu

Eu trouxe nos alforges o vestido, que elle comigo trocou, que he semelhante ao que traz, com o qual espero escapar da morte, e vingarme delle. *á part.*

Çap. Não cuide nisso, se he que lhe dá pena.

Pim. Não me dá senão gosto. Ora eu vou levar a condeça, e em tanto póde retirar-se para aquella salla, que tem assentos.

Vai-se com à condeça.

Çap. Não preciso de assentos, porque agora bem descançado estou, porque me vejo livre de ti. Vai, que bem vingado me chego a ver das injurias que me fizeste passar. Veremos agora se te trocas comigo; mas já estou disso seguro, e hoje me regalarei de te ver pernear em huma forca. Ora vejamos isto cá por dento. *Vai-se.*

SCENA III.

Campo. Diz dentro Pimentão.

Pim. Com licença, Senhores guardas. *dentro.*

Sold. Não quizerão comer? *dentro.*

Pim. Peior he esta, se agora reparão em mim. *á part.*

Sold, 2. Pois venha, que nós lhe aliviaremos o pezo. *dentro.*

Pim. Estejão quietos, não brinquem comigo.

Sold. 1. Ora venha ao menos huma pinga.

Pim. Está boa impertinencia! deixem-me hir em cortezia.

Sold. 2. Deixa-o hir, que isso he hum salvage.

Sabe

e Pimentão com o vestido de Çapato, com a condeça.

Mais salvages são vossês, que os logrei. o maior perigo he passado; o que impor- agora he não encontrar alguem, que me nheça, que bom foi guardar estes trapinhos, ie tanto agora me servem, e lá fica o mi- ravel em meu lugar.

A R I A.

Se quem tem capa
 Sempre se escapa
 Eu escapei,
 Porque alcancei
 Verme com capa.
O meu Çapato
 Fica fechado
 E bem logrado
 Se ha de achar.

Sabe Demetrio, e vê a Pimentão.

Dem. Se não me engano, a Çapato vejo vir da torre.

Pim Ai desgraçado de mim, que aquelle, ou he Demetrio, ou o diabo por elle. *á part.*

Dem. Chamallo-hei para lhe perguntar o que faz Adolonimo, que certamente me compadeço da sua desgraça; pois não se satisfaz a ira de hum nobre, sendo vingada por outrem.

Pim. Ai que me atalha os passos! Agora acabo de crer, que sou desaventurado. *á parte.*

Dem.

Dem. Çapato ?

Pim. Senhor, lá vou para casa. *and.*

Dem. Ouve o que ti digo.

Pim. Vou agora carregado, não me posso

Pim. Espera, que tenho que dizer-te.

Pim. Ora deixeme aqui : ah tal impertine

vai and

Dem. Tu não ouves o que te digo?

Pim. Deixe-me hir lá pôr isto ; já venho. há mais remedio que fugir a bandeiras pregadas. *á*

Vai para fugir, sahem-lhe ao encontro pato, e e dous Soldados.

Çap. Este he o magano, agarrem-no dep *pegão nelle Çapato, e os Sold*

Dem. Que he isto, oh Çapato ?

Çap. e *Pim.* Senhor ?

Dem. Respondem-me dous ! Que he o que

Pim. He hum par de Çapatos.

Çap. He este magano que me tornou a nar segunda vez.

Dem. Dize me, insolente, como sahist prizão em que estavas ?

Pim. Eu digo a vossa mercê: assim deste n *querendo j*

Dem. Adverte que te despojarei da vida, s tentares a minima repugnancia.

Pim. Não he preciso vossa mercê molest com isso.

Çap. He bem desavergonhado !

Dem. Quem te deu esse vestido ?

Pim. O seu criado, quando queria casar.

Dem. He possivel que enganasses a mais de quarenta guardas que tem a torre!

Pim. Elles he que se enganáráo comigo.

Sold. 1. Senhor, como vimos o mesmo vestido, e a condessa do que entrou, era facil o engano.

Cap. E sem duvida escapava, se eu admirado da tardança o náo buscára.

Dem. Levem-no para a torre, e tenháo vigilancia com estes prezos, que são de grandes astucias.

Pim. Vamos, que por mais que queira livrar este maldito pescoço, he escusado, porque já vejo que nasceo para garrote.

Vai-se com os Soldados.

Cap. Ah Senhor, vamonos depressa, que ainda aqui me náo dou por seguro. *Váo-se.*

SCENA IV.

Sala. Sahe Syrene, Orinta, e Cadeia.

Cad. EU, Senhora, cuidava outra cousa, e o que elle queria perguntar era, se tu querias bem a Adolonimo; e se não entra Demetrio, temos muita lá que tingir.

Orint. Ai Demetrio ingrato, quanto mal agradeces ò que te quero! *á parte.*

Syr. Ai Cadeia, logo eu prezumi, quando meu pai me vio na torre, que elle ficava suspeitando *o meu intento*, que por disfarçallo

me

me parece deixei a Adolonimo duvidoso da minha firmeza.

Cad. E já elle me queria matar, se eu não confessasse.

Syr. Porém pouco sinto tudo isso em comparação da pena irremediavel, de que dizem, que logo Adolonimo .... não me atrevo a proferillo. *Chora.*

Orint. Não te entregues, Prima, tanto á pena.

Cad. Senhora, que remedeas tu com tantos excessos? Por ventura com chorares tanto ha de deixar de morrer?

Syr. Suspende a tyranna voz (ai de mim!) pois se não posso proferir essa cruel palavra; menos a poderei escutar.

Cad. Talvez que viva.....

Syr. Assim mo diz o meu coração; que se fosse tão tyranno para comigo, que me dissesse o contrario, eu mesma o arrancára do peito.

Cad. Tyranna estás até para comtigo.

Orint. Oh permittão os Deoses que Adolonimo viva; pois em quanto elle não morre, vive em mim a esperança de ser de Demetrio. *á parte.*

A R I A.

Syr. Inimiga de mim propria
A triste vida aborreço;
Só a morte he que appeteço
Por allivio a tanto mal.
Fim não vejo ao meu tormento,
Pois que em tanto padecer

Não

Nem acabar de morrer
Posso comigo acabar. *Vai-se.*

Cad. E tu, Senhora, como estás com os amores de Demetrio?

Orint. Ai Cadeia, amando cada vez mais, e esperando cada vez menos.

Cad. Pois para que te pozeste a amar a quem te não quer?

Orint. Eu te digo a causa.

Cad. Já sei o que pertendes fazer; eu ando meia ariada, tu agora me queres embutir mais essa aria para me ariares de todo.

A R I A.

Orint. Violenta me impellio
Amor cego, e Deos tyranno,
Tão cruel, e deshumano
A hum ingrato adorar.
O não ser correspondida
Desdita he da minha sorte
E deste rigor tão forte
O remedio he só penar. *Vai-se.*

Cad. Que te faça muito bom proveito. *Vai-se.*

S C E N A V.

Porta da Torre, e Campo, aonde estará huma forca para Pimentão, e hum cadafalso para Adolonimo. Sahe Pimentão a enforcar com algoz, e Soldados junto delle.

Pim. REqueiro a vossas mercês, que quero hir de meu vagar, já que vou violento.

Sold.

Sold. 1. Venha como quizer, que hoje lhe vemos fazer todas as vontades.

Pim. Aceito a palavra. Pois eu tenho von de me hir daqui embora.

Algoz. Isso não, meu amigo.

Pim. Quem he este mestre das reparações, aqui vem á minha ilharga?

Sold. 2. He o verdugo.

Pim. Pois então requeiro que não quero com elle.

Sold. 1. Porque razão?

Pim. Porque neste tempo he crime andar c verdugos.

Sold. 1. Não lhe dê isso cuidado.

Pim. Tambem me não ha de causar pena saber eu porque carga de agoa me enforc

Sold. 2. Deixe-se disso, e vamos andando.

Pim Ora senhores, deixem-me descançar, e mar algum alento.

Sold. 1. Sim, mas por pouco tempo.

Pim. Tomára-me eu fortalecer com huma g de licor tavernal.

Sold. 1. Não deixará de satisfazer esse des

Pim. Só por esta piedade se póde ser enforca

Sold. 2. Aqui tem.

Pim. Ora passemos este ultimo trago da v *bebe e cospe fóra.* Ah senhores, logo p aspero parece vinho de enforcado.

Sold. Será algum tanto cascarrão.

Pim. Pois se he cascarrão vá pela saude do nhor carrasco. *be*

Algoz. Que lhe preste.

Pi

Pim. Assim preste a v. m. como a mim me custa a passar estes amargozos tragos!

Sold. 1. Amarga ao pez.

Pim. Mais negro que o pez o hei de eu logo amargar.

Sold. 2. Vamos andando que já vem sahindo Adolonimo.

Pim. Ai meu rico Amo, quanto sinto verte neste estado! Quem me déra estar dez, ou doze legoas daqui só por te não ver.

Sahe da Torre Adolonimo acompanhado de General, e Soldados.

Algoz. Vamos, que he tarde.

Pim. V. m. tem muita pressa? Pois se tem que fazer, vá que eu esperarei; e em quanto vai, e vem, me folgão as costas.

Algoz. O que tenho que fazer he enforcallo.

Pim. Pois olhe v. m. sim me enforcará por esta vez, mas eu lhe prometto que ella seja a primeira, e a derradeira.

Algoz. Assim o creio; ora vamos, que já está perto.

Pim. Ai que já estou ao pé da forca! Ah Senhores, enforquem primeiro a meu Amo, que terá mais pressa do que eu.

Algoz. Não tenho essa ordem.

Pim. Pois eu o enforcarei.

Sold. 1. Essa he a tua lealdade?

Pim. Pois ainda v. m. duvída que todo o criado he o maior verdugo de seu amo?

Algoz Vamos, e deixemos razões.

Pim. Ora, Senhor, se isto ha de ser, peço-lhe por favor, que me enforque muito de mansinho.

Algoz. Todo o bem se lhe fará.

Pim. Na verdade he de admirar ver os bons agrados, e brandura que tem toda esta comitiva enforcante!

Algoz. Não sei se o diz de veras.

Pim. Se eu de veras não o digo, enforcado morra eu daqui a cem annos.

Algoz. Ora vá se chegando para a escada.

Pim. Que não haja quem ponha embaraço a este baraço, que me espera!

Algoz. Não será facil.

Pim. Eu lhes confesso, que não posso morrer, porque tenho esta morte atravessada nas goellas.

Algoz. Chegue-se para a forca, que eu lha desapegarei. *sobe até o meio da escada.*

Pim. Não ha quem me acuda! Ai desgraçado Pimentão, que amargosa morte que tens! Oh Baco permittes que eu assim morra?

Dentro Viva, viva. *vozes ao longe.*

Pim. Ai, que responde, que viva! Oh piedoso deos, que sempre havias acudir a hum Pimentão, como attractivo do teu licor!

Sold. 1. Que novidade será esta, dizerem confuzas vozes.....

Dentro. Viva o grande Alexandre, viva.

Pim. Aquillo não he comigo; mas viva quem vence.

Dentro Viva o invicto Alexandre, viva.

Pim.

Pim. Viva o afflicto, e Alexandre viva.

Gener. Páre a execução que entra por este lugar Alexandre Magno em Sidonia.

Adol. Que sempre haja embaraços para a morte de hum infeliz!

Pim. Viva Alexandre, viva.

Sabe Alexandre Magno, e acompanhamento.

Alex. Para quem he aquelle patibulo?

Gener. Saberás, Senhor, que he para nelle morrer Adolonimo.

Alex. Suspenda-se a execução, e venha Adolonimo a Palacio á minha presença; pois pela noticia que delle tenho, mais me parece ser acredor de premios, que de castigos.

Gener. Como o ordenas, se executará.

Vai-se Alexandre Magno, e acompanhamento.

Adol. He possivel que procurem os Deoses dilatarme a vida, porque desejo a morte! Oh nova especie de tyrannia, negar-se hum mal; porque se appetece como bem! *Vai-se Adolonimo, o General, e o seu acompanhamento.*

Pim. Ah Senhores, levem-me tambem com meu Amo, porque desta execução eu tambem sou membro, ainda que podre pelo máo cheiro.

Sold. 1. Vamos, que bem sei que a ambos pertence.

Pim. Oh Divino Baco, que por isso te chamão Liber, porque livras os teus devotos.

desce da escada.

Sold. 2. Vamos para Palacio.

Pim. Diga-me primeiro; este Alexandre Magno he aquelle *de quem dizem*, que tira Reis,

e faz Reis por quaesquer dous reis de cominhos?

Sold. 1. He universal Senhor de todo o mundo.

Pim. Tomára eu, que elle tirára o Reino a Estrato, e o fizera só Rei de páos, já que elle me fez o suja na escada. *andando.*

Algoz. Pois com esse desamor me deixa?

Pim. Ah senhor Verdugo das costas, tomára eu sempre vello no descanço da alampada: á sua ordem. *Vão-se*

SCENA VI.

Sala de Palacio. Sahem Alexandre Magno, Estrato, Demetrio, Sirene, Orintia, e acompanhamento.

Alex. BEm noticiado estou já, Estrato, da iniquidade, com que exerces o teu governo, principalmente da injusta morte, a que condemnaste a Adolonimo.

Estrat. Saberás, Senhor, que elle aleivosamente.....

Alex. Suspende a voz, que até me offendem essas falsas desculpas, e poderas attender, a que he desdouro da Magestade o vingar inveterados odios na innocencia dos subditos.

Estrat. Muito receio o castigo de Alexandre: infausta he a minha sorte! *á parte.*

Syr. De hum fio pende a minha vida em caso de tão duvidoso fim. *á parte.*

Dem. Muito temo a minha desgraça; vendo a Estrato desfavorecido de Alexandre. *á parte.*

Orint. Em successo de tanta duvida não perde o meu amor a esperança. *á parte.*

Sa-

Sahe Adolonimo acompanhado do General.

Adol. Invicto Monarca, a quem he todo o Orbe pequeno throno para tanta grandeza, (*de joelhos*) e toda a vaga região celeste limitado espaço para tanta fama; eu sou o infeliz Adolonimo, e só feliz por estar aos teus pés. Saberás que o amor, e o odio me condemnão á morte, pois por ser fiel amante de Syrene, procedeo contra mim a cruel ira de Estrato, sendo nos mesmos altares de amor funesta victima de hum inexoravel odio; e como he manifesta a minha innocencia, não pertendo desculpar-me; porque aonde há desculpa, há culpa; e sómente te rogo (oh inclito assombro do mundo) me permittas o executar-se nesta infeliz vida á pronunciada sentença da minha morte; pois me basta para immortal gloria minha o chegar a verme subido ao elevado throno dos teus pés; e como não aspiro a maior ventura, permitte-me, que com a morte ponhá limite ás mais desgraças.

Alex. Levanta-te Adolonimo, Rei de Sidonia, e toma posse do Sceptro de Estrato, que estou já cabalmente certo do teu merecimento, e da sua injustiça.

Adol. Egregio Heroe, seja immortal a tua gloria, e ao puro Olympo suba a tua fama (*levanta-se*) pois tendo mais poder, que o mesmo fado, fazes ditoso a hum infeliz.

Estrat. Oh Deoses tyrannos, não basta perder

o Reino, senão ficar Vassallo de hum meu inimigo! *á parte.*

Syr. Já vejo a sorte mais favoravel; porque mais estimo o augmento de Adolonimo, do que sinto a infelicidade de meu pai. *á parte.*

Dem. Desgraçado me considero, pois perdi o Reino, a que aspirava com o consorcio de Syrene. *á parte.*

Orint. Com esta mudança se alenta mais a minha firmeza. *á parte.*

Adol. Ah cruel Sirene, que se não foras mudavel, me podia já chamar ditoso. *á part.*

Dentro todos. Viva o nosso Rei Adolonimo.

Sabe Pim. Viva o nosso Rei Adolonimo.

Alex. E como sei que mais que o Reino estimas a belleza de Syrene, lhe podes dar a mão, que quero com a minha presença honrar tão venturoso consorcio.

Adol. O ser já impossivel essa gloria, he, Senhor, a maior infelicidade, que sinto; porque reduzindo-me a tal extremo o adoralla, Syrene ingrata, e.....

Syr. Não prosiga, Senhor, mais a tua desconfiança; e saberás que o sentir que meu pai me vinha seguindo, quando na torre entrei a fallarte, me obrigou a fingir, que te aborrecia.

Rei. Ah filha ingrata, que a ssim mo certificou a criada, que te acompanhava, e já o meu rigor fulminava a vingança contra a tua vida.

Sabe Cad. Senhora Syrene, a teus pés peço me perdoes, porque eu se disse ao Senhor Estrato o muito que amavas ao Senhor Adoloni-

mo,

mo, foi porque elle me deu outra atracação peior que a primeira, e não tive mais remedio que confessar a verdade.

Syr. Levanta-te que antes agora te estimo por seres testemunha da minha firmeza.

Adol. A' vista de tal desengano, pedindote mil perdões do meu erro, te offereço Senhora a minha mão. *dão as mãos.*

Syr. Com a minha te entrego juntamente a alma. (Ditosa eu mil vezes) *á part.*

Adol. Oh alegrias não vinhaes juntas que quasi não cabeis no peito. *á parte.*

Pim. He a primeira vez que vi casarem-se os enforcados. *á parte.*

Todos. Viva Alexandre, e viva o nosso Rei Adolonimo.

Syr. Saberás, Demetrio, que me consta o muito que te ama minha Prima Orintia, e me parece que não premiares com a mão o seu amor, será quereres merecer o titulo de ingrato.

Dem. Não posso negar que o affecto me inclinava a corresponder-lhe; e se ainda tem lugar o meu rendimento, com a mão espero a posse de tanta ventura.

Orint. Ditosa esperança, que me concedeo tão desejado fim.... *dão as mãos.*

Pim. Agora entro eu. Com licença (*ajoelha*) Alexandrissimo, e Magnissimo Monarca, á vista de cuja corpulentissima grandeza he Polifemo huma topeira, Atlante huma formiga, Centimano huma santopeia, e Tifeo huma triste cousa; para cujo esfaimado desejo de

con-

conquiſtar fica ſendo todo eſte Mundo hum grão de milho em boca de aſno ; ſeja tão boa a tua vinda, como a da morte (a hum malfeitor) ; e já que o peccado a qui te trouxe (explico-me, o peccado de Eſtrato) saberás, que no vinagre dos teus pés procura a ſua conſerva eſte verde Pimentão, a quem querião fazer de huma força cahir de maduro.

Alex. Pede o que quizeres.

Pim. Queria que a tua Grandifallencia me concedeſſe empregar o reſto da vida em huma Cadeia.

Alex. Pedes por premio a prizão ?

Pim. Huma prizão deſejo, e a ſoltura de outra ; e aſſim trocando eſte grilhão por aquella Cadeia (com quem eſpero ter ditoſa liberdade) me terei pelo mais feliz enforcado, a quem atou o matrimonial garrote.

Alex. Da-lhe a mão, ſe he vontade ſua.

Cad. Eu não quero mão de enforcado.

Pim. Bem pódes acceitar a hum enforcado amante.

Cad. Se ha de ſer, vamos a iſſo.

Pim. Oh bella Cadeia, em cujas delicioſas prizões deito venturoſo as mãosſinhas de fóra ! *dão as mão*

Cap. Ai invejoſo de mim, que eſtou em pontos de eſtourar ! *á parte*

Pim. Item, Senhor, eu como ſou hum tanto louco, quizera que me déſſes hum bom talento de ouro para poder tratar da minha vida

Alex. Dez talentos te mando dar.

Pim.

Pim. Dez talentos? Das dez que tal me dem, mas sempre me virá á mão o dizimo.

Çap. Ah maior ventura! Em sahindo daqui, logo me vou enforcar. *á parte.*

Adol. Senhor, eu cedo do Reino em Estrato; pois mais estimo a belleza de Syrene, que o dominio de todo o Mundo.

Dem. Oh acção digna de immortal memoria!

Alex. Agora mais te confirmo no Reino; pois só merece governar quem sabe satisfazer aggravos com beneficios.

Estrat. Já todo o odio que tinha a Adolonimo se me converteo em intimo affecto. *á parte.*

Pim. Item, Senhores, está-me fazendo grandes ancias no buxo hum segredo que engoli, e assim o vomito; e he que meu Amo foi hortelão do Senhor Estrato.

Alex. Repitão sonoras vozes a acclamação, e Himenêo do vosso novo Rei Adolonimo.

CORO.

Viva eternos annos,
Viva sempre heroico
O nosso Monarca
No Himenêo ditoso.

A NINFA SYRINGA, OU OS AMORES DE PAN, E SYRINGA,

Opera que se representou pelo Carnaval no Theathro do Bairro Alto de Lisboa, anno de 1741.

ARGUMENTO.

PAn semideos rustico, irmão de Silvia, amava muito a Ninfa Syringa, irmã do semideos Silvano; e vendo-se sempre desprezado em seus amores, a esperou em hum bosque para alcançar della por violencia, o que não podião os rogos; e em fim encontrando-se ambos, e vendo Syringa que difficultosamente se defenderia delle, invocou a Jupiter que lhe valesse, e logo ficou convertida em hum Canaveal, até que por grandes rogos de Pan a tornou Jupiter á sua primeira forma, e se casou com o dito Deos Pan, e tambem se desposa Silvano com Silvia, cujos amores, e o mais constará do contexto da Historia.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Mutação de Campo.*
II. *Mutação de Sala.*
III. *Mutação de Casa terrea com dous fornos.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Mutação de Jardim.*
II. *Mutação de Antecamara.*
III. *Mutação de Jardim.*
IV. *Mutação de Bosque.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Mutação de Bosque com Canaveal, e Salgadeiras.*
II. *Mutação de Casa de forno.*

INTERLOCUTORES.

Pan, *Semideos rustico.*
Silvano, *Semideos rustico.*
Syringa, *Ninfa rustica*, *irmã de Pan.*
Coscorão primeiro Gracioso, *criado de Pan.*
Esguicho segundo Gracioso, *criado de Silvano.*
Lingoiça velha, *criada de Silvia.*
Golosina, *criada de Syringa.*

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Campo. Sahem Pan, e Coscorão.

Pan. DEixame, Coscorão.
Cosc. Senhor Pan., que desatino he esse?
Pan. He aborrecer a vida, e desejar a morte.
Cosc. Não sou eu assim, que á minha vida quero lhe como ao viver.
Pan. Ai de mim!
Cosc. Senhor acaba já com isso: conta-me os teus males.
Pan. Não póde ser; porque os meus males não tem conto.
Cosc. E quem tos causou?
Pan. A Ninfa Syringa.
Cosc. Quem tal dissera daquella fonçasinha!
Pan. Não posso já soffrer tanto rigor.
Cosc. Não posso já aturar tanta insolencia.
Pan. O que?
Cosc. Que huma bogia te pregue semelhante mono.
Pan. Isto succede aos mais pintados.
Cosc. Que succeda aos mais pintados *transeat*, mas que assim te chegue ao vulto, não aturo tal.
Pan. Coscorão, eu quero-me finar: tenho dito.
Cosc. Senhor, por tua vida te peço te não queiras matar.

Pan. Eu eſtou morrendo por morrer. Bem ſei que ſou hum aſno, mas não ſei que lhe faça.

Coſc. Ora dize-me, tu não és o Senhor Pan, que dos Paſtores és venerado por ſemideos, ainda que na verdade és ſemidiabo?

Pan. Aſſim he; mas ſujeitou-me eſſe tyranno Deos vendado, a que adoraſſe a cruel Ninfa Syringa, irmã de Silvano, com tal violencia; que não poſſo eſtar hum inſtante ſem a ſua viſta, ao meſmo tempo que ella diz, que me não póde ver; quando baſtava para merecer a ſua compaixão, ter eſte peito chèio de ſettas.

Coſc. Eſſa he a cauſa porque ella te não quer.

Pan. Porque?

Coſc. Porque tendo o peito cheio de ſettas, tens muito vaſia a aljava.

Pan. Pois que remedio dás a meus males?

Coſc. Huns ſuores.

Pan. Que dizes?

Coſc. Que para te livrares deſſe amor, ha de te ſuar o topete.

Pan. Não zombes de mim quando eſtou com a minha pena.

Coſc. Iſto não he zombar; toma tu o meu conſelho; mette-te na eſtufa do eſquecimento, e verás como te ſahe do ſentido a tyrannia ſua, ainda que com o ſuor do teu roſto.

Pan. Eu não te peço remedio para a tirar do ſentido, pois a tenho de tal ſorte encaſquetada nos miolos, que já não ma tirão de cá, nem que me quebrem a cabeça.

Coſc.

Cosc. Pois que pertendes?
Pan. Remedio para que ella me queira a mim.
Cosc. Isso he cousa que peça ninguem? Mas olha, em tu a vendo faze-lhe muita macaquice, assim a modo de macaco, talvez que lhe dês coca.
Pan. Que dizes que não te entendo?
Cosc. Que lhe faças carinhos, e lhe digas muitas finezas.
Pan. Até isso não póde ser; pois tão prezo me considero quando a vejo, que se vou para soltar alguma palavra, não ato, nem desato.
Cosc. Assim será, que ainda que és Pan, tens muito pouco miolo.
Pan. E ainda que soubesse expressar-lhe o meu amor, até me faltão as occasiões; pois não ignoras que seu irmão he tão zeloso que huma cousa he vello, outra dizello.
Cosc. Ora, Senhor, venha achado, já, e logo; vamos.
Pan. Achado, de que?
Cosc. Que já lhe achei hum remedio bom.
Pan. Não te detenhas em mo dar.
Cosc. Pois, Senhor, o melhor caminho he procurarmos occasião de sahirmos ao encontro a Silvano, e ver se me posso accommodar com elle; que ficando em casa, deixa o mais por minha conta (e tambem o estimo para me vingar do rigor de Golosina.) *á parte.*
Pan. Está bem achado! Nem Platão podia dar em tão boa idéa.

Cosc.

Vamos pois cuidar no melhor modo de roduzir.

A R I A.

Confeſſar-me-hei venturoſo,
E terei gloria infinita,
Se para alcançar tal dita,
O caminho Amor me dá.
Já com eſta incerta gloria
Se alenta a minha eſperança,
E cuida o peito que alcança
O premio do ſeu amor. *Vão-ſe.*

Sahem Silvano, e Eſguicho.

Senhor Silvano, que triſteza he a tua? ſcobre o teu peito; que ainda que he inno, ſenão deſabafas receio-te alguma queição de ſangue.
Ai Eſguicho, que o não ter eu alegria, que me faz andar triſte.
Iſſo ſuccede a muita gente boa; mas ex-:a-te mais.
Tu ſabes.....
Sim, que és o Senhor Silvano ſemideos tes boſques, irmão da Ninfa Syringa, e nde amante de Silvia, irmã de Pan; e ella depois que te vio, não lhe peza que naſceo.
Pois não ſabes o mais que ſendo o meu or bem aceito della, não permitte o zeloſo irmão lugar de dizermos hum ao outro s, nem bus.

Esg. Nem a mim de dizer á minha querida chiqui, nem miqui.

Silv. Pois Esguicho, cuidemos no remedio.

Esg. De lhe fallares, e teres entrada?

Silv. Sim.

Esg. Pois bem facil he elle, se puder ser.

Silv. Dize, qual he?

Esg. Se eu me podesse imbutir por seu criado, não era má tolá para nós ambos.

Silv. Dizes bem; cuidemos nisso: mas se não me engano, ahi vem Pan ás pancadas com o criado.

Esg. Oh! bella occasião temos; faze tu o mesmo comigo, e deixa o mais por minha conta.

Silv. Oh atrevido, desobediente, espera. *dálhe.*

Esg. Ah Senhor, mais de manso, que me doe Ai, ai, ai.

Sahe Pan seguindo a Coscorão, e este se vale de Silvano, e Esguicho foge para Pan.

Cosc. Valhame, Senhor Silvano.

Esg. Acudame, Senhor Pan.

Cosc. Porque meu amo cruel. . . . .

Esg. Porque o cruel de meu amo. . . . .

Cosc. Querme moer os figados.

Esg. Querme ralar os bofes.

Pan. Bella occasião busquei! *á parte*

Silv. Achei bella occasião! *á parte*

Pan. Para lhe metter a Coscorão em casa. *á parte*

Silv. Para lhe introduzir em casa a Esguicho *á parte.*

Cosc.

Cosc. Se v. m. me quizesse por seu moço.....

Esg. Se v. m. quizesse ser meu amo.....

Cosc. Eu seria tão seu amiguinho.....

Esg. Eu ficaria tão contente.....

Silv. Pan? }
Pan. Silvano? } ambos juntos.

Silv. Que quereis? }
Pan. Que ordenais? } ambos.

Silv. O vosso criado. }
Pan. O vosso moço. } ambos.

Cosc. Ora falle hum por cada vez, para entendermos todos.

Silv. Vós não quereis este moço?

Pan. Não; se vos quereis servir delle, ahi está ás vossas ordens.

Silv. Sempre obrigado; tambem vós podeis dispor de estoutro.

Pan. Oh fortuna, que boa occasião me descobriste! *á parte.*

Silv. Oh sorte, que bom caminho me mostraste! *á part.*

Esg. Senhor Coscorão, se v. m. he servido de meu amo, ahi o tem á sua ordem.

Cosc. Senhor Esguicho, obrigadissimo; ahi está tambem meu Amo á sua obediencia.

Esg. Vá contente com elle, que não lhe ha de faltar senão o que houver mister.

Cosc. Vá muito satisfeito com Pan, que na sua companhia saberá qual he o pão que o diabo amassou.

Pan. Oh quanto mal sabes o que levas para casa! *á part.*

Silv.

Silv. Oh fe foubeffes o que para cafa levas! *á parte.*

Pan. Senhor Silvano, vede fe quereis que faça alguma coufa no voffo ferviço; que tenho neceffidade de me hir?

Silv. No voffo ferviço quero eu fempre eftar de focinhos.

Pan. Fica-te, que bem logrado ficas. *á p. e vai-fe.*

Silv. Vai te, que bem logrado vás. *á p.*

Cofc. Senhor Pan, faude, e hum queijo.

Efg. Senhor Silvano, faude, e patacas. *Vai-fe.*

Cofc. Ora Senhor meu Amo novo, hoje ifto aqui foi feira das beftas.

Silv. Porque o dizes?

Cofc. Porque houve muita troca.

Silv. Sabes, que te quero encommenda o que eftá á tua obrigação de criado honrado.

Cofc. Dize, Senhor.

Silv. Tu fabes, que a minha irmã he mulher?

Cofc. Supponhamos que fim.

Silv. E que as mulheres em fahindo de cafa, que ás póde ver qualquer homem?

Cofc. De que não há duvida nenhuma.

Silv. Pois então não tenho mais que te dizer.

Cofc. Explica-te mais, que pofto falles tão claro, não te entendo.

Silv. Venho a dizer, que quero fejas feu guarda, e vigia.

Cofc. Eu te prometto, Senhor, andar-lhe fempre pelos alcances; pois bafta encommendarmo meu Amo. (Ah pobre, como te enceravas!) *á parte.*

Silv.

Silv. Ora vai para casa, que eu vou já nas tuas costas.

Cosc. Não virá por certo, que eu a ninguem dou ancas. *Vai-se.*

Silv. Oh ventura! com que te hei de pagar tanto bem, pois em dous criados me concedes tanta gloria: em hum a sentinella para a minha honra, em outro vigia para o meu amor.

A R I A.

Se a ventura me permitte
Em dous tão fieis criados
N'um socego aos meus cuidados,
N'outro auxilio ao meu amor:
Já seguro viver posso,
Já posso estar contente,
Se a ventura me consente
Lograr bem tão superior. *Vai-se.*

SCENA II.

Sala. Sahem Syringa, e Golosina.

Gol. SEnhora Syringa, acabo de crer que he desgraçado Pan, pois não te póde cahir em graça.

Syr. Golosina, não está mais na minha mão: não o posso ver com dous olhos, que tenho na cara.

Gol. Em não quererem vello, são crueis os olhos da tua cara, quando a tua cara he a menina dos seus olhos.

Syr. Capaz eſtou de tirar a minha cara fóra, ſó por lhe tirar os olhos a elle.

Gol. Não faças tal, Senhora; pois não poſſo vello a elle mais cégo, nem a ti mais deſcarada.

Syr. Olha, eu talvez lhe não quizera tão mal, ſe não lhe tivera tamanho odio.

Gol. Pois porque lho tens?

Syr. Porque he hum pedaço d'aſno.

Gol. Em que, Senhora?

Syr. Ainda o perguntas, quando ſabes, que elle faz verſos?

Gol. Pois não he bom para noivo quem tem boas prendas?

Syr. A mim não me importão as prendas; importa me comer.

Gol. Senhora, tem a certeza, que em quanto tiveres comtigo Pan, não has de morrer á fome.

Syr. Ora queres tu ouvir a carta, que hontem me trouxeſte?

Gol. Terei grande goſto diſſo.

Syr. Verás que até na caſta do verſo, em que eſcreve, he tollo.

Gol. Pois que verſo he?

Syr. He hum Romance lyrico, quando para fallar com huma mulher da minha esféra, havia hum Romance heroico, ou huma Canção real.

Gol. Ouçamos o que diz.

Syr. Attende, que he deſta ſorte.

Ti-

Tira hum papel, e lê.

Ingratissima Senhora,
Que por táo grande homicida
Sois Cocrodilla das fontes,
E dos campos Basilisca.
Fera leoa dos bosques,
Quando em vós se verifica,
Que a maleita dos rigores
Sempre aquece, e nunca esfria.
Porca montez furiosa,
Que na amargosa campina
Vibrais o dente ao agrado,
Fazeis focinho ás caricias.
Sois Tigra, e tambem sois Onça,
Quando vejo em taes fadigas,
Vos náo peza o pé huma onça
Para fugires esquiva.
Tambem sois Loba tyranna,
Pois de rigores faminta
Fazeis mil estragos crueis
No curral da minha vida,
Sois Urso.....

Espera, Senhora, que náo sei quem entra. Ai de mim! Deixame escondello, náo seja eu irmáo.

Esconde-o perturbada, e sabe Lingoiça.

Ai os esconderellos de papelinhos, que ui váo! Esta he a casta de boa casta!
á parte.

Que vai de novo, Lingoiça?

Ling. Eu , Senhora , não quero eſtorvar eſſa leadura.

Syr. Não importa , dize.

Ling. Pois manda dizer-lhe a Senhora Silvia , que v. m. de cá , e ella de lá quer vir paſſar eſta tarde de parte a parte com v. m.

Syr. Dize-lhe , que tão anciosa eſtou por vella , que fico ſuſpirando pela ſua vinda.

Ling. E como não ſou mais larga , nem mais comprida , fico á ſua ordem.

Gol. Senhora Ligoiça aſſim ſe vai , ſem dizer á gente tirte , nem guarte.

Ling. Ai perdoà-me , que não reparava.

Gol. Pois niſſo he que eu reparo , em v. m. não reparar em mim.

Ling. Logo lhe fallarei , que quero ver ſe acho ao Senhor Silvano , para ter o achado de certas noticias.

Gol. Va-ſe , que já ſei anda nas occupações do ſeu officio.

Ling. Iſto não he por officio , he por curioſidade. *Vai-ſe.*

Gol. Ora , ſenhora , dize-me em que aſſentas ácerca dos acintes que fazes a Pan ; que na verdade ſinto , que conſintas ande o pobre de ſentimento moido como hum centeio.

Syr. Eu te reſpondo.

A R I A.

Não te canceS , Goloſina ,
Com tão louco deſvario ,
Que a Pan tenho tal faſtio ,
Que não o poſſo tragar :

Já mais não me falles nisso
Ha tal teima! ha tal loucura!
Bem nescio he, se procura
Ter em meu peito lugar. *Vai-se.*

Gol. Que me tenha Pan peitado para que seja sua oradora com minha Ama, quando ella não dá ouvidos a meus brados! Mas venhão vindo os cumquibus, que nunca cessaráõ as nossas vozes.

Sahe Coscorão.

Cosc. Minha querida Golosina, como permittes, que sintas o amargo dos teus rigores, quando o melifluo da tua belleza me pōem o mel pelos beiços?

Gol. Não he este mel para a boca desse asno.

Cosc. Já que és mel, mette-te no favo do favor.

Gol. O melhor que vossê me póde fazer, he fallar em outra cousa, ou hir-se embora.

Cosc. Escolho a primeira. Sabes minha Golosina, que Pan quer que hoje em todos os modos o introduzas cá para fallar a nossa Ama.

Gol. Eu bem sei que pelo muito obrigada que lhe estou; assim o devo fazer; mas receio muito a nosso Amo.

Cosc. Pois não haverá hum lugar mais seguro para o intento?

Gol. Sómente se elle quizer metter-se dentro em hum forno.

Cosc. Dentro em hum forno! Que dizes?

Gol. Sim; porque hoje faz minha Ama hum pouco de pão de ló, e como ha de vir ao

for-

forno vello, então lhe póde fallar seguramente, que he parte onde nunca entra Silvano.

Cosc. Dizes bem, vou avizallo, que não deixará de vir, porque sempre está pelos meus conselhos.

Gol. E tu para maior disfarce o pódes trazer n'um taboleiro.

Cosc. E dize-me, terei eu tambem hum lugarsinho de cozer o biscouto do meu amor no forno da tua graça?

Gol. Se tornas com essas asneiras, vou-me embora.

Cosc. Não te vás por amor de quem vem padecer os vaivens da tua tyrannia.

Gol. Continuas? Pois desta sorte te responderei. *Vai-se.*

A R I A.

Cosc. Golosina, espera, espera,
Que sem tal doçura,
Fico sem ventura
Chuchando nos dedos,
Mordendo nos beiços
Sem gosto encontrar:
Oh deixame, deixame ao menos
Golosina minha
Cavaca, casquinha,
Alfinim, perada,
Ou huma talhada
Se quer de cidrão *Vai-se.*

SCE-

SCENA III.

Campo. Sabem Silvano, e Esguicho.

Silv. DIze-me, Esguicho, se tens já descuberto algum caminho por onde possa hir encaminhando este meu desencaminhado amor?

Esg. Ahi! Tu já entras a perguntar como quem vai de caminho.

Silv. Ora acaba já de dizermo, senão queres dar cabo da minhà vida.

Esg. Eu te conto já tudo de cabo a rabo.

Silv. Pois dize-me, poderei hoje fallar com a minha querida Silvia?

Esg. Poderás, se não te der algum estupor na lingua.

Silv. Não zombes de mim, conta-me como a poderei ver.

Esg. Abrindo os olhos.

Silv. Não me dilates tanto esta gloria.

Esg. Ahi to digo já de huma vez.

Silv. Tem mão, não me dês a beber de huma assentada esse delicioso cordeal, que quero hir tomando lhe o gosto pouco a pouco no paladar da minha alegria

Esg. Ao depois pressa, e agora vagar? Ora eu o diga de vagarinho, Senhor, esta tarde vai visitar tua irmã, lá a tens em casa.

Silv. Já dissesle tudo?

Esg. Pois que mais querias? Se queres mais, vai a tua casa.

Sa-

Sahe Lingoiça.

Ling. Ai! Aqui eſtava voſſa mercê! E tenho corrido ſéca, e méca por ver ſe o encontrava.

Silv. Havias encontrar bem, ſe eu nunca andei por ſéca, nem méca.

Ling. Ai! eſtou deitando os bofes pela boca fóra.

Eſg. Ah perra, que devias comer hoje alguma forſura!

Ling. Porque julga iſſo?

Eſg. Porque vens muito esboforida, e muito aforſurada.

Silv. Ora dize-me, trazes-me alguma boa noticia.

Ling. Deixa me primeiro tomar o folgo. Ai! aprelá! manda dizer-lhe a Senhora Silvia, que eſta tarde vai viſitar a Senhora Syringa, e que lá lhe quer fallar.

Silv. E em que parte hei de eſtar?

Ling. Senhor, nós eſta tarde fazemos hum pouco de pão de ló; e como ella ha de hir ver cozer-ſe no forno, lá eſtárás eſcondido para lhe fallares.

Silv. E em que parte me has de lá eſconder.

Ling. Como os fornos são dous, em hum delles te eſconderás.

Silv. Irra! Eu dentro no forno! não coſo tal.

Eſg. Ah Senhor, não percas tão boa fornada.

Silv. Eſtá feito: vaite, que me acharás aſſado, e cozido.

Ling. Pois fique-ſe embora até logo. *Vai-ſe.*

Eſg. E eu tambem me vou, que me póde Pan achar menos. *Vai-ſe.*

Silv. Hide fieis Mercurios do meu amor.

Sa-

Sahe Coscorão com Pan ás costas em hum taboleiro.

Cosc. Ah Senhor, não te mexas muito; e já que vens tanto costa acima, não dês costa abaixo.

Silv. Ditoso me considero. *á parte.*

Cosc. Mas ai encoscorado de mim, que dei com Silvano.

Silv. Que he isso, Coscorão?

Cosc. Vejão agora o que poderá ser!

Silv. Que levas nesse taboleiro?

Cosc. Que hei de levar? levo pão.

Silv. Para onde o levas?

Cosc. Levo-o lá para nossa casa; vai lá para o forno.

Silv. E de casa de quem he?

Cosc. He de casa da Senhora Silvia.

Silv. Não sei se mentes.

Cosc. Cozido seja eu, senão te fallo a verdade Pan por pão.

Silv. Pois Silvia não tem forno em casa?

Cosc. Senhor, de modo que como cá a Senhora Syringa acende hoje o forno para cozer o pão de ló, tambem póde cozer o Pan de lá.

Silv. Dize-me mais.

Cosc. Ah Senhor, compadece-te de mim, que este Pan peza muito; não cuides que he pão de palhinha, he mesmo aqui Pan da terra.

Silv. Não estava lá Esguicho para o trazer?

Cosc. Eu quiz trazello, porque este Pan sempre ha de deixar para Golosina huma poia.

Silv.

Silv. Em minha caſa não ſe preciſa de poias alheias ; ora vai-te já. *Vai-ſe.*

Coſc. Sim hirei , que eſtou já derreado com o pezo ; o tal Panſinho deve de ſer páo de munição , porque peza como chumbo. *Vai-ſe.*

SCENA IV.

Caſa do forno. Sabe Goloſina para o varrer.

Gol. MUito tarda Coſcorão ! Certamente Pan não devia querer vir ; mas pelo ſim pelo não , vamos varrendo o forno , porque quero fazer os meus enredos limpamente , e ſaber ſer alcofinha com aceio.

ARIA.

Alimpando o forno.

Varre-te forno
Mui bem ſacudido
Que hum doudo varrido
Em ti ha de entrar :
De metter-te lenha
Não trato em rigor ,
Que o fogo de amor
Só te ha de aquentar.

Sabe Coſcorão.

Coſc. Ora graças a Vulcano , que já eſtamos no forno : ajuda-me Goloſina que eſte Pan me tem feito n'um bollo.

Gol. Vamos que chegaſte a boa occaſião.

Ti-

Tira-se Pan do taboleiro.

Cosc. Irra com a hiſtoria! Muito cuſta ſer mariolla de Cupido.

Pan. Ahi! tanto te cuſtou?

Cosc. Pergunta-o ás minhas coſtas quanto cuſtas.

Gol. Sejas bem vindo, Senhor Pan.

Pan. Minha Goloſina, deixa eſtar, que eu te agradecerei tanto favor, que por eu agora não trazer couſa nenhuma, por iſſo te não dou alguma couſa.

Gol. Não falles em tal, que eu ſou muito limpa de mãos.

Cosc. Mas muito ſuja de conſciencia.

Gol. Já o forno eſtá muito bem varridinho.

Cosc. Eſtá elle já acezo?

Gol. Porque?

Cosc. Porque elle vem muito frio no caſo; e ſenão tomar algum calor, em vendo a ſua dama, dirá mil frialdades.

Pan. Ainda eſſa tyranna he a mesma que era d'antes.

Gol. Eu bem aperto com ella para que te queira bem.

Pan. Oh Goloſina, quando tiveres occaſião, faze ſempre por mim quanto poderes, que não o deitas em ſaco roto.

Gol. Ora andate eſconder, antes que venha alguem, e Coſcorão, ſe quizer, póde occultar-ſe debaixo daquella lenha.

Cosc. Nada, que eſtou ardendo, e póde pegar fogo nella.

Pan.

Pan. Em fim hei de meter-me no forno? Oh amor a quanto obrigas!

Cosc. Em fim hei de esconder-me na lenha? Oh a quanto constranges alcovitisse!

Pan. Amor, o meu peito interno
Náo entende o teu suborno;
Porque me abrazas n'um forno
Com fogo, que he só de inferno?
Mas na obediencia eterno
Te entrego esta alma abrazada:
Seja de ti bem tratada,
Pois te pede no seu rogo,
Que se entro com tanto fogo
Saia bem desta fornada.

chega-se para o forno.

Cosc. Espera, Senhor, ouveme, que tambem he justo, que ficando da lenha debaixo, diga tambem a minha decima.
Bem medo he justo, que eu tenha
Desta treta e desta traça,
Pois creio que por desgraça
O vento me ajunta a lenha:
Muito receio me venha
Algum foguete no cabo,
Eu a gracinha náo gabo,
E por certo desconfio,
Que entrando na lenha frio,
Saia com o fogo no rabo.

Gol. Anda Senhor, antes que alguem te veja.

Entra Pan no forno.

Cosc. Mette-o com a pá; que náo tens máo *geito* para forneira de Venus.

Gol.

Gol. Entra lá bem para dentro, que eu te tapo.
Cosc. Por mais que o tapes, não ha de deixar de ter destampações.
Gol. E tu, se queres, anda esconderte, que alli tenho aquelle feixe de lenha preparado para ti.
Cosc. Ora seja o primeiro feixe de lenha, que a tua alma ache na outra vida.
Gol. Vamos andando.
Cosc. Pois não me deixas primeiro dizer-te duas palavrinhas?
Gol. Não te quero ouvir nada.
Cosc. Ainda não vi mulher menos conversante.
Gol. Tapar a boca, e metter debaixo da lenha.
Cosc. Ah cachorra! que és amiga de metter os cães na mouta, e deitarte de fóra!
Gol. Ora entendamo-nos; de duas huma; ou ró ró, ou feixe de lenha.....

ARIA A DUO.

Gol.	Escondes-te, ou não!	
Cosc.	Espera meu bem.	
Gol.	E se algum.	
Cosc.	E se alguem.	
Gol.	Dalli sahe.	
Cosc.	Dalli vem	
Gol.	Que será?	
Cosc.	Que dirá?	
Ambos.	Irra! irra!	
Gol.	Ora escondete já.	} ambos.
Cosc.	Ora cobreme já.	}
Cosc.	Mas ai, que receio.....	

Gol.

Gol. Pois eu voume embora.
Cosc. Espera.
Gol. Que agora. . . . .
Cosc. Que susto.
Gol. Que medo.
Cosc. Que mamo
Gol. Que tenho
Ambos. Nos venhão pilhar. *Vai-se Gol.*

Esconde-se Coscorão, e sabe Lingoiça.

Ling. A bom tempo me parece que venho.
Cosc. Destapemos a cara para ver quem entrou. Má estreia! já cá temos Lingoiça, não faltarão logo chicotadas. *á parte.*
Ling. Senhor Silvano, entre, que agora he boa occasião.
Cos. Peior he esta! já o forno me vai cheirando a esturro.
Silv. Que me obrigue amor a esconder-me na minha mesma casa! *sabe.*
Ling. Ora, Senhor, anda-te esconder no forno, antes que alguem venha.
Cosc. Ai que temos outro enfornado!
Silv. Vamos, e amor me tire daqui com bom successo. *entra no forno.*
Ling. Entra neste, que essoutro será o que hei de accender.
Cosc. Ah pobre Pan, que fogaça que hoje levas!
Ling. Entra bem para dentro, e eu te tapo, para ficares mais occulto.

Sabe Esguicho.

Esg. Venho a bom, tempo, minha Lingoiça?
Cosc. Outro demonio tenemos.

Ling. Vem embora, meu rico Esguichinho, que alli tenho aquelle feixe preparado para ti.

Esg. Ora anda depressa, cobreme, que parece que sinto gente. *esconde-se.*

Cosc. Vai, que já que tambem entras no jogo dos escondidos, logo te bateráõ nas costas.

Esg. Destapemos ainda assim a cara e o que he jogo de escondidos, não pareça cabra cega.

Cosc. Ora isto está bonito! logo a todos deo hoje o vinho em quererem cozer aqui a sua fornada!

Esg. Mas ai que lá vem gente.

Entrão Syringa, Silvia, e Golosina.

Gol. Ai cá está v. m. Senhora Lingoiça?

Ling. Sim Senhora.

Cosc. Sim, esteve tambem cá pondo o seu Adonis de ameijoada. *á parte.*

Syr. Affirmo-vos, Silvia, que estimo muito vervos nesta casa.

Silv. E eu com a vossa vista tanto me alegro, que he huma cousa nunca vista.

Syr. A esta Silvia, quero-lhe como a vida, quando a seu irmão aborreço de morte. *á part.*

Silv. A esta Syringa graça lhe não acho, quando seu irmão me tem tanto cahido em graça. *á p.*

Gol. Eu supponho que Silvia, e Lingoiça estão para de vagar. *á part.*

Ling. Eu creio que Syringa, e Golosina estão de pachorra. *á parte.*

Esg. Ora quando acabarão de conversar, que me está esta lenha lascando o corpo? *á parte.*

Cosc.

Cosc. Ora quando me verei livre desta lenha, qu
me está alanhando os ossos? *á parte*

Syr. Golosina, acende o forno para o pão de ló

Cosc. Eu por mim já me contento com duzen
tas arrochadas. *á parte*

Pegão Lingoiça, e Golosina em os forcados.

Ling. Deixe estar menina, que eu farei isso.

Gol. Eu tenho boas mãos, guarde para lá o
arenques.

Esg. Se Lingoiça não acende o forno, estou
perdido. *á parte*

Cosc. Se Golosina não tira a lenha, fico varado
á parte.

Ling. Deixe-me, que sou muito amiga de for
near.

Gol. Ai não, que está muito mirrada, e ha de
lhe fazer mal o lume.

Ling. He boa teima!

Gol. He boa impertinencia!

Ling. Pois eu a ajudarei; tiremos desta lenha
e acendamos aquelle forno.

Cosc. A bom mato vens buscar lenha. *á p*

Gol. Não; tiremos desta, e acendamos aquelle

Esg. Peior he esta. *á parte*

Ling. Esta parece que está mais seca.

Cosc. Não está por certo.

Syr. Ora acabemos: que he isto?

Ambas. Já vamos, Senhora.

Gol. Eu não sei que faça! *á parte*

Ling. Eu estou preplexa! *á parte*

Cosc. Ainda não me vi n'outra desde que exer
cito o officio cupidinario.

Gol.

Gol. Ora ahi vai, daqui tenho dito.
Esg. Lá vai Esguicho desta vez roto. *á parte.*
Ling. Tenha mão, que eu cá tiro desta.
Cosc. Lá vai Coscorão desta vez passado. *á p.*
Esg. Eu supponho que já agora sempre lamberei de Golosina a minha chuçada. *á parte.*
Cosc. Eu creio que desta vez não ficarei sem a minha espetada de Lingoiça. *á parte.*
Gol. Cá tiro.
Ling. Cá metto. *metem os forcados.*
Esg. Irra!
Cosc. Arre! } *saltão fóra da lenha.*
Syr. Que he isto?
Cosc. São dous coelhos que sahírão do mato.
Esg. Ai que tambem cá estava Coscorão! *á parte.*
Gol. Aquella mofina deitou tudo a perder. *á p.*
Ling. Aquella maldita arruinou tudo. *á parte.*
Syr. Que fazieis alli debaixo?
Cosc. Eu cá por mim o que fazia não sou tão descortez que o diga na sua presença.
Syr. Com que necessidade vos mettestes alli?
Cosc. A necessidade, com que eu entrei, eu sei que tal era.
Syr. E vós atrevido que fazieis tambem alli?
Esg. Eu, Senhora, não fazia nada, mais mande v. m. ver.
Syr. Ora deixai vir meu irmão, que vós o vereis.
Silv. Não vos afflijais, Syringa, com esses tollos.
Cosc. Ficámos apanhadinhos em contas. *á p.*
Syr. Ora vamos já accendendo o forno.

Gol. Ahi vou, Senhora.
Ling. Ai não eſtá aqui hum? } *Ambas.*
Gol. Ai não eſtá aqui outro? }

Deſtapão os fornos.

Coſc. O caſo vai de mal para peior. *á parte.*
Eſg. Hoje leva Silvano huma fumaça. *á part.*
Gol. Eſte ſe ha de accender.
Ling. Ha-de-ſe accender eſte.
Syr. Temos outros argumentos? Oh Goloſina accende hum forno.
Ling. Lá vai Silvano.

Chega Goloſina o lume ao forno, e grita dentro Silvano.

Silv. Tenhão mão, que eſtou cá.
Syr. Que he iſto? meu irmão dentro no forno?
Coſc. Porque elle não he tambem da meſma maſſa dos mais? *ſabe Silvano.*
Silv. Ai de mim que certamente ſe tinha eſcondido para me fallar. *á parte.*
Eſg. Iſto parece-me aſſim a modo de entrega.
Silv. Ai amor que ainda tinha iſto para paſſar! *á parte.*
Syr. A que fim vos metteſtes dentro no forno?
Silv. Não ſei (corrido eſtou!) *á parte.*
Ling. Pois tambem agora quero accender eſte.
Gol. Não he preciſo; vá lá governar a ſua caſa.
Coſc. Para que? não eſtá já aquelle deſpejado?
Ling. Tenho dito que tambem tenho a minha birra. *chega lume ao forno.*
Gol. Alguma deſgraça temo. *á parte.*

Esg. Se agora sahia outro, tinha bem que ver.
Dentr.Pan. Tenhão máo que estou cá dentro.
Todas. Ai que he Pan! *sabe Pan.*
Silv. Que he isto que vejo!
Cosc. Hui! nunca se vio? he Pan que sahe do forno.
Silv. He Pan?
Cosc. Mesmo em carne.
Silv. Dentro no meu forno Pan!
Cosc. Pois pedras? he por ventura forno de cal?
Silv. Meu irmão aqui! he boa loucura!
Pan. Tambem Silvano aqui está! eu não sei que foi isto. *á parte.*
Syr. Eu estou com a boca aberta de ver aqui Pan!
Cosc. Eu supponho, que esta gente nunca vio Pan em sua casa.
Gol. Este Pan sahio do forno embuxado.
Esg. O tal Pan depois que se vio com tanta mistura, não ficou muito pão trigo.
Cosc. Pan parece cousa de lô, porque ficou huma estatua de pedra.
Pan. Oh soberano Jupiter, que taes injurias tinha eu de passar! *á parte.*
Silv. Mas como me detenho, que a este atrevido.... porém eu tambem cahi no mesmo engano. *á parte.*
Cosc. Silvano como vê Pan tão mole está capaz de o comer. *á parte.*
Esg. Silvano depois que vio sahir Pan do forno, está capaz de o fazer em fatias. *á parte.*
Syr. Muito temo que meu irmão faça alguma asneira. *á parte.*

Silv. Muito receio que meu irmão faça alguma tolisse. *á parte.*

Pan. Que não ache eu huma desculpa para dar a esta gente! *á parte.*

Silv. Minha irmã aqui, Pan alli, que farei? ai de mim! *á parte.*

Cosc. Este Pan, que ninguem o póde tragar, tem embaçado a todos.

Gol. Tudo isto succede por culpa de Lingoiça. *á parte.*

Ling. Tudo isto por culpa de Golosina succede. *á parte.*

Silv. Mas esperem, que agora me lembra. *á p.*

Cosc. Ai elle olha para mim! estou bem aviado. *á parte.*

Silv. Dize-me, velhaco, que pão era aquelle que trouxeste para o forno?

Cosc. E para isso he neccessario v. m. chamarme velhaco?

Pan. Oh permitta Jupiter, que Coscorão ache alguma boa desculpa! *á parte.*

Cosc. Enganarei a hum, e desculparei a outro. *á parte.*

Silv. Respondes ao que te digo?

Cosc. Pois v. m. não o sabe?

Silv. Quem mo havia dizer?

Cosc. A mim parece-me que lhe disse, que era o Senhor Pan, que alli está.

Pan. Ah traidor, assim me desculpas? *á parte.*

Silv. Pois és tão atrevido, que tal commettes?

Cosc. He porque v. m. não sabe o porque.

Silv. Pois dize-o.

Cosc.

Cosc. Porque elle me disse que o trouxesse.
Pan. Ah desleal criado! *á parte.*
Silv. Ha maior insolencia!
Cosc. Espera não se enfade, que ainda não sabe tudo.
Pan. Ahi me entrega de todo. *á parte.*
Silv. Acaba de o dizer.
Cosc. V. m. não sabe, que o Senhor Pan he muito divertido, e muito descarolado, e assim por fazer huma peça a estas Senhoras, he que se quiz esconder no forno, pois tambem o tempo pede estas galanterias.
Pan. Só o engenho de Coscorão podia achar tão boa desculpa. *á parte.* Não ha duvida que assim he; e se nisso vos offendi, perdoai-me. *para elles.*
Silv. Pois que isto me cheira a engano, he preciso valer-me do mesmo para disfarçar o meu erro. *á parte.* Tambem com o mesmo intento me escondi eu; porém não vos succeda Pan outra onde minha irmã estiver. *para elle.*
Pan. Nem a vós onde estiver minha irmã.
Esg. Receio, que estas peças venhão a dar em estouros. *á parte.*
Cosc. Ora Senhores, se ambos fizerão isto por peça, metta cada hum a sua buxa na boca.
Pan. Assim he.
Silv. Tens razão. (Honra dissimulemos.) *á p.*
Syr. Destas peças só nós nos deviamos aggravar.
Silv. Destas graças só nós deviamos ser as queixosas.

ARIA

ARIA 4.

Pan.	Eu por peça		
Silv.	Eu por graça		
Ambos.	Me escondi, e me occultei		
Syr.	Taes graças nunca gostei		
Silv.	Eu nenhuma graça achei		
Ambas.	Em gracinhas de	assustar	*Tod.*
Ambos.	Que he gracinhas de		
Pan.	Ignorava que offendia		
Silv.	Não sabia que aggravava		
Ambas.	Esta asneira causa dava / Para o meu	desconfiar	*Todos.*
Ambos.	Não vai a		

ACTO II.

SCENA I.

Jardim. Sahem Syringa, e Golosina, e logo depois Pan, e Coscorão.

Pan. DIze-me, Coscorão; Syringa vem esta tarde estar com minha irmã?

Cosc. Se tu a vês já no teu jardim, que me perguntas?

Pan. Vejo, e não o creio: ora deixa-me fallar-lhe.

Cosc. Eu não te pego na lingoa, ainda que bem necessitas, que te puxem pelo beiço.

Pan.

Pan. Sufpendei, bella Syringa, as efguichadélas do voffo defdem: bem bafta eftar táo aguado pelo voffo rigor.

Syr. Senhor Pan, de duas huma; ou vos callai, ou náo digais coufa alguma.

Pan. Pois quereis, que eu morra affim á chucha calada?

Syr. Náo vos quero ouvir, tenho dito.

Pan. Quem for mais ingrata que vós, olhai que ha de dar bem á unha.

Syr. Voltando-vos as coftas, vos taparei a boca.

Pan. Primeiro que vos vades, ouvi-me ao menos quanto tenho que vos dizer.

Syr. Efcuzai de me vires feguindo, que eu efcufo rabos atraz de mim, e muito menos fendo táo pezados. *Vai-fe.*

Cofc. E tu tambem te vás, minha Golofina?

Gol. Ouve, deixe-fe ficar, que eu efcufo pages e muito menos fendo táo patólas. *Vai-fe.*

Pan. Ah ingrata! ah fera!

Cofc. Ah porca! ah cadella!

Pan. Que te parece, Cofcoráo, ifto?

Cofc. Que te parece, Senhor, eftoutro?

Pan. Náo póde haver maior tyranna, que aquella.

Cofc. Náo póde haver maior velhaca, que aquelloutra.

Pan. Ai de mim que efton capaz.....

Cofc. De que, Senhor?

Pan. De me dar na tóla hir-me por effe mundo como huma coufa tola.

Cofc. Ah lacaia de borra, que nefta berra eftou capaz.... *Pan.*

Pan. De que?

Cosc. De me dar na birra hir-me por esse mundo como huma cousa burra.

Pan. Póde haver maior mal, que o que padeço?

Cosc. Ainda que a minha pena tambem me tem cheio as medidas, eu te confesso que tens alqueires de razão.

Pan. O que mais sinto he aquelle ultimo chasco que me deu.

Cosc. Qual? dizer-te que não queria rabos tão pezados?

Pan. Sim; pois que te parece?

Cosc. Quero pregar huma peça a meu Amo, que elle tem sitio para tudo. Parece-me que isso tem bom remedio. *para elle.*

Pan. Qual he!

Cosc. Qual he? isso pergunta-o ninguem? Quem diz que não quer rabo pezado, he que quer rabo leve.

Pan. Pois que vens a dizer nisso?

Cosc. He possivel, que não o sabes? Estas Senhoras querem-se galanteadas, e ella estranha, que sendo tu seu amante, não uses com ella a galantaria de lhe pores hum rabo leva, que he o divertimento do tempo.

Pan. Tens razão, que assim me toa; ora deixa-mo hir buscar. *Vai-se.*

Sabe Golosina.

Gol. Já se foi Pan? Na verdade Coscorão sinto vello tão desprezado.

Cosc.

Cosc. Se elle se foi, aqui fiquei eu, que tambem sou *ejusdem furfuris, & farinæ.*
Gol. Eu vinha dizer-lhe, que se não cançasse já com Syringa.
Cosc. Porque, já lhe não queres dar ajuda?
Gol. Se minha Ama não quer ouvir fallar nelle.
Cosc. Ora pois fallemos em mim; como estou eu comtigo?
Gol. Estás muito mal, pois se cahiste enfermo de amor, não tem remedio o teu achaque.
Cosc. Pois se eu sei que tu me pódes dar cura, para que me queres fazer incuravel?
Gol. Ora ouça que lhe quero responder muito de ré mí fá sol.

ARIA.

Senhor Só, c, e, cos
C, ó, có, ram, me, ram
Não seja asneirão
Marmanjo tolaz.
Porque g, ó gó
L, ó, ló, z, i, zina
Não cuide he tollina,
Que a ha de lograr.

Sahem Syringa, e Silvia.

Silv. Isto, Syringa, he pagares-me a visita que hontem vos fiz?
Syr. Não foi senão mesmo por me dar na cabeça.
Silv. Dizei-me, vosso irmão não vos disse se havia logo vir?

Syr. Eu ſupponho, que ſe elle vier, cá o teremos hoje.

Silv. Alviçaras Coſcorão. *á parte.*

Syr. Mas elle não eſtá muito couſa com voſſo irmão.

Silv. Permitta amor, que Pan não eſteja cá eſta tarde.

Coſc. Não eſtará tarde, porque elle ahi vem já bem cedo.

Sahe Pan eſcondendo atraz das coſtas o rabo leva, e andará por detraz de Syringa para lho pôr no veſtido.

Pan. Coſcorão, aqui trago o rabo atraz.

Coſc. Fazes bem, que obras como gente.

Silv. Oh quanto ſinto ver aqui meu irmão, pois ſe póde encontrar com Silvano! *á p.*

Syr. Quanto me aborrece ver eſte homem! *á parte.*

Gol. Elle que vem tão ſizudo, alguma tolice quer fazer. *á parte.*

Syr. Que anda eſte Senhor aqui fazendo por traz da gente?

Coſc. Quer moſtrar, que já no ſeu amor anda muito atrazado.

Syr. Pois que he iſto, que eſte homem procura?

Coſc. Senhora, elle diz, que tem muito medo dos teus rigores, e aſſim quer namorar-te ás eſcondidas, de ſorte que não o vejas.

Silv. Ora meu irmão cada vez eſtá mais neſcio. *á parte.*

Syr.

Que procurais, Senhor? Dizei.
Quero mostrar, que sei ser amante.
He o que eu digo, quer namorár-te ás
:ondidas de ti.
Nem isso quero.
Olha Senhora, isto tambem he imperti-
ncia.
Ai que já lho puz: rabo leva, rabo leva.
He verdade: rabo leva, rabo leva.
Que he isto Golosina?
Vês, Senhora, he hum rabo leva. *tira-lho.*
Que vos parecem, Silvia, as ignorancias de
sso irmão?
Não sei que vos diga.
Ora merecerei vervos já com menos rigor?

ARIA.

Ha tal tollo! ha tal nescio!
Que importuno me atormenta!
Não adverte, não attenta
Em esquiva o desprezar
Se outra vez, louco atrevido,
Proseguir em tal loucura,
Verá que o rigor procura....
Mas não sei o que verá. *Vai-se.*
Pan, estais ainda pouco enfarinhado em
iante. *Vai-se, e Gol.*
Ella parece que vai mal comigo?
Aquillo, Senhor, he hum desdem.
E que te parece o dito de minha irmã,
ser que ainda não estou enfarinhado?

Cosc.

Cosc. Tem razão, que me esquecia advertir-to. (Ainda a corriola ha de hir adiante.) *á p.*

Pan. Pois dize-me, que vem a dizer nisso?

Cosc. He que agora todos os que andão enfarinhados no amor, apparecem ás suas damas enfarinhados, e tambem as enfarinhão.

Pan. Isso parece asneira.

Cosc. Qual asneira! se ella não se alegrar, põe-me a culpa.

Pan. Não sei se ella levará isso a bem.

Cosc. Senhor, has de enfarinhalla, se quizeres que ella faça comtigo boa farinha.

Pan. Ora eu sigo o teu conselho; anda-me enfarinhar. *Vai-se.*

Cosc. A farinha, que este Pan havia mister, havia ser farinha de páo. *Vai-se*

SCENA II.

Antecamara. Sabe Syringa, Silvia, Golosina, e depois Silvano.

Silv. ADorada Silvia, só a vossa belleza podia ser guindaste do meu amor, senão não vinha cá, ainda que me arrastassem por huma corda.

Silvia. Porque razão?

Silv. Porque depois, que vi Pan no meu forno, fiquei huma braza.

Silvia. Tambem eu sentiria, que elle cá vos visse, pelo muito cioso que he.

Gol. Pois elle anda sempre por aqui a rondar.

Syr.

Syr. Ora mano, ide-vos, não vos venha algum desgosto.

Gol. Ou senão, eu fecho a porta.

Vai para fechar a porta, e entra Coscorão.

Cosc. Que he isto? v. mercês dão com as portas nos narizes da gente?

Silv. Que procuras aqui.

Cosc. Ai! cá está v. m., pois o Senhor Pan ahi vem.

Silvia. Ai de mim infeliz!

Syr. Que ha de ser de nós?

Silv. Zeloso lhe tirarei a vida, se intentar averiguar seus zelos.

Silvia. Ai Senhor Silvano, não lhe tireis a vida, porque fico dezirmanada.

Syr. Ai meu rico mano, não o mateis, porque póde succeder alguma desgraça.

Gol. Não faça tal, que se ficámos sem Pan, morreremos todos á fome.

Cosc. Ah Senhor, não nos tires o pão cá de casa, porque isso he querer pornos a pão de padeira.

Gol. Coscorão, não dás remedio a isto?

Silv. O remedio he matar, ou morrer.

Cosc. Ora espere, não se mate, que eu remedeio isso: pergunto, que porta he aquella?

Silvia. He a porta da minha camara.

Cosc. E aquelloutra?

Gol. He a que vai para a despensa.

Cosc. Essa he a melhor; pois querem que o Senhor Pan não veja aqui ao Senhor Silvano?

Silv.

Silv. e Syr. Esse he o nosso cuidado.

Cosc. Pois para que não seja visto aqui, esconda-se alli dentro.

Silv. Só tu podias dar em tão bom caminho.

Cosc. Parece-me a historia dos que quizerão meter com cestos ao Sol dentro em huma casa escura.

Gol. E então que succedeo?

Cosc. Que hum sujeito lhe evitou este trabalho, mandando abrir na casa huma janella.

Silv. Mas eu esconder-me? Isso não está bem ao meu valor.

Cosc. Qual valor! Não faças caso disso, que ninguem o sabe senão nós todos.

Silv. Attendei, Silvano, ao perigo em que estou.

Cosc. Ah Senhor, vê o que fazes, que está a Senhora de perigo, e póde mover-se aqui alguma ruina.

Silv. Só por essa causa o farei.... *esconde-se.*

Cosc. Anda, Senhor, deixa-te de escrupulos, que todos somos de casa.

Sahe Pan com a cara enfarinhada, e com huma mão cheia de farinha.

Silv. Ai que he isto! Este he o meu irmão?

Gol. Que celebre traste que vem! *á parte.*

Syr. Que tollo he este? *á parte.*

Cosc. Senhor, tu vens muito gentilhomem, e muito apolvilhado.

Pan. Coscorão, ellas parece, que folgão de me ver.

Cofc. Ah Senhor, de gofto eftáõ eftourando com rizo.

Pan. Ora venho já capaz de apparecer?

Silv. Muito havia rir fe não eftivera com tanto medo. *á parte.*

Syr. Se não eftivera com tanto fufto, muito havia de rir. *á parte.*

Pan. Acabareis de conhecer, bella Syringa, quanto dezejo agradar-vos. Alviçaras, Cofcoráo, que já me deu hum ar de rizo. *Para Cofc.*

Cofc. Ora anda para diante, e com effe ar não fiques tolhido.

Pan. Já fei, Syringa adorada, que os amantes são como os bacalhãos.

Syr. Porque?

Pan. Porque os mais enfarinhados são os melhores.

Syr. E eu cuidava, que erão como os figos paffados.

Pan. Porque?

Syr. Porque quanto mais enfarinhados por fóra, mais ocos por dentro.

Cofc. Eu tambem quero dizer o meu conceito; e he que os amantes os comparo ao pão dos efcouçados.

Gol. Porque?

Cofc. Porque quanto mais farinha por fóra, mais farello por dentro.

Gol. Dizes bem, que neftes cafquilhos apolvilhados tudo he farelorio.

Syr. Tomára, que efte homem fe fora já daqui. *á parte.*

Pan.

Pan. Cofcoráo ; parece que he tempo de lhe hir com as máos á cara.

Cofc. Vai, que ainda fóra do entrudo o pôr-lhe na cara tanta farinha he que faz a farinha cara.

Pan. Concedei-me, Senhora, lincença para requintar de todo a minha fineza.

Syr. Que me quererá efte nefcio? *á parte.*

Chega-fe Pan a Syringa, e enfarinha-a.

Pan. Ora eis ahi, eis-ahi vereis fe fei fer amante.

Syr. Que he ifto, que me fuccede! Ha maior atrevimento!

Silv. Syringa, por vida voffa disfarçai, por náo fucceder alguma.

Pan. Oh Cofcoráo, eftáo-me as máos folgando.

Syr. Que foffra eu ifto pelo rifco, em que eftá meu irmáo. *á parte.*

Pan. Pois que dizeis? ando já enfarinhado em àmante, ou náo?

Syr. Sim, eftou-vos muito agradecida.

Pan. Mas entendei, que efta he a primeira vez, que deito as minhas finezas em rofto.

Syr. Eftá feito; ora hide-vos embora, para vos ficar mais obrigada.

Pan. Qual hir? porque eu fou afno? Oh lá haja merenda, e mais merenda.

Syr. peior he efta. *á parte.*

Silv. Ha maior infortunio! *á parte*

Pan. E eu mefmo hei de hir dentro bufcalla, e fervir á meza.

Cofc. Agora eftá o cafo mal parado. *á parte.*

Gol. Que ha de fer de nós? *á parte.*

Pan.

Pan. Perguntο, Silvia, estão lá dentro aquelles queijos, que hontem mandei fazer?

Silv. Não, já os comi. (Digo isto, porque não os vá buscar.) *á parte.*

Pan. Ahi! Comestes mais de vinte queijos? Ja sei que comvosco não posso coalhar cous. alguma.

Silv. Tambem mandei alguns de presente.

Pan. E as castanhas que mandei para casa?

Silv. Não me lembra aonde as puz.

Pan. Supponho, que tambem com ellas vos enchestes como hum ouriço?

Cosc. Não, as castanhas, de burro que tal comesse.

Pan. Sempre vou á despensa buscar o que houver.

Cosc. E eu vou-me daqui, para ver se atalho alguma desgraça. *Vai-se.*

Gol. Senhor Pan, a Senhora Syringa só com a sua vista se sustenta.

Pan. Callai-vos ahi buginica, que vós sois a primeira que estais já desejando que dar á dentuça.

Silv. Mano, deixai-vos estar, que eu vou.

Pan. Qual! eu mesmo hei de hir em pessoa. *pegão nelle.*

Syr. Senhor, affirmo-vos, que não quero comer cousa alguma.

Pan. Pois quero eu; que depois que me vejo correspondido, tenho huma fome, que não posso parar.

Vai para entrar, e sabe Coscorão chorando.

Cosc. Ah Senhor Pan, acuda-me depressa.

Pan. Que he isto ? que tens ?
Cosc. Acuda-me, antes que o magano se vá.
Pan. Pois que te fizerão ?
Cosc. Derão-me muitos nomes meus no cachaço. Ai, ai, ai.
Pan. Cala-te, não tens vergonha de chorar ?
Cosc. Quando ha de hum pobre Coscorão ter vergonha, se levou tão desavergonhados Coscorões ?
Pan. Ora és hum choramingas.
Cosc. Hum cho .... que ?
Pan. Hum choramingas.
Cosc. Pois não hei de ser choramingas, se me fizerão n'uma afforda.
Pan. Conta-me, como foi isso ?
Cosc. Anda tu comigo.
Pan. Dize-mo primeiro.
Cosc. Ora ouve.

RECITADO

Chorando.

Hum magano, hum maroto, hum mariolla
Me pregou mil carollos na carolla
Com tal manha, tal força, e por tal arte,
Com tal modo, tal geito, e por tal parte,
Que na terra moido
Como hum cassão fiquei molle, e estendido
E vendo-me cassão em tal trabalho,
Me quiz alli deixar de molho d'alho;
E eu que livre me colho,
Os teus pés busco agora de remolho.

ARIA

ARIA.

Senhor Pan, se és branco, e alvo,
Vale a hum pobre escouçado,
Desancado, e derreado,
Que chorando aqui te está.
Vem comigo, antes que fuja,
Anda Senhor, anda já;
Vamos, antes que se vá.
Vaõ se Cosc. e Pan.

Silv. Isto deve ser traça de Coscorão.
Syr. Pois vamos deitar fóra a Silvano, já que temos occasião disso. *Vaõ-se.*

SCENA III.

Jardim. Sahem Esguicho, e Lingoiça.

Esg. QUe queira esta maldita velha, que á força eu lhe queira bem, quando só morro pela minha bella Golosina!
Ling. V. m. Senhor Esguicho vejo o já muito descuidado.
Esg. Ora não me venha já com essas asneiras.
Ling. Isso me diz, ingrato, depois de eu ter gasto com vossè tanto cabedal?
Esg. Eu digo, que he asneira desconfiares do meu amor.
Ling. Não sei se o creia, porque o vejo muito mudavel, e muito valdevelorios.
Esg. Em final de que he verdade, toma este abraço.

Ao tempo em que se abração sabe Coscorão, e Pan.

Cosc. Para deter a meu Amo, e vingar-me de Esguicho, boa occasião he esta *á parte.* Anda, Senhor Pan, que aqui estão os velhacos, que me derão. *para Pan.*
Pan. Foi Esguicho?
Cosc. Foi elle, e mais essa caveira desdentada.
Esg. e Ling. Há maior testemunho!
Cosc. Callem-se ahi marmanjos.
Pan. E porque te deu!
Cosc. Ha dizer te derão, porque ambos me forão ao couro.
Ling. Pois eu deite?
Cosc. Sim Senhora, tambem cá pélas costas senti meu pedaço de Lingoiça.
Pan. E porque te derão?
Cosc. Porque reprehendi seus bestiaes namoratorios.
Esg. Como lhe dei eu, se ainda hoje não o vi?
Cosc. Eu não sei se me via, porque dava pancadas de cego.
Ling. O que mais sinto, he ficar a minha honestidade em bocas do mundo. *á parte.*
Pan. Coscorão, ahi vem já Syringa; supponho, que vai para casa, peço-te a leves pelo bosque para gozar algum favor seu, pois vejo que já não lhe desagrado.
Cosc. Vai-te esperar descançado, que eu as levarei por lá.
Pan. E tu Esguicho adverte, que não offendas am-

mais efte moço, porque tu és tu, e elle he elle. *Vai-fe.*

Efg. Ora cale fe, que eu me vingarei. *á part.*

Sabem Syringa, Silvia, e Golofina.

Ling. Olhem para que eftava eu guardada no cabo dos meus feffenta?

Silv. Como já Silvano fe foi, feguras eftamos.

Syr. Pois mana, ficai-vos embora, que são horas de me hir. Vamos, Cofcorão.

Silv. Hide com os deofes.

Cofc. Vamos que mal fabes o que te efpera. *á parte.*

Vaõ-fe Syringa, Golofina, e Cofcorão.

Silv. Quanto eftimo ver-me livre de tão grande fufto. *á parte.*

Efg. Defta forte me vingarei de Pan, e fervirei bem a meu Amo. *á parte.*

Ling. Se Efguicho não cafa comigo, não me lavo com quanta agoa tem o mar. *á parte.*

Efg. Eftou, Senhora, admirado de ver o teu defcanço.

Silv. Em que?

Efg. O Senhor Pan, vai daqui ameaçando-te que te ha de matar.

Silv. Que dizes? Ai de mim!

Efg. Não fei que enredos lhe meteo Cofcorão, que vai daqui defefperado, dizendo, que és a fua deshonra.

Silv. Ai, que fem duvida lhe diffe o traidor Cofcorão, que eftava comigo Silvano. *á p.*

Efg.

Esg. Digo-te isto, por cumprir com as obriga çóes de bom criado.

Silv. Perdida estou! Náo ha mais remedio que ausentar-me para casa de Syringa. *á p*

Ling. Para que dirá Esguicho esta mentira? *á parte*

Silv. Sem lhes dizer para onde, me ausentarei *á parte*

A R I A.

Onde hei de hir triste de mim
A buscar amparo, e norte,
Já que meu irmáo a morte
Me fulmina com rigor?
Por fugir ao triste damno,
Que fulmina o seu foror,
Azas dá o mesmo amor. *Váo-s*

SCENA IV.

Bosque. Sabe Pan.

Pan. AQui estou esperando para gozar os favores da bella Syringa, e pela esperança em que estou, me parece cada hora sessenta minutos. Mas eu que náo a vejo, final he que ainda náo vem. Mas ai que se náo me engano, ahi sinto vir gente, e certamente, ou he ella, ou outrem: quero-me retirar, para ver quem he. *occulta-se.* *Sabem Syringa, Golosina, e Coscoráo.*

Cosc. Oh Senhoras, vossas merces háo de seguiar por mim, ou náo? *Syr.*

Syr. Por onde nos levas tu ?
Cosc. Deixem-se hir comigo, que eu darei conta de vossas merces.
Syr. Por este caminho não se vai para nossa casa.
Cose. Onde estará este homem, que ainda não apparece ? *á parte.*
Gol. Este caminho he muito solitario.
Syr. Estou capaz de voltar para traz.
Cosc. Não Senhoras, hão de vir comigo, que eu hei de entregallas ao Senhor meu Amo.
Syr. Golosina, vamo-nos para traz.
Cosc. Tenhão mão em cortezia, mas quem vem lá ?

Sahe Pan.

Syr. Ai de mim, que vejo !
Gol. Peior he esta. *á parte.*
Cosc. V. m. por aqui, Senhor Pan ?
Pan. Minha bella Syringa, a vossa presença festejão estes bosques, que embrulhados nos capuzes das suas sombras estão dançando à contradança da capuchinha.
Gol. Me melem, se isto não he entrega de Coscorão. *á parte.*
Pan. Não me respondeis, Senhora ? já mudastes de parecer ?
Syr. Muito receio o atrevimento deste homem. *á parte.*
Pan. Pouco tempo ha, que vi o vosso semblante mais alegre ; porque estais agora tão embezerrada ?
Syr. Coscorão, para isto nos trouxeste por aqui ?

Cosc.

Cosc. Eu adivinhava, que haviamos ter tão bom encontro?

Pan. Senhora, por mercê não me fareis hum favor?

Syr. Que favor?

Pan. Hum abraço, ou cousa que o valha.

Syr. Ai triste de mim! Há quem tal diga!

Pan. Deixai-me, Senhora, chegar a boca á nevada catimplora das vossas mãos.

Syr. Ainda os fados me tinhão guardada para ouvir isto!

Cosc. Ha quem tal faça! Queres tomar neve em tempo tão frio?

Pan. Toda esta neve para mim he hum trago, ou hum sorvete.

Gol. Está isto bom, Senhor Coscorão?

Cosc. Eu tenho culpa de Pan estar tão lèvado de amor? Mas espera, que eu meto as mãos na massa. Ah Senhor v. m. que quer a minha Ama?

Pan. Coscorão, deixemos disfarces, que estou desesperado.

Cosc. Pois que esperas? Faze o que te parecer.

Syr. Ah criado falso traidor!

Gol. Ah desleal! ah fementido!

Cosc. Tudo isto são questões de nome: vamos *ad rem*; venha tambem minha Golosina hum abraço cá para o pobre.

Gol. Hum dardo que o atravesse.

Cosc. Bem me atravessa quem he tão travessa.

Pan. Senhora, concedei-me o que peço, senão farei o que posso.

Syr.

Syr. Oh piedoso Jupiter, vale-me em tanta afflição.

Cosc. Não te cances, Senhora, em chamar por Jupiter, que he tão bom tonante como qualquer de nós.

Pan. Pois valerme-hei da força, ainda que quebre comvosco.

A R I A A D U O.

Syr. Vós, oh Deoses soberanos.
Pan. Oh ingrata espera, espera.
Syr. Valei-me.
Pan. Tyranna fera.
Syr. Ai de mim! valei-me já } *Ambos.*
Pan. Aos meus braços chega já }
Syr. Piedosos me attendei.
Pan. Não resistas bella, ingrata.
Syr. { Se vossa clemencia grata
{ A todos auxilio dá } *Ambos.*
Pan. De mim não te livras já }

Vai Pan a abraçar-se com Syringa, e se converte em hum canaveal.

Cosc. Que he isso? Ah Senhor, tem mão que te abraças com humas canas.

Gol. Que vejo! oh desgraçada de mim!

Pan. Ha maior desdita!

Cosc. Pois que te parece, o que foste fazer, e desfazer.

Pan. Deixa-me Coscorão, que perco o juizo.

Gol. Ai minha rica Ama do meu coração, que te tragou a terra.

Cosc.

Cosc. Tens razão de chorar, minha Gol[illegible] que o tragalla a terra foi para todos hum [illegible] goso trago.

Pan. Oh piedosos Deoses, se a reduzis [illegible] propria fórma, eu vos prometto.. ..

Cosc. Promete-lhe huma Syringa de prata ajuda do custo.

Gol. Vou-me por esse mundo acabar a vid[illegible]

Cosc. Espera, dame ahi primeiro dez mil [illegible] ços, para não te hires rindo de tua An[illegible]

Gol. Ha maior loucura! vossê não vê o e[illegible] plo diante dos olhos?

Cosc. Não tenhas medo, que tu estás seg[illegible] pois nem a terra te ha de poder tragar.

Gol. Pois valhão-me os pés: *vai para fu[illegible]*

Cosc. Tenha mão. *segura [illegible]*

Gol. Valei-me, Deoses piedosos.

Vai para a abraçar, e converte-se em huma [illegible] gadeira.

Cosc. Mas ai, dei com os narizes n'um sed[illegible]

Pan. Que he isso Coscorão?

Cosc. He hum methamorphorseos lacaial.

Pan. Irados estão os Deoses contra nós.

Cosc. Estão hoje apostados a pregarnos a [illegible]

Pan. Em huma salgadeira se tranformou?

Cosc. Isso tenho eu contra huma, e outra, se não converterão ao menos em arvores [illegible]ctiferas, pois não era má para o tempo [illegible] ra de Syringa.

Pan. Vem cá Coscorão, dáme algum alivio tanto mal.

C[illegible]

c. Oh Senhor, adverte que eu não sou fo-
e do Maranhão para supprir nas faltas de
Syringa.

n. Não zombes de mim, quando me vês es-
ar penando.

c. Deixe-me, que tambem estou enfadado,
senão gritarei pelos Deoses, ainda que me
onvertão em alfavaca de cobra, ou em ce-
bolla albarrã.

n. Deixa loucuras, e aconselha-me, o que
evo fazer neste caso.

c. Isso agora sim, que eu entendia cá outra
sneira. Senhor, o remedio que ha he re-
armos com lagrimas esta seara que temos feito.

n. Que importa, que eu chore tanto
Com excessivas ternuras,
Se a estas canas tão duras
Não abranda hum mar de pranto.

c. Pois eu cá por minha mossa
Em chorar tenho assentado;
Porque tudo o que he salgado
Só com muita agoa se adóça.

n. Pare o pranto, pois se perde,
E quer o peito rasgar
Para com sangue regar
Huma esperança tão verde.

c. Neste salgado em que apanho
Hum defluxo tão sem par,
Sómente quero chorar
Ainda que o chorar faz ranho.

n. Feliz tu, que a lisongeira
Sorte, com gloria reserva;

Po-

Pois para a tua conserva
Te deu huma salgadeira.
Cosc. Feliz tu, que a sorte usana
Te dá curas tão subidas;
Pois para as tuas feridas
Tens agoardente de cana.

Fallão ambos em segredo, e sahe Silvia junto ao canavial.

Silv. Pelo que me disse Esguicho, venho buscando a casa de Syringa; mas já vejo que perdi o caminho. Porém ai de mim infeliz, que alli está meu irmão fallando com aquelle traidor! Sem duvida que me anda procurando: occultarme-hei entre estas canas; os Deoses me defendão.

Esconde-se entre as canas.

Pan. Coscorão, não sei que ha de ser de mim.
Cosc. O que? hirmos para casa, que são horas de cuidar na cea.
Pan. Isso he seres bruto; ha quem queira comer á vista destes espectaculos?
Cosc. Eu não digo, que comamos á sua vista, vamos comer para casa.
Pan. Já não espero ter consolação na minha vida.
Cosc. Mas ai que estamos perdidos, que ahi vem Silvano direito a nós!
Pan. Ainda mais essa?
Cosc. Has de dizer ainda mais esse.

Sahe Silvano.

Silv. Esperai Pan, que vós, e este aleivoso criado

do me háo de dizer onde me fumirão minha irmã, pois a virão entrar com elle para aqui

Cosc. Pois vê-a v. m. aqui comigo?

Silv. Não.

Cosc. Logo he final certo, que não está cá.

Silv. E vós, Senhor Pan, dai-me tambem conta della; pois já estou informado, de que atrevido a solicitaveis.

Pan. O certo he que o caso está bem mal parado. *á parte.*

Cosc. Todavia v. m. não sabe onde está?

Silv. Não, e mais tenho corrido tudo.

Cosc. Então como havemos sabello nós, que não temos passado daqui.

Silv. Logo devia tragalla a terra.

Cosc. Talvez, que assim succedesse.

Silv. Oh atrevido, zombas de mim? morrerás:

Pan. Tende mão, Senhor Silvano.

Silv. Vós, e elle morrerão, se me não derem conta della.

Pan. Na verdade quereis saber della?

Silv. Pois não?

Pan. Obrais como irmão amante.

Silv. Pois aonde está? aviemos.

Pan. Boa conta lhe darei eu della. *á parte.*

Silv. Não respondeis? pois briguemos.

Pan. Esperai, Silvano.

Cosc. Espere, Senhor: assim se achão as cousas tão depressa!

Silv. Que hei de esperar?

Cosc. Deixe-nos considerar primeiro, para ver se damos nella.

Pan.

Pan. Eu não tenho mais remedio, que refponder-lhe a verdade. *á parte.*

Silv. Pois que dizem?

Cofc. Outra vez. Se nos eftiver atarantando, não nos lembrará nada que lhe dizer.

Silv. Grande he a minha paciencia!

Pan. Senhor Silvano, a quem procurais, bufcai entre as canas, que vedes, e fe não vos deres por fatisfeito, por aqui vou. *Vai-fe.*

Cofc. E eu tambem. *Vai fe*

Silv. Vejamos fe he affim.

Chega Silvano ao canavial, e fabe Silvia.

Silv. Mas que vejo! vós S nhora aqui... quando...

Silv. Eu fou, Silvano.

Silv. Que he ifto! Pan entregar-me fua irmã, para que eu lhe não procure a minha! porém hei de matallo, porque mais eftimo a honra, que o amor. *á parte.*

Silv. Muito penfativo eftais! peza-vos de me veres aqui?

Silv. Senhora, efperai, que já venho.

Silv. Detende-vos, e valei a huma mulher infeliz, fe fois amante, e nobre.

Silv. De tudo me prezo; porém dai-me licença.

Silv. Amparai-me, porque meu irmão me pertende tirar a vida, por faber, que vos amo.

Silv. Ella cuida, que não entendo os feus disfarces. *á parte.*

Silv. Ponde-me em feguro, e depois averiguai o que quizeres.

Silv. Diz bem, levala-hei comigo, e depois o buf-

buscarei para lhe dar a morte. *á parte.* Muito deveis ao meu amor, que tanto refreia aos meus zelos. *Vamos.*

A R I A A D U O.

Silvia.	Já seguirte intenta Quem firme te adora.	
Silv.	Seguime, Senhora.	
Ambos.	Que o tempo me falta.	
Silv.	Para me vingar.	} *Ambos.*
Silvia.	Para te lograr.	
Silv.	Sem ti não me alento.	
Silvia.	Sem honra náo vivo.	
Ambos.	E he tormento esquivo.	
Silvia.	O não te avistar.	} *Ambos.*
Silv.	O sem honra estar.	

A C T O III.

S C E N A I.

Bosque com o canavial. Sabe Coscorão.

Cosc. ASsim como qualquer porco tem por centro a sua salgadeira, assim eu tambem, ainda que me façáo em postas, hei de buscar esta salgadeira por meu centro. Mas he possivel que se transformasse em cousa táo salgada huma Golosina táo doce, para cuja assu-

assucarada belleza concorrião os amantes como moscas? Mas ai, que ahi vem o salvagem de Esguicho, e supponho que tambem vem com a mosca, pela pressa com que caminha, e eu vou-me moscando, porque não haja alguma mosquetaria de socos.

Vai para se hir, e sahe Esguicho.

Esg. Ah sou camarada?
Cosc. Camarada he marujo.
Esg. Ah sou amigo?
Cosc. Amigo he bebado.
Esg. Ah sou praceiro?
Cosc. Praceiro he preto.
Esg. Ah sou homem?
Cosc. Homem he mariola.
Esg. Ah sou asno?
Cosc. Agora sim, que disse vossê o que he.
Esg. Vossê empulha-me?
Cosc. Vossê he que se empulhou, dizendo ah sou asno, sou asno.
Esg. Seja o que for, não gastemos tempo em cousas de pouco fundamento.
Cosc. Assim he; vamos ao mais que tenho pressa.
Esg. O que eu quero he, que vossê me dê conta de Golosina, porque sei, que a sumio onde quer que he.
Cosc. He o que eu digo, ahi temos entalação. *á parte.*
Esg. Vamos dando conta della.
Cosc. V. m. não sabe onde ella está?
Esg. Não.

Cosc.

Cosc. Pois busque-a ; que talvez que não appareça.

Esg. Vossê zomba ? olhe que lhe hei de romper as tripas.

Cosc. Se vossê me rompe as tripas , então tem Golosina certa.

Esg. Pois preparar , ou para nos matarmos , ou para ella apparecer.

Cosc. Està boa impertinencia ! Eu não sei como escape deste salvagem. *á parte.*

Esg. Aviemos , senão olhe que lhe dou.

Cosc. Mas imitando a meu Amo com a mesma verdade lhe responderei. *á parte.*

Esg. Não ouve ? pois levará.

Cosc. Espere , diga o que quer , não he saber onde ella está ?

Esg. Sim não me ouve ?

Cosc. Ora acabe com isso ; pois meu amigo procure-a naquella salgadeira , que alli se escondeo , ainda que vossê não a ha de conhecer.

Esg. Ora eu vejo. Mas ai de mim ! que he isto ! espera , Coscorão , espera.

Vai ver , e sabe huma burra de entre a salgadeira.

Cosc. Que quer ? (Mas ai que por acaso alli estava huma burra , proseguirei no engano.) *á p.*

Esg. Esta he Golosina ?

Cosc. Pois porque te disse eu , que não a havias conhecer !

Esg. He possivel , que isso seja assim.

Cosc. He fadario , que tem de dias em dias. Meu *amigo , somos miseraveis.*

Esg. Eu em todo o tempo, que eſtive em caſa, nunca vi que tal fadario tiveſſe.

Coſc. Porque? logo ſe havia transformar á ſua viſta? quantas vezes a veria feita burra, ſem que a conheceſſe?

Esg. Pois pergunto: as mulheres tambem tem eſte fadario?

Coſc. Quantas, meu amigo por fadario ſáó burras toda a ſua vida.

Esg. Oh meu Coſcotáo, quando ha de ella tornar a ſi?

Coſc. Eſtas duas horas ainda ſe náo ha de deſemburrar.

Esg. Sempre he para ter pena; olhe o que ſomos, e em que nos tornamos!

Coſc. Ah ſou Eſguicho, eſte fadario haviáo ter todas as mulheres dos homens pobres, porque ſerviáo de grande deſcanço aos maridos.

Esg. E a mim me ſerve de afflicçáo.

Coſc. Sabe voſſê para que era boa huma deſtas?

Esg. Para que?

Coſc. Para mulher de hum agoadeiro.

Esg. Forte magoa! ver eu mudada em huma ridicula burrinha huma moça como huma urca!

Coſc. Tenha a conſolaçáo, que logo a verá gente em ſe deſaſnando.

Esg. Náo tenho mais remedio, que levalla para caſa.

Coſc. Faz bem; e eu tambem me vou, e tenha a conſolaçáo, que logo lhe paſſa eſſa transformaçáo burrical. *Vai-ſe.*

Esg. Quem me havia dizer, minha doce prenda,

da, que te havia eu ver mança como huma burrega, quando eras arisca como huma gata! e já que te vejo tão quieta, hei de me fartar de te abraçar. *abraça-a*

Sahe hum rustico.

Rust. Que vejo! Aquelle asno está abraçado com hum burro? Já eu ouvi dizer, que se abraçavão asnos com ameixieiras; porém asnos abraçados com outros, ainda agora o vejo.

Esg. Ora anda para casa, meu amor.

Rust. Mas ai, que he a minha burra! Ha maior insolencia! que não possa hum homem ter a sua jumenta segura destes maganos ladrões!

Esg. Mas quem he o que lá vem?

Rust. Ah sou amigo, aonde leva essa burra?

Esg. Senhor, isto cá he huma cousa, que lhe não importa.

Rust. Não me ha de importar a minha jumenta, que comprei?

Esg. Olhe v. m. que se engana, que esta burra he como qualquer de nós.

Rust. Será como elle, atrevido; ora tome. *Dalhe.*

Esg. Ai, ai, ai! basta Senhor; ahi está a burra, quer seja gente quer não.

Rust. Já se crê do que lhe digo?

Esg. Sim Senhor, que v. m. prova, o que diz com silogismos em *Dari.*

ARIA.

Rust. Larga a burra, magano, atrevido,
Não ma queiras tomar, ladronaço;
Se não vê que o teu triste cachaço
Ha de ser derreado, moido;
Irra vasco com tal desaforo!
He por certo valente furtar.
Vaite, antes que me atente,
Pois te vejo sem modo de gente,
Mais que a burra, valente animal.

Vai-se.

Esg. Está isto lindo! Darse-há caso que o tal Coscorão me albardaria com a burra! Mas calte que se me emburricaste, eu te tangerei.

Vai-se.

Sahe Pan.

Pan. Assim como o navegante, que navega em estreito canal, tendo contrario o vento, tudo he dar voltas; assim neste canal, em que o meu amor naufraga, tudo he dar gyros como a cobra; e se a huma cobra facilmente mata huma cana, que farei eu vendo tantas contra mim! Ai triste, aonde acharei consolação! Mas já que vós sois o motivo do meu penar, quero cortando-vos, que decanteis comigo a minha infausta sorte, e já que sois a causa do meu mal, haveis de ser o clarim do meu tormento. (*Corta nas canas.*) Supponho, que não vos offende o cortar-vos, pois tambem Dafne se não queixou de Apollo lhe

lhe cortar para a coroa sua verde rama ; e assim já que fostes quem me fugio , he razão seja eu quem vos assobie ás botas.

Chega as canas que cortou á boca, e canta o seguinte:

RECITADO FLAUTADO.

Vtrei se assim soprando com a boca.....
Ai, que harmonia faz ! ai como toca !
Oh que tão bella industria amor me ensina
O instrumento he hum thesouro , he huma mina.
Como he sonoro, docè, e tão suave !
Que consonancia faz , tão bella, e grave
Que a meus tristes ouvidos
Eleva com tão doces sustinidos.

ARIA.

Doce calamo decanta
Já comigo a minha magoa,
Pois que nesta triste fragoa
Sinto a ausencia de hum amor:
E se a sorte me condemna
A chorar na minha pena,
Dame alivio em tal rigor.

Sabe Cosçorão por detraz do canavial.

Cosc. Vejamos se se ausentou já daqui aquelle salvagem. Mas ai , que alli está meu Amo ! he sorte desgraça ! Que não possa ter lugar hum pobre Coscorão de se frigir no azeite das

das finezas! Ora escondimo-nos aqui, até ver se se vai. *esconde-se no canavial.*

Pan. Quando vejo este verde canavial, se me entristece a minha esperança.

Cosc. Pois razão tinha para se alegrar com o verde. *á parte.*

Pan. Oh como te custou salgada huma graça de amor!

Cosc. Mais salgada custou a Golosina, que está feita salgadeira. *á parte.*

Pan. Talvez não chegasses a tanto, se não fora o teu amor com Pan tão duro.

Cosc. Ao mesmo chegou Golosina, e mais não arreava a pão mole. *á parte.*

Pan. Que farei infeliz de mim?

Cosc. Ora quero fazer huma peça a meu Amo. *á parte.*

Pan. Que hei de fazer, quando louco o teu amor me traz?

Cosc. Traz. *por falsete.*

Pan. Ai que se não me engano, hum éco ouvi! Por ventura, adorado bem, serás tu essa voz, que soou?

Cosc. Sou.

Pan. Ditoso me considero! Perdoa-me, meu bem, ser eu causa de tu estares assim.

Cosc. Sim.

Pan. Torna outra vez á tua fórma, que eu prometto, de que outra vez te não agarre.

Cosc. Arre.

Pan. Ainda és ingrata contra mim?

Cosc. Im.

Pan.

Pan. Pois que intentas, ou queres em tanta magoa?

Cosc. Agoa.

Pan. Agoa? Eu vou, Senhora, buscalla, pois tão perto está a fonte. *Vai-se.*

Cosc. Elle se foi, e eu me estou tambem hindo com sono; porém tomo acordo de não dormir, sem primeiro cantar hum bocadinho.

A R I A.

Ai, que estou pingando!
Não posso já bulirme,
E o sono a perseguirme,
Aqui me hei de deitar:
E que lhe hei de fazer
Se o cão aperta tanto?
Tenha lá mão desse canto
Que não me hei de entregar.

Cahe dormindo entre as canas, e sahe Pan com huma quartinha de agoa.

Pan. Aqui venho já obediente aos vossos preceitos. *Deita a agoa sobre Coscorão.*

Cosc. Ai, que me matão! *levanta-se.*

Pan. Que he isto?

Cosc. Ai que estou cego!.... *chora.*

Pan. Tu choras?

Cosc. Ainda mo perguntas, quando me vês os olhos arrazados de agoa?

Pan. Não sabia, que aqui estavas.

Cosc. He possivel, que sendo tu Pan, me fizesses a mim n'uma sopa?

Pan.

Pan. Dize, que fazias aqui dormindo?

Cosc. Dize-me tu, porque carga de agoa me fizeste bacalháo de molho?

Pan. Eu cá sei o meu intento.

Cosc. Tu sabes o teu intento, e eu no entanto vou soffrendo as tuas aguadas. (Mas eu tive a culpa, pois cuidando que te lograva, vim a cahir na corriola.) *á parte.*

Pan. Ai, Ai, Coscoráo! náo sei como ando! eu morro.

Cosc. Pois se estás mal, eu sou cá orinol para te tomar as agoas?

Pan. Estou ardendo n'um inferno de penas.

Cosc. Pois se estás ardendo, toma hum banho como eu.

Pan. Hoje nesta amante fragoa
Vejo contrarios primores;
Pois eu padeço os aores,
Tu és quem recebe a agoa:
Meu coraçáo sente a magoa,
E tu te ficas queixando,
E nisto se está mostrando
O intento todo frustrado;
Porque tu ficas aguado,
E eu sou o que vou aguando. *Vai-se.*

Cosc. Agoa vai! sede lá moço
De hum Amo táo dezalmado,
Que acorda hum triste coutado,
Que dorme qual pedra em poço!
Afogado até o pescoço

eM

Me vi nesta amante fragoa:
He por certo grande magoa
Ver, que hum tal Amo assim obre,
Quando se queixa de hum pobre,
Que o serve por baixo da agoa.

Vai-se

Sahe Silvia.

Silv. Fugindo ás amorosas instancias de Silvano, venho tão perdida do caminho, como do sentido; pois cuidando achar alivio na companhia de Syringa, como esta não apparece em casa, sómente encontrei amorosos atrevimentos em Silvano, e fugindo a seus rogos, venho guiando os passos, sem saber para onde. Mas ai de mim, que ahi vem meu irmão! Que farei piedosos Deoses! Porém este canaveal será segunda vez meu abrigo. *esconde-se.*

Sahe Pan, e Coscorão seguindo a Esguicho, que se retira.

Pan. Suspende os passos, e dize-me aonde está minha irmã?

Esg. Por me livrar deste demonio, encravarei a meu Amo. *á parte.* Senhor, pergunta por ella ao Senhor Silvano, que a tem em casa. *para elle.*

Pan. Oh desleal, perderás a vida.

Esg. Valhão-me os pés. *foge e vai-se.*

Pan. Espera, infiel criado.

Cosc. Senhor, não nos cancemos em seguillo, porque o medo lhe pôs azas nos pés.

Silv.

Silv. Não posso perceber , porque se enfada meu irmão. *á part.*

Pan. Que te parece isto , Coscorão ? Não bastava estar ferido de amor , senão escalavrado do credito ?

Cosc. Pois curate com agoardente de cana , que logo sáras.

Pan. Oh Coscorão , como estará Silvano com Silvia soberbo !

Cosc. Oh Senhor , e como hirá Esguicho com Lingoissa enchoriçado !

Pan. Com a morte de ambos me satisfarei.

Cosc. E eu me fartarei com delancar o palaio áquelle esfaimado tragador de Lingoissas.

Pan. Mas ai , que de toda a força desfaleço ; quando vejo aquelle espectaculo !

Cosc Mas ai , que tambem enfraqueço quando vejo aquelle espantalho !

Pan. Igual he o nosso sentimento.

Cosc. Pois Senhor Pan , eu com ser Coscorão ; tambem sou da mesma massa , que tu és.

Pan. Pois que havemos fazer neste caso ?

Cosc. Chorarmos como humas crianças.

Fallão á parte , e sabe Lingoissa junto á salgadeira.

Ling. Por aqui ando perdida , sem saber caminho , nem carreira. Mas ai , que alli está meu Amo ! desgraçada de mim ! Aqui me esconderei até se hir.

Esconde-se na salgadeira.

Pan Já vejo , Coscorão , que o meu mal he sem remedio.

Cosc. Se isso he por falta de Syringa, o remedio he bom.

Pan. Qual he?

Cosc. Mandar chamar huma cristaleira.

Pan. Pergunto eu, Coscorão, dar-se-ha caso que estas canas estarão tapando a Syringa, e que esteja debaixo dellas?

Cosc. Nem duvido, que Golosina esteja debaixo da salgadeira.

Pan. Que eu não creio, que estas canas sejão Syringa.

Cosc. Qual? Esguichos de cana, já eu vi, mas Syringas não.

Pan. A mim me parece que não nascerão della.

Cosc. E a mim, ainda que Aristoteles diz que *productio unius est corruptio alterius.*

Pan. Que he isso?

Cosc. He hum sujeito, que disse, que a producção dos caniços he corrupção das arterias.

Pan. Pois Coscorão, entremos a cortar.

Cosc. Pois Senhor, entremos a desfazer.

Silv. Que ouço! Ha maior desdita! *á parte.*

Ling. Que escuto! Ha maior desventura! *á parte.*

Pan. Com esta espada.

Cosc. Com esta faca.

Pan. Vá o corte ás canas.

Cosc. Vá o jogo ás salgadeiras.

Silv. Ai de mim infeliz! *á parte.*

Ling. Ai desgraçada de mim! *á parte.*

Pan. Que como as canas tem olhos, he bem lhe chegue a sua séga.

Cosc.

Cosc. Que como a salgadeira tem folhas, he justo lhe chegue a sua desencadernação.

Pan. Mas ai que temo, que com esta séga perca de vista a luz dos meus olhos!

Cosc. Mas ai que receio, que com esta ancia se me vá o meu bem ao cahir da folha!

Pan. Mas cortemos, e saia o que sahir.

Cosc. Mas rompamos, e venha o que vier.

Vão para envestir, sahe Silvano, e suspendem-se.

Silv. Que vejo! Este homem está louco? *á p.*

Pan. Mas Silvano! Nelle vingarei as minhas iras.

Cosc. Ai que ella ahi está travada! *á parte.*

Silv. Senhor Pan, estaveis ensaiando-vos para a peleja?

Pan. Não he isso da vossa conta, o que importa he vir para cá minha irmã.

Silv. Este homem he louco? entregou-me a irmã, e agora pede-ma. *á parte.*

Pan. Vamos andando; ou minha irmã, ou a vida.

Silv. Mas isto sem duvida he disfarce nelle, por saber, que já me fugio aquella ingrata, mais leal a elle, que ao meu amor.

Cosc. O tal Silvano está muito mula; hoje nos moe aqui a couces. *á parte.*

Silv. Atalhou-se hum perigo com outro maior. *á parte.*

Ling. Ora vejão aonde eu me havia vir meter! *á parte.*

Pan. Senhor Silvano, não me ouvis?

Cosc. Como está réo o magano do furta irmãs! *á parte.*

Silv.

Silv. Eſtou obſervando o deſcoco de me pedires vós o meſmo , que eu vos peço , cuidando de me ganhares por mão.

Coſc. Por mão ſim lhe ganhará me. Amo , mas por unha ninguem ganha a v. m.

Pan. Eu voſſa irmã não vo-la tenho ; vós me entregai a minha.

Silv. Ha maior ignorancia ! Eſte homem cuida que me eſqueçe a hiſtoria do canavial ; mas quero ſeguir-lhe o humor , e lhe darei a morte. *á parte.*

Pan. Muito conſiderais.

Silv. Niſſo me pareço comvoſco.

Pan. Não eſtejamos com ſanxas marranxas : appareça minha irmã , ou briguemos.

Silv. Ora quero darte o chaſco com a meſma reſpoſta que me déſte. *á parte.*

Silv. A deſgraça hoje he infallivel. *á parte.*

Coſc. Já ſe ſabe , que em os vendo puxar , largo a fugir. *á parte.*

Pan. Eſta duvida , Silvano , vai-me cheirando a cobardia.

Silv. Enganais-vos ; porém adverti , que em ſemelhante caſo me não déſtes vós tão prompta reſpoſta.

Coſc. Não era por medo ; porque o Senhor Pan não tem papas na lingua , nem he nenhum papas de pão.

Silv. Em fim quereis ſaber de voſſa irmã ?

Pan. Para que o perguntais , ſe o ſabeis ?

Silv. Ora eſpera que eu te lembro o logro. *á parte.* Pois procurai-a nas canas que ahi vedes. *para elle.*

Cosc. Ai que tambem lhe dá com as canas! *á parte.*

Silv. Ai triste, infeliz de mim! *á parte.*

Pan. Está feito. Mas que vem meus olhos! morrerás.

Sabe Silvia do canavial, e foge para Silvano.

Silv. Valei-me, Senhor Silvano.

Silv. Que vejo! Ah ingrata, que segunda vez te occultaste por ordem de Pan, para que eu não lhe pudesse pedir minha irmã.

Ling. Ai cá estava a Senhora Silvia! *á p.*

Pan. Pois como a defendeis de mim, se ma entregais?

Silv. Mas já vejo que nisto acudirão os Deoses pela minha innocencia, e assim me vingarei. *á parte.* Bem vedes, que vos dou conta de vossa irmã; porém não vo-la hei de entregar sem apparecer a minha. *para elle.*

Cosc. He justo isso; mão por mão.

Pan. Agora a isto não sei que responda.

Cosc. Ahi torna Pan a ser réo. *á parte.*

Silv. Não vos resolveis?

Silv. Oh quem não tivera vida.

Pan. Eu não sei o que faça. *á parte.* Oh Coscorão, o Senhor pede conta de sua irmã, e he muito justo.

Cosc. Ui, pois não? que o sangue corre pelas veias.

Pan. Mas dize, como lhe havemos nós dar conta della?

Cosc. Agora dessa conta serei eu o nós fóra.

Silv.

Silv. Muito deveis á minha paciencia!

Cosc. Ah Senhor, não o esteja atarantando, que está lá fazendo a sua conta, para ver se lha deve dar, ou não.

Pan. Silvano, já vejo, que este caso he como hum casamento.

Silv. Porque?

Pan. Porque só com a morte de hum se póde acabar.

Silv. Morrerás, aleivoso.

Silv. Tende mão Silvano. Ai de mim!

Pan. Só os Deoses vos pódem dar vossa irmã.

Cosc. E crei, que só Plutão, porque ella lá se encaminhou para o inferno.

Silv. Pois briguemos.

Pan. Briguemos.

Silv. Silvano, Pan, ai de mim!

Cosc. Ah Senhor, tenha dó dessa menina, que lhe está pedindo pão.

Silv Aparta-te falsa.

Pan. Retira-te traidora.

Silv. Todos me injuriais, quando a nenhum offendi.

Ling. Olhem para isto? todos fazendo fachina, e eu occupando a salgadeira! *á parte.*

Pan. Esperai, Silvano, deixai-me implorar os Deoses, e se não valerem os rogos, suppriráõ as espadas.

Silv. Está feito.

Cosc. Grita bem para que te ouçáo.

Silv. Oh Jupiter, remedeia lance tão apertado.

RECITADO.

Pan. Oh tu Jupiter alto, e poderoso,
Os teus olhos inclina hoje piedoso;
Já basta de castigo,
Atende ao damno, mova-te o perigo.
Torna Syringa á sua propria fórma,
Que tanto o meu amor já se refórma,
Que pelo Stygio faço juramento
De não mais offendella o pensamento.

Converte-se o canavial em Syringa, e suspendem-se todos.

Todos. Que portento!
Syr. Ai de mim!
Ling. Que he o que vejo! *á parte.*
Syr. Quem me acordou? Mas aqui! Silvano eu sem culpa.
Silv. Não vos assusteis.
Syr. Querida Silvia valei-me.
Silv. Não temais que vos offenda, contaime o successo.
Syr. Sabereis, Silvano, que esse atrevido me esperou neste bosque, e querendo-me dar hum abraço, eu não o quiz aceitar, e teimando, chamei pelos Deoses, e como fiquei ignoro, só sei que até agora nada senti.
Silv. He possivel que a tanto chegasse o excesso de meu irmão? *á parte.*
Silv. Pois que vos parece, Pan, a vossa ousadia?
Pan. Como vos entrego vossa irmã, tenho cumprido com o que devo, pois lhe não tirei ne-

nehum pedaço ; porém minto , que já me lembra que de huma cana , que cortei , fiz huma flauta , que por lhe pertencer a quero entregar.

Vai para tirar a flauta , e tira huma trança de cabellos.

Pan. Mas que he isto ! Converteo-se em huma trança de cabellos !
Silv. Que prodigio !
Silv. Que portento !
Cosc. Ah Senhor , os Deoses pregaráo-ta de cabellos.
Syr. Ai , que cá me falta a minha rica trança. *apalpa.*
Cosc. Por hum cabello não a deixas creca.
Pan. Com restituilla pago o devo. *dalha.*
Silv. Olhem se succede cortar-lhe a cana de hum braço.
Cosc. Se lhe corta-se alguma cana da lingua , não importava , pois he o que as mulheres tem mais de sobejo.
Syr. Aonde está Golosina ?
Cosc. Peior he esta. *á parte.*
Pan. Isso pergunte-se a Coscorão.
Cosc. Eu sei della ? pergunte-se a Plutão , que devia levalla para cosinheira do inferno.
Silv. Morrerás.
Cosc. Espere , Senhor , deixe-me primeiro ver se fazendo a minha choradeira aos Deoses , a vomita a terra.

RECITADO.

Ôh Jupiter tonante, que golofo,
Chuchas na Ambrofia o nectar faborofo,
Peço-te por doçura tão divina
Nos largues tambem huma Golofina;
Debruça-te deffa aguia, e orelhudo
Os ouvidos applica Deos barbudo,
Que por Baco te juro aqui em fegredo
De mais em Golofina não pôr dedo,
Ainda que hum pobre homem
Deite lingua de palmo á pura fome.

Converte-fe a falgadeira em Golofina, e dá Lingoiffa hum pulo affuftada, e admirão-fe todos.

Ling. Ai, que me leva Plutão em corpo, e alma!
Gol. Ai, que he ifto que me fuccede?
Todos. Que prodigio!
Gol. Valha-me, Senhora minha Ama.
Ling. Senhora minha Ama, acuda-me.
Gol. Que não fei que he ifto.
Ling. Que não fei que he aquillo.
Cofc. Senhor Jupiter da Cofta, v. m. viva muitos annos.
Gol. Aonde eftive eu até agora?
Cofc. Eftivefte apanhando mofcas.
Ling. Eftou fem pinga de fangue.
Pan. Silvano, eftais já entregue de tudo o que vos pertence, vede que mais quereis.
Silv. O que quero he tirar-vos a vida.

Pan.

Pan. Se he pelo que vos offendi, com dar a mão de esposo a vossa irmã, e vós á minha, ficámos em paz.

Cosc. Antes ficão mais em guerra, ficando cunhados.

Syr. Eu não quero casar com quem he tão desavergonhado.

Silv. E eu o receber vossa irmã he impossivel, tanto por me ser falsa, como por ser introduzida por vós á queima roupa.

Silv. Ah ingrato! *á part.*

Cosc. Tem razão o Senhor Silvano; porque as mulheres, que são introduzidas á queima roupa, andão depois com nove maridos a furta-lhe o fato.

Pan. Se vós ma furtastes de casa para que dizeis isso?

Silv. Senhor Pan, fallemos claro, não vos lembra quando ma entregaste no canavial com ordem para que me fugisse?

Silv. Silvano estais enganado, porque tanto não sabia meu irmão de mim, que antes delle vinha eu fugindo para vossa casa.

Silv. Cala-te traidora, que a ti propria te desmentes, pois se fugias de teu irmão, como estavas junto delle? E se para mim fugias, como de mim te retiraste?

Silv. Sou infeliz, e basta.

Gol. Isto sem desgraça não acaba. *á parte.*

Pan. O vosso Criado he testemunha de vista, do que digo.

Silv. Não he possivel que elle tal diga, que

Esguicho he verdadeiro; e mais venha á minha presença.

Pan. Pois eu o vou buscar, que só assim fica a minha verdade clara.

Silv. Está feito, hide, que não creio que seja isto caminho de abalares com bom tempo.

Pan. Nem eu duvido, que por mim esperéis.

Vai-se.

Cosc. Golosina, por tua vida não olhes para mim, escusa de me tentar.

Gol. He bem tollo! Quem olha para elle?

Cosc. Não me faças quebrar o juramento.

Ling. Olhem em que de cousas me tenho visto!

Silv. Mas agora me lembra, que Esguicho me ha de estar esperando: melhor me será hir procurallo para se averiguar isto depressa, e porque Pan o não peite. *á parte.*

Cosc. Que estará Silvano fallando entre dentes? *á parte.*

Silv. Coscorão?

Cosc. Eilo entra em contas comigo. *á p.*

Silv. Posto sejas pouco fiel, a vida te vai no que te quero encommendar, e he que em quanto vou, não deixes apartar daqui a ninguem.

Vai-se.

Cosc Ah Senhor não me deixes por pastor de hum gado, que nem a terra o póde aturar muito tempo.

Gol. He bem atrevido.

Cosc. Golosina, deixa-me em cortezia se não queres tornar a ser salgadeira.

Ling. Não me esquece o susto. *á parte.*

Gol

Gol. Que estarão fallando de manso Silvia, e Syringa?

Cosc. Golosina, deixa-me por tua alma, que já me não posso soffrer.

Gol. Vossê está doudo?

Cosc. Cada vez, que deitas esse rabo do olho, me fazes andar a rabo.

Syr. Tendes razão, Silvia; vamo-nos.

Silv. E ha de ser para vossa casa, porque meu irmão he o mais queixoso.

Syr. Sim, mas Coscorão?

Silv. Fingiremos, que cada huma vai por diversa parte, e no fim do bosque nós ajuntaremos.

Syr. Está bem; Golosina vamos.

Silv. Vamos Lingoissa.

Ling. e Gol. Para onde?

Syr. Não repliques.

Silv. Não repugnes.

Cosc. Ai! que he isso, Senhoras? vossas mercês querem-me deitar a perder?

Syr e Silv. Não sejas nescio.

Cosc. Que conta hei de dar de mim, se não der conta de vossas mercês?

Syr. e Silv. Não nos importa isso.

Cosc. Pois hei de seguillas.

Syr. Como, se cada huma vai por sua parte?

Cosc. Ora vejão se não vale mais ser guarda demos, que guarda damas.

Silv. E vamos para longe?

Cosc. Pois *acompanharei* a vossa mercê.

Silv. Se vieres para cá, te matarei.

Cosc.

Cosc. Não se moleste; cá hirei com a Senhora Syringa.

Syr. Se para cá vieres, te tirarei a vida.

Cosc. Não se mortefique; eu cá vou com Golosina.

Gol. Oh atrevido. *Dalhe.*

Cosc. Não, cá vou com Lingoista.

Ling. Oh desavergonhado. *Dalhe.*

Cosc. Guardaivos lá demonios, que já a nenhuma sigo.

Silv. Se queres viver, não nos acompanhes.

Cosc. Porque, vossas mercês vão a morrer?

Syr. e Silv. Sim.

Cosc. Pois sabem o que faço? vou contallo a meu Amo. *Vai-se.*

SCENA II.

Casa de forno como no Acto primeiro, e sabe Esguicho.

Esg. Fugindo ás iras de Pan, venho buscando a casa de Silvano; e como este tem as portas fechadas, porque tem a casa limpa de mulheres, quero ver se neste forno me posso occultar: para ser na lenha, parece que mal me escondo, aonde já me acharão; mas no forno me occultarei até elle vir.

Esconde-se no forno, e sahem as mulheres todas.

Syr. Silvia, que ha de ser de nós, pois tem meu irmão as portas fechadas?

Silv. Em tudo me succede mal; não sei em que offendi os Deoses! *Gol.*

Gol. Senhoras, andámos para traz como o caranguejo.

Syr. Vejamos se aqui nos podemos esconder, até se pôr em paz tanta embrulhada.

Silv. Haverá aqui parte aonde possa ser?

Syr. Alli está huma casinha, mas não cabem lá se não duas pessoas.

Gol. Ai, não importa, escondão-se vossas mercês, porque eu, e Lingoissa nos meteremos debaixo daquelles feixes.

Silv. Ora vamos, que aonde estranhámos nossos irmãos esconderem se, nos escondemos nós.
escondem-se para dentro.

Ling. Olhe, mana, em que viemos parar!

Gol. Não menos que em carqueijeiras.

Ling. Que seja possivel, que jogue eu as escondidas no cabo da minha velhice!

Gol. Pois se ha de ser, vamos, antes que venha alguem. *escondem-se.*

Ling. Vamos, que isto são os meus peccados.

Gol. Isto he castigo, pois nos escondemos aonde zombámos de se esconderem os outros.

Ling. Olhem para que estava eu guardada!

Gol. Cale-se, que sinto gente.

Sahem Pan, e Coscorão com huma vela aceza.

Pan. Põem para ahi o lume, e ajunta a lenha para se pôr o fogo á casa.

Ling. Ai maldita de mim! *á parte.*

Gol. Que he isto, que ouço! *á parte.*

Pan. Basta que o insolente Silvano apenas me apartei, logo se foi? Cobarde he além de traidor. *Cosc.*

Cosc. E de tal forte abalou com os cachimbos, que fupponho não verás mais fumos delle; e dahi cada huma dellas tomou o feu tolle, e eu fiquei como hum tollo.

Pan. Pois ajunta a lenha, que quero abrazar-lhe as cafas, já que o não poffo fazer a elle.

Cosc. Tambem não ferá máo depois de lhe queimares as cafas, tocar-lhe muito bem a fogo.

Pan. Por mais que fe efconda, lhe hei de tirar a vida.

Cosc. Ora vamos ajuntando a lenha.

Mete o forcado, e fahe Golofina.

Gol. Ai que me matão!

Pan. Que he iffo?

Cosc. Já os coelhos fogem da queimada.

Gol. Ai meu braço!

Cosc. He para que faibas, Golofina, quanto amarga huma chuçada.

Pan. Aonde eftá tua Ama?

Gol. Eu não fei, pois vim fózinha.

Pan. Pois efpera, contarás a teu Amo os eftragos da minha ira.

Gol. Ah Senhor, não ponhas fogo ás cafas, fem primeiro tirar a minha caixinha das unturas.

Pan. Anda Cofcorão.

Cosc. Ahi vou.

Gol. Ah pobre Lingoiffa. *á parte.*

Mete Cofcorão o forcado.

Ling. Ai que me eftourão!

Pan. Que he iffo?

Cosc.

Cosc. Ai, que me cahio Lingoissa debaixo da mão! Oh Golosina, dá cá esse lume depressa.
Gol. Para que?
Cosc. Anda, que havemos ter hoje Lingoissa assada. *segurando-a.*
Ling. Ai que arrebento!
Pan. Que queres fazer?
Cosc. Quero-lhe dar huma assadura em paga de certa espetada que me deu.
Pan. Aparta-te lá. *retira-o, e ergue Ling.*
Ling. Ai que estou estrelicando!
Cosc. Larga-me, Senhor, esta Lingoissa, que lhe tenho grande gana.
Pan. Dize-me, aonde está minha irmã?
Ling. Eu Senhor não sei; vim, metime aqui! Ai desgraçada de mim.....
Pan. Pois para que te apartaste della?
Ling. Ai, que não posso articular palavra!
Cosc. Mas ai que lá vejo dentro no forno as pernas de Esguicho! Espera que has de sahir assado.

Pega na lenha, e acende o forno.

Pan. Para que acendes o forno?
Cosc. Temos hoje hum bom assado.

Mete lume no forno.

Esg. Ai, que me matão! ai que me queimão! *dentro.*
Pan. Que me fazes? tem mão.
Esg. Quem me acode, ai, ai, ai.
Cosc. Senhor, deixa-mo assar, se queres ter hum bom prato.

Pan.

Pan. Não sejas louco.

Cosc. Pois Senhor, se tu queres abrazar as casas, tambem se deve queimar Esguicho, que he traste pertencente a ellas.

Esg. Cala-te magano, que tu mo pagarás.

Cosc. Pois vossê queria comer Lingoissa sem se escaldar

Pan. Coscorão, não he crivel que estando aqui estas Criadas, deixem de estar tambem cá as Amas, e em quanto vou ver aonde estão, não deixes sahir daqui ninguem. *Vai-se*.

Ling. e Gol. Ai, que lá vai dar com ellas.

Esg. Deixa estar, velhaco, que entre as minhas unhas has de morrer.

Cosc. Bem sabemos, que vossê está costumado a matar muita cousa entre as unhas.

Gol. Ora fação as pazes, não sejão asnos. Mas ai, que ellas lá vem!

Sabe Pan com as Damas.

Silv. Infeliz sou! *á parte.*

Syr. Muito me persegue a fortuna! *á parte.*

Chega Silvano á porta, e não entra.

Silv. Para ver se vejo a Esguicho, venho aqui segunda vez. Mas ai! que he isto? Como me detenho, que não mato aquelle traidor? *á parte.*

Pan. Não vos quero dar mais satisfações, do que sejais testemunhas do principio da minha vingança. Coscorão, vai pondo o fogo a estas casas.

Silv.

Silv. Que ouço! *á parte.*
Gol. Ai meu rico solimão da minha vida!
Cosc. Cala-te, que como solimão he turco, não importa, que morra queimado.
Todas. Senhor, suspende a ira.
Pan. Deixai-me todas, que estou escaldando.
Cosc. Oh que bello estava agora Pan para se comer com manteiga.
Silv. Verei daqui o que intenta, e logo lhe tirarei a vida. *á parte.*
Pan. Mas primeiro quero averiguar huma cousa: dize-me, Esguicho, tu não me disseste, que Silvano me tinha levado minha irmã?
Esg. Ai, que hoje me fazem esguichar a alma fóra! *á parte.*
Pan. Responde, ou te matarei.
Esg. Senhora Syringa, valha-me, que eu confesso a verdade.
Cosc. Ui! pois para purgar a verdade, precisa de ajuda de Syringa?
Syr. Dize, que ninguem te ha de offender.
Esg. Pois, Senhor, perdoa-me, que eu he que fui a causa da Senhora Silvia te fugir, pois lhe disse, que tu a querias matar, com raiva de me dares por amor de Coscorão.
Silv. Que ouvem os meus ouvidos! Oh como fiz bem em ter prudencia. *á parte.*
Silv. E por essa causa vos fugi, para me valer de Syringa, e encontrando-vos no caminho, me escondi no canavial, aonde me entregastes a Silvano, sem saberes que era eu.
Pan. E foste com elle?

Silv.

Silv. Sim; porém ſabendo a falta de Sytinga, me retirei delle, e encontrando-vos ſegunda vez, me tornei a eſconder no canavial, aonde por acaſo Silvano me deſcobrio.

Silv. Oh piedoſo Jupiter, que tal occaſião me déſte para ſe aclarar tanto enrédo!

Pan. Com tudo, por me fugires, morrerás.

Sabe Silvano.

Silv. Parai o impulſo.

Pan. E tu tambem traidor.

Silv. Suſpendei-vos, pois a vós offereço os braços, e a Silvia a mão de eſpoſo.

Pan. De que naſce eſta novidade, quereres agora o que ha pouco recuzáſtes?

Silv. Porque tudo tenho ouvido; e como já reconheço a Silvia tão amante como honeſta, lhe offereço a mão, e ſó me falta, que dando vós a voſſa a minha irmã, me livreis de zelos.

Pan. Ditoſo ſou.

Silv. Feliz me conſidero.

Syr. Viſto ſer goſto de meu irmão, caſarei com quem elle quizer.

Silv. E perdoai-me os aggravos paſſados, e juntamente o fingir, que não queria a Eſguicho, para que foſſe meu terceiro em voſſa caſa.

Coſc. Ai não faça caſo diſſo, que o Senhor Pan tambem lhe pagou na meſma moeda.

Gol. Olhem o que ſe tem deſembrulhado.

Coſc. Senhor Pan, peço-te que attendendo aos fracos ſerviços, que tenho feito a Goloſina,

me

me defpaches com huma tença paga no tribunal do feu conforcio, e receberei mercê.

Pan. Eu to concedo, como pedes.

Efg. Tenha mão, que eu entro com embargos de terceiro.

Ling. Senhores, não lhos recebão, fem que elle me receba o mim, pois ando defamada com efte homem.

Silv. Já effas fupplicas não ferão para os voffos annos.

Ling. Senhora, eu fó o faço por me livrar de bocas do mundo.

Silv. Eftá feito, feja teu Efguicho.

Efg. Defgraçada fou! mas por não chuchar nos dedos, roerei neftes offos.

Silv. Agora vamos para cima, que não he efte lugar decente para os noffos defpoforios.

Cofc. Iffo não importa, que o Senhor Pan nunca tem melhor gofto, do que quando eftá no forno.

Pan. E vós outras cantai alegres tanta felicidade.

MUSICA.

Venha Hymeneo
Venha gloriofo
Affiftir feftivo
A efte conforcio.

NO-

NOVOS ENCANTOS DE AMOR.

Opera que se representou na Casa do Theatro da Mouraria.

INTERLOCUTORES.

Felisardo, Principe de Dinamarca.
Hypolito, Sobrinho delRei de Suecia.
Cardenio, Sobrinho do Cesar de Moscovia.
ElRei de Suecia, Barba.
Machavélo, Criado de Felisardo.
Zápete, Sevandija de Palacio.
Florisbella, Filha delRei de Suecia.
Altéa, sua irmã.
Etcætra, Criada da Princeza.
Quatro Aldeãs, Soldados, Guardas, e Monteiros.

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Arvoredo, e no fundo huma gruta cercada de ramas.*
II. *Vista de Montes.*
III. *Praça de Cidade, e vista de mar.*
IV. *Sala.*
V. *Jardim de caniços, com alegretes de huma, e outra parte.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Vista de Bosque.*
II. *O arvoredo do principio, e a gruta.*
III. *Muros de jardim com varandas, e janellas.*
IV. *Jardim de alabastros, e na boca da escotilha mais distante murtas que a encubrão.*

ACTO-

ACTO I.

SCENA I.

Vista de arvoredo, e no fundo huma gruta, cuja boca estará cercada de verdes, e emmaranhadas ramas. Corre-se a cortina, e sobre hum pequeno penhasco, que estará diante da gruta, hum pouco afastado, se vê Florisbella reclinada; a seus pés assentada Electra, e em pé postas em boa proporção, quatro Aldeãs, as quaes cantão o seguinte.

CORETO.

A nossa Prrnceza,
Fermosa, e urbana
Divina, e huma,
Mais bella Diana
Dos Bosques vem ser.

Dançăo, e em acabando diz diz Florisbella.

Flor. OH raro portento da harmonia! oh singular privilegio da variedade! que até na inculta rustiquez destas humildes Aldeãs és agradavel encanto para os ouvidos! és formoso recreio para os olhos! Continuai com os festivos obsequios, que o vosso affecto me de-

dedica; que hoje conſeguindo a ſingeleza agrados na ſoberanía, fazem as verdades o officio das liſonjas.

Cantão.

A' ſua belleza,
Que logra os primores
De eternos verdores
Grinaldas de flores
Lhe vamos tecer.

Dançāo, e em acabando continúa Floriſbella.

Flor. Que bem enlaçadas vozes! que bem proporcionados movimentos! Aquellas dáo paſſos ao ar, e eſtes dáo ar aos paſſos; que elevando a quem os ouve, que ſuſpendendo a quem os vê, fazem que ſe admire corpo nos ares, firmeza nas mudanças. De donde veio tanto primor ao toſco? a que preceitos ſe ajuſtou a ignorancia? Porém que perde o rudo no perito, ſe tambem ſerve de arte a natureza? Agradecida me confeſſo ao voſſo amor, á voſſa lealdade: hide a colher-me flores; que para moſtrar que vos aceito os cultos, náo quero deſprezar-vos as offrendas.

Fazem reverencia, e vão-ſe duas por huma parte, e duas por outra.

Flor. Oh ditoſa ſolidáo! verde agradavel retiro! Só vive em ſi quem em vós vive. Aqui náo habita a inveja; que ſeus impetos ſoberbos menos ſe atrevem ás choças, que aos Palacios.

 Nas

Nas maiores fortunas se encontrão as maiores infelicidades: mais rica de descantes he a vossa pobreza; pois se logra com mais socego, o que com menos ancia se appetece. Sempre que ElRei meu Pai me conduz ao exercicio da caça, me retiro do aspero dos montes para o ameno deste sitio, achando maior paz o meu coração nos alegres festejos, com que me divertem estas candidas Lavradoras, que no fatigavel uso da caça, que como imagem da guerra, me enche de horrores o peito, mais que de recreios a vista. E tu que dizes?

Etc. Eu Senhora, digo nada: eu estou como hum toucinho em saco, e ainda que de te ouvir pasmada, não estou com a boca aberta, só porque se me não solte alguma palavra.

Flor. Pois de que he tanta suspensão?

Etc. He porque de ouvir-te estou com grande cuidado em ti.

Flor. Porque causa?

Etc. Não vês que estás toda pilhada de moral, que he em ti peior, que cuberta de bortoeja?

Flor. Que loucura!

Etc. Sempre ouvi dizer, que fallar latim quem nunca o aprendeo, he sinal de estar endemoninhado; e discorrer em moral quem nunca o estudou, parece-me que he semelhante caso.

Flor. Sempre me divertes com as tuas galantarias: pois parece-te que disse muito quando louvei a vida do campo, e achas que não he a mais segura, e socegada do mundo? Só por não viver sujeita á semrazões de Esta-

tado, eu trocára o ser Princeza de Suecia, com o humilde estado de huma destas Aldeãs.

Etc. Ai Senhora, por qualquer ninharia, que me dês, eu farei com qualquer dellas, que troque comtigo, se tens empenho nisso.

Flor. Se isso fora possivél, não estivera o meu coração padecendo receios no tratado consórcio do Principe de Dinamarca, cujas travessas inclinações são tanto contra o meu genio.

Etc. Ainda isso está em velo-hemos: isso foi só fallar em ElRei teu Pai attento ás conveniencias da Coroa; mas se isso te dá pena, deixemos isso. Que te pareceo a letra daquella musica?

Flor. Até me agradou a singeleza de suas expressões.

Etc. Pois eu da primeira vez, não lhe entendi mais que. A' nossa Princeza, e Anna Bagana Rabeca Susana: devia fazella o Barbeiro, ou o Boticario, que nas Aldêas são os sujeitos de mais letras. Mas já que tocámos na tecla (ainda que seja sem acompanhamento de cravo) bem podias tu cantar alguma cousinha que isso fica aqui entre nós. Ora dize, que aqui ninguem nos ouve.

Flor. Quem canta para que a não oução melhor he estar callada.

Etc. Se até agora estiveste prégando em deserto, que importa que agora nelle seja a tua .... não posso dizer: *Vox clamantis.*

Flor. Ora querome fazer essa graça para pagarte as que me dizes.

Etc. Isso sim, que he ser generosa; pois communicas nessa prenda hum favor, que não tem preço: isso sim, que he saber ser musica: não já estar cá: Ai, eu não sei, estou muito rouca, em outra occasião será, agora não posso, não trago papeis, não ha instrumento, e se acaso depois de muitos rogos se resolve, he a tempo que mais estimarião se calasse, mas havia ser como os melões se calão.

Canta Florisbella.

A R I A.

A gala no ar apura
A rama florecente:
Na liquida corrente
Agrada o que murmura:
Da queixa faz doçura
A acorde Filoména;
Aqui ao peito triste
O Ceo propicio ordena
Se não os fins da pena
As suspensões do mal.
Só nesta doce calma
Os sentimentos d'alma
Me chegão a faltar!

Vai adormecendo.

Mas ai que até os sentidos
Já quasi adormecidos
Me vão faltando já.

Etc.

Etc. Foi-se como hum passarinho mas que muito se cantou como hum rouxinol.

Apparece na gruta Felisardo vestido de pelles.

Fel. Que doce, que suave, que pregrino accento!
Na voz, e na destreza
As mãos se derão arte, e natureza.

Etc. Ella dorme declaradamente: ninguem adormece com mais suavidade: mui bem sabe acalentar-se: mas na materia da musica, como já cobrou fama, deitou-se a dormir. Ora eu me retiro, por não despertalla, e vou tambem colher flores pelo prado, ainda que as camaradas me não deixarião senão malmequeres.

Vai-se.

Fel. Huma Dama se ausentou, e outra me parece ficou rendida ás lisonjas de Morféo. Oh se fosse esta a Princeza! Mas he loucura imaginarme tão feliz.

Vai sahindo.

Quero sahir deste triste carcere da noite, onde como sombra de mi mesmo, vivo prezo por sorte, e por e leição. E pois em quanto a vista examina, se não descobre quem me sirva de embaraço, verei de donde nascêrão os impulsos, que nas branduras de huma voz com tanta força me attrahírão, arrebatandome desde os intimos seios daquella gruta....
Cujo effeito mostrou com evidencias
Nas suavidades o uso das violencias.

Vê a Princeza.

Mas ai de mim! assaltou-me a morte com os disfarces da vida: bebi pelos olhos todo o veneno de amor. Esta he a gloriosa causa de minha amante pena: este he o desejado perigo de minha liberdade. Oh quanto abrasa de pérto este activo incendio da formosura! já mostra a visinhança de tantas luzes que leva a sua belleza muitos excessos á sua fama. Mentirão os pinceis, que ao multiplicar-lhe imagens lhe diminuirão perfeições: os obsequios da pintura lhe forão mais aggravos, que lisonjas.

Fermosissima Deidade,
  Que offereces (por mais troféo)
  Entre os laços de Morfeo
  As prisões da liberdade.
Como, sem que elles te ultrajem
  Rendes com lethargo forte
  A' triste imagem da morte
  Da vida a mais bella imagem?
Se rendida ao sono agora
  Chegas a tirarme a vida,
  Como até estando rendida
  Sabes sahir vencedora?
Rendeste, e o troféo alcanças?
  Feres, sem que a fuga penses?
  Se desmaias, como vences?
  Se matas, como descanças?
A alma absorta, o coração
  Mortal tenho, e nesta calma

Con-

Conserva a elevação da alma
Dá vida a extrema porção.
Se hoje a acabar me destinás,
Acorda, que em meus desmaios,
Quero fazer com teus raios
Ditosas estàs ruinas.
Desperta, que ao verte irada
Quero antes, bella homicida,
Ver morta tão pouca vida,
Que tanta luz eclipsada.
Mas não; cessem meus intentos,
Detenhão-se adormecidos,
Se hei de achar nos teus sentidos
Mais causa aos meus sentimentos.

Descança.

Diz ElRei dentro.

Rei. Por esta parte Monteiros.
Huns. Ao Vale.
Outros Ao Bosque.
Fel. Aqui devem de encaminhar-se, e já por aquella parte sinto passos; aqui me occultarei.

Retira-se ao Bastidor, e sahe pela parte de fóra Cardenio com mascara no rosto, como recatando-se.

Card. Aqui costuma retirar-se a Princeza Florisbella: sim, aqui está, e ao sono entregue: opportuna occasião me offerece a sorte para lograr os meus mortiferos intentos. Deste disfarce valido a accommetterei, mas seguro o meu arrojo. Oh amor! oh temeridade! Entre

os

os dous vacilla o meu animo ; aquelle por excessivo move, e esta por grande me suspende. Para que Altea logre a Coroa, determino despojar da vida a Princeza. Morra ; e pois dormindo se acha, não he preciso outro instrumento da sua desgraça, que as minhas mãos para a suffocação dos seus alentos. Mas ai de mim! se me verá alguem? Oh coração, agora titubeas? De mim mesmo me corro se o meu intento não executo. Morra pois : aos meus impulsos seja eterno o seu sono.

Vai chegando á Princeza, e sabe Felisardo.

Fel. Suspende a mão, sacrilego tyranno; não se atreva o mortal ao soberano.

Card. Este he o Principe de Dinamarca, retirarme he forçoso. Ai de mim! successo infausto!

Vai-se, e acorda a Princeza assustada.

Flor. Ai, ai de mim! que he o quo vejo? Soccorro, Criados, Monteiros.

Fel. As vozes suspendei, detende os passos Senhora.

Flor. Ai de mim! eu aqui .... desanimada me sinto.

Fel. Do temor de verme neste traje se deixou penetrar. *á parte.* Senhora Ninfa, ou Deidade destes Bosques, despedi do coração os temores injustos, que deste inopinado acaso se originão, e vede que em mim ....

Flor. Deixa-me monstro, prodigio, ou animado

do aborto deſtas montanhas, que no horror de verte, e no paſmo de ouvirte, não me dá o ſuſto faculdades ao acordo.

Fel. Não vos aſſuste, Senhora, o ver-me com ſinaes de féra, que ſe o traje todo he aſperezas, todo he branduras o peito. A nenhum perigo eſtais comigo expoſta; antes entre a minha ferocidade, e a voſſa belleza, são taes as circumſtancias, que em mim eſtá a defenſa da voſſa vida, e em vós a origem da minha morte.

Flor. Menos temeroſa o attendo. *á parte.* Como póde ſer iſſo? pois tendo vós por habito a ferocidade, e eu o temor por natureza, nem eu de vós poſſo eſperar ſoccorros, nem vós de mim ſentir receios?

Fel. Ai, e como ignorais, que ſendo a voſſa formoſura cauſa da minha fereza, ſempre em mim ha de exiſtir por affectuoſo o terno, e o feroz como affectado!

Flor. Não vos entendo; e porque me não eſteja mal o comprehender-vos, quero auſentarme para de todo ignorar-vos.

Volta para hir-ſe, e em ouvindo a Feliſardo torna a voltar como admirada

Fel. Tem-te, eſpera, não pague eſſa belleza
Com minha morte, a minha idolatria:
Veja-ſe hoje a brandura na fereza,
Mas não na Divindade a tyrannia.

Flor. Que novo eſtilo de encantar he eſte modo de perſuadir? Admirada eſtou! *á parte.* Homem, quem és, que com encontrado aſſom-

bro,

bro, és escandalo dos olhos; e és portento dos ouvidos?

Fel. Não he muito, Senhora, que mostre contrariedades, quando em mim tudo são extremos. Hum monstro sou de fogo, e neve, hum epilogo de glorias, e de penas, e o mais fiel idolatra da maior Deidade humana.

Flor. Como em hum sujeito se pódem unir tantos oppostos?

Fel. Fogo abrigo; porque amor em chammas me abrasa: neve ostento; porque ao vervos sinto gelar-me entre respeitos, e temores: glorias sinto; porque a morte solicito entre as luzes que adoro: penas passo; porque me offende o que vivo, sem ver a causa porque morro: fiel idolatra sou; porque offerecendo religiosos cultos ao divino simulacro de vossa fermosura....

Flor. Basta, basta; já isto he contra o meu decoro: que loucos atrevimentos produzem estes bosques, ou abortão estas montanhas? Vai-te occulto parto destas escabrosas penhas; ou; dando vozes aos meus Monteiros, farei, que sejas escarmento de atrevidos, e.....

Fel. Basta, Senhora, basta; não seja objecto da vossa ira, quem só o deseja ser do vosso agrado. Eu me vou a morrer; mas quero primeiro que advirtais, que quem me obriga a partir he o respeito, e não o temor.

Vou-me porque ao preceito satisfaço,
Não por sentir ser do furor objecto;
Que obedecer ás forças do decreto
Não he temer as iras do ameaço.

Fat.

Faz que se vai, e ella o detem.

Flor. Que dizes? Espera. Que feitiço tens nas vozes, que encanto nas palavras? que assim. . . .

Volta Felisardo, e ella se enfada.

Fel. Que he, Senhora, o que me ordenas?
Flor. Mas dou ouvidos a hum louco! de mim mesma me admiro, que consinta desaires ao decoro. *á parte.*

Vai-se, quer seguilla Felisardo, e sahe-lhe ao encontro Hypolito.

Fel. Espera, espera, não te ausentes, ouve-me.
Flor Deixa-me humana fera. *Vai-se.*

ENTRECHO.

Hyp. Suspende-te inhumano?
Fel. Aparta-te tyranno.
Hyp. Oh barbaro, que emprendes?
Fel. Oh perfido, que intentas?
Hyp. Detem, detem os passos.
Fel. Suspende os teus intentos.
Ambos. Senão dé entre os meus braços
Verás que os teus alentos
A morte ha de roubar.

Dentro ElRei.

Rei. A soccorer a Hypolito, que lutando se acha com huma féra.
Todos. Vamos por esta parte.

Hyp.

Hyp. Cansado me sinto desta luta ; desarmado me colheo este successo.

Fel. Já he preciso ausentarme : por todas as partes vem gente em minha offensa.

Vai-se pela gruta , e sabe ElRei , e soldados.

Rei. Hypolito , estás maltratado ? sentes algum damno ?

Hyp. No maior que experimentasse , sentiria a mais alta vaidade na gloria de auxilio táo soberano. Não Senhor , sem lezáo me sinto.

Rei Por onde se ausentou a prodigiosa féra , que procurando offensas á tua vida , deu novos applausos ao teu valor ?

Sold. Por nenhuma parte podia escapar-se , sem que de nós fosse vista.

Outro. Por entre aquellas ramas a vi meter.

Rei. Examinai vós outros os mais escondidos seios deste bosque , que hei de premiar a quem conseguir o bom effeito da diligencia.

Hyp. Em rara confuzáo me sinto. *á parte.*

Sold. 1. Vamos nós outros a conseguir o premio. *vão chegando.*

Sold. 2. Mas huma medonha concavidade se occulta defendida destas verdes ramas.

Detem-se á boca da gruta.

Sold. 3. Medo causa a sua profundidade.

Rei. Em que vos detendes , cobardes ?

Sold. 1. *e* 2. Já te obedecemos.

Vão

Vão entrar, e sabe de dentro Machavelo muito espantado, vestido de caminho.

Mach. Ah que delRei! quem me acode? guarde diante todo o mundo, fujão todos de mim que trago hum valente medo.

Sold. 2. Homem detem-te.

Mach. Eu agora não me posso deter, que vou com o fogo no rabo, e he fogo salvagem, que mo pegou hum, que entrou nessa gruta agora; mas se vossas mercês são da sua quadrilha, eu me dou por assalvajado, e me sujeito a toda a salvajaria. Ai eu não estou em mim.

Rei. De que he tanto temor? socega hum pouco.

Mach. Não Senhor, eu não posso socegar pouço nem muito; porque agora neste instante vi. . . . Ai! eilo lá vem.

Hyp. Homem entra em ti, e perde o receio.

Mach. Por onde hei de entrar em mim, se assim como o senhor salvagem me fez sahir de mim, de medo se fechárão todas as portas, e janellas, e fiquei posto no olho da rua feito (com perdão de vossas mercês) hum engeitado de mim mesmo?

Rei. Dize-nos, que foi o que tanto té assustou?

Mach. Ai Senhores! foi hum tremendo animal, e o mal deste ani devia de ser contagioso; pois eu só de vello fiquei tambem tremendo. Ai! eilo ahi sahe. *foge.*

Hyp. Continúa o que viste, e não temas.

Mach. Elle era tamanho como não sei que: feio

feio como não sei que diga: cada boca que abria, não fallemos nisso. Os dentes... tremem-me as carnes! os olhos... eu não vi tal! os narizes... apre loureira! o corpo... fóra cotalho! as pernas... irra vasco! o rabo... isso agora he mais comprido! mas eilo comnosco. *foge.*

Rei. O medo o confunde. *á parte.* E a que fim entraste naquella gruta? *para elle.*

Mach. Eu entendo que ao fim da minha vida, pois das garras daquella féra fiquei quasi morto.

Rei. Estás com alguma ferida?

Mach. Eu não sei aonde, mas eu em alguma parte estou ferido; porque me estou esvaíndo.

Hyp. Tudo o que dizes são quimeras, que te finge o medo. Senhor, o que viste pugnando comigo braço a braço não era nenhuma irracional féra, algum inhumano traidor sim, que quando cheguei a este sitio intentava offender a Princeza minha Senhora, pois ella se retirava apressada, e elle a seguia ancioso.

Rei. Pois como, Hypolito, sabendo isso, não tens buscado a Princeza? Ai de mim! Parti logo, e discorrei todos estes destrictos até a achares, não haja algum traidor, que offenda a minha na sua vida.

Hyp. Eu serei o primeiro, que com incessante diligencia a busque. *Vai-se.*

Sold. Todos partimos a obedecerte. *Vão-se.*

Mach. Ai Senhor! não fiquemos sós, que póde vir a féra, que he tão má de digerir, que *nem* a terra a póde tragar; pois quando a en-

engolio aquella gruta, se lhe embrulhou o estomago de tal sorte, que vomitou em mim quanto tinha na barriga. *á parte.* Não tenho feito mal o papel de medroso para livrar ao Principe Felisardo, que a estas horas terá desembucado pela outra boca da gruta, que está junto ao mar.

Rei. Mal fiz em não mandar que seguissem ao traidor pela mesma parte por onde se occultou.

Mach. Ai Senhor, difficil cousa seria essa; porque são tantos os trocicólos, as lapas, e concavidades que ha daquella boca para dentro, que entendo que o Valarinto de Crépa, que se fez não sei como, lá não sei donde, seria huma rua publica, á vista desta confusão.

Rei. E como entraste alli?

Mach. Assim. *vai andando.*

Rei Espera não te vás. Ou he mui simples, ou mui malicio. *á parte.* Digo a que effeito alli entraste? *para elle.*

Mach. Faça v. m. de conta (que eu não sei com quem fallo) que vinha eu caminhando para a Cidade Sthokolmo assim a modo de quem não quer a cousa: com que Senhor, vai se não quando anoitece, e neste meio tempo (como era tão grande o escuro que não se via por aquelles campos outra cousa) tomo eu, e que faço? perco o caminho: (mas não tinha a algibeira rota, nem o forro descosido) mas fosse como fosse, eu perdi-o, e vendo-me ás escuras, (assim a modo de quem não vê nada) comecei a andar daqui

pa-

para alli , dalli para acolá, da colá para cá, e nem de lá, nem daqui, nem da colá, nem de cá, pude hir para alli, nem vir para aqui, nem andar para acolá, nem caminhar para cá. Em fim de nenhuma sorte pude dar caminho ao negocio. Com que tal, sim Senhor, para cá, para lá, toma deixa, foi e tornou; faça v. m. de conta (fez já de conta?) que andei vádiando toda a noite, nāmorando arvores, e rondando penhascos: até que (oh Deos nos acuda!) me sahio de traz de humas brenhas hum medo tamanho, que devia de ser o pai dos gigantes, segundo era desmarcado. Eu, quanto que o vi tão grande, fiquei tamanino, que se tivera acordo para isso, todo eu me podia meter na algibeira dos meus calções. Fugi logo daquelle sitio (como lá dizem) a quantos pés me pudérão levar, até que quando me não precátei, vi que vinha o dia assim a modo de quem vai a padecer, já com alva vestida (por final que a arvore rompeo no esgalho daquella) e vendo que já a aurora começava a rir-se de mim, e achando-me com todas aquellas cousas, que métèm a lebre a caminho, sendo-me necessario o sono para os olhos, como pão para a boca, me meti por entre aquellas ramas (com licença de v. m.) como piolho por costura, e achando aquella negra gruta com a boca aberta, entrei com ella: senão quando estando eu dormindo todo, tamanho eu era, vem a salvaginha esfugentada cá de fóra, e não só

en-

entrou na cova, mas quiz tambem entrar comigo, de sorte que se eu entre mim não tomára o acordo de fugir, a estas horas estaria levado de Belzebub, que he o caminho que leva quem anda mal encaminhádo. Mas ai! ei-lo comnosco.

Rei. Notavel relação! O modo deste homem he exquisito. *á parte.* E que hias buscar á Cidáde?

Mach. Hum Amo, que se accomodou comigo me trazer tão desaccomodádo.

Rei. E que qualidade de homem he teu Amo?

Mach. Da sua qualidade não sei nada, agora da sua quantidade sim, que não tem nada de seu.

Rei Pois tão pobre he teu Amo?

Mach. Sim Senhor, que he musico de gosto, e não de interesse, e como tem muita graça no cantar, canta sempre de graça.

Rei Tão bem canta?

Mach. Ui, não fallemos nisso: he hum homem que mete o canto por dentro a qualquer pessoa, e isso ahi a cada canto: canta com tal suavidade, que todos lhe chamão o segundo Arpéo.

Rei. Orféo dirás.

Mach. Valha a verdade, que eu não sei bem nomear essas cousas; porque o meu mestre nunca quiz, que eu chamasse nomes a ninguem. Tem tambem meu Amo comsigo huma cousa, que o não deixa ter nada de seu, e he (fallando mal) ser Poeta.

Rei. Notavel graça he essa!
Mach. Notavel desgraça lhe chamarei eu, pois por ella concebe, e não coalha.
Rei Não te entendo.
Mach. Digo, que concebe os partos do engenho, mas não coalha vintem na algibeirà.
Rei. Em fim, dizes que he bom Poeta?
Mach. Isso he huma cousa notavel! faz versos por si, que he hum desamparo. Isto he, que está fallando com a gente, e de improviso (de que Deos nos livre) começa a fazer versos sem se sentir, e isto ou he do Sol, ou da Lua.
Rei. Porque o dizes?
Mach. Se he furor; dizem que he porque se lhe metteo o Sol na cabeça, e se he furia; dizem que he porque anda com a Lua.
Rei. Procura-o pois na Cidade, e vai com elle a Palacio, que a ambos vos hei de favorecer. *Vai-se.*
Mach. Visto isso Vossa Magestade he ElRei em Pessoa? Pois eu..... Foi-se? não importa, que eu muito bem o sabia. Ora eu andei com entendimento em me fazer tolo; que assim será melhor a nossa introducção em Palacio. Agora vou buscar o Principe no sitio assinalado, que já póde ser que me espere, como eu delle o premio de meus serviços.
Vai-se.

S C E-

SCENA II.

Mutação de montes. Sahem as Aldeãs, duas por huma parte, e duas por outra fugindo, e depois sahe Zapete como seguindo-as.

Todas. FUjamos que anda huma féra no Monte.

Ald. 1. Ai de mim!

Ald. 2. Morta venho!

Zap. Esperem meninas, esperem, aonde vão com tanta pressa? Eu de vellas correr estou corrido. Fogem de mim acaso? Ellas devião de atemorizar-se de ver-me, e o verem-se nestas pressas, não foi estarem correntes para mim, foi não se correrem comigo. Ai de mim! já lá vão, e a bom correr: levárão-me os olhos como quem vai de caminho; e o peior he, que ainda que são tão correntonas, não fazem carreira a cégo. Eu não sinto que se vão, mais que por hirem entre ellas as meninas de dous olhos verdes, que parecem duas aboboras meninas. Ai que estou atravessado de meio a meio! metteo-me amor hum chuço pelo coração, que he peior que hum dardo pelas tripas. Já Etcætera he huma trampa para mim; á vista daquelles olhos, ficão os seus a perder de vista. Ai, ai, é vejão como deixárão o campo semeado de flores! Ellas logo me cheirárão a flor da canella; estas sim, que se pódem tirar pelo rasto, pois an-

dão com pés de flores. Oh quem fora agora bem discreto! aqui vinha nascendo o fallar florido; mas se eu sou hum asno, que lhe hei de fazer? isso dá-o Deos a quem he servido. Ai olhos verdes, que me matastes, sem deixar-me esperanças de vida!

Sabe Etcætera, e repete o que elle disse.

Etc. Ai olhos verdes, que me matastes sem deixar-me esperanças de vida! Que he isto? Senhor Zapete? V. m. fazendo lamentações, amantes?

Zap. Oh boca, que tal disseste! Colheo-me com a palavra na boca, que ha de ser de mim? *á parte.*

Etc. Que? não falla? Continue, que gosto de ouvir estas cousinhas: v. m. está mui fino.

Zap. Mofino me posso eu chamar. Ora vejão vossés o diacho o que havia de fazer! *á p.*

Etc. Olhem como está réo! Que olhos verdes são esses? Por certo que não são os meus, que nelles agora tudo anda azul.

Zap. Sim; porque he a côr do ciume. Mas eu não sei que côr hei de dar ao negocio. *á p.*

Etc. Já me enfada tanto callar: eu sou aqui alguma preta?

Zap. Eu bem sèi, que v. m. he muito branca, mas eu, graças a Deos, tambem sou como Deos me fez.

Etc. Falle a proposito, marmanjo. *Dalhe hum empurrão.*

Zap. Ai, não me aquillo, não me faças mal.

Etc.

Etc. Chegue para alli.

Zap. Ai, olhe para isto! isso he desproposítação.

Etc. Ora vejão isto! e nem me dá huma satisfação.

Zap. Eu, menina, acho-me tão alcançado, que nem huma satisfação te posso dar: os tempos não estão para gastos.

Etc. Póde haver maior desaforo! Falla de chachara comigo.

Zap. Pois hei de fallar de chichara? *á parte.* Eu não sei na verdade o que lhe hei de dizer.

Etc. Ora já que me tratá dessa sorte, nunca mais o quero ver: vasse embora ingrato, falso, aleivoso; bem me dizião a mim, que me não fiasse em vossé. Isto he cousa que se creia! Em negra hora o vi eu, em negra hora me namorei de vossê: para isto? para isto? *chora.*

Zap. Oh menina.

Etc. Fiz eu tantos excessos. *chora.*

Zap. Ouve?

Etc. Para ser desprezada. *chora.*

Zap. Isso não vai de valha.

Etc. Por alguma porcalhona? *chora.*

Zap. Quer-se callar?

Etc. Não sei aonde estou, que não arranco estes cabellos, que não tiro estes olhos. *maltrata se.*

Zap. Ai coitado de mim! Oh mulher, isso he desesperação.

Etc. Guarde se lá, magano.

Zap. Ai que afflicção! Senhores, eu prometto hu-

huma pendencia de cêra, se ella abrandar esta furia. *á parte*. Ai menina, isso não he loucura? Aquillo dos olhos era hum minuete, que estava estudando, que diz. Ai olhos verdes que me matastes!

Etc. Era hum minuete? Vossê parece que me baila. Ora não seja insolente, atrevido, que faça cá zomberia de mim. Faça-me graça de não ter mais galantarias comigo, que em hinda para a Cidade, lhe hei de entregar tudo quanto me tem dado, que não quero nada seu.

Zap. E vossê he possivel lembrar-lhe quanto eu lhe dei?

Etc. Sim Senhor, muito bem: Duas varas de fitta.

Zap. Não erão se não duas fittas de vara.

Etc. Não he tudo o mesmo? Deu-me mais dous pentes velhos.

Zap. Velhos? porque? tinhão já cabellos brancos? Se os tiverão, seria depois que vossê os metteo na cabeça.

Etc. Erão tão velhos, que já não tinhão dentes.

Zap. Não lhe faltavão mais que quatro pela nossa amizade.

Etc. Qual amizade? deu-me mais hum avental já usado.

Zap. Pois eu era tão jarra, que te desse cousa que não se usasse?

Etc. Não me deu mais nada.

Zap. A primeira cousa, que v. m. me ha de passar para cá, são dous bofetões, que eu lhe dei em certa occasião.

Etc. Mente desavergonhado, tome, tome. *Dalha.*

Zap.

Zap. Não, não, deixa estar, eu não o dizia pelo tanto. Valha-te huma figa; só isso me restituiste depressa?

Etc. He porque o tinha aqui mais á mão.

Zap. Pois sabe, que mais a que me poz a mão na cara, que me tirou a minha honra, trazemos de ma pagar, senão metter-me em hum Convento, que eu não quero cá andar em bocas do mundo.

Rise Etcaetera.

Ora acaba com isso, que estou ha duas horas esperando por essa risada. Minha Etcætera, ri-te de tudo, e sabe que os olhos por quem morro, são só os teus. E se disse que erão verdes, he porque como me cego com elles, não posso julgar de cores.

Olhando para a parte contraria.

Mas ai! que he o que vejo!

Olhando para a parte contraria.

Etc. Mas ai! que he aquillo que acolá vem!

Zap. Que féro urso!

Etc. Que desmarcado gigante!

Zap. Ai que medo! por esta parte fugirei.

Etc. Ai que pavor! escapar-me-hei por esta parte.

Vai a entrar Machavelho pela mesma parte aonde está, e sabe-lhe ao encontro Zapete, e vai Etcaetera a querer hir-se pela sua parte, e encontra-se com Felisardo, e ficão ambos assustados.

Fel.

Fel. Suſpende o paſſo.
Etc. Peior he eſta. Ai de mim!
Mach. Detem a furia.
Zap. Eſta he peior. Ai triſte!
Etc. Que forte ſalvagem! Ai, não ſei como me não deſmaio do temor.
Zap. Que valente animal! Ai, não ſei como me não dá de medo algum accidente.

Canta hum com branduras, e outro com horrores a ſeguinte.

A R I A.

Mach. Confunde-te. *Fel.* Deſcança.
Mach. Deſmaia-te. *Fel.* Socega.
Mach. Auſenta-te. *Fel.* Não fujas.
Mach. Retira te. *Fel.* Não temas.
Mach. Guar-te mofino diante de mim.
Fel. Que brandas ternuras
Só aches em mim.
Fel. Não julgues que ſou féra,
Mach. Mas não, detem-te, eſpera.
Fel. Pois em meu peito ſe acha.
Mach. Que ao ver-te a horrenda facha;
Fel. Brandura para amar
Razão para ſentir.
Mach. Sem te poder tragar
Te tenho de engolir.

Zap. Não ſe moleſte v. m. mais, que eu me retiro a toda a preſſa.
Etc. Ainda aſſim, com tudo iſſo eu vou-me embora, muito de carreira. *Vão-ſe.* *Fel.*

Fel. Que penetrada vai do temor!

Mach. Que fustigado vai do medo! Ora Senhor, tenho corrido montes, e valles em busca de ti, e já tinha quasi perdidas as esperanças de achar-te.

Fel. E eu da fuga fatigado, já sem alento cheguei a este sitio.

Mach. De boa escapaste, e em boa me metteste. Quando hão de acabar, Senhor, estas novellas? A que fim se encaminhão estas cavallerias andantes? que para mim são cavallerias altas, pelos perigos em que ando mettido. Nós feitos hospedes de cavernas, roubando, senão o appellido, a morado dos lobos? Tu cuberto de pelles, por ser o frio menos trabalhoso, e eu com a pelle sobre o osso, pelo trabalho de te livrar delles? E o peior he, que se nos colhem os caçadores de alguma vez, tu mudarás a pelle como a cobra, e eu andarei arrastado como ella; porque sempre me terão pela pelle do diabo. Agora te livrei do risco de te colherem, sahindo a affectar medos, e a fingir temores, dizendo vira entrar huma féra pela gruta, e com as minhas industrias embaracei que te seguissem; e de mais a mais como sei que tu o desejas; te tenho introduzido nem mais nem menos, que no Palacio delRei de Suecia.

Fel. Que dizes! E a tanto chegou a tua industria? E com que pretexto o dispozeste?

Mach. Tudo te contarei depois, que primeiro quero saber o fim a que se encaminhão estas

trans-

transformações: já que ſou companheiro dos trabalhos, ſeja participante dos ſegredos. Eſſes exceſſos, Senhor; ou ſão effeitos de grande odio, ou impulſos de grande amor; ou tu vens a Suecia por matar a alguem, ou por morrer por alguem.

Fel. Ai Machavello, e como acertaſte neſſa parte?

Mach. Ui Senhor! iſſo he couſa nova. Já te vi andar por terras alheias por buſcar a vida; mas para perdella, ſó em ti o vejo agora.

Fel. Em tudo me ſingulariſou a fortuna.

Mach. Ora Senhor, ella ſempre he loucura de marca, e indigna de hum Principe de Dinamarca (permitte-me o dizello) ver-ſe quem eſtava feito a delicias, desfeito a trabalhos: quem vivia em Palacios, ſepultado em cavernas: quem veſtia gallas, trajar pelles; verdade ſeja, que ſe aquellas erão mais ricas, eſtas ſão mais cuſtoſas.

Fel. Oh ſe foſſem conhecidos tantos exceſſos! Oh ſe foſſem remuneradas tantas finezas!

Mach. Ah! já eſtá conhecido de todo o teu achaque; e já eſtá confirmada a tua loucura, pois he de amor o teu mal; porém quizera, ſe he que não me atrevo a muito, ſaber o como ſe originou eſta paixão? que podendo tu arrotar de farto em Dinamarca, te faz andar á gandaia de amor em Suecia: tu bem podias namorar-te na tua patria, que o ſer amante não he ſer Profeta.

Fel. Já que he forçoſo....

Mach. Eſpera.

Fel.

Fel. Que he o que dizes?

Mach. Essa relação sei eu; mas he em castelhano. Ya que és forçoso, que en esta ocasion....

Fel. Sempre has de estar de graça?

Mach. Eu de graça? Não Senhor, esse não he o ajuste que nós fizemos; eu sirvo-te porque me pagas. Mas deixando graças, dize, que estou arrebentando por saber o que te pergunto.

Fel. Já que he forçoso fiar da tua lealdade o que até aqui vivia deposito no meu coração, para que conheças que delle faço deposito no teu peito, escuta os meus empenhos, dos quaes espero sahir, ajudado da tua industria.

Mach. Se em mim ha cabedal para os desempenhos de hum Principe, já te offereço quanto valho.

Fel. Pois ouve-me.

Mach. Já te attendo: dize; e pois este he mesmissimo exordio das relações de Comedia, vá sem contar valentias, nem pintar cavallos.

Fel. Já sabes....

Mach. Estou vendo se diz: como em Urgel. *á parte.*

Fel. Que dolRei de Dinamarca sou filho primogenito, e herdeiro immediato de seus Estados.

Mach. Já sei, que ainda que foras leigo, estás para ser de coroa.

Fel. E sabes tambem, que haverá dous annos faltei da minha patria, da qual estive ausente hum, sem que em todo esse tempo se soubesse de mim em Dinamarca, sendo inutil o cui-

cuidado, com que ElRei meu Pai por varios Reinos, com incançavel diligencia, mandou me buscassem. Cujo successo junto com algumas leves travessuras de minha juvenil idade, me derão fama de indocil no genio, e travesso nas inclinações.

Mach. Tudo isso sei muito bem, e tambem sei, que desapareceste bravo, e appareceste manso: tanto, que eu entendi que tinhas hido casar, e se cumpria em ti o adagio de casarás, e amansarás. E sei tambem (por poupar te outro já sabes) que agora segunda vez te ausentaste, trazendo-me em bolandas comtigo arrastado por esse mundo até este sitio, aonde se não me mataste, déste comigo na cova, que he o mesmo. Sei mais, que vivendo encovado naquella gruta, tenho sido eu o que vou á Cidade a buscar provisão para ambos: sem que até aqui possa alcançar (por mais que tenho corrido) o fim para que vivemos sepultados antes de mortos, se não he que me enterraste, porque morri por sabello.

Fel. Pois agora saberás o que até aqui tens ignorado:

Sobre as azas da Fama voava por todo o mundo o nome da Princeza Florisbella; sendo a sua formosura universal assumpto das vozes mais eloquentes, glorioso emprego dos mais elegantes rasgos. Como conseguio opiniões de divina, começárão-lhe os pinceis a repetir simulacros, começárão-lhe os corações a render sacrificios! Fez-se a fama toda imagens, fez-se

a

a admiração toda olhos; quando os meus incautamente ousados, vendo huma copia sua, se deixárão persuadir dos ouvidos, para pagar os atrevimentos de hum exame nas cegueiras de huma idolatria.

Cego fiquei a tantas luzes. E desde aquelle venturoso infortunio comecei a reduzir as claridades da vista ás sombras da fé; até que crescendo no coração o fogo de amor, rebentou em desejos quanto opprimio em tolerancias. Levado pois desta paixão, me conduzio a actividade do meu affecto de Dinamarca a Succia, conduzindo-me amor com suave violencia desde os descanços da Patria aos discommodos da estrangeira terra. Aqui disfarçado no traje, e occulto na publicidade, logrei o vello algumas vezes fazendo luminoso Oriente das janellas de seu Real Palacio. Fiquei de novo rendido, entregando de todo ao seu imperio os dominios de minha liberdade; mostrando aquella venturosa vista, a suspensões do pasmo, na minha immobilidade a minha prizão; mas quem sem espiritos me venceo, que faria com os esforços da alma?

Chegou á minha noticia, que ElRei seu Pai por dar allivio ás suas melancolias, intentava retirar-se a huma casa de campo, que não longe deste sitio está, e adiantando-me eu (por ver se nas liberdades do campo me offerecia a fortuna occasiões de vella de mais perto) examinei penhascos, penetrei bosques, até que descobri o occulto segredo, que a nature-

za guardou na profundidade daquella gruta em cuja boca só se ouve o silencio, e em cujo seio só se abriga o pasmo.

Alli constituo o meu domicilio alguns dias descobrindo naquella subterranea concavidade não só que por outra boca junto ao mar respira horrores, mas que por secretos conductos encaminha huma de suas gargantas até huma abobada, que no jardim da Regia habitação servia de receptaculo ás agoas. Mas foi tal a minha inimiga sorte, que nunca se effeituou a mudança da Real familia a este sitio; porque aggravando-se a queixa da Princeza, reduzio aos ultimos termos a sua vida: até que eu levado de tão excessiva pena, me parti a Dinamarca para que me matasse na minha patria a noticia de sua morte.

Mach. Oh Senhor, fiquemos ahi na morte, que como ella he o fim de tudo, bem póde ser o cabo da tua relação, que he muito dilatada, e eu quero dever á minha habilidade o saber o que falta, que sem duvida foi, que melhorando a Princeza, e chegando á tua noticia (sem me dilatar em dizer que com essa nova cobraste novos alentos, e outras cousinhas mais deste teor) esperaste occasião, e acompanhado de mim, que sou eu, te fizeste na volta de Suecia; e mettendo-me a mim tambem nas voltas, viemos á mesma subterranea habitação, aonde acontece o que tenho visto.

Fel. Tudo he como imaginas.

Mach. Pois Senhor, não percamos tempo, vai dar ordem a mudar de vestido, que sendo tu tão modesto, não he razão que vás em pelle, quando eu fallando a ElRei na tua, te pertendo introduzir em Palacio.

Dentro Altea.

Alt. Hypolito.

Fel. Mas já he forçoso ausentar-nos deste sitio, pois ouço vozes, Amor ajuda os meus intentos. *Vai-se.*

Mach. Vamos a vestir o empellicado, e a caminhar para Palacio. Fortuna, livra-me de algum sarambeque de couces. *Vai-se.*

Sahe Hypolito.

Hyp. Tenho vagado todos estes destrictos, sem que possa achar a Princeza, e agora senti chamar-me. Se será ella? Quero ver se sou tão feliz, que a encontre neste sitio. Florisbella? Senhora? *chama.*

Sahe Altea.

Alt. Ah enganoso! ah falso! já eu me admirava de achar-te para os soccorros, sem que te encontrasse para os ciumes. Não he Florisbella quem te chama, he sim Altea quem te busca.

Hyp. Meu bem, Senhora, não me julgava tão venturoso, que em parte tão remota te encontrasse, quando assistias em companhia das Damas em bem differente sitio. E não enten-

das,

das, que o buscar neste retiro a Princeza foi por cuidado, mas sim por preceito. Ai amor, e como me trazes vacilante entre dous distinctos affectos! *á parte.*

Alt. Pois entre estas brenhas como era possivel achar-se a Princeza?

Hyp. Como tu ignoras, que atemedrentada de huma féra, ou hum traidor, que queria offender a sua vida, se perdeo por estes bosques, não he muito que te admires, como eu, de ver-te tambem neste sitio.

Alt. Eu ouvindo dizer, que huma féra andava correndo o monte, e vendo-te de longe vir para esta parte; te segui cuidadosa, deste venablo fiando a defensa; até que perdendo-te de vista, tambem me embosquei; mas com a differença, que Florisbella se ausentou de medo, e eu te segui com valor, e ambas andamos.... ella perdida de receios, e eu perdida de amores.

Hyp. Oh que ditoso he, Senhora, quem merece á sorte ser objecto de tantas finezas! Oh se lográra em ti huma coroa quem já em ti conseguio hum affecto! *á parte.*

Alt. Oh que infeliz he, Hypolito, a que chega a desconfiar de quem a póde favorecer! Oh se os excessos, que devo a Cardenio a quem engano, e aborreço, se transferissem para o peito de Hypolito; a quem receosa estimo! *á parte.*

Den-

Dentro Zapete, e Etcaetera.

Zap. Aqui está Hypolito.
Etc. Aqui está Altea.
Zap. Senhor. }
Etc. Senhora. } *Sahem.*
Zap. Já a Princeza appareceo.
Etc. Já appareceo a Princeza.
Zap. E ahi vem já. . . .
Etc. E já ahi vem. . . .
Zap. Toda a familia. . . .
Etc. A familia toda. . . .
Zap. Do Palacio Real.
Etc. Do Real Palacio.
Zap. Deixa-me a mim fallar.
Etc. Deixa-me fallar a mim.
Zap. E eu vendo-te para aqui vir. . . .
Etc. E eu vendo-te vir para aqui. . . .
Zap. Te venho seguindo para dizerte. . . .
Etc. Para dizerte te venho seguindo. . . .
Zap. Que te vás mettér no escaler. . . .
Etc. Que no escaler te vás mettér. . . .
Zap. Que já tòdos ahi vem.
Etc. Que ahi vem já todos.
Zap. Deixa-me fallar a mim.
Etc. A mim me deixa fallar.
Alt. Cesse a porfia.
Hyp. Que tendes mais que dizer?
Zap. e *Etc.* Cousa nenhuma.
Alt. Vamos, pois já nos procurão, e eu quero adiantar-me: adeos Hypolito. *Vai-se.*
Hyp. Senhora, o Ceo vos guarde.

Zap. Vamos, vamos, Senhora, que são horas.
Vão-se.

Hyp. Vai, que já sigo a Real familia.

Canta. ARIA.

Vacilante, cuidadoso,
Confuso, indeterminado,
Da belleza arrebatado,
E do Sceptro desejoso:
A qual hei de preferir
Não me acerto a resolver.
Neste enleio dos sentidos,
Nesta luta dos affectos
Não me sei determinar
Qual he o bem mais superior;
Pois em mim reina o amor,
E o desejo de reinar. *Vai-se.*

SCENA III.

Vista de Praça da Cidade, e no fundo mar. Sahe Felizardo de gala, e Machavello.

Mach. ORa o certo he, que hum homem em mudando a pelle fica outro. Estás tão differente do que hontem eras, que eu mesmo te desconheço, não te conheço de hoje nem de hontem. Estou tão equivocado comtigo, que até aqui te tive por outro. E a não ser eu o que tive a habilidade de tirar-te a pelle sem te esfollar, havia entender que me enganavas; pois até me pareces ho-

homem de duas caras. Bem te assentão as galas.

Fel. Como intentamos entrar em palacio, já começas a adular-me: isso he mostrar que já vamos para o centro das lisonjas.

Mach. Tudo o que te digo são verdades; mas apostemos, que não te escandalizas tu de te gabarem? Ainda os que conhecem, que a lisonja he mentira, gostão de ser lisonjeados.

Fel. Sempre deve ser aborrecida pelo que tem de engano.

Mach. Oh Senhor, não ha cousa, que mais offenda, que a verdade, e se alguem a deita da boca, he só porque lhe amarga. Mais vale cuspir no rosto a hum homem, que dizer-lhe na cara os seus defeitos: sendo huma cousa sujar-lhe a cara, e outra lavar-lhe o rosto; e pelo contrario, a lisonja será engano, mas não ha pirola mais bem dobrada, nem que melhor se trague nestes tempos.

Fel. Estás mui sentencioso. Deixa essa materia que he para ti estranha.

Mach. Sim, deixa essa materia, já te entendo. Aposto que queres que te falle de amor? não? Sim, isso entendo eu á legoa: essa sim que não he materia estranha por ser natural em todos: mais he materia tão peçonhenta, que a todos mata.

Fel. Experimentaste já o seu veneno? Ai Machavello, e como he doce o seu mortal effeito.

Tal he a morte de amor para sentida;
Que por ella se dá com gosto a vida.

Mach. Começas a trovejar? Ah tal desfenteria! em te fallando de amor, vas-te como hum cesto roto. Senhores, que terá a Poesia com o amor?

Fel. Não vês, que ambos se encaminhão ao mesmo fim? Pois o amor, e a Poesia ambos se introduzem na alma, e só differem, em que amor entra pelos olhos em consonancia de partes, que he a harmonia da formosura, e a discrição pelos ouvidos, em concerto de vozes, que he a formosura da harmonia.

Mach. Ora vejão! Eu não sabia desta perigrinação, que fazem o amor, e a discrição a visitar o templo da alma; e tu o pintas de tal modo, que me parece que os ouço hir cantando como romeiros, e que os vejo hir entrando pelo buraco de S. Tiago.

Ora Senhor se aborreces a lisonja por mentiras, os Poetas são os mais lisonjeiros, porque são os maiores mentirosos. Se tu disseras, que a Poesia denota pobreza, e que quem he pobre anda despido, e que quem anda nú he o amor, e que daqui nascia a sua connexão, eu te crera; porque os Poetas, e os amantes todos, andão por portas: huns pedindo esmolas, outros dando suspiros, huns por pobres, e outros por miseraveis. Mas espera que já se ouvem os instrumentos com que ElRei costuma acompanhar-se na marcha das caçadas; e já vão chegando os Bergantins que conduzirão ao bosque a Real familia. Tem pois cuidado em que desde hoje has

has de ser meu Amo Sigismundo, se até agora eras o meu Principe Felisardo.

Fel. Em tudo o que temos disposto, estou muito certo. Oh amor, oh fortuna, desculpa as minhas temeridades, favorece as minhas ousadias.

Vão-se, e ao som de huma marcha, vão passando pelo mar varios Bergantins, e depois se vê mutação de salla, e sabem ElRei, Florisbella, e Altea.

Rei. Toda foi confusão a caçada de hoje; pensão da vida humana, que aonde se buscão os recreios, se encontrão os pezares.

Flor. Maior foi, Senhor, o susto, que o damno; pois não senti a menor offensa, quando te dei o maior cuidado.

Alt. Não fui eu quem teve a mais pequena parte nos sobresaltos de hoje; pois senti no meu coração a ferida, quando temi no teu peito o golpe.

Flor. Não se me aparta da memoria, a frase doce, e o horrivel traje daquella humana féra. *á parte.*

Alt. Não se me tira da imaginação ver em Hypolito a expressão das suas finezas, e a razão dos meus ciumes. *á parte.*

Rei. Desde que tive a noticia, Florisbella, de que houve quem offender-te queria, não teve mais socego o meu coração, achando a pena aonde procurava o alivio.

ARIA.

A R I A.

Qual o incauto passageiro
Que affligido, e fatigado
Se reclina sobre o prado,
E lhe sahe de repente
De entre as flores a Serpente
Que do alivio faz o horror.
Assim pois meu peito triste,
Bem que aos males se resiste,
De improviso a encontrar veio,
Nas delicias de hum recreio,
Os insultos de hum traidor.

Vozes dentro. Tenha mão.
Mach. Duas mãos tenho eu, quanto mais huma.
Outros. Tome, atrevido.
Mach. Por isso vossês me dizião: tenha mão; porque tinhão que me dar: pois entrarei com tudo isso.
Dentro. Não ha de entrar.
Rei. Que rumor he o que escuto?

Sahe Zapete.

Zap. Senhor, he hum homem atrevido, que quer fallar a V. Magestade, a guarda não o quer deixar entrar, e elle quer sahir com a sua.
Rei. Se será o que no monte me fallou? Dize que o deixem entrar.
Zap. E por certo que não entra de graça: bem cara lhe sahio a entrada. *Vai-se*

Rei

Rei. Este he hum sincéro sujeito, cuja graciosidade vos ha de servir de divertimento.

Sahe Machavello rosnando.

Mach. Ora nunca tal me succedeo! Tenho entrado em muitas partes, mas em nenhuma tive tão má sahida.
Rei. Que tens?
Mach. Muita cousa que me derão lá fóra.
Rei. Chega, chega mais para cá.
Mach. Já lá me chegárão bastante, não hè necessario mais.
Rei. Impedirão-te os da minha guarda?
Mach. Não Senhor, desimpedirão-me; porque eu fiquei sujo da pendencia, e isto não me cheira bem. Impedirão-te? Porque eu cá fiz algum escrito de casamento, ou devo alguma cousa á tua guarda, para me pôr impedimentos? He boa historia!
Flor. Notavel he a sua singeleza.
Alt. Galantaria tem na sua simplicidade.
Mach. Ai, ai, ai, coitado de mim, escutem vossês: lá vão os narizes com os diabos? Em negra hóra eu vim aqui: eis-aqui o que eu vim cá buscar: deitar a perder os meus narizes: os meus narizes, que era a melhor cousa que eu tinha na minha cara! já agora bem posso deitar os narizes para traz das costas. Ai desnarigado de mim!
Rei. Pois de que te queixas? Vem cá.

Sahe Zapete.

Zap. Senhores, que gritaria será esta cá dentro?

Mach. Já não serei senhor do meu nariz: meus ricos narizes-zinhos do meu coração. Ai, ai.
Vira-se para o bastidor.

Rei. Vê tu o que tem.

Zap. Volta para cá, deixa ver.

Mach. Guarde lá: tambem me quer chegar aos narizes? Ai os meus narizes!

Zap. Ui homem! quantos narizes tens? volta para cá, que bem pódes enchernos os olhos de narizes.

Mach. Quantos narizes tenho? até aqui tinha hum, mas fizerão-mo em dous aqui os criados de Sua Magestade.

Rei. Derão-te alguma pancada nelle?

Mach. Não Senhor; derão-me nelle todos de pancada.

Zap. Deixa ver, estás ferido?

Mach. Pois não hei de estar ferido, se o nariz está escorrendo?

Zap. Mostra, mostra.

Mach. Ei-lo aqui, que está todo molhado.

Zap. Olhe o tolo! isso he ranho. *Ri-se.*

Mach. Ha de ser bem ranho. Oh he verdade ranho he: apre lá! Pois cuidei tinha os narizes alagados em sangue.

Rei. Muito me diverte o seu raro estylo.

Flor. Exquisito he o seu modo.

Alt. Notavel peça para Palacio.

Zap.

Zap. Adeos, se este entra à ser gracioso, começará Zapete a ser desgraçado.

Mach. Tenho que fazer-me tolo em Palacio, que assim farei melhor o meu negocio. *á p.*

Rei. Como te chamas?

Mach. Eu?

Zap. Não hei de ser eu.

Mach. Chamo-me, chamo-me: agora não direi.

Rei. Notavel esquecimento.

Mach. Deixem me bater na testa. Ai, lembre-me Deos em bem.

Zap. Já te occurreo?

Mach. Sim, já me lembra; que ha muito tempo que me esquece o meu nome.

Zap. Póde haver cousa iguál!

Flor. Esse he caso novo.

Mach. Nem eu me parece que me chamo cousa nenhuma.

Alt. Como póde isso ser?

Mach. Porque? Os pobres tem nome no mundo?

Rei. Não está de nescio o dito.

Zap. Maldita a graça que lhe eu acho.

Rei. Aqui, ainda que sejas pobre, desde hoje não te faltará nada.

Zap. Melhor foi a sua dita, que o seu dito.

Mach. Agora já sei como me chamo: Machavello criado de V. Magestade.

Rei Improprio nome para tão simples sujeito.

Mach. Isso he honra, e mercê que Vossa Magestade me faz.

Flor. De que terra és?

Mach. *Sou da* mesma terra de que V. Alteza he.

Flor.

Flor. Tu não és de Suecia.

Mach. Não sou de Suecia, mas sou de barro, não desfazendo na pessoa de V. Alteza.

Zap. O dito não he barro; mas eu não o posso cozer. *á parte.*

Mach. Importa-me não declarar a Patria. *á p.*

Alt. Em que parte aprendeste a nossa lingua?

Mach. Eu! Arrenego do demonio. Eu prendi a sua lingua em alguma parte? a sua lingua de V. Alteza he mui solta, quem se havia de atrever a prendella?

A. t. Não digo senão aonde, ou em que terra começaste a fallar nesta nossa lingua?

Mach. Fallar na sua lingua? Eu não sou digno de tomar na minha boca a lingua de ninguem: ainda que eu estivera com lingua de palmo: não Senhora, isso he testemunho.

Rei. Rara brutalidade!

Zap. Boa parouvella! e o peior he que lhe hão de achar graça. *á parte.*

Rei Buscaste já a teu Amo?

Mach. Busquei-o, e achei-o: bem, se elle fora alguma cousa boa não havia de apparecer.

Rei. Pois porque não o trouxeste a Palacio?

Mach. Tão besta seria eu que o trouxesse; não que elle péza como hum salvagem: se quizer ha de vir pelo seu pé, que de carne he.

Rei. Isso he o que te digo: pois porque não veio?

Mach. Como tem muita vergonha, não vai a nenhuma parte senão de noite.

Alt. Vai logo a conduzillo.

Mach.

Mach. Não se cansem, que não ha de vir.

Flor. Porque não?

Mach. Ai Senhores, se o outro está sem çapatos, como ha de pôr o pé na rua?

Zap. Logo tu deves de ser mais rico, que teu Amo?

Mach. Oh? pergunte-nos vossê tambem alguma cousinha: apre loureira quatro a perguntar! Não sei como este me não tem conhecido; mas o seu medo, e o meu traje lhe farião differente a minha fórma. *á parte.*

Zap. Está-se-me afigurando, que já vi esta cara em outro corpo; mas ha muitos diabos que se parecem huns com os outros. *á p.*

Sahe Cardenio.

Card. Senhor.

Rei. Cardenio, já te desejava o cuidado da regencia: vem assistir ao despacho, que da tua direcção só fio os meus acertos.

Card. Estimo, Senhor, chegar a tão bem tempo, que seja de ti desejado. Ai de mim! aqui estão os dous extremos da minha fortuna. *á parte.*

Flor. Não sei que horror me causa a vista de Cardenio. *á parte.*

Alt. Não sei como me exima de Cardenio ás importunações. *á parte.*

Rei. Vai Machavello conduzir a teu Amo: vamos nós outros a acudir ao despacho, que não he razão estragar o tempo nas diversões, quando se usurpa ás disposições do governo. *Vão-se.*

Flor.

Flor. Vamos nós, Altea, pois já faltão de Febo os ardores, a gozar no jardim as suavidades do brando Zefiro.

Alt. Vamos, galharda Florisbella, a buscar esse alivio. Se ha cousa que o possa dar a hum coração ferido de zelosas suspeitas.

á parte, e vão-se.

Zap. Ora, Senhor, vá vossê a trazer ás cavalleiras a esse tal Amo, e vá a horas que o não apanhe descalço.

Mach. Bem pudéra vossê vir a dar-nos ajuda para isso.

Zap. Ajuda! Ui, vossê acha-me com cara de cristaleira?

Mach. Cara de cristaleira eu? para traz que vossê tal tenha: agora nariz de syringa, isso sim.

Zap. Galante traste por vida minha!

Mach. Oh pois vossê he boa vasilha por minha alma.

Ao bastidor Etcatera.

Etc. A buscar a Princeza venho; mas á aqui não está. Quem será este sujeito, que está com Zapete? Não he mal posto com os pés no chão: os olhos são maganos sem ser de assobio.

Mach. Vossê he o que diz as graças cá em Palacio? Sim he, que eu logo lhe vi carinha de galhofa.

Zap. Quer-me vossê não dizer graças? Olhe que lhe hei dizer olé.

Etc. Ai, que o logra! pois eu tomára achar algum amante em commodo, para me desfazer de Zapete, que para mim no jogo de amor não vale nada.

Mach.

Mach. Oh Senhor, como se chama, não vai a desconfiar: nós havemos de ser amigos daqui por diante. Olhe cá Senhor.

Zap. Quer vossê estar quieto, olhe para isto.
annua-se.

Etc. Ai, que está fazendo beicinho! oh triste de mim! Eu saio para me envergonhar. *Sahe.*

Zap. Peior he esta! Ai coitado de mim, que ella he bonita, e elle póde namorar-se della, *á parte.* Ora meu machacaz, ou meu Machavello, vai aonde te mandou sua Magestade que tudo o mais he graça. *para elle.*

Mach. Ai, que formoso par de olhos! ai que dengue de rapariga! *á parte.*

Zap. Vai, vai aonde te mandárão. Etcætera, que queres aqui? Vai-te ao jardim, que para lá foi a Princeza, e te procura.

Mach. Menina, não procura tal: este engana-a, e só se lhe houver fallar verdade, a deixe-se estar, que a mim não me serve de descomodo.

Zap. A mim he que me não accommoda isso. Eu estou perdido! *á parte.* Vai-te já Machavello. *para elle.*

Etc. Para que he estar espantando a gente? isso parece-me a modo de quem quer espantar a caça.

Mach. Que importão os seus espantos, se já se lográrão os vóssos tiros.

Zap. Se não soubera que elle era tolo, havia jurar agora, que elle era discreto: isto não está bom; elles namorão-se sem nenhum remedio. *á parte.*

Etc.

Etc. Elle está-me muito inclinado, que eu bem lho conheço na olhadura. *á parte.*

Zap. Vai-te já; ou farei queixa a sua Magestade do mal que lhe obedeces: anda, vai-te.

Mach. Como me hei de hir, se estou prezo?

Etc. Aquillo he comigo. *á parte.*

Zap. Ai a minha testa que assim me carrega? *á parte.* E quem he que te prende? *para elle.*

Mach. A guarda, que como me não deixou entrar, entendo que me não deixará sahir. Ai amor, que forte brecha me abriste no peito. *á parte.*

Zap. Ai, que féro susto! Cuidei que o dizia por Etcætera. *á parte.*

Mach. Já he preciso hir conduzir ao Principe. *á parte.* Ora Senhor, já me vou, e saiba, que levo mais do que trouxe. *para elle.*

Etc. Que leva?

Mach. Huma ferida muito penetrante.

Etc. Bom vai isto, achei o que buscava. *á p.*

Zap. Que ferida he essa?

Mach. Não te lembra, que me quebrárão os narizes depois.

Zap. Ai, cuidei que o dizia por outra cousa. *á parte.* Não te desenganas ainda, que era ranho, e não sangue? *para elle.*

Mach. Oh, nem tal me lembrava: pois com essa me vou. *Retira-se ao bastidor.* Mas daqui ouvirei o que passa.

Faz Etcætera que se vai.

Zap. Com que v. m. tambem se vai, como

quem

quem não diz nada? Assim me quer deixar pela callada?

Etc. Pois que tenho eu aqui que fazer mais? Diga.

Zap. Ora espere menina, e até agora que tinha?

Etc. Eu bem sei o que tinha, e a vossê que lhe importa isso? Vá lá buscar os seus olhos verdes, e os meus tire delles as esperanças.

Mach. Máo está aquillo.

Zap. Que olhos verdes? eu nunca fui amigo de olhos da alface. Hoje ha de abir o diabo em casa do Alfacinha. *á parte.*

Etc. Não metta isso a graça, que não ha de ser admittido.

Mach. He porque o devo de estar eu.

Zap. Falias de veras?

Etc. Não, não lhe zombo.

Zap. Em negra hora eu fallei em olhos verdes. Pois, menina, vê o que queres que eu faça para ser restituido outra vez á tua graça.

Etc. Acolá (senão me engano) está o tal Machavello. Pois hei de fazer a esse tolo huma peça. *á parte.* Ponha-se ahi de joelhos.

Zap. Aqui estou já ajoelhado. *ajoelha.*

Etc. Ora assente-se agora no chão.

Zap. Já estou assentado. *assenta-se.*

Etc. Erga-se de pressa.

Zap. Já estou erguido. *levanta-se.*

Mach. Ella fallo andar n'uma dobadoura.

Etc. Ora agora vá bailando, em quanto eu for cantando.

Zap.

Zap. Minha Etcætera, olha que eu tenho meus achaques, e não posso fazer esses excessos.

Etc. Pois a Deos. *Faz que se vai.*

Zap. Ai, espera, espera, que eu bailarei até me levar a fortuna. Ai olhos verdes, quanto me custais! *á parte.*

Mach. Ha mais celebre capricho!

Canta Etcætera, e baila Zapete.

Etc. Vamos andando
Cantando, e bailando,
Trate esse orate
De ser bonifrate,
Ai, ai, para aqui,
Ai, ai, para alli,
Andar para cá,
Voltar para lá,
Para aqui, para alli,
Para lá, para cá,
Boa figura

Mach. Bello pexote

Ambos. Bom balharote

Mach. Eu não vi tal.
Mas de tal ver

Ambos. Rizo me dá
ah, ah, ah, ah.

Zap. Isto he traição; bom anda o meu credito! Eu envergonhado diante de gente! isto não esperava eu de ti Etcætera: hum homem da minha authoridade feito bailarote? a minha firmeza mettida em mudanças? Bem me sou-

besse

beste metter nas voltas. Ai, estou quasi estafado. Ora serás já minha amiguinha?

Etc. No jardim ás escuras te espero logo.

Zap. A mim?

Etc. Havia de fallar comtigo? eu te arrenego.

Sabe Machavello.

Mach. A mim?

Etc. A v. m. appello eu por mim! Hei de ver se vai o que eu quero. *á parte. e vai-se.*

Zap. Comigo he, mas a negação foi modestia. *á parte.*

Mach. A mim mo disse, pois a elle já o despreza. *á parte.*

Zap. Senhor Machavello, não diga nada disto a ninguem.

Mach. Ui! vá descançado, que eu se o disser, ha de ser a alguem. *Vão-se.*

SCENA IV.

Mutação de Jardim, e de huma parte hum alegrete, ou fórma de assento, e da outra parte outro, e no fundo hum bofete de pedra, e estará o Theatro escuro. Sabem Florisbella, e Altea.

Flor. JUntas, irmã, viemos a este Jardim, e ambas nós dividimos no passeio, divertida cada qual na sua imaginação.

Alt. Ahi verás quanto arrebata hum pensamento, pois faz dirigir os passos aonde se não

encaminha a vontade. Mas já me unio outra vez á sua companhia, não a casualidade, mas o affecto.

Flor. Ai louca fantasia, que quimeras me fundas sobre o vento! *á parte.*

Alt. Ai amor tyranno, quantas mortes repete hum só ciume! *á parte.*

Flor. Ja do passeio fatigada me sinto; e pois nesse sitio nos convida ao descanço, respirando fragancias, o Favonio, aqui podemos sentarnos.

Alt. Dizes bem; eu já estava do mesmo parecer; mas a tua voz se anticipou a intimar o effeito; para que se veja, que he minha a tua vontade, e tua a minha obediencia.

Flor. A Hypolito vi no jardim, e ainda que o seu rendimento me não desagradou, depois que reconheci a seu favor o empenho de Altea fujo ás occasiões, em que para mim possão passar de politicas urbanidades as suas attenções. *á parte.*

Alt. No Jardim anda Hypolito, pois áquella parte o vi, antes que de todo cahisse a sombra da noite, e sinto que a Princeza tomasse aquelle lugar; porque por entre aquellas ramas tinha commodo para fallar-lhe, quando elle ouvindo-me o procurasse. *á parte.*

assentão-se.

Flor. Oh que agradavel he a hum triste o silencio da noite; pois com mais desafogo se póde entregar todo ao seu cuidado!

Alt. Oh que proprio he para hum peito amante

o retiro ; pois com menos embaraços póde elevar-se nas contemplações de amor !

Flor. Parece que estás penetrada dos seus golpes ?

Alt. O destino fez , que o meu peito fosse o alvo das suas iras.

Flor. Antes eu julgava na tua belleza a imagem das suas adorações.

Alt. Nos seus altares só se conhece por idolo a tua formosura. Muito se declara o meu ciume. *á parte.*

Flor. Parece , que em mim receia preferencias. *á parte.* Não , Altea , não me offendas com a lisonja que eu como reconheço em ti vantajens para a idolatria , não havia de usurpar os cultos , que só se devem ás tuas aras.

Alt. Entendeo-me ; porque se não offenda , quero mudar de sentido. *á parte.* Eu só nas do amor com que te venero , sei sacrificar-te affectuoso o meu cuidado , e não he pouco o que agora me causa o ver-te triste. Qual he a pena que te afflige ? Descança Florisbella no meu peito.

Flor. Ai Altea , e como o querer explicar o meu cuidado , fora emprender hum impossivel !

Alt. Póde o mal padecer-se sem alcançar-se ?

Flor. Sim , quando no ignorar consiste o padecer.

Alt. Como no que padeces , não conheces o que ignoras ?

Flor. Padecendo o que ignoro , e ignorando o que padeço.

Alt. Ai Florisbella ! e como me parece que estou conhecendo , e que tu estás ignoran-

do! Oh como são de amor esses extremos!

Flor. Suspende a voz, não escute a razão nesse nome a sua offensa, e agora melhor será que se empregue em ser lisonja dos meus ouvidos, e suspensão dos teus cuidados.

Alt. Como só as tuas vozes podem servir de suspensões, acompanha o meu canto, que assegurando os agrados logrará pelo indulto o que não alcança pelo merito.

Cantão.

Flor. Loucas memorias.
Alt. Tyrannos zelos.
Ambas { De meus desvellos
Causa immortal.
Flor. Como ao render-me.
Alt. Ao maltratar-me.
Ambas { Já de matar-me
Não acabais.
Flor. Mas ai!
Ambas { Que isto he morrer
Sem acabar.

Sahem pela parte de fóra Hypolito por onde está Florisbella, e Cardenio por onde está Altea.

Hyp. Aqui ouço a Florisbella.

Card. Aqui escuto a Altea.

Hyp. Valer-me-hei das sombras, para lhe intimar as minhas finezas.

Card. Fiado no escuro da noite, lhe quero declarar os meus excessos.

Flor. Para cantar mais convida o silencio do que o rogo.

Hyp.

Hyp. Não me enganei; desta parte está a Princeza.

Alt. Tambem o rogo he attenção.

Card. Desta parte está a Infanta; não me enganou o meu ouvido.

Flor. Essa ás tuas vozes só deve.

Alt. As minhas só sabem subir, quando chega a louvar-te.

Hyp. Por esta rua, que serve de passeio ao Jardim, hirei para fallar-lhe mais seguro de ser sentido de Altea. *Vai-se.*

Card. Por de traz destas latadas, que fórmão parede a este retiro, quero hir, para lhe fallar com menos susto de que o perceba Florisbella. *Vai-se.*

Flor. Em vão procuro esquecer-me do que no bosque vi, e escutei. *á parte.* Mas ai de mim! não sei que rumor senti nestas ramas. *levantão-se.*

Alt. O vento seria; mas se tens susto, muda-te para este lugar, que será mais accommodado. Verei se he Hypolito, que me busca. *á parte.*

Trocão os lugares.

Flor. Receio, que seja Hypolito, que venha a importunar-me. *á parte.*

Sahem os dous pela parte de dentro, chega Hypolito a Altea, e Cardenio a Florisbella.

Hyp. Cobarde chego.

Card. Temeroso a busco.

Flor.

Flor. Mas ai de mim! passos sinto. *á parte.*

Alt. Gente se avisinha: alviçaras coração. *á parte.*

Hyp. Divina Florisbella?

Card. Altea soberana?

Hyp. Não me crimines de muito ousado.....

Card. Não me culpes de pouco amante.....

Flor. Não percebo se he Hypolito. *á parte.*

Alt. Se he Hypolito não averiguo. *á parte.*

Hyp. Se te busca a minha fineza para dizer-te que hoje no bosque consegui a de arriscar a minha vida por evitar a tua offensa.

Alt. Que escuto, pezares! *á parte.*

Card. Se te procura o meu excesso para declarar-te, que hoje no bosque obrei por ti, o de emprender tirar a vida á Princeza para que tu conseguisses a Coroa.

Flor. Que he isto que ouço, penas! *á parte.*

Hyp. Não desprezes pois, Senhora, os meus rendimentos, quando tu és testemunha das minhas finezas.

Card. Não desestimes pois, Senhora, as minhas adorações, quando tu és a causa de taes excessos.

Alt. Com a Princeza minha irmã se vão confirmando os meus aggravos. *á parte.*

Flor. Com minha irmã Altea se communicão as minhas offensas. *á parte.*

Dentro ElRei, Levem luzes ao Jardim.

Hyp. Já retirar-me he preciso. *á part. e vai-se.*

Card. Já he força o retirar-me. *á p. e vai se.*

Flor. Não estou em mim de sentimento *á p.*

Alt.

Alt. Morta me tem o pezar. *á parte.*

Sahem por fóra Machavello por huma parte, e Zapete por outra.

Mach. Pois ElRei com Felisardo fica divertido, quero a foro de toló, ver se vejo ás escuras a Etcætera neste Jardim.

Zap. Pois Etcætera disse que viesse ao Jardim de noite, se a não vir por sombras, quero ao menos apalpalla.

Mach. Oh quem me dera dar com ella.

Zap. Ainda que estou ás escuras, não se me dava de ter com ella huma topada.

Mach. Se estará para aqui?

Zap. Se estará para cá?

Flor. Ai de mim infeliz!

Alt. Ai de mim triste!

Mach. Mas ter mão, que aqui ouvi suspirar.

Zap. Porém vamos de vagar, que aqui senti resfolgar.

Mach. Sim, aqui [illegible] o ruje ruje das saias.

Zap. Sim, aqui [illegible] o estralicar das chinellas.

Mach. Se a min[illegible] he tão feliz, que mereço ser admittido, nas minhas mãos, dará fim a pessoa que aborreces. *para Florisbella.*

Isto diz Machavello a Florisbella, e o seguinte diz Zapete a Altea.

Flor. De novo se ratifica a sentença da minha morte. Em fim Altea me aborrece! ah traidora! *á parte.*

Zap. *Se mereço* que me restituas á tua graça, mil

mil vezes arriſcarei eſta vida por lograr outra vez os teus favores. *para Altea.*

Alt. De novo ſe intimão as ſuas finezas. Em fim Florisbella o tem favorecido! ah falſa! *á parte.*

Mach. Falla-me, mais que ſejá pela boca da noite.

Zap. Reſponde-me, mais que ſeja em eſtylo eſcuro.

Flor. No peito hum incendio abrigo. *á parte.*

Alt. Hum Ethna occulto no peito. *á parte.*

Mach. Dize, não te embarace a vergonha.

Zap. Falla, não te perturbe o pejo.

Mach. Meu bem.

Zap. Meu amor.

Flor. e Alt. Já iſto não póde ſoffrer-ſe. *á p.*

Flor. Traidor, barbaro, atrevido.....

Alt. Falſo, aleivoſo, inſolente.....

Mach. Que vai, Senhor Machavello? *vira.*

Zap. Senhor Zapete, que tal?

Sahem dous criados com duas ſerpentinas de luzes, que porão ſobre a meza, e outro com huma cadeira, que põem a hum lado.

Flor. e Alt. Como aſſim!

Flor. Mas que he o que vejo! *á parte.*

Alt. Mas que he o que noto! *á parte.*

Mach. e Zap. Ai deſgraçado de mim!

Mach. Oh quem ſe vira em Berberia!

Zap. Oh quem ſe vira em Salé!

Flor. Que encanto he eſte, cuidados! *á parte.*

Alt. Que prodigio he eſte, amor! *á parte.*

Mach

Mach. Eu se acaso... agora... quando...
Desta vez me massão o cagueiro. *á parte.*

Zap. Eu se aqui... então... porque.....
Desta vez me derreão o palaio. *á parte.*

Flor. Não he possivel, que deste simples nascessem aquellas razões: em vão me animo.
á parte.

Alt. Não he possivel articularem se aquellas palavras na boca deste nescio: penas respiro.
á parte.

Mach. Oh quem advinhára que aonde buscava a Etcætera havia de achar a Florisbella! Antes eu me fora metter no calcanhar do mundo. *á parte.*

Zap. Oh quem soubera que em lugar de huma lacaia se havia de achar huma Infanta! Antes eu me fora encaixar no cu de Judas.
á parte.

Flor. Examinallo he preciso. *á parte.*

Alt. Averiguar este caso he necessario. *á parte.*

Mach. Estou vendo se me mandão com trezentos mil diabos. *á parte.*

Zap. Estou vendo se me mandão dar trezentos mil açoutes. *á parte.*

Flor. Vem cá: dize-me.

Mach. Direi, se souber o que digo.

Alt. Vem cá: responde-me.

Zap. Eu não sou tão mal ensinado como isso.

Sahem ElRei, e Felisardo, este fica em pé, e ElRei se assenta.

Flor. Mas cesse por agora o exame. Ai de mim! *á parte.*

Alt.

Alt. Ai infeliz! mas ceſſe a averiguação por agora. *á parte.*

Rei. Florisbella, Altea, filhas, o meu amor, que ſempre deſeja dar-vos goſto, traz á voſſa preſença eſte galhardo mancebo, que hè Apollo na diſcrição, e Orféo na modeſt a: com as ſuas prendas quero liſongear-vos.

Flor. e Alt. Correſpondemos-te Pai, e Senhor, com igual fineza.

Mach. Pois eſtão entretidos, bom ſerá por agora uſar da eſcapatória. *á parte. e vai-ſe.*

Zap. Pois divertidos ſe achão, não ſerá máo agora uſar da eſgueiração. *á parte. e vai-ſe.*

Fel. Ai amor, e que encanto he eſte da formoſura, que tanto me arrebata os ſentidos! Sem mim eſtou!

Rei. Falla Sigiſmundo, agora emmudeces? Eſta he a Princeza minha filha, a quem deſejo divertir.

Flor. Galharda preſença! *á parte.*

Alt. Bizarro ſujeito! *á parte.*

Rei. Chega a fallar-lhe, não te acobardes.

Fel. Oh, não julgues Monarca eſclarecido, que deixo de fallar quando emmudeço: aonde as admirações hão de expreſſar-ſe, não há fraze mais propria que o ſilencio.

Rei. Bem ſe deſculpa. *á parte.*

Chega Feliſardo á Princeza, e ajoelha.

Fel. A voſſos pés, Senhora, (amor piedade! não me mates, anima agora o peito. *á p.*) Já me proſtro: (ai de mim! não ſei que di-

digo *á parte.*) animoso, cobarde, lince, cego. . . . . .

Rei. Perturbou-se . *á parte.*

Fel. A vossos pés, Senhora, (outra vez digo) a ser adoração passa o respeito, que aonde não se admittem igualdades, se conhece a attenção pelos excessos.

Rei. Mui bem emendou o defeito. *á parte.*

Flor. Outro encanto me suspende: parece que me seguem os prodigios. *á parte.*

Alt. Apenas chega a agradar-me, quem tanto exalta a minha maior inimiga. *á parte.*

Flor. Não culpeis, se me dilato em pagar com agradecimentos, o que devo aos vossos applausos; que se bem o advertis, ao vosso estylo tambem são devidas as minhas suspensões.

Ajoelha Felisardo junto a Altea.

Fel. Em vós, Senhora, he o pasmo successivo; quando chego a admirar hum tal portento, que sem duvida fora sem segundo a não crear o Ceo outro primeiro.

Alt. He privilegio da discrição fazer lisonja da offensa. *á parte.*

Flor. E quanto sentirá que me prefirão, quem tanto se empenha em que me offendão!
á parte.

Alt. Tanto me exalta o modo porque me louvais, que vos aceito por obsequios os desenganos.

Rei. Mais lhe deu a natureza a este Estrangeiro nas prendas, que o adornão, que a mim a for-

a fortuna na Monarquia, que governo. *á p.* Com que motivo vieste, Sigismundo, a estas regiões?

RECITADO.

Fel. Amor da amada Patria me desterra:
Venho seguindo as forças do destino
Infeliz, derrotado, peregrino,
Buscando abrigo na estrangeira terra:
Aos mares me entreguei que de opprimidos
Com pezo infeliz de meus cuidados,
Prorompêrão em horridos bramidos;
E tanto contra a terra conjurados,
Que ver pude em diversos horizontes
Voar os mares, e nadar os montes:
Mil perigos venci com peito forte,
Até que a minha feliz sorte
No teu amparo me assegura,
Quanto esperar pudéra da ventura.

ARIA.

Pois me dá seguro amparo
O teu peito heroico, e claro,
Desse modo
Já lá vai o meu mal todo,
Aqui está todo o meu bem.
Ao seguir tão fixo norte,
Já não tenho á dura sorte,
Que temella,
Pois vejo a minha estrella,
Que a domina o teu poder.

Rei.

Rei. Desde hoje serás o primeiro na minha estimação, que assim o pedem as distinções com que te formou a natureza.

Fel. Oh Senhor, quanto exaltas a minha humildade!

Rei. Nada tens nisso que dever á fortuna, antes toda ella cedeo ao teu merecimento. Vamos, que quero destinar lugar para a tua habitação em Palacio. *Vai-se.*

Fel. Já te sigo, Senhor, reverente, e agradecido. Ai Florisbella, e a quantos excessos me obrigas! Querra amor favorecer a meus empenhos. *á parte. e vai-se.*

Flor. Não sei em que hão de parar tão prodigiosos acasos: encanto me parece quanto escuto, e vejo. *Vai se.*

Alt. Não sei em que hão de vir a dar tão continuados martyrios: contra mim se dispõem quanto vejo, e quanto escuto. *Vai-se.*

Vem dous criados a levar as luzes, sabe Etcætera só, e como ás escuras.

Etc. Agora que ficou o Jardim desembaraçado, quero ver se encontro o tal Machavello, que para cá me dizem que veio.

Sabe Machavello.

Mach. A' luz, que de huma janella da galaria se communicava, vi que para esta parte vinha Etcætera, e ainda que escaldado da primeira, quero cahir na segunda.

Sabe.

Sabe Zapete pela outra parte.

Zap. Como os meus ciumes me trazem ſempre á lerta, ando feito ſentinella deſte Jardim; porque o ver no paſſado ſucceſſo ao Senhor Machavelſo, me deſpertou o cuidado.

Etc. Aqui ſinto paſſos: ſe ſerá o meu novo emprego?

Mach. Aqui eſcuto rinjir ſeda; ſe ſerá a menina dos meus olhos?

Zap. Eu perdi o tino, não ſei aonde eſtou: ſupponho que hirei dar comigo na nora.

Elle anda mais apartado.

Etc. Ei-lo comigo; agora o que me reſta he ſer Zapete. *á parte.*

Mach. Ella he, eu me reſolvo: ſe eu dava agora com alguma Princeza, era huma fallada. *á parte.* Se ſe permitte a hum amante morcego, que entre as ſombras da noite ronda a luz deſſes olhos, queimar as azas em tão doce incendio, terei por felicidade o ficar deſazado cahindo-te em graça, ſó porque fique outro paſſaro de aza cahida nos teus favores.

Zap. Para eſta parte ouço cuchichar.

Etc. Eſte he Machavello. *á parte.* Se deſejas abrazar-te nas minhas luzes, não ſejão de morcego os teus voos. Aonde ficão as Mariposas, as Fenix, e as Salamandras? Não ſou eu tão pouco altiva, que não deſeje nos meus amantes a imitação dos melhores exemplares: o mais fique para Zapete, que como paſſaro nocturno, ſó he do rancho de Gralhas, Morcegos, e Corujas.

Zap.

Zap. Pois que vai? he olho, ou buraco? Está bonito isto! *á parte.*

Etc. Mas aqui sinto passos, quero retirar-me depressa. *á parte. e vai-se.*

Mach. De mais a mais, não he besta a rapariga. *á parte.* Pois meu dengue, já que me permittes ser pasto das chammas do teu amor, admitte-me desde hoje pelo menor dos teus amantes, bem que entre todos me acharás unico nas finezas.

Zap. Eu estou por instantes dando hum cerra Espanha. *á parte.*

Mach. Que respondes meu bem?

Zap. Se ella callou, consentio. *á parte.*

Mach. Ui, não me responde; quero ver se se ausentou. *á parte.*

Zap. Mas quero ver se a topo. *á parte.*

Estendem ambos o braço, e toca hum na cara do outro.

Mach. Porém que he isto? femea com bigodes.

Zap. Mas que he isto! Etcætera com barbas?

Mach. Quem me pega?

Zap. Quem me agarra?

Mach. Póde haver maior desaforo!

Zap. Ha maior pouca vergonha?

Mach. Isto he caso de bigode.

Zap. Isto he successo de barbas.

Mach. e *Zap.* Logrou-me patife!

Mach. Pois tome. } *Dá hum no outro.*
Zap. Tome }

Mach. Lá vão dous dentes fóra.

Zap.

Zap. Lá vão duas costelas dentro.

Sabe Etcætera com luz.

Etc. Que he isto, Senhores, estão doudos? vossês jogando os murros ás escuras? vejão o que fazem, que para isso lhes trago luz.

Zap. O que eu ganhei, de boa mente to déra de barato.

Etc. Se eu fora emparelhada com Machavello, tu perdêras mais.

Mach. Eu topei a tudo, e se tu não vens ainda não parava.

Zap. Não seja desavergonhado, que vossê não me poz mão.

Mach. Tenha tento no que diz, se não hei de dobrar a parada.

Zap. Oh magano! } *Tornão a*
Mach. Oh desavergonhado! } *dar-se.*

Etc. Ai meus peccados, que se torna a accender a pendencia,

A R I A.

Aparte-se a bulha,
Acabe-se a pendencia,
Já que a competencia
Em dar he que dá;
E porque se apartem,
Vai tu por aqui, *a Mach.*
Vossê vá por lá. *a Zap.*
E não me reguingue *a Zap. tudo isto.*
Se não levará
Muita pancada,

Mui-

Muita bofetada,
Muita arrochada,
Muita pauletada,
E não me reguingue,
Vai tu por aqui, *a Mach.*
Vossê vá por lá. *a Zap.*

Fim do primeiro Acto.

ACTO II.

SCENA I.

Mutação de Bosque. Sabe Cardenio, e hum Soldado.

Card. NÃo te admires, Lidoro, de que viva ha tanto tempo, negado aos descanços da Patria, ou admira-te em quanto te não relato os motivos, que me movem a seguir com gosto os desterros della. E pois no retiro deste bosque, ainda que a natureza concedeo alma ás plantas, não permittio ouvidos aos troncos; fiarei de ti os meus cuidados, sem que periguem os meus segredos.

Sold. Não he novo, Senhor, o favorecerem-me os Principes da Casa Real de Moscovia, e menos o será em ti, pois tantas experiencias tens da lealdade com que te sirvo.

Card. A Infante Altéa, como já sabeis, foi eleita para esposa do Duque de Moscovia; cerradas as capitulações, e assentadas as conveniencias das duas Coroas, foi trasladada desde Suecia áquellas Provincias, aonde chegou acompanhada da mais rara formosura, que he o mesmo que da maior infelicidade; pois hum dia antes que ella chegasse a Moscovia, morreo seu futuro esposo precipitado do furor de hum cavallo desde a eminencia de humas altas rochas: trocando a instavel fortuna ao recebella as gallas em lútos, e o thalamo em feretro.

Sold. De cujo lastimoso acaso se penetrou tanto a galharda Infanta, que em muitos dias não cobrou os espiritos, que lhe roubou o desmaio.

Card. Entrou na regencia daquelle Imperio, como legitimo successor do Cezar defunto, o grande Basilio irmão seu, e meu tio, com o qual repugnou Altéa o consorcio, por não violentar o gosto na companhia daquelle, em quem a natureza depositou invisiveis as excellencias com que o dotou; pois tanto concedeu ao seu interior de generosidade, discrição, e prudencia, quanto negou á sua pessoa de exterior bizarria, e gentileza. Dous mezes descançou da pena, e da jornada; antes de pôr por obra o regresso da patria. Eu que neste tempo tinha chegado de Dinamarca, aonde me tinhão conduzido as travessuras do meu genio (vivendo disfarçado naquella Corte, aonde

aonde muitas vezes entrei com o Principe Felisardo em contencioso certamente já na luta das forças, já na destreza das armas, exercicios de sua maior inclinação) me senti tão rendido ao formoso imperio de seus olhos, que mil vezes pelos meus lhe dei a ler os caracteres, que amor me imprimio no coração.

Sold. E ella devia de entendellos, pois tu a seguiste até este Reino de Suecia, aonde ha dous annos vives disfarçado assistindo a El-Rei em todos os negocios graves do Reino, estimando elle tanto a tua grande sciencia, que de ti vive inseparavel.

Card. Entendeo as minhas ancias, mas desprezou os meus cuidados. Vio que disfarçado a segui: conheceo que dissimulado a acompanhei, e tanto dissimulou, que o conhecia, que eu mesmo duvidava se era disfarce o não reparar, ou ignorancia o não conhecer. Nestas confuzões vacilante o meu discurso, vinha seguindo o norte de tão soberanas luzes; quando na passagem de hum pequeno rio, ordenou a fortuna, que na desordem dos que a acompanhavão, ao metter-se no bergantim se precipitou nas aguas: não sei se foi, que a Deosa Thetys ao admirar tanta belleza, quiz illustrar os imperios de Neptuno com os timbres de outra Divindade. Ficárão todos immoveis, ou de pena, ou de embaraço, reduzindo aos lamentos toda a presteza das execuções; mas eu que obrigado da ancia de salvar a minha vida, desprezei todos os horro-

res, que podia offerecer-me a morte, com arrebatada promptidão me lancei ás correntes, que servião de prisões aos animos dos cobardes, que com inveja o admiravão, de donde sahi triunfando de todo hum elemento, feito Athlante de todo o celeste globo.

Sold. Notavel fineza, Senhor! E como correspondeo a tanta obrigação?

Card. De tal sorte reconheceo a divida, que me fez depositario de mil ditosas promessas. Disse-me, que desde aquelle ponto admitio com agrado as minhas finezas, e correndo o tempo me certificou, que se as enfermidades da Princeza sua irmã, (que então por instantes crescião, a reduzisse aos imperios da morte) sendo ella herdeira do Reino, a nenhum admittiria por seu esposo se não a mim, que que só faltaria a fé desta palavra, quando eu intentasse offender a sua vida, o que á vista de lha ter já dado, se fazia impossivel crer.

Sold. Quem arriscou huma, que tinha, por livralla; mal podia offender huma que adora, e a da Princeza Florisbella parece que se dilata a pezar dos teus intentos.

Card. Agora, Lidoro, entra a maior fineza, que por ti faço, e o maior empenho em que te occupo. Desesperado eu das demoras com que se dilata o logro dos meus desejos, cego de amor, alheio já da razão, e attento só a salvar a vida, que nos braços da dilação por instantes me vai usurpando o rigor do meu adverso fado, intentei (ai de mim!)

mar

tirar (oh amor a quanto obrigas !) a vida.... mas espera, que até o silencio deste bosque me parece mais attenção cuidadosa, que natural socego.

Examina se ouve alguem.

Sold. Notavel recato ! *á parte.*

Card. Sós estamos. Digo pois, que intentei tirar a vida á Princeza Florisbella....

Sold. Notavel tyrannia ! *á parte.*

Card. Só a fim de que Altea conseguisse ser Rainha de Suecia, e eu a fortuna de ser seu esposo. Não detenhas aqui o discurso em ponderar a gravidade do caso, extende a attenção ao que dizer-te quero. (Oh como temo que me escute a razão ! *á parte.*) Hum dia, pois, que a Princeza obrigada das suas melancolias, se retirou (como tinha de costume quando ElRei a conduzia ás caçadas) para hum ameno, e solitario sitio, visinho deste bosque, valido dos disfarces de huma mascara, quiz acabar de huma vez com a sua vida, a tempo que sahio de entre humas arvores a embaraçar os meus intentos o Principe Felisardo, o qual habita nestas montanhas vestido de pelles, e tão dissimulado no traje, que só eu (que tantas vezes, e de tão perto lhe vi o rosto, e ouvi a voz, o podéra conhecer :) retirei-me cuidadoso dissimulando o delicto com engenhosos disfarces, e agora te mandei vir a este sitio, para que com os companheiros, que te esperão occultos, bul-

buſquemos a Feliſardo, que neſtas montanhas habita, e nellas demos ſepultura á ſua vida, porque ainda que não ſei os ſeus intentos, como ElRei vive tão inclinado a fazello com a mão de Florisbella herdeiro de ſeus Eſtados (que o não tello poſto por obra he ſó por não violentar a Princeza, que lhe tem natural aversão, ſó pela noticia que a fama divulgou de ſuas traveſſuras) quero na ſua vida tirar hum embaraço ás minhas fortunas.

Sold. Rara malevolencia! *á parte.*

Card. E aſſim, pois a eſtação da madrugada ainda convida ao ſocego a toda a Real familia, que a eſte ſitio ſe mudou deſde a Corte, vamos a correr todos eſtes viſinhos montes, para lograr o que tenho determinado. Morra Feliſardo, e morrão quantos poſſão ſervir de embaraço ás minhas felicidades.

Sold. A minha obediencia ſerá aos teus preceitos a reſpoſta mais prompta. Mais obra em mim o temor, que a obediencia. *á parte.*

Card. Oh a quantos exceſſos ſe arroja hum coração amante! *á parte.*

Sold. Oh a quantos precipicios ſe expõe hum animo malevolo! *á parte. e vão-ſe.*

Soão inſtrumentos, e ſahe Altéa cantando.

A R I A.

Que proſpera vai ſulcando
A candida Paſtorinha
Na florida, e tenra ervinha
Hum placido verde mar.

Mas

Mas tremula já receia,
Se estrepito ouvio na rama,
Das lagrimas, que derrama,
No pelago naufragar.

Sabe Hypolito.

Hyp. Raras são as prendas, e a formosura de Altéa! A não conseguir as soberanias da Coroa, não póde haver mais gostoso emprego para os meus affectos. *á parte.* Galharda Altéa, que novo desvanecimento dás hoje aos Ceos, e aos Prados, pois anticipando a sahida nesta alegre, e saudosa madrugada, em competencia da Aurora, vens duplicando alvores, e rosicleres? Quando se vio a Alva com mais feliz estrella? Quando mais risonha, que com a alegria de tuas vozes? Com mais gloria nunca se rompeo, nem o silencio da noite, nem a luz do dia.

Alt. Ah tyranno, e como vestes de lisonjas a tua traição! *á parte.*

Hyp. Não fallas? não respondes? meu bem, meu amor....

Alt. Meu mal, meu odio, que queres que te diga? que queres que te responda?

Hyp. Que novo rigor he este, ai de mim! *á parte.*

Alt. Que queres que responda aos teus carinhos falsos, quando só são verdadeiras as tuas aleivosias? Dize, ingrato.

Hyp. Alheio termo he este para a minha fineza. Não alcanço de donde póde nascer o excesso

cesso deste enfado. Se lhe communicaria a Princeza o meu affecto? *á parte.*

Alt. O teu mesmo silencio está confessando a tua culpa.

Hyp. Que culpa, Senhora? (Difficultosamente me animo. *á parte.*) Que culpa pódes accumular a hum amor, que por puro sempre ha de ser innocente? Em que te offendi, Senhora? declara-te; se me matas com a ira, não me poderá valer a verdade, porque chegará tarde com o remidio.

Alt. Que verdade, traidor, póde haver em hum peito, que eu mesma averiguei caviloso?

Hyp. Se me veria fallar no Jardim com Florisbella? mas o recato da voz, e a sombra da noite, me livrão do receio. *á parte.*

Alt. Quero averiguar de huma vez as suas traições. *á parte.* Dize-me, não foste hontem ao Jardim?

Hyp. Por aqui começa o exame? *á parte.* Sim, fui, Senhora.

Alt. E fallaste com alguem, quando cahírão as sombras da noite?

Hyp. Só comtigo foi o meu intento fallar. Ai infeliz! *á parte.*

Alt. Com cautellas me responde. *á parte.* Dos teus intentos não procuro saber por ora, das tuas obras he que aqui pretendo informar-me.

Hyp. Grande aperto he o em que me acho: se declararei que fallei com a Princeza? *á parte.*

Alt. A verdade não necessita de ensaios: deixo

por

por agora os discursos que não quero què cuides o que me has de responder.

Hyp. Eu, Senhora, confesso que com a Princeza fallei; mas foi engano das sombras; porque cuidei que eras tu. Não sei o que digo. *á parte.*

Alt. Hei de apurallo. *á parte.* Com que descubriste o nosso segredo amoroso? e ella que te respondeo?

Hyp. Nenhuma palavra, Senhora, ouvi da sua boca.

Alt. Pois como soubeste que era ella a com quem fallavas? Ah falso! *á parte.*

Hyp. Notavel erro! *á parte.* He porque depois pude advertir, que quando.....

Alt. Com que affirmas, que com a Princeza fallaste?

Hyp. Negallo seria offensa: com ella fallei.

Alt. Mentes, aleivoso, que não foi ella com quem fallaste.

Hyp. Raro successo! mas eu o emendarei. *á parte.* Senhora, para que he estar-vos affirmando o que vós sabeis com tanta realidade? Comvosco fallei no Jardim, que só a vós se encaminhou a diligencia de procurallo. Eu havia de fallar a outrem? tudo o mais he graça, na supposição de que estais nisso certa.

Alt. Finalmente affirmas, que comigo no Jardim fallaste?

Hyp. Quando se averigua, que foi com a Princeza, direi como já disse, foi por engano. *á parte.* Huma, e mil vezes o affirmo.

Alt. Mentes, e huma, e mil vezes o farás; se mais aqui comtigo expozer a desaires o meu decóro.

Sahe. Florisbella ao bastidor.

Flor. Aqui está Hypolito, e Altéa; ouvirei a sua questão.

Hyp. Não te irrites, formosa Altéa, contra mim, quando sabes que hontem no Jardim te manifestei o meu amor; porque só a ti te encaminhão os meus amantes rendimentos.

Flor. Este he o tyranno da minha vida; *á p.*

Alt. Com a Princeza fallaste, e não comigo, ingrato.

Hyp. Pois se agora affirmas, porque me desmentiste quando to confessei? Confuso estou! *á parte.*

Alt. Porque são tantos os enganos do peito, que mentes quando dizes que comigo fallaste, e se dizes que com a Princeza, tambem mentes. *Vai-se.*

RECITADO.

Hyp. Detente, suspende doce homicida,
Pois se fico sem ti, acabo a vida:
Não te ausentes, espera bella ingrata;
Se meu amor sem teu desdem me mata,
Para que he com rigor tyranno, e forte
Duplicar o motivo á minha morte.

A R I A.

Deixaste-me tyranna :
Ai que espiro ! ai que morro !
Soccorro , amor soccorro ,
Que já sem alma estou.
Já sinto em tal desmaio
O peito intercadente
A lingua balbuciente
Tremula , e torpe a voz.

Hyp. Espera , Senhora , não te ausentes , sem que primeiro me declares enigma tão difficil de entender.

Vai a seguilla , sahe Florisbella , e o detem.

Flor. Espera tu , detem o passo , e suspende o aleivoso accento.

Hyp. Ai de mim ! que novo infortunio me offerece a sorte ? Entre Scila , e Caribdis me vejo naufragante. *á parte.*

Flor. Averiguar quero este caso. *á parte.* Não venho , Hypolito , a pedir-te satisfações das finezas , que expressaste da Altéa ; porque nenhum cuidado me dá o engano , que nessa parte me tens feito ; quero sim examinar a qual das duas fallaste hontem no Jardim , para tirar-me de huma suspeita , que me traz sem socego.

Hyp. Ha maior desgraça que a minha ! Altéa me despreza , e Florisbella me desengana : para com ambas me deixa sem meritos o amor. *á parte.* Senhora , se a verdade merete

ce attenções, escuta nas minhas vozes os teus desenganos. Como o conhecer em minha Prima Altéa algum affectuoso cuidado me tem obrigado a não corresponder com desattenções aos seus agrados, e porque dahi nascerá algum inconveniente ao meu amor, não a tenho já desenganado do pouco que o meu affecto se lhe inclina. E como só nas tuas aras sei fazer amantes sacrificios, a ti hontem te buscava para dar-te parte das finezas, que por ti tenho obrado, valido do negro manto da noite para não ser visto de Altéa, que comtigo estava.

Flor. Que he o que escuto! Comigo confessa ter fallado, e diz que foi para dar-me parte das suas finezas, quando só delle alcancei os meus aggravos? *á parte.*

Hyp. Esta he, Senhora, a verdade.

Flor. Esta he, Hypolito, a mentira; pois eu sei com evidencia infallivel, que vós comigo não fallaste, e só foi a prática com minha irmã.

Hyp. Ha maiores confusões! Quem se vio em igual labyrintho! *á parte.*

Flor. E não foi para expressares finezas, mas sim communicares traições contra a minha vida. Em que vos offendi, para mostrares contra mim tanto rancor?

Hyp. Eu estou para perder o juizo. *á parte.* Fermosa Florisbella, se vós sabeis que eu comvosco fallei, e que vos declarei, que por livrar a vossa vida, contendi braço a braço

com

com huma féra, ou com hum traidor, que tirar-vo-la intentava, como podia eu conſpirar em voſſa offenſa?

Flor. Mais favor achei eu na féra, de que vós me livraſtes, do que em voſſo peito, que tão amante ſignificais. Ai louco penſamento! *á parte.*

Hyp. Eſſa he a deſgraça de hum benemerito, que ſó tem por premio a ingratidão, e o deſconhecimento.

Flor. Ora, Primo, ainda que pudéra, dando parte a ElRei meu Pai da voſſa traição, examinar com rigóres a cauſa dos meus receios, quero ſó com brandura perſuadir-vos, a que me digais a razão com que ſe empenha Altéa contra a minha vida, e quem vos moveo a vós a ſer o executor da ſentença da minha morte?

Hyp. Já iſto paſſa a deſeſperação. *á parte.* Não tenho, Floriſbella, mais que dizer-vos, ſenão que pudéra dar-me por mui offendido de vós, por eſtares na ſuppoſição de que era capaz hum peito, que ſe anima do voſſo ſangue meſmo, de ſer aſilo de traições: comvoſco fallei, vós meſma o ſabeis, pois ouviſtes as minhas vozes, e nellas pronunciar o voſſo nome.

Flor. Ha maior atrevimento! Elle faz ludibrio da minha peſſoa, confeſſando a culpa no meſmo eſtilo de deſculpar-ſe. *á parte.* Bem vos entendo, falſo, injuſto: comigo fallaſtes quando com Altéa conferiſtes as voſſas traições.

e a mim me nomeastes quando dispozestes contra meu peito os estragos da vossa ira; mas a minha justa indignação saberá tomar vingança de tanto genero de aggravos.

Vai-se por onde veio.

Apparece Zapete ao bastidor.

Hyp. Piedosos Ceos, he possivel que sem mais culpa que a de infeliz, me condeneis á pena mais sensivel para o meu coração!

Zap. Mão! elle está enfadado: mas já agora paciencia, eu não quero perder occasião de desencarregar a minha consciencia, vomitando este bocado que tenho atravessado na garganta. *Sabe.* Salve Deos a pessoa, tenha vossa como se chama, alegrissimas auroras; Senhor, eu venho aqui a que.....

Hyp. Sem alma estou!

Zap. Mas eu bem sei, que agora não he occasião, mas.....

Hyp. Não sei em que hei de resolver-me, pois quanto mais me desculpo, mais me condemno.

Zap. Com que, Senhor, faça v. m. de conta que.....

Hyp. Altéa diz que eu nem a ella, nem a Florisbella fallei, dando-me a entender que fallei a ambas.

Zap. Elle era de noite, fazia hum escuro, que era metter o olho pelo dedo, e eu.....

Hyp. Florisbella nega, que eu com ella fallasse, quando eu lhe fiz expressão da minha finneza.

Zap. Eu hia assim a modo de quem hia tomar o fresco ao Jardim, e....

Hyp.

Hyp. Quem ferá motivo de táo nunca vifta confusáo ?

Zap. Vai fenáo quando, como lhe vou contando, topo com fua Alteza de meio a meio.

Hyp. Que dizes ?

Zap. Topei com ella, e nefte meio tempo vem luzes.

Hyp. Que luzes ?

Zap. As das ferpentes pequeninas que....

Hyp. Vai-te louco. *Dalhe.*

Zap. Oh mal haja a tua máo, que fem fer de gral me machucou os queixos, como fe os meus dentes foffem de alhos.

Hyp. Quem vio maior confusáo !

Zap. Quem fentio bofetáo maior !

Hyp. Eu com as efperanças quafi perdidas !

Zap. Eu com os queixos quafi efmigalhados !

Hyp. Em huma defcuberta a minha cautela, e em outra defprezado o meu affecto !

Zap. Em hum inchada huma gingiva, e em outro abalado hum dente !

Hyp. Que ifto finto, e tenho vida !

Zap. Que ifto paffo, e tenho paciencia.

Hyp. Náo ha piedade nos Ceos ?

Zap. Náo ha Juftiça na terra ?

Hyp. Ai de mim !

Zap. E ai de mim tambem !

Hyp. Vai-te infolente, ou te matarei.

Zap. Irra.

Vai-fe-

Vai-se Zapete com pressa; topa com Cardenio, que sabe irado, e lhe dá.

Card. Detente barbaro.

Zap. Arre. *Vai-se por outra parte.*

Card. Infructifera foi toda a diligencia, pois encontrar não pudémos a Felisardo. Tudo me succede mal; mas Hypolito! dissimularei a minha cólera. *á parte.*

Hyp. Cardenio! dissimularei a minha pena. *á parte.*

Card Tão cedo, Senhor, no campo?

Hyp. A gozar as delicias da madrugada me anticipei hoje que nas assistencias do campo todo o tempo que se dá aos descanços, se nega aos recreios.

Card. O mesmo motivo me obrigou a sahir do meu quarto tão anticipadamente.

Sahe ao bastidor Florisbella pela parte por onde tinha hido, e pela outra Altéa, que he aonde se acha Cardenio.

Flor. Outra vez torno á presença de Hypolito, porque quero com mais prudencia acabar de fazer este exame.

Volta Hypolito.

Hyp. Alli vem Florisbella. *á parte.*

Alt. A Hypolito torno a buscar; porque continuando a averiguação, de huma vez quero desenganar-me.

Volta

Volta Cardenio,

Card. Aqui vem Altéa. *á parte.*
Hyp. Ainda dura, formosissima Florisbella, no teu peito o rigor, que contra mim mostras?
Card. Ainda, bellissima Altéa, poderá o meu amor alentar esperanças na tua promessa?
Flor. Durá a causa, mas não dura o rigor, por agora..... Mas alli está Cardenio, passarei adiante. *á parte.*
Alt. Poderá: mas eu não poderei cumprir a promessa, sem que...... Porém alli está Hypolito, não dilatar-me he preciso. *á parte.*
Vão passando ambos.
Hyp. Ai de mim! por Cardenio se ausenta: e se viria com mais piedoso intento? *á parte.*
Card. Ai de mim! por Hypolito dissimula? e se acharia na sua voz algum allivio o meu cuidado? *á parte.*
Flor. Altéa?
Alt. Florisbella?
Flor. Não sei que alteração sente o peito com a vista de Altéa, depois que vivo receosa da sua traição. *á parte.*
Alt. Não sei que desagrado me causa a presença de Florisbella, desde que a supponho alvo dos meus ciumes. *á parte.*
Flor. Tão cedo no prado?
Alt. Já do campo te retiras?
Flor. Sim, que como costumada a traições não está no campo segura a minha vida.
Alt. Sim, que como sujeita a desvelos sem-

 pre

pre me succede madrugar para os pezares.
Flor. Bem me entenderia. *á parte.*
Alt. Muito me declarei. *á parte.*

Vão passando, e chega Florisbella a Cardenio, e Altéa a Hypolito.

Hyp. Aqui vem Altéa; verei se mais aplacada me attende. *á parte.*
Card. Aqui vem Florisbella; para assegurar a minha pessoa, darei aviso da minha traição, pondo o delicto em cabeça alheia, para que em mim se não escrupulize, quando logre o meu intento. *á parte.*
Flor. Verei se ao passar falla a Hypolito. *á p.*
Alt. Receio que Cardenio me veja fallar a Hypolito. *á parte. Virão ambas a cabeça.*
Hyp. Senhora, tens já advertido, que só a ti se dedicão os meus amantes cultos?
Card. Sabe, galharda Princeza, que ha quem pertende offender a tua vida.
Flor. Piedosos Ceos, que he o que escuto! e que he o que vejo! aqui me confirmão os meus temores, e alli fallando Hypolito com recato a Altéa, confirma as minhas suspeitas. *á parte.*
Alt. A Princeza fallou Cardenio com recato; deste motivo me valerei para a repulsa dos seus cuidados, e agora ausentar-me he preciso, para que a Princeza não repare. *á parte, e Va-se*
Flor. Vai, Cardenio, e em Palacio me espera.
Card. Vou, Senhora, a obedecer-te. *Vai-se.*

Hyp.

Hyp. Ficou, Florisbella, e pois o sitio convida a maior desafogo, quero ver se abrando a sua dureza, e a primeira das duas, que comigo se mostra favoravel, será o unico norte dos meus cuidados.

DUETO.

Hyp. Meu bem, idolo amado,
Suspende o rigoroso.
Flor. Ai deixa-me enganoso,
Aparta-te homicida.
Hyp. Repara que esta vida,
Se anima deste amor.
Flor. Não seja a minha vida,
Objecto ao teu furor.
Hyp. De hum peito, que te adora,
Não formes tal conceito.
Flor. Ah falso, que em teu peito
Só tratão de animar-te
Impulsos da fereza,
Excessos do rigor.
Hyp. Attende, que o meu peito
Só sabe contemplar-te
De celestial belleza
Divino resplandor. *Vai-se.*

SCENA II.

Mutação de sala ordinaria. Sabe Felisardo, e Machavello.

Mach. POis como vai de negocio, Senhor Felisardo? que temos de novo na materia de amor? Dame conta das tuas fortunas, que depois que te viste em Palacio valido, e junto á pessoa, parece que te esqueceste de que já eras Principe, quando cá te introduziste. Tenste mudado, como aquelles que vivem pobres no mundo e apenas tem algum augmento-sinho quando logo se endireitão, pōem a barbinha no ar, deitão a barriga muito para fóra, cansão em dando quatro passos, padecem faltas de vista para não cortejarem os amigos, se os encontrão, dizendo que os não vem; enchem a boca de... minha carruagem, meus criados, minhas bestas, meu mercador, meu Letrado finalmente ainda que de seu não tenha nada, não ha nada que não seja seu, e todo o mundo o seja porque nenhum destes tem vergonha. Ora vamos de vagar, e sabe que te conheço, que ainda hontem não tinhas hum vestido para vestir, pois pelo não ter, andavas em pelle, e vê que se não fora eu, a estas horas poderias estar na cova.

Fel. Vai, Machavello, dando uso ao genio com as tuas continuadas galanterias, que mais se deve

deve invejar o animo desafogado de hum humilde sujeito, que os imperios do maior Monarca do mundo.

Mach. Basta, basta, não nos metamos nisso, que se começas a discorrer, começarei eu a correr, só por te não ouvir. Quero que me falles de amor, que depois que entrei em Palacio, entrou elle comigo de sorte, que entendo não sahirei bem da galhofa, Ai! eu estou namorado desde os pés até á cabeça: não tenho em mim bocado tamanho como isto, que não esteja feito fiambre por estar desfeito: tão esbandalhado, esmigalhado, esmiuçado, espicaçado me tem as settas de Cupido, que estou feito hum carrabulho vivente, hum sarapatel animado.

Fel. Que? já gostas dessa pratica? já entendes dessa faculdade? Ai Machavello! se haverá quem tenha vida, sem que morra de amor? se haverá quem tenha juizo, que de amor não enloqueça? E se haverá quem estime a liberdade, se não para offerecella de amor aos dulcissimos laços? Mal vive quem não ama: pouco entende quem não adora; e fazendo na izenção inutil o alvedrio; sem as delicias, sem a luz de amor, nem a vida tem que lograr, nem o entendimento que comprehender.

A quem ama, amor o alenta
(Bem que mata em hum instante)
Não he o primeiro hum amante,
A que o veneno alimenta.

Só conhece a formosura
Quem enlouquece de amor,
E então descobre melhor
O juizo na loucura.
O alvedrio ter vaidades
Póde de amor na prizão,
Pois sem ter limites, são
Malquistas as liberdades.

Mach. Olá! temos versos finhos?
Eu te faço rosto já?
Ainda que os meus versos cá
São taes como os meus focinhos.

Fel. Ama o bruto sem razão
Entre asperas montanhas,
E as durissimas entranhas
Troca em branda condição.

Mach. E os gatos agatanhados,
Que no frio achão o ardor,
Tem no Janeiro hum amor
Por cima desses telhados.

Fel. Enlaçada no eminente
Tronco a vide vegetante,
Bem se lhe declara amante,
Pois o abraça estreitamente.

Mach. E a Hera, que era tão bella,
Tambem na era de agora
Ao muro velho namora,
Pois lhe faz pé de janella.

Fel. E no mar na penha dura
(Se de amor mysterios sondas)
Como as lagrimas as ondas
Na dureza achão branduras.

Mach.

Mach. E ainda o ar amor respira ;
Pois (se o pouco o teu talento).
Até parece que o vento
Pelas cavernas suspira.

Fel. A tudo o creador, Machavello, parece que amor anima.

Mach. O Criado Machavello sou eu, mas o amor não me anima: antes parece que me mata, pois me fere, e de vontade.

Fel. Só a bella, ingrata, que adoro amante, não sabe sujeitar o alvedrio ás leis do amor.

Flor. Ninguem melhor que eu o sabe. *Dentro.*

Fel. Feliz acaso! Esta he a Princeza, retiremo-nos Machavello, que a sua presença me perturba.

Mach. Vamos, que isso he impulso de amor: não sei que effeito causa a improvisa vista do que se ama, que he respeito, e parece temor.

Retirão-se ao bastidor os dous, e sahe Florisbella, e Escura.

Flor. Outra vez repetirei, que ninguem melhor que eu sabe quem deseja tirar-me a vida.

Fel. Quem será o barbaro, que a tanto insulto se atreva ?

Esc. Pois Senhora, se tu sabes quem offender-te determina, porque não asseguras a tua vida com a sua morte ?

Mach. Se fora eu quem o intentasse, bem morto me tinhão os teus olhos.

Flor. Ainda que Cardenio me não declarou o

nome

nome de quem a traição intenta, eu tenho certas evidencias de quem o solicita.
Fel. Ai amor! desde hoje será o meu peito escudo, que defenda a tua vida
Etc. Pois, Senhora, não zombemos com isso: vê que te póde succeder huma desgraça assim a modo de graça: a tua vida não he cousa para perder.
Mach. Bem perdido me acho eu por ti.
Flor. São tantos os que se conjurão contra a minha pessoa, que ignoro a quem entregue o cuidado da minha defensa.

Sahe Felisardo como arrebatado.

Fel. A mim, Senhora, só compete esse cuidado; pois na vossa vida. . . . . Ai de mim! arrebatou-me o affecto. *á parte.*
Mach. Ui, Senhores, este homem endoudeceo?
Flor. Pois a vós toca defender a minha vida?
Fel. E não me gratifiqueis a fineza, pois nada nisso me deveis; todo o interesse he meu.
Flor. Não vos entendo. Ai, e quanto me leva as attenções este galhardo estrangeiro! *á p.*
Fel. Se a minha vida defendo, em que vos deixo obrigada? Amor, a muito me atrevo. *á parte.*
Flor. Logo percebi mal, quando entendi, que vós a mim me intentaveis defender?
Fel. Não Senhora, bem me entendestes.
Flor. Pois como dizeis, que a vossa vida só guardais?
Fel. Porque assim vos defendo a vós, pois vós sois a minha vida. Etc.

Ett. Este Poeta deve ter veá de doudo; ou atrevimento de Musico; pois descobre tão altos pensamentos; eu os deixo, e me vou, por ver se acaso topo as minhas Machavellices. *Vai-se.*

Mach. Ai que se foi; e eu de sentimento me estou indo.

Fel. Senhora, tão suspensa vos deixou a minha finezâ?

Flor. Não, Sigismundo; não me suspende a vossa fineza, admira-me sim a vossa ousadia. Muito valor tendes, pois vos obrigais a tanto empenho.

Fel. Quando a tanto me arrisco, mais valor tem os meus affectos, que os meus impulsos.

Flor. Logo errais a diligencia, pois para defender-me, mais necessito dos vossos impulsos, que dos vossos affectos.

Fel. Quando dos meus affectos nascem os meus impulsos, primeiro deveis estimar aquelles, porque duplicão o valor a estes.

Flor. Que caibão em sujeito humilde pensamentos tão elevados, e que tal me tenha huma louca paixão, que se lisonjeão os meus agrados dos seus atrevimentos! *á parte.*

Fel. De ousado me criminará, oh quem pudéra declarar-se! *á parte.* Que me respondeis, Senhora? admittis os meus amantes rendimentos?

Flor. Homem, quem és? que á vista de tanta elevação, não sei se te devem castigos, ou agradecimentos?

Mach. Estou vendo se isto para em abraços, ou em murros.

Flor. Não és tu de esfera muito inferior á minha soberania? Ai, se foras mais do que imagino! *á parte.*

Mach. Ahi se declara, e leva dous abraços.

Fel. O meu estado, Senhora, não confessa o meu nascimento?

Mach. Oh discreto tolo!

Flor. Pois como nescio, e ousado te atreves a voar com azas de cera, aonde só aches raios que te abrazem, e iras, que te precipitem? Ai, e quanto me violento em aggravallo! *á p.*

Mach. Meu dito, meu feito: aqui cabem bem os murros.

Fel. Suspende o furor violento,
Com que a hum amante malratas;
Pois quando hum rendido matas
Infamas o vencimento.

Mach. Assim, vale-te das tuas habilidades.

Fel. Se me nega altas vaidades
Por humilde o meu destino,
Oh, repara que o Divino
Não se offende de humildades.

Mach. O homem empenhou o resto.

Flor. Haverá quem resista a tão raro encanto! *á parte.* Ai Sigismundo, e que grande te formou a natureza! que ha mais que ver, aonde ha tanto que admirar!

Fel. Favoravel já me parece que se mostra. *á p.*

Po-

Poderá, formosa Florisbella, declarar-se nos meus sacrificios a minha adoração.

Flor. Oh se pudéra responder o affecto ao que he preciso responder o decoro. *á parte.* Sigismundo, console-vos na pena de infeliz, quem vos confessa que lograis a gloria de benemerito. *faz que se vai.*

Mach. He boa consolação.

Fel. Ai de mim! de que serve o merecimento se me deixais sem a gloria? (Eu me declaro. *á p.*) Pois senhora, se por nascer desigual havia de viver infeliz; sabei que sou mais do que pareço.

Mach. Ora acaba com isso.

Flor. Que dizes? (Ai de mim! em novas penas fluctuo! *á parte.*) Com que tu és mais do que publicas?

Mach. Os abraços hão de ser alviçaras da boa nova.

Fel. Vosso igual me fez a fortuna.

Flor. Oh se emmudecesses ao querer pronunciallo! *á parte.* Vai-te, vai-te de minha presença, e deste Palacio que toda a grandeza, que occultas, he labeo com que infamas.

Mach. Quem tal dissera! nem murros, nem abraços? Esta Princeza he má de contentar: ella será muy formosa, porém tem muito má boca.

Fel. Ha rigor mais estupendo!
Ha pezar mais exquisito!
Se sou menos, vos irrito,
E se sou mais, vos offendo?

Mach. Sim Senhor, nem mais, nem menos: melhor fora não ser nada para ser alguma cousa.

Fel. Fez-me grande a natureza
Para ser mais desgraçado,
Reduzio o meu estado
Ao meu mal toda a grandeza.

Flor. Já não ha quem se resista; venceo o affecto ao decoro. Seja o que occulta, ou seja o que parece, eu me resolvo a querer-lhe, que o amor não distingue qualidades. *á parte.* Se o Ceo vos concedeo tantas excellencias, não quero fazer inuteis tantos meritos. Eu me resolvo.... O decoro me embaraça. *á parte.*
Mach. Ora anda com isso.
Flor. A que hoje aqui.... A modestia me opprime. *á parte.*
Mach. E para logo?
Flor. Por premio de tanta fineza.... A muito me atrevo. *á parte.*
Mach. Ai, ai, ai.
Flor. Mas o pudor me desalenta. *á parte.* Não sei se alguem nos escuta,
Mach. Eu só, mas eu sou hum ninguem. Ui Senhores, que quererá ella fazer só com elle?
Fel. Sós estamos, Senhora, prosegui. Oh quão feliz me considero! *á parte.*
Flor. Digo Sigismundo, que são taes as amaveis circunstancias, que em vós descubro, que

que me resolvo a que hoje aqui, por premio de tanta fineza, se declare o meu amante rendimento; e que supposto dizeis sois mais do que eu imagino, eu o não quero examinar, porque só quero, ao querer-vos, levar na fineza os excessos de ignorar-vos. *Vai-se.*

Sahe Machavello.

Mach. Ora seja muito para bem meu Senhor.

Fel. Tão feliz amor me tem,
Nesta gloria sem igual,
Que ainda julgo tanto mal
Pouco preço a tanto bem.

Mach. Elle não está em casa, ou está fóra de si de contente. *á parte.* Ah Senhor? A' outra porta. *á parte.*

Fel. Cançou-se a minha sorte
De perseguir-me;
Já deixa de affligir-me
O rigor forte:
Do adverso fado,
Que o meu cuidado
Attenções mais que humanas
Já chega a merecer. *Vai-se.*

Mach. Pois adeos? Qual, não responde. Este he como o Cisne, que se vai cantando; mas aquelle quando parte, canta como quem se despede; e este quando se aparta, canta por se-

se não despedir, pois não estava mui depressa, antes vai muito de re, mi, fa, sol, por andar com passos de garganta. Já aquillo he outro cantar: elle está favorecido, por isso subio tanto de ponto; só eu fiquei ao canto no concerto de amor, e he cantochão porque estou posto por terra. Ai doces prendas por meu mal achadas! São tantas as de que se adorna Etcætera, que por infinitas, ao querer individuallas, he preciso repetir muitas vezes Etcætera; porque ella he bonita, discreta, engraçada, airosa, Etcætera. Ella canta.....

Sahe Etcætera.

Etc. Aqui está quem canta.

Mach. Ella: mas aqui he ella.

Etc. Vá continuando.

Mach. Etcætera; pois fora hum nunca acabar o querer relatar quanto inclue Etcætera.

Etc. Pois então Etcætera; deixemos isso, que tudo o que ha mais que dizer se póde entender por Etcætera.

Mach. Quanto ha que bom seja, por ti se póde entender; só eu não posso alcançar, se alcançar mereço de ti algum favor.

Etc. Conforme correr comigo, assim alcançará de mim.

Mach. Eu, menina, estou tão alcançado, e tão corrido me acho disso mesmo, que nada alcançarei de amor, se não correr bem a fortuna.

Zapete ao bastidor.

Zap. Oh desgraçado de mim! cá está o meu rival. O meu amor está múi perigoso, e eu entendo que acabará de estallo.

Mach. Parece que não gostou de saber que eu estou alcançado. *á parte.*

Etc. Quero fingir que me desagrado delle por pobre. *á parte.*

Mach. Não me respondes, meu bem?

Etc. Seu bem? Bem mal que tal seja: quem está tão pobre como v. m. ha de ser falto de bens.

Mach. Dessa sorte me respondes?

Etc. Que cabedal hei de eu fazer de quem não tem nenhum?

Zap. Por aqui não vai mal: pobre de mim se elle fora rico.

Mach. Oh se eu pudesse fazer versos de improviso, para assim conduzir agrados como meu Amo! mas eu cá não fui criado para isso, ainda que todos trovamos de repente. *á p.*

Etc. Va-se, va-se, que he hum pobrete.

Zap. Muito bem lhe vai fazendo a caridade.

Mach. Basta que me não favoreces?

Etc. Irmão, perdoe pelo amor de Deos.

Mach. Se a fovorecer começa
Quem por irmão me descobre,
Não me trates como pobre,
Assim Deos te fovoreça.

Zap.

Zap. Ai que hei de ficar por portas; e elle ha de ficar entrado: porque fazendo-lhe versos ha de-lhe dar c'os pés na alma.

Mach. Minha vida, o meu não ter
Não te deixe hoje assustada,
Que ainda que não tenho nada,
Sempre tenho o que has de mister.

Zap. O homem vence-a: mostra-lhe as prendas? pois deu com ella por terra.

Etc. Ai que boas cousas tem! cada vez me agrada mais; mas ainda hei de fingir. *Á parte.* Olhe, escusado he cançar-se, que não me ha de render, sendo pobre.

Zap. Se for, seja pelas costas.

Mach. Eu bem sei que hum pobre não póde ter rendimentos; mas o pouco que tenho, eu farei com elle com que renda.

Etc. Essa he de que eu necessito para me sustentar, que ralhos não fazem sopas.

Zap. Eu hei de vencella, mas que lhe dê hum caldo.

Mach. Ora minha Etcætera, já que tu me desprezas por pobre, eu te quero descobrir em segredo os meus haveres.

Zap. Se elle os descobre em segredo, deve tellos no Limoeiro.

Etc. Oh se tivesse tambem a circunstancia de ter! *á parte.*

Mach. Pois has de saber, que eu não sou

tão pobre que não seja Morgado, e não tenha muito boa fazenda.

Zap. Olhem com que se sahio agora.

Etc. Oh bem afortunada mulher! *á parte.* Com que tu és Morgado?

Zap. Ahi o admitte por seu legitimo marido.

Macb. Cabedal me deu a fortuna.

Etc. Oh se fosses antes gandaeiro! *á parte.* Vai-te, vai-te de diante de mim, que quando Morgado te inculcas, mais sem cabedal te mostras.

Zap. Quem tal dissera! Pois cuidei que o recebia com ambas as mãos.

Macb. Ha tormento mais estranho,
Nem martyrio mais agudo!
Pois por pobre perco tudo,
E por rico nada ganho!

Zap. Sim Senhor, nem tanto, nem tão pouco. Essa moça não gosta dos extremos, só gosta das medianías.

Macb. Pobre de quem não tem achado
Na riqueza prejuizo;
Porque não anda o juizo
Em cabeça de morgado.

Etc. Já não ha quem se resista aos combates de tanta galanteria. *á parte.* Ora sejas pobre, ou sejas rico, eu quero ser tua de toda a sorte; porque tendo-te a ti, sempre tenho muito de meu.

Zap. Ora fiai-vos lá em mulheres.
Mach. Que ventura! *á parte.*
Zap. Que desgraça!
Mach. Ella deu-me vida. *á parte.*
Zap. Ella matou-me.
Mach. Com que triunfei dá desgraça?
Etc. Sim meu bem, e ganhaste a mão; porque eu hei de ser tua.
Zap. A trampa lhe saiba: levou-ma de codilho.
Mach. Com que ninguem fará vasa comtigo?
Etc. Eu hei de empatallas a todos.
Mach. Então quem poderá desempatar a mão?

Sabe Zapete.

Zap. Zapete.
Etc. Não vale nada em juizo de tres.
Zap. Tu serás a arrenegada.
Mach. He boa resposta essa.
Etc. Elle sempre perde por carta de mais, mas eu me descartarei delle. *Quer ir-se.*
Zap. Com que viras-me o ás de copas?
Mach. Ahi havias tu agora metter os bigodes a ver se a podias levar á boca. Mas deixando este jogo, querem vossês, pois nos achamos sós, e em quinta, que joguemos algum jogo de galhofa?
Zap. Eu não, que não estou agora para graças.
Etc. Pois que tens tu agora que te dê pena? dize, meu rico, meu bello, meu Senhor, já vou.
Zap. Se tu me deixas, ainda queres que tenha mais?

Mach.

Mach. Olhe o tollo, se ella te deixa, então tens tu menos.

Etc. Eu deixo-te? ai! não: eu hei de ser a tua dor de ilharga.

Zap. Ora bem me parecia a mim, que ella não havia deixar de querer quererme.

á parte. Vamos a isto, que eu estou por tudo.

Etc. Ora lá vai hum, em que o que perder ha de pagar a pena, que lhe impozerem.

Mach. e Zap. Vá embora.

Etc. Pois tomem sentido. Eu hei de dizer a minha perlenga, e quando apontar para algum de vossês, ha de responder depressa.

Mach. e Zap. Vamos adiante.

Canta Etcatera.

Dizia-me minha Avó
 Que Cupido era menino;
 Se o amor he pequenino,
 Como he grande o meu amor!
Porém seja como for,
 Arder, soffrer, merecer,
 Viver, morrer, padecer,
 Eu comtigo quero só.

Etc. Tu queres tambem? *para Mach.*

Mach. Sim quero, e assim não perco.

Etc. Perdeste.

Zap. Ainda bem. *á parte.*

Mach. Como podia perder? Não disseste tu, que havia responder depressa?

Etc. Sim.

Mach. Pois eu refpondi com bem promptidáo.

Etc. Refpondefte com promptidáo, mas náo refpondefte depreffa.

Zap. Aquillo agora náo entendo eu.

Etc. Eu náo te dizia que refpondeffes apreffado, mas que pronunciaffes efta mefma palavra: depreffa.

Mach. Iffo agora he outra coufa: pois entáo dou-me por cangado, vê o que queres que eu faça.

Zap. Vejáo a malicia das mulheres! Para enganar os homens sáo peiores que os diabos.

Etc. Já que perdeo, pague-nos a pena em gofto. Ha de fingir huma contenda entre tres; hum eftrangeiro, huma velha, e hum galego.

Zap. Boa condemnaçáo, e facil de cumprir; porque quem come por quatro, melhor fallará por tres.

Mach. Iffo he fallar: ora èm boa eftou mettido! Eu nunca tal fiz, mas vá, que huma vez he a primeira. Ora lá vai o que paffou com hum eftrangeiro, e hum galego, huma velha que vendia caftanhas: chega o eftrangeiro, e diz: O' Sinhori, quanti dar vudmece a mim de caftanhi per hum ventem? Refponde a velha. Tire lá os arenques, que fedem a fumo; que he o que quer? Mim querer tomari caftanhi... Maria Caftanha felo-ha elle, e mais a fua alma: cuida que o náo entendo... Ora via, via finhori. Eis que chega o galego... Ah Senhora bendedeira, bof-

bossé oube, ou num oube?.... Guarde lá, já lho dixerum: olhe o futre dos diachos.... Vocimici estar muiti tollinhi... Linhas não tenho, se quijer quentes dar-lhos-hei... E a bossé num oube? Cantas dá á moeda?... Ai Senhor vasse dahi imora: olhe o que me havia de vir! Tambem tu maroto? Num seja refaustelada ca se num saverei correjela... Oh valhaco! Ora não estar tão infadada... Passa aqui futre, passa alli ratinho... Oh não fallar co as mãos sinhori... Não nos meta os dedos pelos olhos, guarde para lá... Oube bosse cantas dá por-ral, e meio?... Quesme deixar agora? e vosse tambem... Estar muiti desivergonhadi, tomar, tomar... Ha maior pouca vergonha! porme as mãos na cara hum breado! Não ha quem me acuda?... He munto vem feito... Toma atrevido, toma. Ha delRei! Ha delRei! num ha justiça!

Zap. Basta, basta; appello eu! que póde acudir gente, cuidando que he alguma cousa: ha tal gritaria!

Macb. Pois então já aqui não está quem fallou.

Etc. Tudo fazes com graça; vá pois continuando o jogo.

Macb. Eu invento; ora escuta. Eu dou as mãos a Etcætera, vem tu dacolá correndo, e se passares por baixo, ganhas; e senão podéres passar, perdes.

Zap. Isso de darem vossês as mãos, não me contenta, que entendo que ficarão com mão alçada para mim.

Macb.

Mach. Ui! desconfias?
Etc. Isto he sómente brincar, que tomando ás mãos não he nada: agora se tu és desconfiado, não brinques.
Zap. Ora essa he boa historia! Eu estou gracejando; eu havia desconfiar em materias de zombarias? Não, nem que vossês fizessem o que fizessem: por graça quanto vossês quizerem, agora de veras, isso nem zombando.
Mach. Ora vamos a isto.

Dão as mãos Machavelo, e Etcætera.

Zap. Deixem-me lugar bastante.
Etc. Tu cabes em toda a parte, vem seguro.
Zap. Eu vou lá. Eu te rogo bom barqueiro, que me deixes tu passar.
Mach. Bom barqueiro se-lo-ha elle. Ora ande que isto não he graça.

Vai Zapete correndo, e não póde passar.

Zap. Ui! eu não posso passar adiante.
Etc. Ora vá outra vez, que todo esse partido te fazemos.
Zap. Vá. *Torna á fazer o mesmo.*
Mach. e Etc. Ainda não vai desta.
Zap. Senhores, lindo jogo! não se passa daqui.
Etc. He boa! porque não poderá elle passar?
Mach. Porque? tu não vez o que elle tem na cabeça?
Zap. Pois que tenho eu na cabeça? será alguma cou-

cousa, que vossês me pozerão? Mas ai! que diacho he isto?

Mach. Olhe o asno! he o arame em que te sustentas.

Zap. Ora vejão vossês, tendo tanto em que me sustente, ainda assim não posso passar.

Mach. Não nos metas isso a graça, que não has de passar assim: prepara-te para te sentenciarem.

Zap. Ahi me dão sentença de morte.

Etc. Has-de-te fazer cabra cega, e aquelle a quem apanhares, ha de perder; atalhe tu hum lenço pelos olhos.

Zap. Sim, vossês querem-me cegar para fazerem as suas poucas vergonhas: mas ainda que me vendão os olhos, não me hão de tapar a boca.

Etc. Aperta bem, olha não enxergue.

Mach. Oh vê lá não veja.

Zap. Ora ahi estou feito, ou Cupido com venda, ou mula com antolhos.

Macb. Notavel traça, meu bem, foi esta para conseguir hum amoroso furto! dame os teus braços.

Etc. Ai! está quieto: olhe para isto? ainda não he tempo.

Zap. Eu cuido que estou vendado, e eu estou vendido: Ai! custou-me os olhos da cara o dizer isto.

Mach. Ora dasme esse abraço?

Et. Ai! guarde lá; quando for tempo, então: quando me der a mão, então lhe darei os

bra-

braços. Que quando isso for, vossê com huma mão, e eu com duas. Mas ai que ahi vem Cardenio, eu me vou depressa. *Vai-se.*

Mach. E eu por me não ver em pressas tambem me vou. *Vai se.*

Zap. O diabo dá gente como está callada. Quem me déra apanhar algum.

Sabe Cardenio.

Card. Já não ha soffrimento para tolerar tão repetidos combates da fortuna. Invencivel se mostra Altea no seu desagrado. Eu darei morte á Princeza, e procurarei a de Felisardo, a quem desejo destruir, e não posso declarar, e estes estragos se me não servirem de remedio, me servirão de vingança.

Zap. Aqui sinto passos. Ai que o apanhei! Huma, duas, tres. *Pega em Cardenio.*

Card. Oh barbaro, insolente, que louco furor te incita a tal atrevimento? *Dalhe.*

Zap. Não vai a dar: digo que não quero. Olhe que tambem lhe hei de afincar.

Card. Aparta-te atrevido, ou te abrazará o fogo que respiro.

Empurra-o, e cae-lhe o lenço.

Zap. Ai estripado de mim! isto parece cousa de encantamento. *á p.* Senhor, não Senhor, eu estava aqui, porque não estava; mas se acaso. v. m. faz caso disso, eu farei....

mas

mas não farei cousa nenhuma; porque eu cá
..... mas eilo vai. *Vai-se.*

Card. Quem faria este louco daquella sorte? Alguma das suas desengraçadas galanterias devia ser: mas ElRei vem. Senhor.

Sahe ElRei.

Rei Cardenio, a alteração do peito te conheço no semblante: que he o que te dá pena?

Card. O que a ti, Senhor, te póde dar o maior cuidado.

Rei. Não me dilates o sabello; porque não seja o susto parcial do tormento.

Card. Já sabes, Senhor, que houve quem intentou darte morte, diriginio o golpe ao peito da Princeza tua filha, para dessa sorte duplicar o estrago.

Rei. Já esse receio me tirou grande parte da vida.

Card. Pois sabe, Senhor, que nestes visinhos bosques anda disfarçado, e occulto o traidor, que solicita tão barbara empreza. E agora venho de fazer a diligencia de buscallo.

Rei. Já eu tenho noticia, que entre essas montanhas, vestido de toscas pelles, se vio esse que dizes, que eu de longe testemunhei, que com Hipolito contendia? Porém como o cuidado com que se buscou, não teve effeito, e como Florisbela affirmou, que nenhuma offensa delle recebêra, mais sem susto me deixou o peito.

Card.

Card. A Princeza minha Senhora, como tão discreta, ha de affegurar-te do receio para livrarte do cuidado, que eu mesmo vi, que aquelle traidor queria tirar-lhe os alentos, estando ella ao sono rendida; porém por mais diligencia, que puz em chegar, já Hipolito se tinha adiantado, ou por ser mais venturoso, ou por achar-se mais visinho: e quando eu em certo sitio o esperava, para lhe dar castigo, elle me frustrou os intentos, metendo-se por aquella horrivel gruta.

Rei. Ai de mim! Pois Cardenio a ti te encarrego o cuidado dessa diligencia: tu serás a guarda mais segura da pessoa da Princeza. *Vai-se.*

Card. Fia, Senhor, do meu braço a sua defensa. Boa occasião tenho para conseguir os meus intentos: logre eu o que solicito, que depois não faltaráõ industrias para desculparme.

RECITADO.

O tyranno rigor da dura pena,
Que a tão feros pezares me condemna,
Faz que fluctue o coração violento
No tormentoso mar de meu tormento.
Navega tão perdido,
Que já se vê das ondas combatido,
Derrotado, infeliz, confuso, absorto,
Sem norte que seguir, sem achar porto.

ARIA.

Noite escura, vento irado,
Alto mar, Ceo scintillante,
Dão ao triste navegante
Medo, assombro, espanto, horror,
Assim pois meu triste peito,
De mil sustos combatido,
Se vê quasi submergido
De outros mares no rigor. *Vai-se.*

SCENA III.

Mutação de arvoredo do principio com a gruta.
Sahe Machavello.

Mach. TOdos vierão a gozar os recreios do campo por vontade, e eu por força saio tambem a dar hum verde ao gosto, para assim entreter, e sustentar a minha esperança: mas a contenda com que vejo encaminhar-se a este sitio a Cardenio, e Altea, me faz não passar daqui com desejo de saber o que com tanto empenho vem tratando. Elles vem chegando, e como ainda me não virão, quero fazer que durmo, por ver se acaso o negocio he cousa, que me toque ou a meu Amo. Ora eu me estendo ao comprido, e ha de ser aqui nesta pedra, que eu não faço ceremonia nem quando estou de comprimento. *Deita-se.*

Sa-

Sahem Cardenio, e Altea sem repararem.

Card. Has de ouvirme, bella ingrata, pois a solidão do sitio convida a queixas amantes.

Alt. Deixa-me, Cardenio, que em quanto na minha memoria estiver a tua offensa, nem quero conceder o meu ouvido ás tuas vozes.

Card. Oh não queiras, bella inimiga, que o verme desattendido de quem he o unico objecto de minhas finezas, seja occasião infallivel de hum desesperado precipicio.

Alt. Ainda que desejo usar deste pretexto para dissuadillo, temo os furores do seu genio.

á parte.

Card. Nem me respondes, nem me escutas? Pois eu farei o ultimo sacrificio da minha vida aos teus olhos, dando na minha morte fim ás tuas tyrannias.

Alt. Que tens que dizer-me, falso? Para que he enganar-me, quando vi que o recato com que fallaste á Princeza, me deo claros sinaes do teu engano? Pertende-a a ella, que he mais digno emprego da tua pessoa.

Card. Oh que enganada te tem essa imaginação quando eu sou o maior inimigo da sua vida, pois nella dura hum embaraço á minha fortuna! Mas não poderá este durar muito, porque sei quem determina dar-lhe morte. Disto a avizei, quando com recato me viste fallar lhe. Do seu damno lhe dei aviso por teu respeito, mas ao seu mal não darei remedio pela minha utilidade, pois já tu sabes quiz eu ser executor do golpe.

Alt.

Alt. Que efcuto ! *á parte.* Pois tu havias fer táo deshumano , que confeguiffes a minha peffoa offendendo o meu fangue ?

Card. Foi tal o exceffo do meu amor, que cegamente o intentei , bem que advertido o náo confegui. Precifo he diffimular o meu intento , e emendar o erro de lho ter já declarado no jardim. *á parte.*

Mach. Bonito ! Com que efte he o mata Princezas ?

Alt. Em fim tu fabes quem offendella determina ?

Card. Eu o fei , e quando fucceda , tu náo pódes faltar a quem és , negando-me a palavra , que já me défte de fer minha : e porque agora me náo obrigues a declarar o fujeito , que contra ella confpira , pelos teus olhos te juro de náo dizer mais , que he hum disfarçado eftrangeiro , que neftas Regiões habita fó a efte fim.

Mach. Se hirá ifto dar em meu Amo ? Nunca foi máo adormecer , pois affim fei mais dormindo , que outros acordados.

Alt. Confuza eftou ! Se ferá efte o eftrangeiro Sigifmundo ? *á parte.*

Card. Táo fufpenfa a deixou efta declaraçáo , como fe a náo tivera fabido já da minha boca. *á parte.* Que me refpondes ?

Alt. Só te poffo refponder nefte cafo , que eu hei de fer a vigilante fentinella da vida da Princeza , e que quem a offender a ella o terei por meu maior inimigo. *Vai-fe.*

Card.

Card. Tirado huma vez este impedimento da minha ventura, ou tu me cumprirás a palavra, ou eu me darei a mim mesmo a morte; e assim ou terei a maior dita que lograr, ou não terei a menor pena que sentir.

Mach. Oh quem pudéra agora hir-se como hum passarinho. *á parte.*

Sahe o primeiro Soldado.

Card. Lidoro, já accusava a tua tardança.

Sold. Senhor, como vi que com Altea estavas, quando aqui cheguei, escondido attendi quanto com ella passaste, e juntamente vi, que por entre aquellas arvores vem a Princeza Florisbela, a quem determinas dar morte.

Mach. Ai meus peccados, o que aqui hirá se ella vem! Oh quem podéra voar com tantas penas! mas alguma industria me ha de valer. *Ronca.*

Card. Para aqui se encaminha, eu me resolvo a não perder esta occasião. Mas que he o que escuto!

Sold. Notavel inadvertencia! Não viste, Senhor, que aqui estava gente?

Card. Como tão cego da paixão cheguei a este sitio, e fallando com Altea, não reparei em tal.

Sold. Elle entregue se acha a hum profundo sono; porém agora não poderás lograr aqui o que desejas; porque despertando, não seja huma testemunha do teu delicto. Assim desejo embaraçar a sua temeridade. *á parte.*

Mach.

Mach. Se eu dormindo embaraçar esta morte, posso andar dormindo pelo mundo. *á parte.* *Ronca.*

Card. Ai de mim! Sou tão desgraçado, que até se me malográo os intentos em que se arrisca a minha vida; que até a morte foge de hum infeliz. Desperta-o tu, Lidoro, que não quero perder esta occasião.

Sold. Homem, deixa o sono, e acorda.

Mach. Qual! nem que cá viesse quem viesse. *Ronca.*

Sold. Desperta: ah tal lethargo!

Mach. Ai, ai. *Abre a boca.*

Card. Que tal me succeda! Este he hum simples, que agora vive em Palacio, criado de hum estrangeiro, a quem ainda não vi. Menos mal receio. *á parte.*

Sold. Ainda não estás em ti?

Mach. Ora não quero, não quero, ora, ora. *Ronca.*

Card. Homem, estás alienado? Cobra o acordo.

Mach. Ora isto vio-se, ou ouvio-se? He boa ociosidade vir acordar quem dorme!

Sold. Ainda dormes?

Mach. He boa! Se eu dormíra, não lho havia de dizer?

Sold. Acorda.

Mach. A corda? qual corda? Eu não vi cá nenhuma corda.

Card. Já me falta a paciencia: da-lhe, maltrata-o.

Mach. Mão.

Sold.

Sold. Levanta-te.

Mach. Não se cansem, que não hei de acordar, nem que cá vierão os sete dormentes.

Card. A Princeza se avisinha, eu me resolvo em matallo.

Mach. Eu tomo outro acordo, que não quero aqui morrer como hum bruto. *á parte.*

Sold. Matallo, Senhor, será fazer hum delicto accusador de outro delicto.

Mach. Bom homem! acordado sejas todos os dias da tua vida. *á parte.*

Sold. Já parece que desperta.

Mach. Ai, ai. Ora salve Deos a vossas mercês.

Card. Homem, levanta-te, e vaite deste sitio já, antes que a minha cólera te mate.

Mach. Ui, Senhor, eu me vou no mesmo instante, que me podéra hir sem me sentir, se v. m. me manda dormindo. Vou correndo a ver se posso encontrar Felisardo para lhe dar aviso de tão grande traição. *á p. e Vai-se.*

Sold. Com tal pressa vai, que parece hum gamo pelo bosque.

Card. Vai, Lidoro, e junto á fonte de alabastro espera a noticia do successo.

Sold. Já te obedeço. *Vai-se.*

Card. Eu me retiro, para lograr com o seu descuido melhor a minha determinação. *Vai se.*

Sahe Florisbella.

Flor. Divertida nos meus cuidados me embosquei até chegar a este sitio, e vim mais con-

do-

zida de meus amorosos pensamentos, que guiada de acertados discursos, pois sendo este lugar aonde nascêrão os perigos da minha vida, delle devia fugir, se não fora o mesmo em que tiverão principio os amantes enleios de meu coração; porque tenho quasi infalliveis evidencias de que foi Sigismundo o mesmo que aqui começou a usar comigo os encantos, que me trazem tão alheia do sentido. Mas não sei que sobresalto sente o peito na solidão deste bosque. Eu darei por esta parte volta, para livrar-me do perigo, que o susto me vaticina. Mas ai de mim triste!

Querendo ir-se lhe sahe Cardenio ao encontro com hum punhal.

Card. Detem os passos.
Flor. Valha-me a fuga.

Quer fugir pela outra parte, e sahe-lhe Felisardo ao encontro, com outro punhal na mão.

Fel. Suspende os rigores.
Flor. Outro inimigo, fortuna! *á parte.*

Ficão os dous suspensos.

Card. Inanimada estatua me considero. *á parte.*
Fel. Tronco insensivel me julgo. *á parte.*
Flor. Tal estou, que não morrer do susto, não he valor, he insensibilidade. *á parte.*

Card. Com a razão se perdeo o discurso; não sei em que me resolva. *á parte.*

Fel. Do valor nasceo a cobardia: não sei a que me determine. *á parte.*

Flor. Ai de mim! Como a pena que me embaraçou o sentir me não privou do discorrer? Cardenio, que me avisou do meu damno se faz author da minha ruina? Sigismundo, que me sacrificou a vida, me intenta dar a morte? Não sei a qual attribua a culpa, se em ambos acho igual a suspensão. *á parte.*

Card. Eu me resolvo. *á parte.*

Fel. Eu me animo. *á parte.*

Flor. Rompa já hum o silencio, ou executem já ambos o golpe: ou acabe a duvida, ou tenha já fim a vida: morrà conhecendo quem vive ignorando.

Card. Não tenho, formosa Florisbela, mais que dizerte em minha defensa, que eu fui o que te avisei do presente mal.

Fel. Não he necessario, galharda Princeza, para justificar-me, mais que lembrar-te, que eu fui quem se offereceo a defender-te.

Flor. Quando os meus olhos em ambos examinão offensas, e os meus ouvidos de ambos os descargos, em qual se hospeda a lealdade?

Fe. e Card. No meu peito.

Flor. Oh como o meu deve recear, se ambos se conformão para o damno, como ambos se unirão para a desculpa!

Card. Eu vendo de entre aquellas ramas, que esse estrangeiro vinha ameaçando ruinas ao

teu

teu peito, ſahi apreſſado á tua defenſa.

Fel. Eu vendo ao dobrar aquellas rochas, que eſſe traidor vibrava raios de furor contra a tua vida, me apreſſei, valido deſte punhal, para livrar-te.

Card. Tu meſma viſte ao voltar, que elle ameaçava a tua vida á traição.

Fel. Tu meſma examinaſte com os teus olhos, que elle determinava darte morte.

Flor. Quem ſe vio em igual confuzão!

Card. Eſte eſtrangeiro he o Principe Feliſardo esforçarei mais a minha affirmativa, para veſ ſe logro o meu intento, e o ſeu damno. *á pᵗ*

Fel. Eſte he Cardenio, que dizem logra delRei todo o valimento: procurarei occaſião de tirar-lhe a vida para aſſegurar a da Princeza. *á p.*

Zapete ao baſtidor pela parte de fóra.

Zap. Aqui ſinto vozes; dar-ſe-ha caſo que... Mas que he o que vejo! a Princeza mettida entre duas facas a riſco de lhe darem algum couce! Senhores, que ſerá iſto?

Flor. Em fim tu és o leal? *a Card.*

Card. Tu ſabes, que eu ſó vim a defender-te.

Zap. Logo o outro he o traidor? Oh quem me dera ſer quadrilheiro, para lhe tomar as armas, e dar com elle no cagarrão: mas hirei logo dar parte a ElRei. *Vai-ſe.*

Etcætera ao bastidor.

Etc. Aqui ouço fallar : será por ventura . . !
Mas ai que he isto ! Dous punhaes nús diante de minha Ama ! He boa descompostura, isto he grande caso.

Flor. Com que tu me intentas defender ? *a Fel.*

Fel. Tu não ignoras, que em tua defensa quero perder a vida, e já me offereço a dar o merecido castigo a esse traidor.

Etc. E tem razão, que Cardenio tem cara de poucos amigos, e elle tem huma cara de quem todos são amigos. Eu voume a chamar gente. *Vai-se.*

SONETO.

Flor. De dous féros impulsos combatido
(Ai infeliz !) meu peito desgraçado
Ignora de qual vive ameaçado,
Não sabe de quem se acha defendido.
Inda faz o tormento mais crescido,
O ver (tanto horror embaraçado)
O odio com o amor equivocado,
O favor com o aggravo confundido.
Nem beneficio, nem rigor presago
Sigo, ou fujo : sómente a bem não levo :
Que perca amor seu premio em meu estrago.
Ou bem, ou mal nem a eleger me atrevo,
Que a fineza, se morro, não a pago,
E se vivo, não sei a quem a devo.

Card. Senhora, da minha lealdade não duvides; pois quando eu intentasse contra ti offensas, não te avizára para que te acautelasses: mas pois me não cres, eu me retiro da tua visita, e tu verás quando castigue traidores, que fica a tua vida segura, e conhecida a minha verdade. *Vai-se.*

Fel. Espera, não te ausentes. Mas pois vós, Senhora, manchais com escrupulos a pureza da minha fidelidade, eu me ausento dos vossos olhos, para que vindo á vossa noticia que dei morte a esse barbaro, que contra vós conspira, conheçais que já neste mesmo sitio expuz a minha vida para defender a vossa. *Quer ir-se.*

Flor. Espera, espera Sigismundo: e pois te detenho os passos, fiando de ti sem mais companhia a minha pessoa, já pódes conhecer quam pouco de ti recejo. Cardenio he sem duvida o que intenta ser meu homicida, cujos motivos ignoro; e sem duvida o seu aviso foi cautela, para depois justificar a sua causa. Ai de mim! se será a conjuração feita com Hypolito, pois tantas suspeitas tenho de que me offende, desde hontem, que no Jardim me fallou? *á parte.*

SONETO.

Fel. Meu bem, do iniquo fado nos decretos
Não receies ser alvo aos meus furores:
Tão excelsos divinos resplandores
Só são em mim da adoração objectos.

Só

Se vês ; que são de amor os meus projectos,
Em vão causa o meu peito os teus temores
Que mal seria archivo dos rigores,
Quem nasceo para centro dos affectos.
Oh não vivas de mim desconfiada ;
Como deixará a estragos reduzida,
Vida, que só merece idolatrada ?
Vinha a ser de mim mesmo hum homicida ;
Porque estando ao meu peito vinculada,
Fora matar-me á mim, tirar-te a vida.

Sahe ElRei, e cantão os tres o seguinte

RECITADO.

Rei. O semblante alterado ?
Que he isto amada filha ? Oh duro fado !
E por mais sentimento,
Nesta mão hum mortifero instrumento !
Que intentas, Sigismundo ?
Oh tormento immortal ! rigor profundo !
Se matão os temores por preságos
Nada deixão os sustos aos estragos.
Flor. Heroico Pai . . . . .
Fel. Magnifico Monarca . . . . .
Flor. Aminha vida segue a dura Parca.
Fel. Omeu braço defende a sua vida.
Rei. Primeiro a minha se ha de ver perdida.
a Fel.
Rei. Entre tantos horrores.
Fel. Que tal consigo barbaros traidores.

Flor.

Flor. Mais ſinto que o meu dano a tua pena.
Rei. Quem te maltrata, á morte me condena.
Flor. Não ſintas.
Fel. Não receies a ruina.
Rei. Tema quem furias contra ti fulmina.
Fel. e Rei. Pois ha de ſer neſta temida offenſa. . . . .
Rei. O meu braço caſtigo.
Fel. O meu defenſa.

TERCETO.

Flor. Que conſegue a infauſta eſtrella
Em tirar-me a triſte vida,
Se da pena combatida
Já não temo a meſma morte?
Rei. Por lograr na minha ſórte
O rigor mais exceſſivo,
Ameaça o fado eſquivo
Minha vida no teu peito.
Fel. Será eſcudo hum firme peito
Deſſa vida, ó Florisbella.
Flor. Oh fortuna.
Ambos. Oh injuſta eſtrella!
Todos. Ceſſe já tanto rigor!
Flor. Mas ſe a vida has de tirar-me,
Para menos maltratar-me
Mata-me de hum golpe ſó.
Rei. e Fel. Dura pena, porém vaite,
Que antes do que a morte a ti
Me ha de a mim matar a dor.

Sabe

Sabe Cardenio.

Card. Senhor, a bufcar-te venho com anci cuidado, para te dar parte como effe eft geiro intentou tirar a vida á Princeza m Senhora, a tempo que a minha prefença fervio de embaraço; e como o refpeito embargou a acção de caftigallo, feja a tua i ignação executora da vingança.

Rei. Notavel pena! *á p*

Fel. Rei fob.rano, não finto tanto a falfi com que fe me imputa tão execrando del como o atrrivimento com que fe profa immunidade do teu refpeito; porque em m ainda que fe offenda a vida, não fe ma a innocencia; e em ti ainda que fe não cubra a falfidade, fempre fe ultraja o d ro. Effe traidor, que me culpa, he quem rece o caftigo.

Rei. Quem fe vio em maior confusão! *á p*

Flor. Todo o fangue fe gelou nas vêas. *á*

Rei. Todo o tempo que gafto em difcurf perco de vinganças. *á pa*

Card. Elle he, Senhor, o traidor, não o xes com vida.

Fel. Ha maior malevolencia! Que me emba ElRei o tomar vingança de tão grande of fa! *á parte.* Senhor caftiga effe barbaro of for do teu Real fangue.

Rei. Já parece que me falta a vida, pois finto fem acções, e fem difcurfos. *á p*

Sabe por huma parte Zapete , e por outra Etcatera.

Etc. Para aqui dizem que veio ElRei.
Zap. ElRei diz que veio para aqui.
Etc. Sim , eilo cá está ; eu hei de fallar.
Zap. Não me enganei ; eu hei de dizer.
Etc. Senhor.
Zap. Senhor.
Etc. Saiba Vossa Magestade, que Cardenio he o traidor.
Zap. Saberá Vossa Magestade , que he traidor Sigismundo.
Card. Ainda mais isto, pezares ! *á parte*
Fel. Tormentos ainda mais isto ! *á parte.*
Rei. Piedosos Ceos , novos esforços cobra a minhá confusão ! *á parte.*
Flor. Injustos fados, novos soccorros consegue a minha desgraça ! *á parte.*
Rei. E qual he o motivo com que affirmais esta contradição ?
Etc. Eu mesmo ouvi dizer á Princeza minha Senhora , que Cardenio lhe queria tirar a vida.
Zap. Eu mésmissimo ouvi dizer a minha Senhora a Princeza , que Sigismundo a queria matar.
Rei. Que dizes tu , Florisbella !
Flor. Senhor, ambas as cousas me ouvirão dizer ; porque em ambos via sinaes de traidores , ainda que em cada hum ouvi satisfações de leal.
Rei. Ah da minha guarda.

Sabem

Sabem os Soldados.

Sold. Que nos ordena Vossa Magest

Rei. Perplexo estou ! Não sei qual h
gar , nem a qual hei de favorecer ;
acho circunstancias estimaveis , e
calumniados justamente.

Flor. Isto ha de ser. *á parte.* Senh
dizer o que sinto , Cardenio foi
que contra mim vibrou as iras de
punhal. E supposto que ao fugir
vi a Sigismundo com semelhante a
duvida era em minha defensa,pois ch
tarde a este sitio , vinha dizendo :
rigores , palavras que só se devião
quem offender-me queria.

Card. Senhor , adverte. . . . .

Rei. Não he essa prova bastante para
a Cardenio , e mais sendo a sua
quem tenho conhecido por larga
tanta lealdade , sendo em tudo as su
as mais seguras bases da minha
E para haver de castigar por indicio
deve escrupulizar de hum disfarça
conhecido estrangeiro , em cuja pe
deve considerar tanta lealdade , e ta
que arriscasse a sua vida pela tua d

Fel. Senhor , repara. . . . .

Flor. Ai Sigismundo , e quanto rec
tua pena , que os meus damnos !

Etc. Desta feita fica desvalido o Senl
nio.

Zap. Desta assentada morre enforcado o Senhor Estrangeiro. *á parte.*

Card. Favoravel se me mostra ElRei, mas eu como culpado receio. *á parte.*

Fel. ElRei contra mim se declara: que farei para escapar do perigo, sem declarar a minha pessoa? *á parte.*

Rei. Resoluto estou no que hei de obrar. *á parte.* Cardenio, Sigismundo, hum de vós outros intentou com barbaro atrevimento derramar o meu sangue, executando o golpe na parte mais sensivel, pois o he da minha alma Florisbella minha filha. Em cada hum acho indicios para a pena ainda que em ambos razões para a desculpa. E assim para que descubra a innocencia, e se castigue a maldade, sejão distinctas prisões deposito das vossas pessoas.

Card. Já huma vez mettido no risco, quero seguir a corrente da fortuna. *á parte.*

Fel. Grande mal receio, se ás prisões me entrego: escapar determino a todo o risco. *á parte.*

Rei. Vós outros levai a differentes, e seguras prisões a Cardenio, e Sigismundo, de donde hum delles sahirá para o supplicio.

Flor. Ai infeliz, que em Sigismundo me tirão a vida, pois estando sem elle, fico sem alma! *á parte.*

Em quanto Cardenio diz o seguinte, se vai Felisardo chegando para a gruta.

Card. Senhor a todo o exame se offerece a minha pessoa,

pessoa, eu me entrego voluntario ás prisões a que me condemnas, fiando que dellas me tirará a minha innocencia.

Fel. Eu, Soberano Monarca, como me acho sem culpa, não me offereço ao exame, mas para o empenho de tirar em limpo a minha verdade, me retiro do teu rigor.

Entra pela boca da gruta.

Rei. Segui esse traidor, que já na sua fugida declara a sua culpa, como Cardenio na sua sujeição a sua lealdade: mas suspendei os passos, que pois elle mesmo se condenou, razão he que seja executiva a pena que merece. Parti logo augmentando o numero das guardas, e tapai a outra boca da gruta com bem argamassados materiaes, e o mesmo se faça a esta, assistindo com vigilante cuidado em quanto se executa o que ordeno; neguese-lhe a respiração e seja primeiro que morto, e sepultado, e Cardenio goze da liberdade, pois no pouco receio se mostra inculpavel.

Vão-se os Soldados.

Etc. Oh má grado tenha o diabo! Eu entendo que paga o justo pelo peccador. *á parte.*

Zap. Ora cousas farão estrangeiros! Este, sem ser enforcado, tambem vio o seu enterro em vida. *á parte.*

Card. Bem me succede. *á parte.* Senhor, aos teus pés renderei eternamente as graças, pois fias tanto da minha lealdade.

Flor. Oh caião os montes sobre mim: que neste conflicto será a minha morte a maior felicidade da minha vida. *á parte*

Rei.

i. Dê-se logo á execução o que ordenei.
Vão sahindo algumas figuras.

rd. Só do teu grande talento poderá nascer tão acertada resolução.

i. Vamos, Florisbella, que já a tua vida está segura.

or. Hum penhasco arranco em cada planta que movo. *Vai-se ElRei, Card. e Flor.*

c. Ah Zapete, quanto melhor fora ficares tu fazendo penitencia dos teus peccados naquella cova, e que fosses entaipado, porque em ti nada se perdia: e não o pobre de Sigismundo, que nenhuma culpa tem.

p. Eu folgo muito que tal lhe succedesse; e só sinto que o Machavello não ficasse tambem ás boas noites aonde nunca lhe luzisse o buraco: mas espero que brevemente acompanhe a seu Amo; se não foi na cova, será na sepultura. *Vai-se Etc. e Zap.*

SCENA IV.

utação de muros de Jardim com figuras, e varanda e no fundo janellas de Jardim.
Sabe Hypolito.

p. OH! quando se cansará a sorte de atormentar-me? Mas em mim fora felicidade, se assim como me tem sem alentos para a queixa, me deixára sem esforço para a vida. Eu tenho grande parte de culpa na pena que me afflige; pois vacilante entre dous

as-

affectos , me não determinei a seguir o mais favoravel me concedia a fortuna : já que em Florisbella reconheço desprezo em Altea se declarão ciumes, o norte de luzes quero seguir , por ver se amor me offerece seguro porto ás minhas tor tas. Na janella deste Jardim costuma ás vir divertir-se : verei se logro a fortur vella.

Apparece Altea na janella.

Mas já vejo, que he ditoso oriente do brilhante Sol. Eu chego a fallar-lhe.

Alt. Hypolito he este. Ai amor, e se não o meu mesmo ouvido testemunha da su sidade, oh quanto melhor me estivera o se gano, se nelle podesse existir a minha da! *á*

Hyp. Galharda Altea, quem pela culpa de erro padece a pena da tua indignação, rá ter algumas sombras de bem, ao r nos longes de huma esperança? que com quer luz se contenta, o que vive tão d fiado de remedio.

Alt. Como tem tanto de sua parte ao meu não posso totalmente vingar-me da sua nia, negando o meu ouvido á sua q *á parte.* Que pertendes de mim, ingrato? offensa te fez a minha fé, para exer contra o meu peito os repetidos golpe teus novos enganos? Desenganada pela tua ma boca da tua aleivosia que mais pre da minha paciencia?

Hyp. Juſtificar-me da culpa, que me impões.

Alt. Pois ainda com induſtrias intentas multiplicar confusões, para accreſcentar mais horrores ao delicto, dizendo, que com a Princeza não fallaſte no Jardim, quando eu te vi para a parte donde ella eſtava, e mudando as duas de lugar, tu valido das ſombras chegaſte a fallar-me, cuidando ſer Florisbella, a quem fizeſte expreſsões da tua fineza?

Hyp. Eu confeſſo, Senhora, que com a Princeza tua irmã fallei, e que confuſo, e perturbado das ſombras, e de hum rumor que (Amor ajuda a deſculpar-me *á parte.*) cahindo tarde em que era ella a com quem fallava, quiz antes parecer atrevido com expreſſar-lhe finezas, que dar-lhe a entender o noſſo amor. (Oh que mal me deſculpo! *á parte.*) Pois cuidando que eras Florisbella, me não offereceo a turbação outras palavras, que dizer-lhe. Eſta he a verdade.

Alt. Oh que frivola deſculpa! Mas oh que grande razão tem da ſua parte no meu affecto para deſculpallo! *á parte.* Quando fora poſſivel ter eu certeza, de que he verdade o que me dizes, pudera admittir os teus rogos.

Hyp. Alviçaras amor, que já me favorece a fortuna! Mas paſſos ſinto por aquella parte, retirar-me quero. *á parte.*

Retira-ſe a hum lado.

Alt. Mas a Princeza ſe encaminha a eſte lugar, quero auſentar-me delle. *Vai-ſe.*

Sabe

Sabe Cardenio.

Card. Já tenho hum embaraço menos na vida do Principe Felisardo. Oh dê-me a sorte occasião de conseguir o que desejo, dando a morte á Princeza.

Apparece Florisbella na janella.

Mas na janella do Jardim está; eu chego a fallar lhe, que desejo asseguralla do que contra mim julga, para executar melhor os meus designios.

Flor. Não he piedade não que o mortal corte.
Do golpe horrivel minha vida guarde;
Antes cresce o rigor da dura morte,
Pois se faz mais cruel em vir mais tarde.
Venceo, roubou-me o bem a adversa sorte,
Mas em deixar-me a vida andou cobarde:
Oh não exalte do triunfo a gloria,
Se descobre a fraqueza na victoria.
Mata-me, sem matar-me o sentimento,
Para ser muitas vezes homicida:
Oh pezar! porque dure no tormento
A mesma morte me dilata a vida,
Do desmaio parece fórma alento
A memoria em tragedia repetida:
Mas ai, que desta ausencia na impiedade
Imagino que he vida o que he saudade.

Card. Em fim, Senhora, ainda negais a fé á minha,

nha fidelidade? He possivel, que ainda manchais a minha innocencia com o vosso escrupulo?

Flor.. Ah cruel! ah tyranno! Ainda te atreves a ser objecto dos meus olhos?

Hyp. Ah cruel! ah tyranna! Como me argúes de culpas, se assim com Cardenio me offendes! *á parte.*

Card. Aqui, Senhora, serei vigilante Argos da tua pessoa, até perder a vida aos teus olhos, para que se conheça na minha morte a minha verdade.

Hyp. Ainda mais isto, irada sorte! Cardenio lhe tributa rendimentos, e ella lhe mostra amantes enfados!

Flor. Traido, vai-te da minha presença; que mais dura morte me dá a tua vista, que a que receio do teu braço. *Vai-se.*

Card. Irritada a tem a paixão: quero retirar-me, pois não posso convencer o seu bem fundo receio. *Vai-se.*

Altea á janella; chega Hypolito a fallar-lhe.

Hyp. Para que, enganosa Hyena, me significavas finezas, e me accumulas aggravos se tens a quem dês queixas mais affectuosas, e por quem faças finezas mais verdadeiras? Prosegue o teu empenho, que o meu será desde hoje lançar-me nos braços da desesperação, para ver se ha morte para hum desgraçado.

Canta Hypolito a seguinte

ARIA.

Não posso, não devo,
Tyranna deidade,
Es falsa, és féra,
Nem guardas lealdade,
Barbara já sem fé,
Te deixo cruel;
Se acaso pretendes
Agora enganar-me
Dizendo sou firme
Promette adorar-me;
Respondo; que direi? *Vai-se.*

Alt. Espera Hypolito, espera, que não entendo a tua queixa, nem sei de que nasce a tua desesperação. Mas já se foi. Ai de mim! Que louca paixão o incita a tanto despenho? Quando me buscava rendido, quando com extremos me intentava satisfazer, não sei que novo furor lhe perturba o sentido. Encanto me parece quanto amor em ambos executa; mas eu procurarei sahir de tão escuro labyrintho.
Vai-se.

SCE-

SCENA V.

Mutação de jardim, e á roda do escotilhão ramas de que esteja a boca cuberta. Sahe Machavello com huma trouxa, que mete pelo escotilhão.

Mach. OH. que industrioso he o medo! Aqui venho tão carregado de trastes, como cheio de temores. Todo o Palacio está feito hum tormentoso mar, e eu receio muito hir-me ao fundo, porque não posso tomar pé em tanto golfo de penas: mas como a gala do nadar he guardar a roupa, eu quero agora fazer guarda-roupa de certa butaca, que aqui ha de haver. Trago aqui hum vestido desconhecido para me livrar de ser investido; trago isca, e talvez que alguem ma coma, e que no cabo me faça aquillo no anzol; trago mecha para ver se assim me livro das que se mettem nas feridas; trago hum cabo de vella para ma metterem na mão, se algum der cabo de mim; trago papel para assim fazer melhor o meu; porque queimando-o, hei de-me tingir de negro se não der a meu Amo ajuda, e sustento, e eu, e elle havemos de ter boa sahida. Ninguem me tem visto: felicidade foi. Mas donde terá a boca a senhora gruta, que deve ser tão pequena, que ninguem a vê? Mas cá está: vejão vossês porque eu a não via, he porque tem a barba mui crescida. Deito primeiro a tal trouxa. *Chega á gruta, e bota a trouxa.*

Lá vai esta pirola , veja se a póde tragar , que eu nella lhe dou quanto trago.

Sabe Etcætera.

Etc. Quem me achou hum menino perdido, por quem eu me perdi de amores, dar-lhei de alviçaras a pena, que tenho de perdello, pois estão quasi perdidas as esperanças de achallo.
Mach. Se tu déras melhores alviçaras, eu to entregára: porém acho que he melhor estar perdido, que ter a pena por premio.
Etc. Ai meu rico Machavello! tu em Palacio?
Mach. Eu em Palacio? não cuides tal. Eu era asno que estivesse em Palacio? não por certo: antes folgo de estar aqui no Jardim, aonde tenho minhas verduras, e lá não as hei de ter, porque anda tudo azul. Olá, tens sentido muito a minha falta?
Etc. Eu não hei de dizer isso.
Mach. Porque?
Etc. Por não fallar nas faltas alheias.
Mach. Pois eu, se queres saber o que sinto, escuta.

Nesta ausencia dilatada
Morto de pena me vi:
Ora escuta o que senti,
Ficarás embasbacada.
Senti, mas não senti nada:
(De o dizer não me reporto)
E terá o juizo absorto

Quem

Quem de eu não sentir se admira:
Olha a tolla, se eu sentira,
Então não estaria eu morto.

Etc. Ora ouve-me a mim.

Desta ausencia no tormento
Forão minhas penas tais,
Que te fostes e nunca mais
Me vieste ao pensamento.
Com este encarecimento
Bem ufano ficarias;
Eu não sei que mais querias
De minhas firmezas raras;
Porque se tu me lembraras
He certo que me esquecias.

Sahe Florisbella.

Flor. Machavello, Machavello, como te não ausentas deste Palacio? Queres seguir a infelicidade de Sigismundo? Ai tyrannas memorias! ai infelices amores! aquellas vivas para matar-me com a passada gloria, e estes sem vida para immortalizar-me na presente pena. *á parte.*

Mach. Senhora, não te lastimes com tanto excesso, que não he o caso para tanto.

Flor. Que loucura!

Mach. Ora não he tão loucura como isso; porque, Sigismundo tem alguma perna quebrada?

Etc. Não he peior estar sepultado?

Mach. Pois sou tão fiel criado, que brevemente me espero ver na sua companhia.

Flor.

Flor. Vai-te, que és hum ſimples.

Mach. Eu te prometto, que eu deſappareça dá tua viſta brevemente, e iſſo ha de ſer já. Mas ai que eſtou perdido! ahi vem o excommungado de Cardenio: eu fiz mal em me deter.

Sabe Cardenio.

Card. Ainda, Senhora, vos fiais de traidores? Eſte não he criado daquelle barbaro eſtrangeiro, e talvez companheiro nas ſuas atrocidades?

Mach. He preciſo fingir-me bebado, que já o ſer tollo he pouco. *á parte.*

Etc. Ai coitadinha de mim, que deſta fico viuva antes de cazada! *á parte.*

Card. Com que intento ouſas apparecer neſte Palacio? Queres ſer tambem eſcramento de ſacrilegos?

Mach. Quero ſer huma balla, que o atraveſſe: voſſê ſabe com quem falla? ha maior pouca vergonha! eſcremento de tiſicos a mim!

Card. A voſſa ſoberana preſença me embaraça o dar-lhe morte.

Flor. Que amigo sois de matar!

Mach. Pois ſe o amigo he amigo de matar, va-ſe eſpulgar ao Sol, que não lhe faltará ſangue que derramar, que elle he tal, que nem a huma pulga perdoará com ſer ſeu ſangue.

Etc. Elle ſe eſtá fingindo bebado; queira Deos que lhe ſaia bem a machavelhice.

Card. Vai-te barbaro.

Mach. Barbeiro ſelo-ha ſua mercê, e perdoe a minha confiança.

Card. Que soffra a minha cólera esta indecencia?
Flor. Industrioso he o que entendi simples.
á parte.
Card. Vai-te, vai-te, que não he pouco escapares com vida das minhas mãos.
Mach. Que me vá? boa graça! Porque, eu sou descortez, que faça isso diante de gente? nunca me fui em minha vida. Que me vá? cá para traz: se vossês souberão quem eu sou, não me havião de tratar assim. A mim ninguem me manda cousa nenhuma. Porque, vossê he que manda? Só o Senhor meu Amo tem esse poder.
Etc. Tinha que já não tem.
Mach. Meu Amo tinha? Tinhosa será vossê: Meu Amo, que he tão limpo da carepa, que póde ser asseado na cabeça de hum tinhoso. Meu Amo, que he hum Principe tamanho como não sei que diga.
Card. Elle sem duvida declara a Felisardo, e he preciso embargar-lhe as mal concertadas vozes.
Mach. Meu Amo....
Etc. Que Deos tem.
Mach. Assim te leve o diabo. Ora veja vossa paternidade se póde haver maior desaforo, chamando morto a meu Amo! E eu o farei resuscitar brevemente, se o senhor matador mór do Reino, o Senhor Cardenio da Mata der licença.
Card. Atrevido, não te ha de valer o estares tão alienado com os fumos de Baco.
Mach. Tabaco! isso he quererme cheger aos narizes?

Flor.

Flor. Detem os passos, injusto, que aos meus olhos não permitto desacatos.

Etc. He boa! não vê como está o pobre homem! Elle sabe o que diz?

Flor. Vai-te, Cardenio, de minha presença.

Card. Eu me vou corrido, mas eu me verei vingado. *Vai-se.*

Mach. De boa escapei: agora tomára encovar-me. *á parte.*

Flor. Etcætera?

Etc. Que mandas?

Flor. Leva-o tu ao teu aposento, e dahi pela janella, que cahe ao campo, lhe dá passagem porque o não prendão.

Põem-se Machavelo junto do escotilhão.

Mach. Agora que estão divirtidas me chafurdo; a fortuna me tire com bem. *Mette-se pelo escotilhão.*

Etc. Vou Senhora a obedecer-te.

Flor. Vai-te, Machavelo, e.... Mas que he o que vejo!

Etc. Vem comigo..... Mas que he o que não vejo!

Flor. A terra sem duvida o tragou.

Etc. Sem duvida se foi pelos ares.

Flor. Estrando successo!

Etc. Caso raro! Ai Senhores, se o levaria o diabo, só porque eu o não levasse?

Sahe ElRei, e dous Soldados.

Rei. Prendei este traidor, que ainda intenta assus-

tar

tarme como sombra de hum tyranno. Mas aonde.....

Sold. Em quem, Senhor, havemos de dar á execução as tuas ordens?

Rei. Florisbela?

Flor. Pai, e Senhor?

Rei. Aonde se occulta este atrevido criado de Sigismundo?

Flor. Enganos são de Cardenio, e quiméras, que finge a sua louca fantasia; se não he querer com falsidades novas ultrajar o teu respeito.

Rei. Examinai, não só todo o jadim, mas não se reserve em Palacio nada ao vosso exame. *Vão-se os Soldados.*

Quem se vio em mais raras confusões? sonho me parece quanto por mim passa. *á parte.* Filha Florisbela, já o meu espirito se afflige, e cança de padecer os golpes da fortuna; as confusões crescem, e os alentos faltão, a vossa vida está ameaçada de occulta violencia. Eu quero, dando-vos consorte, eximir-vos do perigo, e livrar-me do cuidado. O Principe de Dinamarca he tão capaz de ser preferido, que não só será o mais forte escudo da vossa vida, mas o mais infallivel seguro desta Monarquia. Eu tenho inspirações, que me facilitão este empenho. Bem sei que por noticia de algumas leves travessuras, lhe não vive inclinado o vosso affecto; porém como conheço que haveis de seguir o meu gosto, espero que vençais a vossa repugnancia. Disponde-vos a obedecer-me, que eu vou a dispôr com toda a brevi-

da

dade, não só os seguros da vossa vida, mas as conveniencias da minha Corôa. *Vai-se.*

Flor. Ha maior infelicidade! sobre huma desgraça huma violencia! Oh que bem receava o meu coração o effeito infeliz deste conjecturado consorcio! Mas de que me queixo, se he tal a pena que me afflige, que será a minha morte embaraço aos seus designios?

Etc. Pois a Princeza está entregue aos seus sentimentos, quero hir ver se acho quem me roubou os meus sentidos, que estou tão desesperada de ver que desapareceo da vista dos meus olhos, que se me não fizera mal, havia de me enforcar de pena. *Vai-se.*

Flor. Que acho nos fados injustos!

Sustos.

Que achei de amor nos encantos!

Espantos.

Que acharei em seus ardores?

Horrores.

Sem duvida o Deos de amores,
Quer no mal eternizar-me,
Pois não bastão a matar-me.

Flor. e Fel. } Sustos, Espantos, Horrores.

Flor. Que dão eternas distancias?

Ancias.

Que ha de dar o pranto em mares?

Pezares.

Que

Que derão tantos portentos?
Tormentos.
Oh que duros sentimentos
Me motiva o ver oppostos
A allivios, pezares, gostos.

Flor. e Fel. } Ancias, Pezares, Tormentos.

Flor. Mas parece que compadecidos de minhas duras penas se abrandão os rudos troncos, e os insensiveis marmores deste Jardim, acompanhando suaves os écos de minhas queixas. Eu morro de saudades. Ai amado Sigismundo! Aonde estás, vida minha?

Sahe pela gruta Felisardo cantando a seguinte

ARIA.

Aqui está, prenda querida,
Huma vida,
Que de amor recebe alentos,
Para soffrer entre ardores
Sustos, espantos, horrores
Ancias, pezares, tormentos.
Não te assuste a infausta estrella,
Florisbela,
Por me veres ao teu lado;
Que o que vistes sepultado,
Se está morto, he de amores.

Flor. Amor que encantos são estes? *á parte.* Sigismundo, como são estes pordigios? dize, porque ao ver-te, não tire o assombro alguma parte á gloria. *Chega Felisardo a Florisbela.*

Sa-

Sahe Zapete ao bastidor.

Fel. Maravilhas são de amor, e impulsos da minha fineza, o querer por fim de tantas infelicidades fazer aos teus olhos venturosa a minha ruina.

Zap. Olá, olá, renuncio o pacto: valhão-me trezentos e sessenta e seis abrenucios. Este homem he feiticeiro de todos os quatro costados: cuidei que a estas horas estivesse chuchado das carochas, e está ainda capaz de lhe pôrem huma na cabeça. Mas eu vou dar parte deste caso. *Vai-se.*

Flor. Pois, meu bem, retira-te pelo meu amor a esse occulto, e escondido deposito da tua vida, que eu cuidarei de livralla de todo o perigo: vai-te antes que alguem te veja.

Zap. Vem, Senhor, ao Jardim, verás se he certo o que digo. *Dentro.*

Rei. Já he forçoso retirar-me, e obedecer-te.

Mette se pela gruta.

Sahe Zapete.

Zap. Olha para elle; mas que he delle? Ai eu aqui ouvi, mas eu nunca tal vi.

Hyp. Aqui, Senhora . . . . . mas he loucura imaginallo.

Flor. Que dizes, Hypolito?

Zap. Não diz nada; mas como quem não diz nada, vinha a ver o Poeta que eu ainda agora vi neste Jardim.

Flor. Que Poeta?

Zap. O Musico.

Flor.

Flor. Que Mufico, louco?

Zap. Ai! o Eftrangeiro.

Hyp. Senhora, affirmou com tantas vétas, que aqui v o a Sigifmundo eftar fallando comtigo, que me obrigou a vir fazer efte exame.

Zap. Eu não digo que feria elle, mas era o diabo por elle, que ainda que tinha muitas coufas boas, eu fempre entendi que era coufa má.

Flor. Pois todos não o virão fepultar na efcura eftancia daquella horrivel gruta?

Hyp. Coufas são defte ignorante.

Zap. Coufas minhas? Não he fenão a alma do eftrangeiro, que anda barregando por efte Jardim.

Flor. Fortuna, ajuda os meus intentos. *Vai-fe.*

Hyp. Amor, favorece os meus cuidados. *Vai-fe.*

Zap. Aprelá! eu cá fó no Jardim? Ai que me pegão! ai que me agarrão! Valha-me toda a a folhinha, com luas, quartos, e tudo. *Vai-fe.*

Sabe Etcætera.

Etc. Que gritaria he efta cá no Jardim? Anda por Palacio huma voz, que fe vio aqui a Sigifmundo: mas mal peccado! O outro eftá feito bicho de toca, e eftará já comido de bichos na buraca. Agora o meu Machavelo he que deve eftar aqui convertido em tronco, ou transformado em pedra; ou elle eftá feito já hum cepo ao pé de alguma arvore, ou carranca em cima de algum chafariz. Ora não jogues comigo as efcondidas; e fe tu me negas

a

a falla em algum tronco, permitta Deos que ahi te fação em achas; e se me fazes carranca em alguma fonte, queira Deos, que ahi te dem dores de pedra.

Sahe Mochavelo de negro.

Mach. Não posso deixar de sahir a taes conjuros.

Etc. Ai appello eu! que he isto?

Mach. Oh mias menina, quere vozo cagar as boca? que mim sé huns pletinho honraro, e nenhuns mar vos vem fazé.

Etc. Ai guarde para lá, olhe que griro: Ai que medo!

Mach. Tão feio sar os pai Flancico, que mete medo a vozo? aqui sá huns rendido amadoro, e o ser desse cor, he que sá chamuscaro dos fogo de amoro: em mim tem vozo huns cativo, huns esclavo, que morre por esses oio tão flemozo.

Etc. Passa fóra, já te cheira?

Mach. Aos cheiro dessas coizia tão bonita ando semple ao rabo de vozo.

Etc. Olhe o cachorro.

Mach. Mim sar tua canzarrão.

Etc. Osso cão.

Mach. Mim não quer roer osso sem plimero comer os carne.

Etc. Eu me vou, e te deixo como hum preto.

Can-

Canta Machavelo a seguinte

A.R I A.

Menina táo flemoza,
  Que mai non pori sé,
  Mim far o pai Flancico,
  Que a vozo quere bem.
Por isso suas fessa
  Vos vem aqui fazé....
  Ai le le le, gurguiá gurguié,
  Gibalé, cambu:
  Gibelé, sahil,
  Ai le le le
  Gurguiá, gurguié.

Sabe Cardenio por huma porta, e Altea por outra.

Alt. Aqui dizem que viráo a Sigismundo.
Card. Aqui dizem que viráo a Felisardo.
Alt. Mas quem aqui.....
Card. Mas que vejo! Quem podia aqui trazer este negro estando as guardas avizadas de que a ningnem deixassem entrar.
Mach. Se eu desta escapo, tenho muito que contar. *á parte.*
Alt. Dize tu, Etcætera, como veio aqui este homem?
Etc. Eu, Senhora, se náo foi por arte do demonio, náo sei como elle aqui viesse; porque de improvizo me appareceo como cousa do outro mundo. Eu náo sei..., aqui diz que appa-

apparecem defuntos, e eu estou com muito medo deste canzarrão; porque o diabo he negro. *Vai-se.*

Alt. Raras cousas succedem neste Palacio.

Card. Homem, dize como entraste aqui, se não serás castigado esperamente.

Mach. Eu sioro sar hum trombetero, que ando fazendo sessa por essa terra e angola vinhe eu, e como os sioro, que he sioro de huns pleto, que toca os churumera, e os churumera dos pleto, sabia tocar os sioro dos pleto, que sá churumelero, vai o siora muiere dos sioro, que sá sioro dos pleto dos churumera, e....

Card. Devagar homem, explica-te melhor, que te confundes.

Alt. O medo o perturba.

Mach. Inda que mim sá pleto, eu quero falaro craro. Tomo vozo tento. Eu sioro sá pleto de huns siora, que casou com meus sioro, e quando mia siora casou, era mé sioro solteto; vai sioro, que faze mé sioro tomá hum churumera, e dá huns trombeta a outro pleto que era pleto de hum sioro, que tinha huns pleto trombetero, e que faze os pleto, toma.....

Card. Já se acabou a paciencia: mas seja o que for, como aqui se acha Altea não quero perder a occasião de fallar-lhe. *á parte.* Lidoro? *Sabe hum Soldado.*
Leva a esse preto, e no meu quarto o fecha em huma casa, cuja janella cahe para este Jardim. *Mach.*

Mach. Não vai mão isto; o que eu quero he ficar em Palacio, que depois tudo fica em casa. *Vai-se Mach. e o Sold.*

Alt. Oh quanto sinto este encontro!

Card. Ainda, cruel Altea, dura no teu peito a tyrannia? ainda estás de animo de faltar á palavra promettida?

Alt. E de retirar-me da tua presença.

Card. Até esse favor queres negar aos meus olhos?

Alt. Cardenio, eu tenho quasi averiguada a tua tyrannia, e nella consiste o negar-te licitamente a palavra offerecida.

Card. Como, tyranna? Como, ingrata? que he o que dizes?

Alt. Não te disse eu, que só quando tu offendesses a minha vida, me desobrigaria eu da palavra que dei?

Card. Sim, mas mal póde offender-te quem te adora.

Alt. Em eu averiguando que intentaste tirar a vida á Princeza minha irmá, absoluta estou da tua amorosa instancia; porque a minha vida offende quem o meu sangue derrama.

Vai se.

Card. Espera, tyranna.

Sahe ElRei.

Rei. Quem he a tyranna, que de ti foge? Detem-te, espera.

Card. Sorte inimiga, isto mais? *á parte.* Senhor.

Rei. Dize, de quem te queixas?

Card. Huma criada, Senhor, que aqui atrevid
mente me respondeo, talvez desprezando
minha pessoa, porque a Princeza minha S
nhora deu motivo ao seu atrevimento, calun
niando-me de traidor.

Rei. Não sei que conceito faça de Cardenio e
tanta contrariedade! Mas cesse por agora a d
vida. *á parte.* Não te offendas, Cardenio
desse falso conceito, quando tens da tua pa
o meu favor. Saberás como tenho determinad
dar estado a Florisbella, dando-lhe por esp
so ao Principe de Dinamarca, para o que
me falta a tua approvação.

Card. Nada perco em approvar o seu intent
quando pela morte de Felisardo, fica impossiv
o logro dos seus designios. *á parte.* Acerta
me parece, Senhor, a tua resolução, pois
união destes dous Imperios, se fará invenciv
o teu poder.

Sahe Florisbella.

Flor. Aqui me conduz o meu cuidado....
Mas aqui está ElRei.

Rei. Filha, o meu desejo moveo os teus pass
Está já o teu animo disposto a agradar-m
recebendo por esposo ao Principe de Dinamarc

Flor. Não és tu, Senhor, o que tantos excess
tens feito por conservar a minha vida, q
mil vezes se vio accommettida da rigorosa P
ca? Não és tu o que com tanto cuidado p
tendias defendella de quem traidor a ame
çava?

Re

Rei. E eu ſou o meſmo, que exporei a minha por defender a tua.

Flor. Pois, Senhor, a minha obediencia eſtá prompta, mas a minha vida não eſtá ſegura.

Rei. Como?

Flor. Eu darei a mão de eſpoſa a Feliſardo, mas tu darás o meu corpo á ſepultura: obedecerei ao teu preceito, mas ſendo o conſorcio contra a minha inclinação, ſe da obediencia vivo a cabarei da violencia.

Rei. Oh quanto tem o amor de enternecido! Parece que o coração quer ſahir pelos olhos a dar-lhe favor. *á parte.* Floriſbella, filha, não permitta a fortuna, que te condemne a martyrios quem ſó te deſeja conſeguir deſcanços. Não ſeja teu eſpoſo Feliſardo, pois he contra a tua inclinação; mas hoje te darei digno conſorte, com o qual eſpero não tenhas queixa da ventura.

Flor. Que intentará ElRei? *á parte.*

Card. Não alcanço o ſeu penſamento. *á parte.*

Sahe Hypolito.

Hyp. Senhor, agora me affirmárão ter viſto a Machavello, eſſe criado do eſtrangeiro, a quem condemnaſte á morte, e dizem que eſtá no quarto de Cardenio eſcondido.

Card. Que novo azar he eſte, fortuna! *á p.* Não he poſſivel, que no meu quarto ſe ache eſſe de quem ſou o maior inimigo, por ſer criado de quem intentou offender a Princeza minha Senhora.

Rei. Já cresce a minha confuzão, e escrupulizo de Cardenio. *á parte.*

Flor. Bem sei, Cardenio, quanto te devo. Ah cruel! *á parte.*

Card. Se o criado publíca a Felisardo, será preciso escrupulisarem da minha verdade; e assim melhor será que eu o communique a ElRei em segredo. *á parte.*

Rei. Tratemos agora do que mais importa, depois se examinará o que diz Hypolito. Filha, como tenho percebido que de inveja nascem os perigos da tua vida, quero com toda a brevidade assegurar na tua cabeça à minha Corôa; e assim me determino a que admittas por teu esposo a teu primo Hypolito.

Sahe Altea.

Alt. Ai de mim! Se he verdade o que escuto? *á parte.*

Flor. Ha maior conflicto, amor! *á parte.*

Hyp. Ha mais raro successo, fortuna! *á parte.*

Card. Senhor, ouça-me Vossa Magestade em segredo.

Rei. Dize, Cardenio.

Card. O Estrangeiro, a quem mandaste dar morte, he, Senhor, o Principe Felisardo, a quem conheci, por ter estado em Dinamarca algum tempo, no discurso do qual o vi muitas vezes.

Rei. Ha maior infelicidade! Que dizes? Já acabou o seu engano de confirmar as minhas suspeitas. *á parte.*

Card.

Card. Parece que o ſentio. *á parte* Eu vendo que elle intentava contra ti offenſas, conſenti na ſua morte, a qual dando tambem ao ſeu criado, ficará ignorada no mundo a ſua deſgraça, ficando ſó em o noſſo ſegredo a ſua traição.

Rei. Não ficará ſem caſtigo a tua maldade. *á p.*

Flor. Que myſterios ſerão eſtes? *á parte.*

Hyp. Em que parará eſta confuzão? *á parte.*

Alt. Que fim terão as minhas finezas? *á parte.*

Rei. Grave pena! *á parte.* Florisbella, cada vez ſe te faz mais preciſo admittir logo por eſpoſo a Hypolito.

Alt. Pouco me falta para perder a vida. *á p.*

Hyp. Reſoluto eſtou em fazer por Altea a maior fineza. *á parte.*

Card. Em huma ſó palavra conſiſte a minha deſgraça. *á parte.*

Rei. Que eſperas? Dá pois a Hypolito a mão de eſpoſa.

Sabe Feliſardo apreſſado pela gruta.

Fel. Antes quero, Senhor, perder a vida às mãos do teu rigor, que aos impulſos da minha deſgraça. Aos teus reaes pés......

Rei. Ha mais nunca viſto acaſo da ventura! Não ſei como me não matou a ſubita alegria que me cauſou eſte ſucceſſo. *á parte.* Como são eſtes prodigios, Sigiſmundo?

Fel. De tudo, Senhor, te darei depois parte.

Card. Que he o que vejo! Como não me traga a terra em tanta pena! *á parte.*

Alt.

Alt. Raro assombro ! *á parte.*

Flor. Dando primeiro atenção ao teu respeito, que lugar á minha admiração, digo, Senhor, que não posso admittir por esposo a Hypolito; porque como sei que a outro objecto dedica os seus affectos, não quero que nelle seja violencia, o que devia ser vontade.

Falla ElRei a Cardenio em segredo.

Rei. Com que affirmas ser este o Principe Dinamarquez ? *á parte.*

Card. A minha vida te offereço por fiadora dessa verdade. *á parte.*

Rei. Eu aceito a fiança. *á parte.* Pois Florisbella, ou has de admittir ao Principe proposto, ou aqui has de ficar casada com este humilde Estrangeiro.

Fel. Que he o que escuto, fortuna ! Ou he afflicção do meu dezejo, ou ludibrio da minha pessoa. *á parte.*

Flor. Amor, que he o que ouço ! Ou isto he examinar o meu animo, ou exaltar a minha ventura. *á parte.*

Alt. Pois, Senhor, como com tão desigual sujeito intentas......

Rei. Filha, basta, que o meu gosto he lei.

Hyp. Ainda que verdade, Senhor, que eu a outra imagem venero, sempre sinto, que a distancia, que vai da humildade desse Estrangeiro á soberanidade......

Rei. Sobrinho, cessa, que ignoras os mysterios, que inclue essa differença.

Card.

Card. Ai quanto mal receio neste horrivel conflicto em que me vejo! *á parte.*

Flor. Amor, eu me aventuro. *á parte.* Pois Senhor, por não admittir ao Principe de Dinamarca, antes quero dar a mão de esposa a este Estrangeiro não conhecido.

Vai a dar-lhe a mão.

Fel. Esperai, Senhora, que não posso admittir tão alta ventura.

Flor. Ha maior desar! *á parte.*

Alt. Tudo he assombro quanto admiro. *á part.*

Rei Que intentas com essa repugnancia?

Fel. Não violentar a vontade da Princeza tua filha; pois se ella por não admittir ao Principe de Dinamarca, quer fazer feliz a hum humilde sujeito, já eu não posso ser consorte seu.

Flor. Porque?

Fel. Porque eu sou Felisardo.

Flor. Este he o maior encanto de amor: pois faz que receba gostosa aquelle mesmo a quem a vontade vivia repugnante. Já admitto ao Principe Felisardo; esta he a minha mão.

Dão as mãos.

Fel. Na minha tenho agora todo o poder da fortuna.

Rei. Que alegria!

Card. Que desesperado furor! *á parte.*

Hyp. Permitte, Senhor, que acompanhe a sua felicidade com a de ser esposo de Altea.

Alt. Já satisfeita estou da sua fineza: alviçaras alma. *á parte.*

Rei. *Gostoso* o concedo.

Alt.

Alt. E eu mais gostosa o admitto.

Dão as mãos.

Card. Deu fim a minha vida. Oh, abraze hum raio o meu coração! Desesperado me vou a buscar o ultimo precipicio. *Vai-se.*

Rei. Olá, detenhão a Cardenio, que já me são manifestas as suas traições.

Sahem Zapete, e Etcætera.

Zap. Qual detenhão a Cardenio! Escusado he, porque como louco furioso vai por esses campos correndo, que nem hum cavallo solto.

Etc. Parece que leva o diabo no corpo.

Dentro Mach. Agora vai: eu me não posso ter: eu vou a terra: guarda debaixo.

Cahe de alto.

Hyp. Da janella do quarto de Cardenio se arrojou.

Zap. Vieste aqui como hum raio.

Mach. O meu intento era partir-te, mas não te pude colher debaixo.

Etc. Não calças grande çapato para ser tamanho o salto.

Zap. E que queres tu aqui agora?

Mach. Primeiramente beijar os pés a Sua Magestade, e depois a mão a meu Senhor o Principe Felisardo: e já que fui tolo até aqui, quero agora desasnar-me casando (que tambem sou vivo) com Etcætera; que supposto que já andei como hum negro, nunca lhe estará mal admittir-me por seu cativo; pois já mudei de côr, lavando-me no quarto de Cardenio, aonde elle me mandou metter,

ter, entendendo que eu era preto; mas elle sempre ficou sujo com os seus enganos, e eu a fiz limpa com as minhas industrias.

Etc. Com que tu eras o negro? Eu sempre entendi que tu eras bonito, se te lavasses.

Zap. Eu te arrenego diabo! Tu já estás branco, mas eu ficarei como hum preto.

Macb. Pois, Senhores, eu quero casar com Etcætera, ah que delRei.

Rei. Eu to concedo, e offereço o dote.

Macb. Vivas mais que vinte sogras.

Zap. E tu casas com elle, Etcætera, tambem?

Macb. Pois não, se vim pelos ares buscalla?

Etc. Olha, Zapete, isto não podia deixar de ser, porque os casamentos vem lá de cima.

Zap. Até isso me parece encanto, e eu tambem ficarei encantado, porque fico posto ao canto.

Macb. Pois acabemos com elle, dando fim a esta scenica ficção, mostrando que nunca a haverá na vontade com que obsequiosamente festejamos a tão illustre, como discreto auditorio.

CÔRO.

Pois de applaudir-vos já logrão o fim
Estes obsequios, que a idéa formou;
Hum victor vosso merecão aqui
Hoje estes Novos Encantos de Amor.

FIM.

ADRIA-

ADRIANO EM SYRIA;

Opera que se representou na Casa do Theatro publico do Bairro Alto.

ARGUMENTO.

Vencendo o Imperador Adriano aos Parthos, cativou a ElRei Osroas, e a sua filha Emirene, e ao Principe Farnaspe, amante de Emirene. Esta pela sua grande formosura foi desejada de Adriano para esposa, ao que ella sempre repugnou, por ser constante a Farnaspe. Osroas por traição pretende vingar-se tirando a vida a Adriano: errou o golpe, e foi prezo; e não obstando ser apanhado no delicto, falla sempre soberbamente ao Imperador. Finalmente Adriano sabendo do honesto, e firme amor de Emirene para com Farnaspe, com heroica resulução os manda livres, perdoa a Osroas, e acceita por esposa a Sabina Romana. Tudo o mais constará melhor do contexto da obra.

INTER-

INTERLOCUTORES.

Adriano, Imperador de Roma, amante de Emirene.
Osroas, Rei dos Parthos, Pai do Emirene. Emirene, Princeza dos Parthos, prizioneira de Adriano, e amante de Farnaspe.
Sabina, Romana, amante, e promettida esposa de Adriano.
Farnaspe, Principe Partho, amigo, e tributario de Osroas, amante, e promettido esposo de Emirene.
Aquilio, Tribuno, Confidente de Adriano, e amante occulto de Sabina.
Beringella, Graciosa.
Chichello, Gracioso.
Guardas.
Soldados Romanos, Soldados dos Parthos.

SCE-

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Praça de Antioquia &c.*
II. *Sala de Palacio.*
III. *Pateo de Palacio com rotura por huma parte onde apparece incendio.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Galaria no quarto de Adriano correspondente a diversos gabinetes.*
II. *Estrada deliciosa de Jardim.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Sala com cadeiras.*
II. *Lugar magnifico de Palacio com escadas: vista de Náos em o Rio, e de Jardim.*

ACTO I.

SCENA I.

Praça grande de Antioquia, com huma ponte sobre hum rio, a hum lado hum throno imperial, e junto delle Adriano levantado sobre os escudos dos Soldados Romanos: Aquilio, guardas, e povo, da outra parte do rio: Osroas, Farnaspe, e Chichello com acompanhamento dos Parthos, que conduzem varias féras, e outras dadivas para offerecer a Adriano.

CORO.

Vive Augusto, vive, e reina
Gloria a nós, e a Roma sendo,
E no Oronte a chama tendo
O primeiro sacro ardor.
Dos Soldados, patria, e povo
Capitão, e Pai te jurão,
E contentes te segurão
Lealdade, fé, e amor.
Palma o Ganges te prepare
E de augusto o nome adore,
Aonde incognito inda more
O remoto habitador.

Em-

Em quanto o Coro canta, desce Adriano do throno de escudos, que servião de sustentallo, e os Soldados se põe em fileira com os mais.

Aquil. Famaspe, Principe dos Parthos, te supplica, Senhor, licença para se presentar aos teus pés. *a Adr.*

Adr. Venha, e ouça-se.

Passa Aquilio a ponte, e falla Adriano sobe ao throno, em pé.

Valorosos Soldados, e companheiros, vós me offereceis hum Imperio, não menos com vosso sangue adquirido, que com o meu sustentado, procurando, que delle (sendo commum o trabalho) seja só meu o fruto: mas se não puder inteiramente cumprir com o vosso desejo, farei ao menos que neste magestoso grão que me entregais, sempre o mesmo me acheis. Para mim não quero a vangloria de me servires; só sim, que empregueis esse cuidado em segurar a gloria de Roma, a grandeza do vosso nome, e a publica esperança. *senta-se.*

CORO.

Vive Augusto &c.

Ao tempo que repete o Coro , passão a ponte Farnaspe , Osroas , e Chichello com acompanhamento dos Parthos , todos seguindo Aquilio , que os conduz.

Farn. Hoje que Roma adora em ti o seu Augusto Cesar , reverente ao docel em que magestoso te ostentas , o Principe Farnaspe huma mercê te supplica. Bem sei que foi inimigo ; mas já deposta a politica aversão , beija reverente as tuas cesareas plantas , depondo a ira , e jurando a fé.

Osr. Tanta vil submissão não he preciza , Farnaspe. *á parte.*

Chic. Choramiga-lhe mui bem o teu papel.

Cdr. Mãi commua de todos os povos he Roma : nos seus braços sabe agazalhar aos que delles se querem valer : aos amigos honra , perdoa aos vencidos , e com sublime heroicidade aos humildes , exaltà e aos soberbos castiga.

Osr. Que soberba arrogancia ! *á parte.*

Chic. Que cara de Polifemo ! *á parte.*

Farn. Huma grandeza em Roma costumada te venho , Senhor , pedir.

Cdr. E qual he ?

Farn. Do Rei dos Parthos.....

Chic. Da Rainha das Parthas......

Osr. Cala-te louco.

Chic. Pois calemo-nos ambos. *á parte.*

Farn. Geme entre as vossas prisões a sua amada filha.

Adr. E que pedis.

Chic.

Chic. Pede-lhe as barbas para huma efcova.
Farn. Que lhe rompas, Senhor, as fuas cadêas.
Adr. Oh Deofes! *á parte.*
Farn. Enxuga da fua patria o pranto: a mim ma entrega, que quanto eu trago em refens te deixo.
Adr. Principe, eu fó vim á Afia como Soldado, e não como mercador: Adriano não vende com eftillo de barbaras nações a liberdade alheia.
Chic. Ora toma.
Farn. Concede-ma, pois, Senhor.
Ofr. Que dirá! *á parte.*
Chic. Que não quer.
Adr. Venha ElRei feu Pai, que para elle a guardo.
Chic. Chega-te, Senhor, a elle.
Farn. Depois do fatal conflicto ignoramos a fua forte. Ou conferva em outro paiz defconhecido a vida, ou na batalha o rendeo a morte.
Adr. Em quanto de Ofroas fe não fouber o feu deftino, eu terei della cuidado.
Farn. Já que tão zelofo te moftras da fua honra, deixa effe cuidado ao feu efpofo.
Adr. Como! He cafada Emirene?
Farn. Para fe effeituar o feu hymeneo, fó falta o fagrado rito.
Adr. Oh Deofes! *á parte.* E feu efpofo aonde eftá?
Farn. A teus pés fe manifefta: eu fou o efpofo feliz.
Adr. Tu mefmo?
Chic. Não, he outrem por elle. *á parte.*

Adr.

Adr. E ella te ama?

Farn. Teve amante chamma em nossas vidas o principio, primeiro que em nossos desejos: cresceo com a idade o amor, e das nossas almas se formou huma só. Eu já não desejava mais que a formosa Emirene, nem ella mais appetecia, que o seu fiel Farnaspe: mas quando em estreito vinculo (oh inconstante fortuna!) nos esperavamos unidos, então nos vemos separados.

Adr. Que pezar rigoroso! *á parte.*

Farn. No semblante conheço que vos turbou a minha petição. Offendeo-vos a minha fraqueza? De Roma os filhos nascem heroes. Entre vós será culpa qualquer affecto, que não seja gloria. Em mim não he desdouro este rendimento de animo. Cesar, eu criei-me entre os Parthos, não nasci entre os Romanos.

Chic. Ai que me cheira a haver rezinga! *á p.*

Adr. Ah cruel amor, já entras a fazer em meu peito ostentação do teu imperio! *á parte.* Principe, da sua ventura seja árbitra a bella prizioneira. Vai, e se ella obrigada do seu amor ainda te quer.... (estale de huma vez esta chamma *á parte.*) recebe-a, e vai-te. *para elle.*

Desce do throno, e canta a seguinte

ARIA.

Do precioso alento
Da nacarada flor

A minha sorte pende,
Depende o meu amor.
Essa tyranna pena:
Tambem já me condemna,
Que a dor, que a ti te fere,
He do meu peito a dor.

Vai-se Adriano, os Soldados, e os guardas.

Osr. Farnaspe, comprehendeste as palavras de Adriano? Elle parte de ti zelóso, e de Emirene amante: nella confia. Que ame mais ao meu inimigo! Ah! com esta mesma espada, diante dos teus olhos quizera...... Mas não, não o creio: ella he minha filha.

Farn. Rei, e Senhor que imaginas? Cesar he justo, Emirene fiel: que temor te assalta?

Chic. Gabo-lhe a lhaneza: este moçosinho tem bom coração. *á parte.*

Osr. Quem imagina o mal, poucas vezes se engana.

Farn. Eu vou a fallar-lhe. Verás....

Osr. Vai, mas ninguem saiba que eu aqui estou.

Farn. Nem tua Filha?

Chic. Menos, que he mulher, a quem custa o guardar segredo.

Osr. Sim: sobello-ha, quando se logrem os nossos intentos.

Farn. Pois Senhor, com ella te buscarei.

Vai-se com todo o acompanhamento barbaro.

Osr. Que temor me acobarda? Vencido estou; mas não prizioneiro.

Chic. Mas perto está o fogo das barbas; pois se te conhecem, cedo estarás vencido, e prizioneiro.

Osr. Não, Chichello, ainda se deixou caminho ao meu furor: tema o Romano as minhas iras, que sempre me ha de achar o mesmo para a sua ruina.

Chic. E que pretendes?

Osr. Ver abatida a sua soberba ás mãos do meu furor.

ARIA.

Vence o furor do vento
Forte, e robusto lenho,
Passando invernos cento,
Sem que da terra sua
Se possa separar.
Porém precipitado
O vôo ás ondas dando,
Força no vento achando,
Vai contrastando o mar. *Vai-se.*

SCENA II.

Quarto destinado para Emirene no Palacio Imperial. Sahe Aquillio, e depois Emirene.

Aquil. SE me não valho de algum engano para prevenir a Emirene, sem duvida perco a esperança de Sabina. Adriano generosamente a entrega a Farnaspe; e se com elle

se ausenta, tornará Adriano a amar a S
cuja belleza trago sempre impressa no n
ração. Deoses, aonde encontrarei a E
para lhe tecer o engano que procuro ?
chega : amor me ajude.

Sabe Emirene.

Emir. He verdade, Aquilio, (ainda o d
que o meu Farnaspe he chegado ?
Aquil. E melhor talvez que não o fosse
Emir. E porque tanto te afflige a minha
dade ?
Aquil. A tua desgraça he que eu lament
nhora: Farnaspe a Augusto te pedio, f
do-lhe que te ama, e que tu igualn
queres. Este seguro abrio em o peito
sar franca porta a zelosos incendios, pa
se ao Principe segues, ligada como desp
seu triunfo ao soberano carro te lev
praças de Roma até o capitolio.
Emir. Este he o heroe do vosso povo ? (
de Roma he este ? Jura-me que não ser
prezada, nem vista como despojo, e
quebranta o seu juramento ? Entre v
he injuria o faltar á palavra ?
Aquil. Se hum violento amor lhe escurec
zão, que vos admira ? Emirene, os
tambem são humanos.
Emir. Como triunfo, Emirene ? Não o
Adriano. Não só na Africa se sabe tr
tambem na Asia se sabe morrer.
Aquil. Barbara lei na verdade, que hum

zella real sinta o pezo de rigorosas cadeias!

Emir. Aonde acharei remedio?

Aquil. O mais certo está na vossa mão. Cesar vem offendido, e offerece-vos a Farnaspe, para assim descubrir o segredo do vosso peito. Não vos fieis na sua fingida tranquillidade: fazei-vos, Senhora, desconhecida do Principe, pois elle só pertende examinar se lhe chegais a querer.

Emir. Ah infeliz Farnaspe! E que dirás de mim? Mal conheces os enganos daquelle peito traidor. Mas ainda espero vello perder a meus olhos a vida, como a elles vejo perder de Farnaspe a esperança.

Aquil. Preparai-vos de melhor conselho.

Emir. Dizei-me, Aquillio; e vem o Principe?

Aquil. Tambem chega, Senhora.

Emir. Oh Deoses!

Aquil. Armai-vos de fortaleza: já vos encaminhei a evitar o vosso funesto destino.

Vai-se.

Emir. Infeliz de mim! Que duro golpe he este!

Sahe Adriano, e Farnaspe.

Adr. Principe, aquelle he o Sol que vos abraza?

Farn. Aquellas são as luzes, que examino cada vez mais bellas.

Adr. Constancia, coração meu: veja Emirene a generosa acção, com que me apresento a seus olhos, entregando-lhe o seu amor.

Emir. Quem he, Senhor, este Estrangeiro?

Farn. Estrangeiro! *assustado.*

Adr.

Adr. Que! Não o conheces, Emirene?

Emir. Parece-me que vi já o seu retrato, mas não me lembro aonde. Ajuda-me amor a fingir. *á parte.*

Adr. He esta, Principe, aquella, que comigo aprendeo igualmente a viver, e a amar?

Farn. Vede, Senhor, que faz gosto de zombar comigo Emirene; e que o disfarce he effeito do amor.

Emir. Coração, que vive em prizões, não sabe fazer zombaria.

Farn. Não sabeis quem eu seja?

Emir. Não me lembra. Que pena! *á parte.*

Adr. Que alegria!

Farn. Bella Emirene, basta já de atormentar-me. Que novo estilo he este? Assim tratas ao teu Farnaspe?

Emir. Tu és Farnaspe? Agora pelo nome te conheço.

Farn. Oh Deoses! que rigor!

Emir. Perdoa a violenta injuria. Reconheço quanto deve ao teu valor meu Pai: lembro-me dos teus triunfos: tenho na memoria os teus merecimentos.

Farn. Ah meu bem, torna, torna a lembrar-te de mim, menos me offenderá a tua loucura.

Emir. Em que te offendo, se os teus merecimentos digo?

Farn. Justos Deoses, que tormento! Eu perco o juizo.

Adr. Qual de vós me engana? Finge Emirene, ou simula-se Farnaspe?

Emir.

Emir. Eu não sou quem te engana.
Farn. Logo sou eu ?
Emir. Ai triste! *á parte.*
Adr. Se respeito foi, Princeza, o teu disfarce, deixa-o já. Do coração alheio não quero ser tyranno : aqui te entrego o teu amante, se he verdadeiro esse amor.
Emir. Não te creio. *á parte.*
Farn. Não respondes?
Emi. Eu não aceito.
Adr. Tens ouvido ? *a Farn.*
Farn. Aonde estou! Sonho! Deliro! Isto he morrer!
Emir. Isto he só penar! *á parte.*
Farn. Princeza, idolo, a quem idolatra meu peito, que aggravo te fiz? Em que merece pena o meu coração? Em que foi falso o meu peito? Tu comigo irada? Duvidas das veras do meu amor? Falla Senhora.
Emir. Que hei de dizer-te? Deixa-me.
Adr. Estás desenganado?
Farn. Estas são aquellas finezas que me juraste? Aquellas constancias que me prometteste? Infeliz affecto! Desgraçado Farnaspe! Infiel Emirene! Ensina-me ao menos essa tyranna arte de esquecer a hum tão antigo amor.
Emir. Por piedade me deixa: calla-te Farnaspe, e vai-te.
Farn. Eu me ausento: obedeço-te, cruel: mas volta, repara em mim; lê, lê nas angustias de meu semblante, as ancias da minha alma. Mas não vejas cruel: só te lembre que parto obediente, quando me deixas ingrata.

A-

ARIA.

Farn. Depois de ver-te os olhos,
Partir não poderei,
Mas só me lembrarei
Desse enganoso amor.
Não vejas meu semblante,
Que na aleivosa pena
Irado só condemna
Teu barbaro rigor. *Vai-se.*

Adr. Aonde vás, Emirene?
Emir. Sómente a chorar; pois entre tudo o que perdi, só o pranto me ficou.
Adr. Tu não perdeste cousa alguma; eu sim he que perdi o meu socego. Tu és a senhora da minha ventura; tu me pódes fazer feliz, ou desgraçado; tu só triunfaste do teu vencedor.
Emir. Cesar, mais respeito espero do vosso valor. O animo regio não se perde com o Reino. Se o Reino era da fortuna, o coração he só meu. *com soberania.*
Adr. Que engraçada ira! Que delicto commetteo contra a tua formosura o meu affecto? Quando o queiras, posso offerecer-te com minha mão o meu Imperio.
Emir. Não, que será fazer-te servo dos mesmos de que és Senhor. Só da Nação Romana podeis escolher Rainha. Ainda a desgraça de Cleopatra choro, Berenice me lembra, e da ingratidão de Tito me não esqueço.
Adr. Então mais nova estava a servidão de

Ro-

Roma : hoje não vive sujeito o Sceptro ao seu dominio.

Emir. Pois se o povo o soffre, Sabina o não soffrerá : a ella está promettida a tua mão.

Adr. Não o nego : dous lustros ha, que seu amante sou ; mas como não supponho nella tanta firmeza, que muito he que me mude ? Tu me rendeste, Sabina está em Roma, e eu em Antioquia.

Sabe Aquilio apressado.

Aquil. Senhor.

Adr. Que dizes ?

Aquil. De Roma chega. . . . .

Adr. Quem ?

Aquil. Sabina.

Adr. Oh Deoses, que pena estranha !

Amir. Já confio o meu remedio. *á parte.*

Adr. E que pretende ? Como sem minha ordem. . . . Vê se te enganas.

Aquil. O tumulto do povo já a sauda, e to affirma.

Adr. Oh Deoses ! Para outra parte, Aquillio, a conduze, que eu me pretendo encobrir.

Aquil. Como, se ella já chega ?

Adr. Confuzo estou !

Sabem Sabina, Beringella, e acompanhamento.

Sab. Esposo, Augusto, e Senhor, esta foi sempre a hora de mim mais desejada. Já me vejo em tua presença : Que amargoso tempo sentia o meu coração, dividido de teu peito !

O

O teu perigo quanto me fez temer! Em toda a empreza te acompanhava a minha alma. Quantos suspiros este amor me tem custado!

Adr. Que direi? *á parte.*

Sab. Não me respondes?

Adr. Eu não esperava (oh Deoses!) tão repentina chegada. Olá, deste Palacio se retire Sabina a melhor quarto, onde receba em a nossa presença todas as honras devidas á sua pessoa. *Faz que se vai.*

Sab. Que! tu me deixas? O meu descanço só em ti buscava.

Adr. Perdoa-me, Senhora; maior negocio me chama.

Bering. Ai como me cheira a haver mudança na casa!

Sab. Já sei que não acho Adriano em Cesar. *á parte.* Mais desejava, amado esposo, o teu socego, que o teu Imperio.

A R I A.

Adr. Já sei que violencias
A sorte me ordena;
Mas causa da pena
O Sceptro não he.
Eu fórmo em mim mesmo
A pena que sinto,
Alheia a não pinto,
Que em mim só se vê. *Vai-se.*

Sab. Aquilio, eu não entendo a Adriano.

Aquil. Pois o segredo he facil de entender. Cesar

faz está namorado. Essa he a tua competidora.
á parte. para Sabina.
Emir. Piedosa Imperatriz, pois o Ceo te guardou dignamente para Adriano; huma mulher infeliz, que a teus pés chega, benigna soccorre. Reino, esposo, Patria, Pai, tudo perdi.
Sab. E que pedis?
Emir. A fortuna de beijar essa mão, que inveja he. . . . . . .
Sab. Desvia-te: ainda a sorte me não fez mulher de Augusto. Não te chames desgraçada, deixando-te ainda a fortuna toda a gentileza. Se quizeres, poderás alcançar mais do que chegaste a perder. Antes eu a piedade, que me supplicas, te poderei rogar.
Emir. Mais não tenho que dar-te, que as cadêas que arrasto.
Sab. Básta: deixa-me só.

A R I A.

Emir. Prizioneira, e desprezada,
A dous males me condemno;
Hum por ti mais novo peno,
Outro a sorte me ordenou.
Na fortuna confiada,
Me desprezas? Oh repara,
Que nasci tambem preclara,
E chorando a sorte estou.
Vai-se.
Aquil. Agora tentarei a minha sorte. *á parte.*
Sab. Que te parece, Aquilio? Não he digno de piedade o meu successo?
Aquil.

Aquil. Grande he, Senhora, a injustiça de Augusto: elle não adverte que te pódes vingar.

Sab. E como?

Aquil. Porque em ti não ha formosura, e poder? Qual será o coração de marmore, que ao ver esses raios, se não converta em cera! Aos seus mesmos olhos devias.....

Sab. O que devia? *Com soberania, e ira.*

Aquil. Ensinallo a amar; mostrar lhe a firmeza; e fazello envergonhar de te ser ingrato.

Sab. Basta.

Aquil. Errei o tiro á minha ventura.

á parte. e vai-se.

RECITADO.

Sab. Chorarei, oh cruel, a minha pena;
Quê ingrata me condemna;
Mas não, sentida seja, seja urgente,
Mas não seja patente,
Por não dar hum claro desengano
A quem a causa he deste meu damno.

ARIA.

Deoses, se justos sois,
Tornai-me o meu amor;
Perdello não, pois sinto
Me custa a vida já.
Vós bem sabeis, que he meu;
Pois mo jurou, (que dor!)
Se á minha fé me falta,
A vós vos faltará. *Vai-se.*

Bering.

Bering. Eis-aqui: fiaivos lá em homens! Isso não. Vem a pobresinha de Roma a esta terra, soffrendo os descommodos dos caminhos para ver o seu bem, e no cabo acha o seu mal, e a sua pena. Por isso nós outras vivemos mais alegres; porque a cada passo agarramos nosso Adonis para zombarmos delle, sem os embelecos da constancia. O ponto he haver o bicho, apparecer o aceno, sahir o escarro, que logo entramos na dança, sem se nos dar do respeito. Aqui ando eu com hum certo ao engodo da minha vista, e mais se me apparece outro, logo entra na pesca. Mas todos por fim se desenganão da sua tolice.

Sabe Chichello.

Chic. Como já lhe conheço as manhas, bem posso entrar na compra.

Bering. Mas vamos ver alguma cousa desta terra, em que sou nova, que me dizem ha nella bons feitios.

Chic. Hum dos feitios, que quer entrar na compra, e mais na venda, sou eu.

Bering. Pois não me serve pelo preço.

Chic. Antes he em bom commodo; porque se dá de graça.

Bering. Não desgosto dessa sua.

Chic. Nem eu de vossa mercê. Ora chegue-se para cá.

Bering. Não; desvie-se.

Chic. Já me não quer?

Bering. Não trago troco, com que o possa comprar.

Chic.

Chic. Aceite-me, se me quer, e não me fallé em trocos, que não lhe peço demasias.
Bering. De donde viria esta criança?
Chic. Da roda dos engeitados.
Bering. Pois he justo que de mim o seja.
Chic. Melhor será, que nessa roda dos engeitados encontre eu a da fortuna.
Bering. Sómente se for para lha desandar.
Chic. Ah tyranna! Já sei que se declara por minha inimiga.
Bering. E em que o julga?
Chic. Em que podendo-me fazer venturoso, sómente me promette desgraças.
Bering. Não me desagrada o tal moçosinho. *á parte.*
Chic. He possivel que desejando v. m. achar nesta terra algum feitio, que lhe sirva, e agora dando-se-lhe este de tão boa vontade, v. m. o não queira, com tanta ingratidão?
Bering. Quem lhe disse que o não queria?
Chic. Esse desdem me desengana.
Bering. Não tenha desconfiança que eu aceito o partido.
Chic. Com que ajuste?
Bering. Olhe isto! basta eu dizer que o quero (lograr.) *á parte.*
Chic. Aceito, e verei.... mas ainda assim receio a sua constancia.
Bering. O que diz?
Chic. Bom seria, que nessa mão de papel levasse assignada a promessa.
Bering. Não sei se pede muito.

Chic.

Chic. Antes peço pouco, ainda que valho muito.
Bering. Aqui está.
Chic. Aceito, e digo.

MINUETE.

Chic. Esta mãosinha,
Que neve ostenta,
Por mais que izenta
Se quer mostrar,
Posto que he branca,
Como bem creio,
Muito receio,
Que a sorte em branco
Me venha a deixar. *Vai-se.*

SCENA III.

Pateo do Palacio Imperial com rotura por huma parte, aonde apparece incendio, e gastadores que andão nelle. Sahe Osroas com a espada na mão direita, e na esquerda huma tocha acceza seguindo os incendiarios dos Parthos. Depois Farnaspe.

Osr. INvenciveis Parthos, bem vedes como piedoso favorece o Ceo o nosso valor: tornemos a ver as ruinas desta corte inimiga, que na sua lastima estamos contemplando a nossa victoria. Já de alguma sorte vamos recobrando a nossa perda com esta sombra da nossa vingança. Como se atêa o voraz incendio! E como se elevão ao Ceo os globos do fumo,

e das chammas! Oh se naquelles muros, que pela violencia do fogo se vem agora abatidos, se comprehendesse tambem todo o Senado, o Capitolio, e a mesma Roma!

Sabe Farnaspe.

Farn. Osroas, Pai, Rei, e Senhor.
Osr. Attende Farnaspe: aquella obra he effeito de minha irada mão.
Apontando para o incendio.
Farn. Oh Deoses! É vossa filha?
Osr. Quem sabe? Talvez que entre essas chammas seja lastimosa victima de Cupido com o seu cruel Adriano: pagando assim da tua injustiça a rigorosa pena.
Farn. Ai Emirene! ai meu bem!
Querendo partir.
Osr. Espera, aonde vás?
Farn. Ou a salvalla do perigo, ou a morrer entre o incendio. *Querendo partir.*
Osr. Como! A huma ingrata, que te faltou á fé, e poz no esquecimento......
Farn. He falsa, bem o sei, mas eu sou amante.
Larga a capa, e entra pelo fogo.
Osr. Se aquelle como louco se quer perder, nós nos queremos salvar. Amigos a outra empreza: no lugar destinado vos escondei. *Vão-se.* Experimenta, sim, o meu furor; mas sou Pai, e não me posso ausentar. Vejo o incendio, sei que nelle acaba, o coração o sente. De Farnaspe desejo saber o destino, e de Emirene a sorte. Mas que tumulto he este, que no-

novamente se ouve da parte do incendio? De Cesar he a gente, ausentar-me quero. Mas não, fico: sem salvar-te me perderei. Mas pois te não posso dar outro remedio, só te deixo os meus suspiros. *Vai-se.*

Sahe Sabina e Aquilio.

Sab. Ninguem me sabe dizer se está livre o meu esposo? Aquilio, aonde está Cesar?
Aquil. Ao menos me deixa respirar.
Sab. Aonde está? falla?
Aquil. Como, se o não sei?
Sab. Este he o estylo do falso adulador, que adora ao Throno, e não ao Monarca! *á p.* Em quanto da sua grandeza o Ceo vias sereno, tu o giravas; agora que o vês tempestuoso, o deixas?
Aquil. Já vem, não te enfades.

Sahe Adriano.

Adr. Viste Emirene? *a Sab.*
Sab. Eu te buscava.
Adr. Aonde está Emirene? *a Aquil.*
Aquil. Eu a não tenho visto.
Adr. Infeliz Princeza!
Sab. Vive: não vês como cresce o incendio? Tu, Senhor, não cuidas no reparo?
Adr. Os abrazados muros se arruinão; Aquilio, vê que não passem as chammas aos lugares intactos.
Aquil. Já vou servir-te. *Vai-se.*
Sab. Cesar.

Adr. Que pena! impaciente....

Sab. Que descuidado andas de ti, Senhor! Não buscas o traidor? Assim ha de escapar o réo?

Adr. Já está descuberto: eu o conheço: he Farnaspe: amor o entregou ao acto cruel: já fica entre prisões: não ha mais que temer.

Sab. Espera, e attende.

Adr. Sem saber de Emirene, nada attendo.

Vai-se.

Sab. Assim me deixas? Este desprezo me fazes? Seguirei os teus passos, acreditando as minhas constancias.

Sahe Emirene.

Emir. Em ti, Sabina, o meu remedio busco.

Sab. Oh Deoses! Ainda para atormentar-me esta faltava?

Emir. Que foi isto, Senhora?

Sab. A mim mo perguntas? Queres que a minha voz publique o teu triunfo? Os teus olhos são o motivo de tantos estragos. Que me perguntas! Tu és Helena, e aquella he Troya.

Emir. Que rebuçado sentido me manifestão as tuas palavras?

Sab. Ahi tens Farnaspe, pergunta-lhe a elle.

Vai-se.

Sahe Farnaspe prezo com guardas, e Chichello.

Emir. Farnaspe?

Farn. Princeza?

Emir. Tu prisioneiro?

Farn. Tu livre?

Chic.

Chic. Vossas mercês vejão como me levão, que eu sou homem branco.

Emir. Aos infelices he difficultoso o morrer.

Chic. Não direi senão, que não ha cousa mais facil.

Emir. Daquelle incendio foste tu talvez author?

Farn. Não, mas assim o suppõem.

Emir. E porque?

Farn. Porque sou Partho.

Chic. E eu sou gemeo; por isso o suppozerão.

Farn. Porque sou desgraçado; porque fui achado naquellas ruinas.

Chic. E eu nellas fui perdido.

Emir. E a que fostes a ellas?

Farn. A livrar-te, ou a morrer: mas já alcancei algum beneficio, pois vejo que hoje deves a vida á minha morte.

Chic. Ah Senhor, morre por ambas.

Emir. Piedosos Ministros, soltai-lhe os laços, ou ao menos reparti comigo as prisões.

Farn. Porque? ainda de mim zombas? Não vês, que he mais cruel essa piedade fingida?

Emir. Fingimento lhe chamas?

Farn. Como a hei de crer verdadeira? Já te não lembras do que me disseste?

Emir. As palavras sim forão outras, mas eu sempre sou a mesma.

Farn. E aquelle desdem teu?

Chic. Foi hum bichinho.

Emir. Era temor do zeloso coração de Adriano.

Farn. Pois que temias delle?

Emir. O horror de hum triunfo.

Farn. Se magnanimo te offereceo a minh:

Emir. Foi arte da sua ira para descobrir peito.

Chic. Ah Senhor, tu cuidas em converf em morrer?

Farn. Logo sou eu......

Emir. A minha esperança, e o meu am

Farn. E és tu, meu bem......

Emir. A tua constante esposa.

Farn. E vives....

Emir. E vivo fiel ao meu Farnaspe.

Farn. Basta, já vou contente.

Emir. Deixas-me? oh Deoses, que será d

Farn. Nada temo, se me queres.

DUETO.

Farn. Se morro, já contente
Me faz morrer sómente
Essa segura fé.

Emir. Se vivo, ainda contente
Serei, por ver sómente,
Que vês a minha fé.

Farn. Adeos, e vê que espero.

Emir. Adeos, e vê que quero.

Farn. Deverte firme ser.

Emir. A vida tua ver.

Farn. Se acabo.

Emir. Tu não digas

Ambos. Espera amado bem.

ACTO II.

SCENA I.

Galaria no quarto de Adriano correspondente a diversos gabinetes. Sahe Emirene, e Aquilio.

Aquil. MAis do, que isto não he preciso, formosa Princeza, para penetrar o seu intento: Cesar te busca, adverte o que elle intenta.

Emir. Aquilio, só te recommendo o meu Farnaspe, que está innocente: procura que Cesar se applaque.

Aquil. Quem melhor do que tu poderá rebater o seu enfado? Tu do seu coração pódes abrandar as iras. Que não conseguirás de hum Monarca que te adora?

Emir. A mim me não agrada; porque o não amo.

Aquil. He preciso que te finjas amante.

Emir. E eu hei de mentir?

Aquil. Muitas vezes vence hum enganoso amor, mais do que hum fino affecto: vale-te da arte, já que falta a natureza. Hum suspiro de tempo em tempo, huma palavra mal articulada, hum movimento, hum rizo, hum silencio, hum pejo, hum dar a suspeitar o que não chega a dizer, fazem faceis os amantes de lisonjear-se. Elle jurará que o amas: e tu, quando quizeres, lhe poderás sempre dizer que se engana.

Emir.

Emir. Não sei aonde se aprenda a usar de semelhante arte.
Aquil. Vós nella já nascestes mestra. Ter nos olhos promptas as lagrimas: na boca hum rizo, que não exceda os limites do coração: desmaiar, quando vos parecer, e mostrar rubicundo o semblante, são privilegios proprios do vosso sexo. O Ceo vo-los concedeo para nós termos que padecer.
Emir. Mas tu, que na Corte és já ancião, não devias ter delles inveja. Juraréi, que não és mantenedor da antiga honestidade. Quando te he conveniente, saberás com semblante risonho acariciar hum inimigo: pollo no precipicio para que caia, e depois lastimar-te da sua queda: offerecer-te para tudo a todos, e não servir a nenhum: cobrir de falsos louvores o crime, e fazer aggravantes as culpas, mostrando querer defendellas: retirar sempre os bons do Throno: deixar o odio ao Sceptro para todo o castigo, e usurpar o merecimento a todo o beneficio: ter debaixo de hum apparente zelo escondido hum perverso fim: e não fabricar senão sobre as ruinas de outrem.
Aquil. Justamente, Emirene, te quizeste vingar das injurias, que proferi contra o teu sexo. Eu não julguei, que tanto te ferisse na alma. Não me queixo das tuas palavras; antes creio que ambos dissemos verdade. No que eu disse, quiz sómente aconselhar-te.
Emir. Se eu te peço soccorro, não queiras darme conselho.

Aquil.

Aquil. Eu ſempre cuidei que hum ſaudavel conſelho era grande ſoccorro: crê o que te digo, Princeza, e adeos que gente chega, entendo que he Adriano. *Vai-ſe.*

Sabe Sabina.

Sab. Oh Ceos, eſta he a minha competidora! *á parte.*

Emir. Oh Deos, eſta he Sabina! *á parte.*

Sab. Na verdade, Emirene, que ſempre te acho mui cuidadoſa! Ainda ſe vê mal extincto o incendio, e já te acho tão ſolicita em o quarto de Adriano?

Emir. Eu vim ſó....

Sab. Já ſei: virás liſongear ao teu Senhor com os agrados.

Emir. Humilde a ſupplicar.

Sab. Humilde tambem eu a Ceſar quererei manifeſtar os meus cuidados; mas não pretendo, que elle a ti me prefira: e não ſerá pouca dita, quando elle (dando-te o lugar primeiro) me conceda o ſegundo.

Emir. Baſta Sabina: deſſe amor de Adriano he ſó minha a pena, e não a culpa. O perigo de Farnaſpe me atormenta: eſte he o deſvélo que me guia a eſta parte. Hei de vello morrer ſem lhe fallar? Senhora, Farnaſpe he o idolo a quem tenho ſacrificado o meu coração: mui antigo he já o noſſo amor.

Sab. Iſſo em ti he verdade, ou fingimento?

Emir. Talvez o fingiſſe, ſe aſſim te não falaſſe.

Sab.

Sab. E não reparàs, que a Cesár irritas, quando por elle rogas!

Emir. Se eu não acho outro caminho, que hei de fazer?

Sab. Quando tu o queiras, melhor to mostrarei. Deste Palacio foge com o teu Farnaspe: o seu guarda he o Capitão Lentulo: mais me deve. Se tu queres, da sua parte entregar hum coração regio, ainda que pobre.

Emir. Ah se pudesse sahir do meu tormento!

Sab. Duvidas no que te seguro? A partir te prepara. A' maior fonte dos Jardins de Cesár virei com o teu esposo: lá me espera, antes que o Sol chegue ao Zenith....

Emir. E virás? Do meu destino tão costumada estou a tolerar a furia....

Sab. A minha mão to affirma, em final a toma.

Emir. Que alegria não esperada! Feliz eu, e generosa tu. Eu parto, Senhora, a buscar a minha ventura, e a publicar a tua generosidade. *Vai-se.*

Sab. Quem sabe? Quando longe estiver Emirene, talvez que torne o meu esposo ao seu primeiro amor. Não dura sem materia o fogo: o rio não cresce separado da fonte donde nasce.

Sahe Adriano.

Adr. Emirene, meu bem..... Oh Ceos, que disse! retirar-me pretendo. *á parte.*
Faz que se vai.

Sab. Porque foges, Adriano? Hum só momento

me não negues a tua vista; e depois ao teu bem torna.

Adr. Como! suppões.... Qual he o meu bem?

Sab. Não pretendas o disfarce; que na confusão das vozes do meu amado Adriano, o coração sincero enganar-me não sabe. Não, não me occultes esse honesto pejo, que tanto me agrada. Quem se envergonha, conhece a culpa, e o que a conhece, perto está da emenda.

Adr. Oh Deoses!

Sab. Suspiras? A mim me deixa o suspirar. Deoses celestes, quem o julgaria! A honra do nome, dos heroes o exemplo, a minha esperança, Adriano inconstante! He possivel! He verdade! Quem te enganou? Falla, dize: como foi?

Adr. Que queres que responda, se me vejo confuso? Oh deixa-me só este desafogo. Chama-me cruel, chama-me traidor, que tens razão. Os teus merecimentos, as tuas finezas me lembrão; as minhas promessas cem vezes me accusão. Mas que aproveita? Não sou meu: conheço a tua fidalguia, a tua formosura, e talvez..... Mas não tenho coração para amar-te: a mim mesmo me aborreço de minha injustiça lembrado. Sei que he justa a tua vingança: queres, queres a minha morte? Aqui me tens, mata-me: he justo, não o nego. Intentas despojar-me do diadema Augusto? Eu o ponho na tua mão, pois sei seria feliz o mundo inteiro, se á tua gentileza se visse tributario.

Sab. Não peço o teu Imperio; o teu coração só busco.

Adr.

Adr. Teu era o coração: se o defendi, só para ti o guardava: amor o sabe, todos os Deoses a testemunhas chamo. As formosuras da Asia para mim erão sombras: fria toda a vida com a tua lembrança imaginei que fosse.

Sab. E depois?

Adr. E depois..... Não sei. Fiado no meu esforço, zombei da defeza, e amor me venceo: estava no campo fazendo ostentação de huma victoria, quando me foi presentada Emirene. A hum diverso affecto he facil a entrada, quando a alma se vê desapercebida. Eu a vi arrastando cadeas, supplicando piedades, fazendo rica de perolas nas lagrimas esta mão, que apertava nos sustos: poz nos meus os seus formosos olhos, com agrado tão doce..... Ah se no meu semblante se visse a sua imagem, seria digno de desculpa até para Sabina.

Sab. Já basta de injuria. Na minha presença louvas a sua formosura? Queres que seja complice no teu delicto, e no meu querer aggravado? Isto te mereço barbaro, enganador, perjuro, e falso?

Adr. Perdido estou!

Sab. Que disse? Ah, não: perdoa-me as injuriosas palavras, que a desculpa merecem, porque de amor nascem: dispõe de mim ao teu gosto: instavel, ou inconstante ao meu bem serei sempre. Que sei? Eu o espero: chegará aquelle dia, que pagando a quem fiel te adora, me dirás..... Mas não, que já serei morta.

Assen-

'enta-se em huma cadeira, e sabe Aquilio ao bastidor.

quil. Aqui está Sabina! *á parte.*
lr. Já não posso vella penar, aquelle pranto me faz enternecer. *á parte.* Sabina vencerãome os teus extremos: aos teus laços felices tornar quero: já sou teu.
uil. Ah infeliz estrella! *á parte.*
b. Que dizes?

Olhando para elle com ternura.

lr. Que estou rendido, e o meu coração te entrego.
b. Não, não te creio.
quil. Atalharei este mal. *á parte.*
b. Se outra vez a Emirene tornas a ver...
lr. Não a verei.
b. Poderei de ti fiar-me?
lr. Resoluto estou: quando o gosto se empenha, nada se difficulta.

Sabe Aquilio.

quil. Aos teus pés a afflicta prisioneira prostrar-se deseja: tempo ha que te busca, e não te acha.
ib. Agora farei prova. *á parte.*
lr. Não, Aquilio; já não desejo ver Emirene: tempo he já de me lembrár de Sabina.
b. Oh doces palavras! *á parte.*
quil. E não he injustiça negar-se a Emirene o que aos mais se concede? Se está escrava, nasceo Rainha.

Adr.

Adr. Na verdade, Sabina, que parece cru
não lhe attendér á supplica.

Sab. Oh Deoses!

Adr. Não, se não queres, não venha: n
mo. . . . Que farias, Senhora; em hum
to como o meu?

Sab. Não pediria conselho.

Adr. Pois va-se Emirene sem me ver. A
executa essa diligencia.

Aquil. Que ha de dizer? Oh desgraçada
coza!

Adr. Olá, que dizes?

Aquil. Nada Senhor; a obedecer-te vou.
Faz que

Adr. Espera: melhor he, que do seu
ouça a minha voz. Que me póde faze
galla a ouvir?

Sab. Ouviste, Aquilio? e se ha de dizer
Adriano soube faltar?

Aquil. Quem não he réo, quando o an
delicto?

Adr. E com que justiça castigarei as culpas a
se as rédeas deixo soltas ás minhas?
não se deixe Sabina, não se attenda En
torne esta alma ao primeiro amor. N
Deoses! como o hei de deixar, se de
não posso esquecer?

Aquil. Soffrimento, coração. A tua vict
não a vês distante, não a achas segu
amor de Augusto, os desdens de Sabi
mim pelejão: esperarei occasião de assalt
conseguir o triunfo.

SCENA II.

Estrada deliciosa, pela qual se passa ao serrado das féras. Sabe Emirene.

Emir. AQui Sabína não vejo: esta a fonte he: tudo examino, mas não a encontro á vista: que será não sei, sei só que a cada momento desfalece o peito amante.

Sabem Sabina, Farnaspe, e Chichelo.

Sab. Aqui tens a tua esposa. *a Farn.*
Farn. Bella Emirene.
Emir. Es tu, amado Principe? Apenas o creio.
Farn. Sim, meu bem, eu....
Sab. De ternuras não he agora tempo: convem salvar-nos: aquella he a estrada para a fugida.
Chic. Não namores com sustos, que he ser cobarde.
Sab. Pouco distante da primeira entrada se divide em dous caminhos: o da direita guia ao rio; o da esquerda a Palacio: a vós vos convem evitar o segundo: hide, a fortuna vos ampare, e amor vos guie.
Emir. Piedosa Imperatriz....
Farn. Galharda Senhora....
Ambos. E como pagarei esta mercê?
Sab. Pouco appeteço.
Chic. Peça a seu gosto, não tenha pejo.
Farn. Guarda-te louco.
Chic. Beijo-lhe a mão pela honra. Ainda esperamos?

Sab.

Sab. Lembrai-vos de Sabina algumas vezes; e se entre à vossa felicidade chegar a minha lembrança, mereça acompanha-me no meu martyrio a vossa saudade. *Vai-se.*

Chic. Vá descançada, que tudo se fará. Ainda não vamos?

Farn. E he verdade, que és minha, Emirene! Vejo a dita segura, e me parece sonhada.

Emir. Nada falta, amado esposo, mais que a presença de meu Pai. E que contentamento me não daria esta felicidade?

Chic. Tanto, quanto me dà o ver-me fóra daquella masmorra, aonde entrei sem culpa, mas tambem sahi sem pena.

Emir. Sabes em que terra esteja?

Chic. Isso he facil de saber; em nós topando com elle, logo o sabemos.

Farn. Os teus desejos serão satisfeitos.

Emir. Sabes aonde Osroas está?

Farn. Sim, mas por ora não cuides mais que em seguir os meus passos.

Vão sahindo para a estrada.

Farn. Suspende. *detendo Emir.*

Emir. Porque?

Farn. Não ouves ruido de armas?

Emir. Ouço, mas aonde não o sei dizer.

Chic. Isso não tem que ver.

Emir. Aonde he?

Chic. He na minha cabeça, que he aonde hão de vir dar os golpes.

Farn. He no mesmo caminho, que nós havemos de seguir.

Emir.

Emir. Ai de mim!

Chic. Ai de nós ambos. Oh Senhor, por vida sua, e da Senhora Dona Emirene, que fujamos daqui para alguma parte, que náo nos agarrem a todos.

Farn. Náo temas, até que o motivo náo saibamos. Esconde-te, Emirene, que eu chego, e Chichelo, a ver a causa que os move.

Chic. E a mim que me importa isso? Vá Vossa Alteza, que eu ficarei com a Senhora, que náo ha de ficar só.

Farn. Pois eu vou. *Vai-se.*

Chic. Que lhe faça bom proveito. Eu fico.

Emir. Que mais tenho que penar!

Escondem-se junto ao cancelo do cerrado, e sahem da estrada ensinada por Sabina Osroas em traje Romano com a espada nua, e Farnaspe.

Osr. Conte mais este troféo entre os seus triunfos Roma.

Farn. Aonde, Senhor, vás correndo com estes despojos?

Osr. Amigo, vingados estamos, a terra livre, e Adriano morto: esta espada lhe acabou a vida.

Farn. Como?

Osr. Costumava esse cruel Romano passar por esta estrada a buscar Emirene: hum seu valido, e guarda do segredo mo descobrio; que tambem entre estes heroes do Tibre póde o ouro descobrir a hum traidor. Esta noite o es-

ne-

perei, quando passou com o criado; e com táo feliz successo, que abrio nova estrada para a vingança em aquella vida a minha espada.

Farn. E se em vez do inimigo vos obrigasse o escuro da noite a matar outro?

Osr. Não. Estava prevenido o caso: fingio que cahia, quando juntos estivemos; e assim com este final Cesar ficou exposto, e elle livre, pois ao cahir o servo, ao Senhor cortei a cabeça.

Emir. Quem será aquelle Romano, que me parece esgrime sanguinolenta espada? Se eu pudera ao menos ver-lhe o semblante. *á parte.*

Chic. Querem vossés apostar, que destas detenças hei de eu pagar as custas? Quem será este espadachim, que nos vem meter na dança?

Farn. Agora que havemos fazer? Fugindo pelo caminho que trazeis, encontraremos a mil que vos seguem; pelas outras partes os guardas vigiáo sempre.

Osr. Pois com o ferro abriremos caminho.

Farn. Nestes termos busquemos outro remedio. Eu quero examinar primeiro se ha outra estrada por onde possamos fugir.

Emir. Táo baixo falláo, que entendellos não posso. *á parte.*

Chic. Está bom segredo fóra de horas! Quem será este cuchichador, que nada lhe posso perceber? *á parte.*

Farn. Entre estas ramas te esconde: eu voltarei de pressa.

Osr. Se tardas, só me hirei.

Es-

Esconde-se Osroas ao pé de Chichelo.

Farn. Este.... não. Aquelle estreito... Mas se eu tentasse o caminho que Sabina me assinou? De Adriano o caso ainda não está público, e no encanto nós teremos fugido. Sim, este elejo.

Ao voltar para o caminho, sahe pelo mesmo Adriano com a espada nua na mão seguido dos guardas.

Adr. Espera traidor.

Encontrando-se com Farnaspe.

Farn. Que vejo! *Fica suspenso.*

Adr. Guardas, impedi todo o passo á fugida.

Farn. De marmore estou!

Emir. Estamos descubertos. *á parte.*

Adr. Admiras-te, ingrato, porque me vês vivo? Entendeste que a mim me matavas? Nas palavras injuriosas, que ao ferir-me proferiste, bem te manifestaste.

Emi. Eis-aqui o erro; aquelle que se escondeo he o traidor. *á parte.*

Chic. Elle está enganado, e eu hei de pagar a má visinhança. *á parte.*

Adr. Perfido, não respondes? A que vieste aqui? Que motivo te guiou? Quem te rompeo as cadeas? Falla.

Farn. Não posso.

Adr. Aconselhai-me, oh Deoses, que farei.

Chic. O rabinho já parece que sente o medo.

Adr. Olá no carcere mais escuro guardai o delinquente.

Sabe Emirene.

Emir. Senhor, attendei, que elle está in

Descobre-se com

Farn. Princeza, que fazes?

Chic. Em boa se vai metter! O outro paz de matar a todos.

Adr. Oh Ceos, tu tambem com Fari ao traidor defendes?

Emir. Este não he o traidor, entre aq mas. . . .

Farn. Calla-te.

Chic. Queirão os Deoses que se não

Emir. Este malvado que se esconde, buscou o teu damno.

Farn. Oh Deoses! Não sabe que he se

Adr. Queres que te creia? O defender nasce o perigo, mais o condemna te; pois na confusão que mostra, m delicto augmentas.

Farn. Confundamos o erro.

Emir. Se me não crês. . . . .

Farn. Em que te agrada, Senhora, por co tempo encobrir? Tu me conden querer-me escusar. Em nada me offende do réo me fazes: attento estimo a cul não quero ser innocente.

Adr. Oh perversa alma!

Emir. Eu não o entendo.

Farn. Que gostoso morro, se o me defendo!

Emir. Porque, esposo meu? porquê, Senhor, fórmas contra ti o damno? Não és cruel e queres parecer aleivoso? Tão feia culpa......

Farn. Deixa-me, que não he tão feia como a julgas.

Adr. Este he aquelle Farnaspe, que tu não conhecias? Como agora se converteo no teu bem? Aonde deixaste aquella tibieza, coração enganoso, e feiticeiro?

Emir. Senhor.....

Adr. Este pagará a pena de ambos os golpes. Olá. *aos guardas.*

Emir. Mas espera: e o traidor quem he?

Farn. Emirene, se me amas, calla-te esta vez.

Emir. Eu te amarei, se tu obedeces. Os meus passos segui, que aqui se esconde o traidor. *aos guardas.*

Farn. Oh Deoses! Detem-te.

Emir. Cesar este he.

Aponta para onde está Osroas.

Seguirão os guardas a Chichelo.

Chic. Não se enganem na porta; he a hi mais abaixo.

Adr. Es tu, aleivoso?

Chic. Eu era capaz de matar ninguem? Veja vossa insolencia, que aqui está nesta esquina.

Farn. Calla-te louco.

Emir. Ainda este não he.....

Farn. Suspende Emirene.

Chic. Vê o que dizes, que não sou eu.

Adr. Levai este louco insolente.

Chic. Apalpe-me bem vossa Cesarice, e veja eu trago comigo cousa a estas horas, (possa matar ninguem.

Emir. O Criado não foi, que com Farnaspe nha. Ahi está.

Farn. Não descubras.

Emir. Este he Augusto.....

Descobre a Osro

Osr. Que ha de ver! Eu sou.

Emir. Oh amado Pai!

Chic. Irra, de que eu escapei! *á pa*

Adr. ElRei dos Parthos em habito Roman Quantos são os cumplices em entregar-me

Chic. Eu forro o meu coito.

Osr. Eu só, eu só o teu sangue buscava; r o golpe se errou: porém se a vida me (xas, ainda emendarei o damno com o ace

Adr. Assim entre as sombras me assaltaste, cru Porque viste que eu cahia, a morte me b cavas?

Osr. Oh barbara sorte! Eis-aqui o engano. O companheiro he o que devia cahir, e tu a so o fizeste, e na confusão do sinal o e errei.

Farn. Quando o traidor não sentio a me traição!

Adr. Olá, Ministros; em carcere destinad sua pena segurai estes réos.

Farn. E tambem Emirene?

Adr. Essa ingrata tambem.

Farn. Que injustiça he essa? Que delicto encontras!

Ch

Oh Senhòr, vê que eu culpa não tenho.
Livre o deixai.
. E Emirene não?
Não.

A R I A.

Todos os portos vejo
Todos tremer espero,
Perfidos, desespero,
E me acendei o ardor.
Que barbaro governo
Fazem nesta alma minha
Amor, e zelo interno,
Enfado, e ternura!
Não tem mais fogo o averno;
Que applique ao meu furor. *Vai-se.*

r. Pai, e Senhor. . . . . Oh Deoses, com
ıe palavras te poderei chamar Pai, sendo cum-
ice na tua morte! Ai de mim, que a meu
speito. . . . .

Vai-te; não confundas a minha constancia.

r. Bem conheço a razão, mas o perdão te
:de esta culpada. A teus pés Senhor. . . . .
ajoelhando.

Deixa-me, filha; comtigo não estou irado,
:stes braços te entrego o perdão. Adeos ama-
ı filha, estimavel porção da minha alma.

r. Oh funesto adeos!

n. Oh divisão amargosa!

ARIA.

A R I A.

Emir. Este abraço, aquelle mimo,
Este agrado, esse lamento,
Faz mais justo o meu tormento,
Mais culpada ainda me faz.
Qual me foste, e qual te veja
Vê no amante peito afflicto,
Que pondera o seu delicto
Na piedade que me faz. *Va*

Farn. Oh se com todo o meu sangue pu
conservar a vida do meu Rei, e da minh
posa!

Osr. Amigo, basta, não me enterneças: vin
se o traidor Cesar, e veja lhe rende a
nha cabeça a fortuna, e não a fraqueza.
Va

Chic. Ainda não creio que fiquei livre: fóra
a graça! por pouco que não fico sem cab

R E C I T A D O.

Farn. Que terrivel tormento, que amargu
Esta alma minha passa!
Como de tantos golpes da ventura
Poderei escapar? Astros tyrannos,
A vida me roubais em tantos damno

A R I A.

Horrida em vulto he triste
Sem que troveje a nuvem;
Tacito inchado existe

Se

Sem vento o mar falgado,
E o peito ao paſſageiro
Aſſim faz palpitar.
Naquelle horror occulto
O funebre ſe alenta
Qual ſilencio he moſtra
Da proxima tormenta,
Que vão deixando os ventos
Aberto o peito ao mar. *Vai-ſe.*

Chic. Ora vou-me pendurar de ſebo ao Deos Saturno. Por hum és não és, que não vou provar ſegunda vez as enxovias.

Sahe Beringela.

Bering. Minha Ama eſtá aſſuſtada com eſte motim, e quer ſaber ſe Emirene ſe hiria. Mas aqui tenho quem mo diga. Senhor Chichelo?
Chic. Que diz, Senhora Tamanca?
Bering. Falle bem.
Chic. Eu não ſei que iſto ſeja fallar mal, pois tudo vai dar no calçado velho.
Bering. Não me dirá ſe o Principe Farnaſpe eſtá na terra?
Chic. Não, Senhora, não direi.
Bering. Porque?
Chic. Porque me pede que o não diga.
Bering. Sabe ſe elle fugio?
Chic. Nem elle era capaz de o fazer, nem eu de o chocalhar.
Bering. Pois que faz?
Chic. Supponho, que ſe eſtará lavando, que he hum porcalhão. *Bering.*

Bering. Ora falle com termo.

Chic. Com termo lhe fallo. Ah perra, que raivas me fazes!

Bering. Tambem vossé me não faz pouca raiva com os seus disparates.

Chic. Pois já que lhe dei o mal, dar-lhe-hei o remedio.

Bering. E qual he!

Chic. Hir ás ondas, se tem raivas.

Bering. Ora calle-se, que não estou para graças, responda ao que lhe digo.

Chic. E que me diz?

Bering. Se fugirão Farnaspe, e Emirene, que vossé ha de sabello?

Chic. Elles não o fizerão, porque os segurárão.

Bering. Ai mofina de mim!

Chic. Não te assustes por isso, pois já que elles não abalárão, nós bem podemos ser firmes.

Bering. E prenderão-os?

Chic. Não que elles hião soltos, e livres.

Bering. Eu não o entendo. *Faz que se vai.*

Chic. Pois isso he claro. Espere menina.

Bering. Deixe-me, que o vou dizer.

Chic. A quem?

Bering. Já o queria saber?

Chic. Não te has de hir sem o dizer. *pegando-lhe.*

Bering. A'gora não.

Chic. Não, por força não vás.

DUE-

DUETO.

Bering. Sempre ateimas, qual cachorro,
Que á sua bella cachorrinha
Sempre está dizendo xó,
Bonitinha anda cá.

Chic. Sempre irada qual saloia
Ao seu burro, sem que esbarre,
Te verei dizendo arre
Arre, arre, arrelá.

Ambos. Oh que teima, que tormento,
Tão sem gosto, sem contento
Eu me sinto supportar! *Vai-se.*

ACTO III.

SCENA I.

Sala terrena com cadeiras. Sahem Sabina, e Aquilio.

Sab. COmo? Manda que eu me ausente? He cega esta sentença! Este preceito he justo? De que delicto me quer castigar Adriano?

Aquil. Sabe, que de Emirene, e Farnaspe foste conselheira na fuga: crê, que da guarda foste a enganadora: queixa-se dizendo, que offendeste as sacras, e inviolaveis leis do throno de Augusto; que se não castigar o teu arrojo, apren-

aprenderáõ a ser-lhe infieis os seus vassallos: e com tal arte pinta a tua culpa, que o que o ouve, lhe chama piedoso, vendo que só este he o castigo.

Sab. Não se ha de pôr o nome de culpa a huma obra de merecimento. Eu quiz, guardando a sua gloria, e lisongeando huma competidora, procurar delle o seu coração; e delle a sua amizade, o odio, e a ira não forão meus conselheiros: a piedade, e o amor forão só os meus empenhos: se foi erro he tão leve, que não merece pena.

Aquil. Sabina, eu o conheço, e talvez o conhece tambem Adriano, mas he de seu agrado esta leve desculpa para buscar o teu retiro.

Sab. Está bem; mas ouça-me, e talvez que se mude.

Aquil. Aparecer-lhe diante dos seus olhos não consente, que esta he a ordem que mais me encarregou.

Sab. Oh Deoses! Hei de ausentar-me sem vello?

Aquil. Sim.

Sab. E quando?

Aquil. Já as náos estão promptas.

Sab. A hum tal preceito não se deve obedecer.

Faz que entra.

Aquil. Oh não, que te perdes. Vai-te, e fia de mim, que em não lhe resistir o saberás vencer. Eu buscarei algum instante para que elle te torne a buscar.

Sab. Mas dize-lhe ao menos.....

Aquil. Vai, que sem me dizeres mais, te entendo tudo.

ARIA

A R I A.

Sab. Dize-lhe, que he ingrato,
Dize-lhe, que he traidor,
Ouve, que féro rigor!
Náó, não lhe digas tal,
Dize-lhe só que parto,
Mas sempre o sei amar.
E se no' meu tormento
O vires suspirar,
Torna-me a consollar,
Que antes de morrer,
Quero esta gloria achar. *Vai-se.*

Aquil. Eu disponho o enredo, para que Sabina se ausente: sente o meu coração vella partir, mas tambem sente, que ficando a chegue a perder. Porém soffra o meu peito do seu bem a ausencia, se intenta conseguir alguma alegria na sua esperança.

A R I A.

Primeiro fere a planta,
Que em suavidade espanta,
Se o balsamo procura
Arabico Pastor.
Assim meu justo affecto,
Que esta ferida ordena,
Procura em tanta pena
Lograr mais certo amor.

Faz

Faz que se vai, e se suspende ao sahir Adriano.

Adr. Aquilio, que tens feito? De Sabina que alcançaste?

Aquil. Nada, Senhor. Para que cumprisse com o teu desejo, dispuz a sua vontade; mas nunca achei razões para a soster. Está resoluta a deixar-te; tira por argumento, que fica mal ao seu decoro demorar-se na tua presença; que te não quer ser mais molesta; e em fim me parece, que serve outro amante: eu o suspeito, e que tira da tua inconstancia desculpa para a sua infelicidade.

Adr. Não, não me agrada essa soberba paz. Vamos a vella.

Aquil. Porque? Temes, Senhor, o enfado de huma dama?

Adr. Não.

Aquil. E queres Sabina para tua esposa?

Adr. Oh Deoses!

Aquil. Pois logo que ella fique, de que nos aproveita?

Adr. Eu mesmo o não sei dizer.

Aquil. Assim me desfaz o engano, mas eu lhe teço outro. *á parte.* Olha, Senhor, toma o meu conselho: qualquer preceito de Osroas bastará para que Emirene te queira: se ella te desdenha, he porque entende, que a seu Pai agrada; e para elle será grande ventura recompensar hum Reino com as tuas bodas. Este conselho não te agrada?

Adr. Mais do que isso tenho feito: do carcere man-

dei que Osroas fosse conduzido á minha presença; e elle ajustará o que dizes.

Aquil. E porque não o tinhas feito?

Adr. Tu não conheces a guerra cruel, que a minha alma levanta nos pensamentos. Roma, o Senado, Emirene, Sabina, a minha gloria, o meu amor, tudo tenho na presença, tudo conservo na memoria: acho hum risco que temer, temo hum bem que hei de deixar: resolvo-me, e me arrependo, e de me arrepender me torna a pezar: tal vivo, que vacilante fico na duvida, sem determinação na escolha: tal, que entre o mal não sei escolher o melhor.

Aquil. Pois Senhor, acaba huma vez de te atormentar: nos teus braços tens quasi essa belleza por quem suspiras; eu não tenho paciencia para te ver penar. Vou conduzir a ElRei dos Parthos.

Adr. A fineza quero de o hir esperar. *Vai-se.*

Sabem Chichelo, e Beringela.

Chic. Com que em fim v. m. me deixa com esse desamor?

Bering. Se não tenho outro, que quer que lhe faça?

Chic. Ora volta essas duas estrellas da alva, que na madrugada dessa carinha, sem consciencia, quando esperava me dessem hum bom dia, me deixão ás boas noites.

Bering. Não sabe que sirvo a Senhora Sabina; e que ella por ordem de Adriano se ausenta?

Chic

Chic. Tudo sei.

Bering. Pois então para que se queix motivo, da minha ausencia? Hei de sarranjada?

Chic. Não ficará; antes será do meu ra quizer seguir as bandeiras de amor.

Bering. Seguir as bandeiras, isso não, me não digão que sou moça de sol

Chic. Ora menina tem dó de mim, nã xes no mar do meu pranto fluctuand menta da tua ausencia.

Bering. Não me detenha com esses di por ahi me não pesca.

Chic. Pois cuidei que o anzol do meu pilhasse no mar do meu amor.

Bering. Olhe que se póde afogar, tanto.

Chic. Não importa, que eu não me pouca agoa.

Bering. Não o posso mais ouvir; fiq bora, e saiba que.....

Chic. Que?

Bering. Que só de vossé levo.....

Chic. Ora dize, o que levas? Es muitc

A R I A.

Bering. Levo huma pena,
Que me atormente,
Tão rabujenta,
Tão rezinguenta
Que nada quer:
Não sei que he

Se he ſaudade,
Não ſei dizer.
Sei que me mata,
Pois ſem reparo
Eu nunca paro,
Nem poſſo eſtar
Aqui, ahi, alli, acolá.
Ai que ſerá! *Vai-ſe.*

Chic. Eſpera, não fujas: ouve que te darei o remedio. E foi-ſe! Mas eu tambem quero hir, que.... Mas não, eu ſó ſem amo, que a barriga me ſoſtente, e namorando em jejum! Iſſo não, vá com o diabo, que não quero taes amores: alto, abalo, iſto ha de ſer. Mas ai aqui vem Adriano com ElRei Oſroas: vejâmos em que iſto pára; deſta cadeira me valho.

Eſconde-ſe debaixo de huma cadeira, e ſahem Adriano, Aquilio, e Oſroas com cadêas.

Adr. Que dirá o mundo! Mas o conſervar a vida he razão da natureza, e eu não poſſo viver ſem Emirene.

Oſr. Que ſe me ordena?

Adr. Que ElRei dos Parthos ſe ſente, e me eſcutè: ſocegue o ſeu deſtino.

Aquil. Do meu ſe trata.

Aſſentão-ſe Adriano e Oſroas.

Adr. Oſroas, no mundo tudo he ſujeito a inconſtancias, e ſerá eſtranho, que ſó os noſſos rancores ſejão eternos: a paz he util ao vencido, e conveniente ao vencedor: entre nós

já

já falta a materia para a contenda : o fado tanto te quiz tirar quanto a mim o Ceo benigno me quiz permittir, que já nem a mim ficou que ganhar, nem a ti que perder.

Osr. Se conservo o primeiro odio, ainda me ficou alguma cousa.

Aquil. Que barbara arrogancia! *á parte.*

Adr. Não te glories de hum bem, que possuido atormenta ao possuidor. Apaga esse incendio, porque te não destrua. Sabe que tu és o juiz árbitro do meu socego, assim como eu o sou da tua vida : ordena as cousas de maneira o Ceo, que todas a todos sejão convenientes; e o mais feliz muitas vezes acha no mais miseravel, que esperar, e que temer.

Chic. Aonde hirá parar isto! E eu aqui espremido, sem me poder remexer!

Adr. Só com que tu falles, será a Princeza minha, e só com que eu queira, serás tu livre, e Rei. Usemos, oh amigo, do nosso poder com conveniencia de ambos; eu te peço a filha, e te offereço o Reino.

Aquil. Tremo da resposta. *á parte.*

Adr. E pois que dizes? Tu te ris, e não fallas? *a Osr.*

Chic. Se o caso he para rir, que ha de fazer?

Osr. E queres que eu creia, que he tão fraco Adriano?

Chic. Valente lhe chamo eu, pois te investio como hum raio.

Adr. Muito, Osroas, o sou, se comigo não vejo a bella Emirene unida em doce jugo.

Nem

Nem a paz conheço, nenhum bem possuo; nem vida quero.

Osr. Quando tão pouco basta para te fazer feliz, eu sou contente, que a filha se chame.

Chic. Eu fico pela sua alegria, como lhe entregues o que elle deseja. *á parte.*

Adr. Aceitas pois as minhas offertas?

Osr. Quem recusallas poderá!

Adr. Tu me entregas, amigo, o perdido socego. Aquilio, vai chamar a Princeza.

Aquil. Vou fazer o que ordenas. Já de Sabina a esperança tenho. *Vai-se.*

Chic. Vá, que tambem eu me tomára daqui fóra.

Adr. Agora começo a viver. Olá, tirai aquellas cadeas ao Rei dos Parthos.

Sahem dous guardas.

Osr. Agora não he tempo, Adriano. Eu não quero gosar primeiro das tuas offertas, que tu das minhas.

Adr. Hide, fazei o que mando.

Osr. Não he preciso retirai-vos.

Vão-se os guardas.

Adr. Do pezo injurioso te verei livre.

Osr. Assim satisfaço o meu contentamento.

Adr. Ainda não vem?

Chic. Elle está desesperado. *a parte.*

Osr. Impaciente estou juntamente comtigo.

Adr. A Princeza hirei buscar. *Levanta-se.*

Osr. Não he preciso, que já chega.

Levanta-se detendo-o.

Sabe Emirene.

Emir. Que quereráõ ? *á parte.*
Adr. Bellissima Emirene.
Osr. Melhor será, que lhe relate tudo.
Chic. Eis o touro com Pedro Bonito.
Adr. He verdadade.....
Emir. Porque estaráõ alegres ? *á parte.*
Osr. Filha, entre as nossas miserias tambem achamos alguma ventura. Nunca o imaginei. Achei na tua belleza a recompensa da minha perda.
Emir. Que me queres dizer nisso ?
Adr. Aquella abrazadora chamma.... *a Emir.*
Osr. Deixai-me finalizar. *a Adr.*
Chic. Deixe-o, que elle he muito bom procurador.
Adr. Seja como te agrada.
Osr. Tal virtude te quiz conceder benigno o Ceo, que te sujeitou como servo o mesmo vencedor: por ti suspira, tudo por ti offerece, esquece-se das offensas, sujeita-se aos rogos, aborrece a vida sem os teus agrados, e por sua Deosa te adora.
Adr. Tu pois, bella Emirene.....
Osr. Ainda não acabei.
Chic. Ora está boa impertinencia!
Adr. Tal demora me mata. *á parte.*
Osr. Eu quero, (escuta, oh filha, este ultimo suspiro do intimo da alma) ao menos quero, já que morro, deixar-te como vingadora da minha offensa. Aborrece este tyranno, como eu até agora aborreci, e esta seja a herança paternal.

Adr.

Adr. Ofroas, que dizes!

Chic. O velho endoudeceo.

Ofr. Nem temor, nem esperança te sujeitem a elle: ve-o sim a todas as horas, mas seja arder em ira, e enlouquecer de amór.

Adr. Justos Deoses, e que he isto!

Ofr. Adriano, já pódes fallar, que Ofroas acabou.

Adr. Louco, infeliz! Náo vês, que assim atêas aquelle incendio, que ha de ser o teu estrago?

Ofr. Desespera soberbo, que as tuas furias cantáo os meus triunfos.

RECITADO.

Adr. Oh Deoses! que raiva! que ira! que pena!
Meu peito condemna!
Que dizes? que fallas? Tal furia me acende
Que da vingança os passos prende.

ARIA.

Barbaro, náo comprehendo
Se féra, ou louco és;
Se teu semblante visses,
Talvez que te sentisses,
Horror tendo de ti.
O Urso deshumano,
O Tigre enfurecido,
O Leáo, que está ferido,
Igual a ti náo he. *Vai-se.*

Ofr. Filha, se queres que eu veja comó me amas, hum Pai soccorre, que piedade te pede.

Emir. Se basta o sangue, he teu; e se náo ha quem mo espalhe, eu mesma o tirarei.

Chic. Não digo, que está doudo? Agora
a outra dê o remedio, depois de elle
palavra.
Osr. Livra-me das iras do cruel tyrann
prisões te vejo: sós estamos.
Emir. Se conheceo Augusto de todas as
innocente a Farnaspe, e a mim, qu
mira da nossa soltura? Mas que soc
posso dar?
Osr. Hum ferro, hum laço, hum venen
morte, qualquer que seja te peço que
Chic. Faça-lhe já isso por caridade; e a
com essa bulha.
Emir. Pai, e Senhor, que dizes? E s
va de amor, ser a mesma filha o algoz
Ah! sem temor o não posso compr
Não o esperes; o coração o teme; e
coração se resolvesse, a mão o nã
executar.
Osr. Vai, eu te queria mais digna da
gem. Teme já a morte, que eu hei

A R I A.

Não teme huma alma forte
A ferida que consente,
Só lamenta, chora, e sent
A vileza do morrer.
Que dos males seja a morte
O peor já não alcanço,
Antes he justo descanço
Donde pára o obedecer.

Emir. Oh infeliz, a que conselho devo o

Chic. O que eu der.
Emir. Quem me responde!
Chic. He hum criado de Vossa Alteza.
Sahe debaixo da cadeira.
Emir. Tu aqui?
Chic. E bem contra minha vontade; pois saio espremido, e entrei medroso.
Emir. Ouviste a minha desgraça?
Chic. Não acaba de entender, que seu Pai está tonto?
Emir. Oh que tambem eu perco o juizo!
Chic. Não, se isso he achaque que se pega, eu não quero perder o pouco que tenho.
Emir. Que hei de fazer?
Chic. Casar com Adriano.
Emir. Tu me aconselhas isso, sabendo o que a Farnaspe quero?
Chic. Pois case com Farnaspe.
Emir. Estás louco!
Chic. Já se me pegaria o achaque.

Sahe Farnaspe apressado.

Farn. Corre, Emirene.
Emir. Aonde?
Farn. Ao Cesar.
Emir. E para que?
Farn. Procura que o mandado revogue, que contra teu Pai publica.
Emir. E qual he?
Farn. Quer que arrastrando cadeas vá....
Emir. Aonde?
Chic. Fazer a sua penitencia.

Emir. A morrer!

Farn. Não, peior.

Chic. Peior! só se o manda para Plutão.

Emir Pois aonde?

Farn. A Roma.

Emir. E de que proveito lhe posso servir?

Chic. Hir-lhe ajudar a carga.

Farn. Vai, roga, chora, offerece-te esposa a Adriano, obriga-lhe a esperança, e o amor. Tudo se perca, ElRei se salve.

Chic. Outro terceiro temos.

Emir Elle me poz o preceito de aborrecer sempre a Adriano.

Farn. Tu não deves seguir huma ordem dada com ira: nós, oh amada Emirene, o devemos soccorrer, ainda a seu pezar.

Emir. A outros braços eu devo hir? Tu o aconselhas? E com tanta firmeza?

Chic. Eu não vi homem mais bem afortunado: todos são por elle.

Farn. Ah Princeza, que não vês o meu coração. Não sabes a pena, que este esforço me custa. Ainda que assim fallo, não tenho parte em mim, que não sinta tremer; gota de sangue não acho, que pelas veias geladas não corra. Eu sei que perco o unico bem, por quem lograva doce vida: eu sei que fico afflicto, e desesperado, molesto para os mais, e para mim. Mas que dirá a Asia toda de nós se Osroas morre, podendo nós salvallo? Minha alma, sacrifiquemos a este precifo reparo a nossa paz. Vai consorte, ser de Augusto: o

grão

grão mais alto da terra occupa: huma vantagem será talvez para mim esta mesma pena: já que déste leis ao meu coração, vai, e dá leis ao mundo.

Chic. Eu não entendo esta tramoia.

Emir. Se tu queres que te eu perca, meu bem, para que te mostras tão digno de amor?

Farn. Meu bem; tu não me perdes. Em quanto viver, sempre te hei de amar. Sei quanto devo ás tuas finezas. Consagrar-te o meu amor juro a todos os Deoses, e o juro áquellas formosas luzes, que nos teus olhos adoro. E tu alma desta alma que.... Mas aonde me leva a consideração da minha dor? Ah! que nos falta o tempo para sentir. Osroas morre em quanto discorremos em livrallo.

Emir. Adeos.

Farn. Adeos, meu bem. E nos veremos? Ouve-me.

Emir. Que me queres?

Farn. Vai..... Espera.... Oh Deoses! Quizera que me deixasses, e não quizera.

Chic. Aqui andará o diabo fazendo das suas? Elles querem casar, elles querem descasar: elles chorão, elles riem. O certo he, que só eu sei tratar o Senhor Cupido. Não ha cousa, como não dar confiança a hum rapaz cégo.

RECITADO.

Se elle a mim me fizera estas gaifonas,
Com formosas taponas
O cusinho mui bem lhe esfrangalhára,

E

E quanto mais guinchára ,
Eu entáo com mais ancia ſim lhe déra ,
Que o ſangue pelo rabo lhe eſcorrêra.

A R I A.

Mas qual o cáo raivoſo ,
Se algum rapaz o aſſanha ,
Os dentes lhe arreganha
Fazendo-lhe am , am ,
Logo o rapaz lhe foge ,
Temendo o ſeu ladrar.
Aſſim ao Deos Cupido
Os dentes lhe arreganho ,
E vendo que me aſſanho ,
A's trancas logo dá. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Lugar magnifico do Palacio Imperial , eſcadas ornadas de eſtatuas , pelas quaes ſe ſobe ao alto do monte Orante. Viſta das Náos em o rio ; de Campanha , e Jardim em cima da rocha , que cerca o rio. Sabem Sabina com acompanhamento de matronas , e Cavalheiros Romanos , Aquilio , e Beringella.

Sabin. TEmerario ! Tu tens animo para me fallar em amor ? Náo te lembras de quem tu és , e quem eu ſou ?

Aquil. Amor aos differentes iguala : o reſpeito me fez até agora mudo : aſſim vos auſentais , e neſte ultimo refugio , me foi preciſo manifeſtar-te o meu amor.

Sab.

Sab. Não tem desculpa hum affecto, que he tão temerario. Vamos.

Aquil. Bem vejo o porque me desprezas. Ainda está no teu coração o barbaro, injusto, e inconstante Adriano?

Sab. Que he isso? Assim fallas do teu Soberano?

Aquil. Este fallar de ti o aprendi.

Sab. Sei que não he tudo o mesmo. Eu queria, e os zelos me davão desculpa de fallar atrevida. *partindo para embarcar.*

Aquil. Oh féra! Outra vez te receberá Roma sem Cesar.

Sahe Adriano com numeroso sequito.

Adr. Sabina, escuta, ouve, Senhora.

Aquil. Ai de mim! *á parte.*

Sab. Deoses! Que queres? *Tornando a traz.*

Adr. Tão odioso te sou, que sem me veres queres partir?

Sab. Senhor, já basta de zombaria. Se tu me mandas, e me prohibes que te appareça....

Adr. Eu? quando? Aquilio, não pedio Sabina a liberdade de deixar-me?

Sab. Oh Deoses! Não foi vontade de Adriano, que eu me ausentasse, sem que o visse?

Aquil. Se fallo me condemno, e se não fallo.... *á parte.*

Sab. Perfido, emmudece: já conheço os teus enredos. Sabe Adriano....

Aquil. Eu serei quem descubra o meu mesmo erro. He verdade, Senhor, que a Sabina adoro: temi que vencesse a sua formosura; por isso distante....

Adr.

Adr. Não digas mais, tudo entendo. Ah coração traidor! Esta he a graça, que me rendes dos beneficios, que te faço? Esta he a fé que ao teu Soberano deves? Tu sendo meu competidor! Tu opposto á minha gloria, e a Sabina querendo? Olá, seja prezo.

Aquil. Sorte adversa! *Vai-se com os guardas.*

Adr. Comigo fique a minha esposa.

Sab. Eu esposa tua, e quando?

Adr. Não tardará muito, deixa-me compôr os meus sentidos, e verás.

Sab. Verei que esse dia nunca chega.

Adr. Chegará, chegará, pois já vejo, oh Sabina, que vou sarando do meu mal, a minha justiça, os despojos de Emirene, os odios de seu Pai.

Sahem Farnaspe, e Emirene.

Emir. Piedade, oh Cesar.

Farn. Senhor, piedade.

Adr. De que ma pedis?

Emir. De meu querido Pai.

Farn. De meu desgraçado Rei.

Adr. O Senado, e Roma o julgará. Tão offendido estou, que perdoar-lhe não quero; e tanto temo a minha ira, que o não quero julgar.

Emir. Mais então o castigas; maior pena será essa para Osroas.

Adr. Nem quero, que mo nomees.

Farn. Senhor, não te compadeces de Emirene, que chora, que he tua esposa, se o quizeres?

Adr. Esposa?

Farn.

Farn Seu Pai te pede. Aquella mão, que fazer-te feliz póde, rendido te offerece.

Adr. Mas ella mo não diz.

Sab. Ai de mim! *á parte.*

Farn. Falla, Emirene.

Adr. Com quanta força a offerta consente! O coração te conheço. Não, não que o odio paterno, e o teu primeiro emprego he mais forte, que esse rendimento; e não quero que me sejas inimiga, ainda depois de esposa.

Emir. Não, Cesar, te enganas; a minha obrigação fará estrada ao meu amor. Revoga a sentença, perdoa a quem me gerou, por aquelle sereno raio do Ceo, que no teu semblante adoro, por esta invencivel mão, que he sustento do mundo, e eu beijo, aperto, e com lagrimas banho. *ajoelha.*

Adr. Levanta-te; mais não chores. Que vejo! He mulher, ou he Deosa! Quando me namorou assim chorava. *á parte.*

Sab. Que espero mais? *á parte.*

Farn. Rosolve-te Senhor.

Adr. Se ao menos aqui não estivera Sabina. *á parte.*

Sab. He certo o meu desprezo. *á parte.*

Adr. No semblante mostra a sua offensa. *á p.*

Sab. Tome alento huma vez.... Cesar, eu vejo, que.....

Adr. Que pódes ver, Sabina? Eu ainda não fallei, não resolvi, e já te queixas? Já réo me chamas! Que lei manda se faça o castigo antes do delicto?

Sab.

Sab. Não te enfades, Senhor: efcuta, e crê, que fem fingimento de amor, fem encubertos enganos te fallo. No meu femblante lerás o meu coração.

Adr. Falla, já te attendo.

Sab. Eu eſtou vendo, Auguſto, e todos vem, que no femblante te reparão, que comtigo pelejas por te render a ti. Eu em vez de me irar comtigo por tantos defprezos, quantos finto, fei que ao ver-te me compadeço. Bem fei, que são mortaes as noffas feridas. Hum de nós neſte combate deve fer o que renda a vida ás mãos da morte: ou eu, fe te perco; ou tu, fe Emirene não gozas. Pois não confinta amor, que para fe confervar de huma inutil mulher, como eu fou, a vida, fe perca hum tão grande heroe, como tu és. Guarda-te pois, oh amado, não para mim, fim para a tua Patria, para a tua gloria, e para o mundo todo: de toda a obrigação te abfolvo, te perdo-o toda a offenfa; e eu mefma quero fer o teu refugio.

Adr. Que direi! *á parte.*

Sab. De mim não tenhas cuidado: ferão breves as minhas penas, e morrerei contente, fabendo que a brevidade de meus dias he o augmento de teus amores.

Adr. Oh alma generofa! oh digna de mil Imperios! Que exceffo he eſte de tão foberana virtude? Todos me quereis reprehender, e envergonhar? Fiel vaffallo (*a Farn.*), tu me cedes a efpofa por falvar a vida do teu Rei! Piedofa filha, (*a Emir.*) tu a ti mefma te

fa-

sacrificas pela liberdade de teu pai! Injuriada esposa (*a Sab.*), tu desprezas a vida só porque eu viva em socego! E eu entre tanta constancia, hei de ser o mais pusilanime? E não me envergonho? E não fujo da communicação dos viventes? E me assento no throno? E dou leis ao mundo? Ah, não seja assim. Já que em vossos peitos sublimes vejo luzir espiritos de virtude, aprendendo comvosco, quero sahir do lethargo profundo, em que vivia adormecido. Oh illustre minha libertadora. Vê o novo incendio de gloria, que agora se me atêa na alma. Hoje a todos quero fazer felices: a Osroas restituo o Reino, e a liberdade: a Farnaspe entrego a sua amada Emirene: a Aquilio absolvo de toda a culpa: e a ti, só de ti digno, me entrego todo.

Sab. Que gloria!

Emir. Que alegria!

Farn. Não esperado contentamento!

Sab. Este só he o verdadeiro Adriano.

Farn. Permitte, ó Cesar, que Osroas ás tuas plantas venha.

Adr. Não, que se mudará, á vista daquelle peito, meu generoso coração, em aquellas mesmas mãos aonde foi prisioneiro. Vá aonde lhe parecer, e se me quer amigo, direis, que Adriano o deseja: se lho não pede, he porque quer que seja a amizade divida, e não mercê.

Farn. Oh magnanimo coração!

Adr. E tu, Princeza, quanto de mim pretendes, pede, que se te concederá, deixando-

me

me só , que tambem te peça o segre
meu peito. Pouco o sinto seguro , em
junta a mim te vejo. Ausenta-te , j
assim te peço. Aqui tens o teu esposo ,
acharás teu Pai. Vivei alegres , e tod
entregai ao esquecimento estes dilirios d
amor.

Emir. Ao menos Senhor....

Adr. Basta , Emirene , adeos.

CORO.

Manda , impera a terra , ó Cesar,
Surca , Augusto , o salso mar ,
Do teu nome excelso dando
Hum padrão mais singular.

FIM.

INDICE

DAS OPERAS, QUE CONTÉM
este terceiro Tomo.